

"UMA AVENTURA APAIXONANTE SOBRE O PODER SECRETO DOS LIVROS." — J. K. ROWLING

CASA DE SEGREDOS



CHRIS COLUMBUS
& NED VIZZINI

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

CHRIS COLUMBUS
& NED VIZZINI

CASA
✦ DE ✦
SEGREDOS

Tradução de
André Gordinho

1ª edição

GALERA
— **junior** —

RIO DE JANEIRO
2014

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Columbus, Chris

C689c Casa de segredos [recurso eletrônico] / Chris Columbus, Ned Vizzini; tradução
André Gordirro. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2014.
recurso digital

Tradução de: The house of secrets

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 9788501016768 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Vizzini, Ned. II. Gordirro, André.
III. Título.

14-10505

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

TÍTULO ORIGINAL EM INGLÊS:

The house of secrets

Copyright ©2013 Novel Approach, LLC

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de
quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editoração eletrônica da versão impressa: Abreu's System

Adaptação de capa original: Renata Vidal da Cunha

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 9788501016768

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

*Para Monica,
cujo amor pelos livros e pela
leitura inspirou esta aventura
— C.C.*

*Para meu filho Felix,
que, tenho certeza, um dia curtirá este livro
— N.V.*



Brendan Walker sabia que a casa seria terrível.

O primeiro indício foi o tom superalegre que a corretora de imóveis, Diane Dobson, usou com a mãe.

— É *realmente* uma casa *sensacional*, Sra. Walker — falou Diane no viva-voz. — O lugar perfeito para uma família sofisticada como a sua. E acabou de passar por uma grande redução de preço.

— Onde fica a casa? — perguntou Brendan.

Tinha 12 anos. Estava sentado ao lado da irmã mais velha, Cordelia, e jogava *Uncharted* no querido PSP. Usava o uniforme preferido de *lacrosse*, uma camiseta azul e suja de grama, jeans rasgados e tênis surrados de cano alto.

— Perdão, quem falou? — perguntou Diane do painel do carro, onde o iPhone estava em um suporte.

— Brendan, nosso filho — respondeu o Dr. Walker. — Você está no viva-voz.

— Eu estou falando com a família Walker inteira! Que prazer. Bem, *Brendan* — Diane souou como se esperasse receber um elogio por se lembrar do nome dele —, a casa fica na avenida Sea Cliff, 128, em uma majestosa

área com residências que pertencem a pessoas importantes de São Francisco.

— Como os jogadores dos Giants e dos 49ers?

— Como presidentes de empresas e banqueiros — corrigiu Diane.

— Que saco.

— Bren! — repreendeu a Sra. Walker.

— Você mudará de opinião assim que vir o lugar — disse Diane. — É uma joia charmosa, rústica, toda em madeira...

— Opa, um momento! — interrompeu Cordelia. — Pode repetir?

— A quem eu me dirijo agora? — perguntou Diane.

A quem? É sério?, pensou Cordelia — mas a verdade é que ela também usava “a quem” nos momentos mais intelectuais.

— Esta é Cordelia, nossa filha — falou a Sra. Walker. — A mais velha.

— Que lindo nome!

Não me venha com “que lindo nome”, Cordelia quis dizer, mas, sendo a filha mais velha, era mais diplomática do que Brendan. Cordelia era uma garota alta e franzina, com feições delicadas que escondia atrás de uma franja de tom louro-escuro.

— Diane, minha família andou à procura de uma casa nova no mês passado, e nesse meio-tempo aprendi que os corretores de imóveis falam no que eu chamo de “linguagem em código”.

— Tenho certeza de que não sei o que você quer dizer.

— Com licença, mas o que significa “tenho certeza de que não sei”? — perguntou Eleanor em voz alta. A menina de 8 anos tinha olhos aguçados e um nariz pequeno e gracioso, o cabelo era longo e cacheado, do mesmo tom do da irmã, e às vezes, nos dias em que Eleanor estava mais aventureira, tinha chiclete e folhas grudados nos fios. Ela costumava ficar calada, a não ser nos momentos em que não deveria ficar calada, que era do que Brendan e Cordelia mais gostavam na irmã. — Como você pode ter certeza, se não sabe?

Cordelia agradeceu à irmã com a cabeça e continuou:

— Eu quis dizer que, quando corretores falam “charmosa”, Diane, eles querem dizer “pequena.” Quando falam “rústica”, querem dizer “localizada em um habitat de ursos.” “Toda em madeira” quer dizer “infestada por cupins”... “Joia”, eu nem sei... imagino que seja “barraco”.

— Délia, deixe de ser maria vai com as outras — resmungou Brendan, grudado na tela, irritado por ele mesmo não ter ido por aquela linha de raciocínio.

Cordelia revirou os olhos e prosseguiu:

— Diane, você vai mostrar para minha família um barraco pequeno e infestado por cupins, localizado em um habitat de ursos?

Diane suspirou no viva-voz.

— Quantos anos ela tem?

— Quinze — responderam juntos o doutor e a senhora Walker.

— Parece ter 35.

— Por quê? — indagou Cordelia. — Por fazer perguntas pertinentes?

Do banco de trás, Brendan esticou o braço e encerrou a ligação.

— Brendan! — gritou a Sra. Walker.

— Eu só estou tentando poupar a família de passar vergonha.

— Mas a Sra. Dobson ia falar sobre a casa!

— Nós já sabemos como será a casa. Como todas as casas que podemos bancar: ruim.

— Tenho que concordar — disse Cordelia. — E a senhora sabe como dói concordar com Bren.

— Você adora concordar comigo — murmurou Brendan — porque é aí que sabe que está certa.

Cordelia gargalhou, o que fez Brendan sorrir a contragosto.

— Boa, Bren — disse Eleanor, que afagou rapidamente o cabelo despenteado do irmão.

— Crianças, vamos tentar pensar positivamente na casa — falou o Dr. Walker. — Sea Cliff é Sea Cliff. Estamos falando de uma vista livre para a Golden Gate. Eu quero ver a casa e saber a respeito do preço “reduzido.” Qual era o endereço?

— Número 128 — respondeu Brendan sem erguer os olhos.

Ele tinha uma capacidade assombrosa de se lembrar das coisas, que adquiriu memorizando jogadas de esportes e *cheats* de games. Os pais brincavam que ele acabaria sendo um advogado por causa disso (e porque era tão bom na argumentação), mas Brendan não queria ser advogado. Ele queria se tornar um jogador dos Giants ou dos 49ers.

— Digite o endereço no telefone, pode ser? — Dr. Walker sacudiu o aparelho na frente de Brendan enquanto dirigia.

— Estou no meio de um jogo, pai.

— E daí?

— Daí que não posso simplesmente *pausar*.

— Não tem um *botão* de pausa? — perguntou Cordelia.

— Ninguém está falando com você, Délia — disse Brendan. — Não dá pra vocês só me deixarem na minha, por favor?

— Você praticamente já está na sua — respondeu Cordelia. — Está sempre com a cabeça enfiada em jogos idiotas, depois parou de sair para jantar com a gente por causa dos treinos de *lacrosse*, e se recusa a viajar... Até parece que não quer fazer parte desta família.

— Você *é* um gênio — falou Brendan. — Adivinhou meu segredo.

Eleanor avançou, pegou o telefone e digitou o endereço — mas colocou ao contrário, primeiro o número e depois a rua. Cordelia começou a dar uma resposta grosseira para Brendan, mas se lembrou de que ele estava naquela fase “complicada” dos meninos, quando eles diziam coisas terrivelmente sarcásticas porque pareciam tão desajeitados.

A casa era o verdadeiro problema. Até mesmo Eleanor suspeitava disso neste momento. A casa seria velha demais a ponto de pessoas terem

morrido dentro dela. Estaria caindo aos pedaços e teria persianas tortas, uma camada grossa de poeira, uma árvore malcuidada na frente e um bando de vizinhos enxeridos, que olhariam para os Walker e sussurrariam: “Esses são os otários que finalmente compraram essa joça.”

Mas o que podiam fazer? Com 8, 12 e 15 anos, Eleanor, Brendan e Cordelia tinham plena certeza de que cada um estava na pior idade possível, a mais injusta e impotente.

Portanto, Brendan jogou, Cordelia leu e Eleanor fuçou o GPS até eles pararem na avenida Sea Cliff, 128. Então, olharam pela janela e os queixos caíram. Eles jamais tinham visto algo parecido.



Sea Cliff era uma vizinhança de mansões em morros, a maioria construída logo acima da rua ensolarada, que tinha uma fileira de árvores jovens e podadas em perfeitas esferas, cheias de folhas. Mas a casa que os Walker olhavam era afastada, empoleirada na beira do penhasco que batizava a vizinhança, tão projetada que Brendan imaginou se metade da construção não estava apoiada em pilotis. Um trecho de gramado esmeralda separava a casa da rua, com três pinheiros robustos que mantinham a grama na sombra. A casa tinha um acabamento dourado e bege que acentuava o azul-real das laterais de tábuas. Um caminho de cascalho impecavelmente cuidado fazia um zigue-zague entre as árvores até a porta da frente.

— Andei de bicicleta aqui milhares de vezes, mas nunca tinha visto este lugar — falou Cordelia.

— Isso porque você nunca tira os olhos de seus livros idiotas — disse Brendan.

— E como você imagina que eu leia na bicicleta, gênio?

— *Audiobooks?*

— Gente, sem brigas na frente da corretora — falou a Sra. Walker baixinho. Ela já tinha retornado a ligação para Diane Dobson a fim de se desculpar por Brendan ter desligado na cara dela, e agora eles viam uma

mulher parecida com Hillary Clinton em frente ao caminho de cascalho. — Deve ser ela. Vamos.

A família Walker saiu do Toyota, e eles se esbarraram uns nos outros. Diane os cumprimentou. Ela usava um elegante terninho coral e o cabelo formava um capacete louro de laquê. A corretora fazia a casa parecer ainda mais impressionante.

— Dr. Jake Walker — falou o Dr. Walker ao esticar a mão para cumprimentá-la. — E esta é minha esposa, Bellamy.

A Sra. Walker acenou com a cabeça discretamente. O Dr. Walker não perdeu tempo em apresentar a prole. Ele não tinha feito a barba naquela manhã, embora costumasse dizer para os filhos que homens que não se barbeavam todo dia não tinham disciplina. Mas o Dr. Walker não era o mesmo homem daquela época. Diane reparou no sedã de segunda mão da família.

— Podemos deixar nosso cavalo aqui? — perguntou Eleanor ao puxar a perna do pai.

— Nós não temos um cavalo, Nell. — O Dr. Walker riu. — Ela está passando por uma fase de cavalos — explicou ele para Diane.

— Mas é perfeito, papai! Você disse que eu podia ganhar um cavalo no próximo aniversário...

— Se a gente comprasse um sítio, o que não é o caso, e ninguém pode criar cavalos na cidade.

— Por que não? Tem muitos lugares para andar a cavalo! Golden Gate Park, Crissy Field... Você acha que eu não me lembro das coisas que você promete...

A Sra. Walker se ajoelhou e segurou os ombros de Eleanor.

— Querida, a gente conversa sobre isso depois.

— Mas o papai sempre...

— Calma. Não é culpa do papai. As coisas mudaram. Que tal um jogo? Feche os olhos e me diga que tipo de cavalo você quer nos seus sonhos mais

loucos. Vamos, eu jogo com você.

A Sra. Walker fechou os olhos. Eleanor fez o mesmo. Brendan revirou os olhos em vez de fechá-los, mas ficou tentado, bem lá no fundo, a se juntar às duas. Cordelia fechou os próprios olhos — em solidariedade à irmã e para irritar Brendan.

— E... pode abrir! — falou a Sra. Walker. — Que tipo de cavalo ele é?

— *Ela.* Malhada. Pelo castanho-claro com manchas brancas. O nome é Misty.

— Perfeito. — A Sra. Walker abraçou a filha com força, ficou de pé e depois voltou a olhar a casa com Diane Dobson, que esperava pacientemente a família resolver seus óbvios problemas.

— Uma maravilha, não é? — disse a corretora de imóveis. — Uma construção singular.

— Tem algumas coisas que me preocupam — comentou a Sra. Walker.

Brendan viu que a mãe entrava em modo de negociação, no qual usava o charme e a atitude para conseguir que as pessoas fizessem coisas. Parada diante da casa, ela parecia forte e linda, mais confiante do que estivera há meses. Brendan se perguntou se seria o destino que os trouxe até aquela casa.

— O que a preocupa? — indagou Diane.

— Para começar — falou a Sra. Walker —, a casa está na beira de um penhasco. Parece muito precária. E o que aconteceria em um terremoto? Nós deslizaríamos diretamente no oceano!

— A casa passou pelo terremoto de 1989 sem um arranhão — disse Diane. — A engenharia é excelente. Entre, vamos dar uma olhada.

Intrigados, os Walker seguiram a mulher pelo caminho de cascalho até a casa e passaram pelos grandes pinheiros. Brendan notou algo esquisito a respeito do gramado. Levou um minuto para se dar conta... não havia placa de VENDE-SE. *Que tipo de casa é posta à venda sem placa?*

— Esta é uma casa vitoriana tombada, de três andares — explicou Diane, — conhecida localmente como Mansão Kristoff. Foi construída em 1907, após o Grande Terremoto, por um cavalheiro que sobreviveu a ele.

O Dr. Walker assentiu. A família dele também sobreviveu ao Grande Terremoto de São Francisco havia gerações. Eles se mudaram, mas o emprego trouxe o Dr. Walker de volta. Emprego que ele não tinha mais.

— Oitocentos e vinte e um! — falou Eleanor enquanto apontava para o endereço pendurado sobre a porta da frente.

— Cento e vinte e oito — corrigiu Cordelia com delicadeza.

Eleanor bufou e olhou para os pés. Diane continuou o monólogo nos degraus, mas Cordelia ficou para trás e se ajoelhou ao lado da irmã. Este poderia ser um “momento de ensinar”, como a professora de inglês de Cordelia, Srta. Kavanaugh, gostava de dizer. Uma vez que um dos efeitos da dislexia de Eleanor era que a menina lia de trás para frente, Cordelia imaginou que deveria haver um simples truque psicológico que a fizesse ler perfeitamente. Eles apenas não tinham encontrado ainda. Brendan ficou para trás, ansioso para ver Cordelia fracassar.

— Consegue tentar ler de trás para frente? — encorajou ela.

— Não é tão simples assim, Délia. Você acha que sabe tudo!

— Bem, eu li livros a respeito disso e estou tentando ajudar...

— Então, onde estava você na escola, na semana passada?

— O quê? O que você está dizendo...

— Aquela substituta idiota na minha aula idiota de inglês me mandou ler um trecho de *Uma casa na campina*. E eu não consegui.

Ao dizer as palavras, Eleanor se lembrou daquele dia na escola. A Srta. Fitzsimmons estava doente, e Eleanor ficou com muito medo de dizer à substituta que tinha problemas de leitura, então foi para a frente da turma, segurou o livro e esperou que acontecesse uma mágica. Eleanor pensou que, talvez, de alguma forma, pelo menos uma vez, aconteceria uma mágica e ela seria capaz de ler uma frase da maneira correta. Mas as palavras pareceram

confusas como sempre — *não de trás para frente, Cordelia*, pensou ela, *confusa* — e quando tentou ler o título, as três primeiras palavras saíram certas, mas a última saiu como um palavrão. A turma inteira riu, Eleanor soltou o livro e saiu correndo da sala, e a substituta a mandou para o diretor, e todo mundo ainda a chamava daquele palavrão.

Cordelia falou em voz baixa:

— Ah, Eleanor... eu sinto muito, mas não posso ficar com você na aula.

— Não, você não pode! Então não finja que pode *dar um jeito* em mim!

Cordelia estremeceu. Brendan, que se divertia com o fracasso, se preparou para fazer um comentário ácido, mas antes que conseguisse...

— O que é *aquilo*? — exclamou Eleanor.

Brendan e Cordelia olharam a tempo de ver uma figura sair de um dos pinheiros para a lateral da casa. Um vislumbre de sombra. Rápido demais para ser uma pessoa. Um carro buzinou na avenida Sea Cliff atrás deles.

— Nell — falou Brendan —, provavelmente aquilo foi apenas a sombra do carro que pulou da árvore para a casa.

— Não foi, não. Era uma pessoa. E era careca — insistiu Eleanor.

— Você viu um sujeito careca?

— *Mulher*. Uma velha. Que encarava a gente. E agora está atrás da casa.

Brendan e Cordelia se entreolharam, cada um esperou que o outro fizesse a cara de *Eleanor tolinha*. Mas ambos estavam com expressões tão sérias quanto a irmã.

Eles olharam para a lateral da Mansão Kristoff. Havia a silhueta de uma figura sombria ali, que os observava.



Brendan respirou fundo e tentou se acalmar, ser forte. O vulto permanecia parado.

— Olá? — chamou o menino ao sair do caminho de cascalho, puxando Eleanor com ele enquanto Cordelia seguia logo atrás. — Tem alguém aí?

Brendan tentou usar sua voz mais máscula, mas ela falhou — saiu mais *Vila Sésamo* do que Schwarzenegger. Ele pigarreou para disfarçar enquanto avançava de mansinho com as irmãs para a lateral da casa.

O vulto não era nada mais do que uma velha estátua. Um anjo gótico e imponente de 1,80 metro, entalhado em pedra cinza com veios de verde e preto. Tinha as asas dobradas para trás e os braços esticados à frente, com a mão direita quebrada. O rosto estava gasto, não tinha queixo nem lábios, que foram erodidos por décadas de vento e bruma de São Francisco. Pedacos de musgo cobriam os olhos.

— Lindo — falou Cordelia.

Brendan passou a mão na testa, surpreso ao notar que estava coberta por suor. Era idiotice, mas ele tinha esperado ver a pessoa que Eleanor descreveu: uma velha careca, uma bruxa. A imaginação voou um pouco, e ele foi capaz de ver a mulher apontando um dedo torto enquanto sibilava: “Esses são os otários que finalmente vão comprar essa casa!”

— Viu, Nell? É apenas uma estátua. Não tem ninguém aqui — disse Brendan ao colocar a mão no ombro de Eleanor.

— Ela foi para algum lugar.

— Foi a luz. Ela enganou você.

— Não enganou, não!

— Deixa pra lá. Você está assustada.

— Não tanto quanto você — disse Eleanor ao afastar a mão de Brendan e apontar para a mancha de suor que se formou no ombro dela. Antes que Brendan pudesse protestar, outra mão surgiu por trás e pegou o pescoço dele.



— Socorro! — berrou Brendan enquanto girava o corpo e empurrava com toda a força.

— *Ui!* — O pai caiu no chão. — Nossa, Bren, o que deu em você? — falou o Dr. Walker ao se levantar e esfregar o cóccix.

— Pai! Não chegue assim de surpresa!

— Vamos. A mamãe e Diane esperam por vocês. Nós vamos dar uma olhada no interior da casa.

Os Walker seguiram o pai. Brendan sentiu uma brisa fria ao se aproximar da porta com o número 128 — mas, novamente, metade da casa *ficava* fora de um penhasco. Ele estava tão fascinado pelo anjo de pedra que quase não notou: o outro lado da Mansão Kristoff era apoiado por vigas de metal presas às rochas lá embaixo na praia. E havia dezenas de barris pendurados debaixo da casa.

— O que são aqueles... — começou a perguntar Brendan ao entrar.

Mas ele ficou mudo diante da absoluta beleza do interior da casa. A Sra. Walker também estava maravilhada; ela abandonou totalmente o modo de negociação. Estava ocupada devorando as antiguidades com os olhos e verificando o reflexo nos corrimões lustrosos. O Dr. Walker soltou um assobio baixo.

— Uau — falou Cordelia. — A pessoa poderia chamar isto aqui de um salão e nem seria ironia.

— Você realmente está na sala de entrada ou “salão” — explicou Diane. — O interior foi impecavelmente restaurado, mas os antigos proprietários mantiveram os toques originais. Nada mal para um habitat de ursos infestado por cupins, hein?

Cordelia corou. A sala estava cheia de cerâmicas gregas pintadas em preto e vermelho (*reproduções*, pensou ela, *porque os originais seriam inestimáveis*), tinha um cabideiro de ferro fundido com arabescos e um busto de mármore de um homem com barba ondulada que só faltava gritar *filósofo*. Tudo isso era iluminado por *spots*, como em um museu. Brendan se perguntou como era possível, mas o lugar dava a impressão de ser duas vezes maior por dentro do que parecia por fora.

— Esta casa foi construída para recepções desde o início — falou Diane com um gesto abrangente.

— Quem dava festas aqui? — perguntou Cordelia.

— A Lady Gaga — brincou Brendan tentando esconder o incômodo. *Primeiro, não havia placa de VENDE-SE, depois, uma estátua sinistra, agora uma casa com um antiquário dentro...*

— Bren — alertou a Sra. Walker.

Diane continuou:

— Ninguém dá uma festa aqui há anos. Os antigos proprietários foram uma família que pagou pela restauração. Eles moraram aqui por pouco tempo, mas quiseram uma mudança de ares. Foram para Nova York.

— E antes disso? — perguntou Brendan.

— Vazia por décadas. Parte da decoração ficou malconservada, mas vocês sabem que essas casas antigas foram construídas para durar. Na verdade, esta aqui foi construída para flutuar!

— O quê? — exclamou Brendan.

— Você está de brincadeira? — perguntou Cordelia.

— O proprietário original, Sr. Kristoff, queria garantir que a casa sobrevivesse a um terremoto como aquele que ele tinha acabado de passar. Então, amarrou barris cheios de ar na fundação. Se o Grande Terremoto acontecer e a casa cair do penhasco, ela é feita para bater no oceano e boiar.

— Isso é *tão maneiro* — comentou Eleanor.

— Não, é um absurdo — disse o pai.

— Pelo contrário, Dr. Walker. Estão fazendo isso agora em casas construídas na Holanda. O Sr. Kristoff estava à frente de seu tempo.

Diane conduziu os Walker para a sala de estar, que tinha uma vista deslumbrante da ponte Golden Gate. Aquilo não pareceu certo aos olhos de Brendan — ele achou que a ponte ficasse do lado oposto da casa —, mas aí se deu conta de que eles deram meia-volta ao sair do salão. O menino ficou distraído com vasos de cristal, esculturas de alabastro e uma armadura montada... Assim como ficara distraído com o anjo de pedra que ele sabia que estava lá fora, esticando a mão quebrada e encarando com aqueles olhos cobertos por musgo.

A sala de estar tinha uma poltrona Chester, uma mesinha de centro com pernas de madeira flutuante e um piano Steinway.

— A mobília está à venda? — perguntou a Sra. Walker.

— Tudo está à venda. — Diane sorriu. — Está tudo incluído no preço.

A corretora continuou com todos os Walker, exceto Brendan, que ficou para trás perto da vista da ponte. Por ter crescido em São Francisco, ele se acostumou a vê-la todo dia, mas, deste ângulo, de tão perto que era quase debaixo da ponte, a cor de salmão pareceu anormal. Tentou imaginar o que o proprietário original da casa, Sr. Kristoff, teria pensado da ponte quando foi construída. Porque, se a casa foi feita em 1907 — a mente de Brendan rapidamente acessava datas e fatos —, então ela estava de pé trinta anos antes da ponte, e a vista na época teria sido simplesmente uma grande extensão de oceano, emoldurada por dois afloramentos rochosos gigantes.

Será que o Sr. Kristoff estava morto na época em que a ponte foi construída?

— Ei? — perguntou Brendan subitamente ao perceber que estava sozinho. Ele saiu correndo da sala de estar para encontrar Diane e a família.

Enquanto isso, Cordelia também pensava a respeito do Sr. Kristoff. Ela tinha ouvido o nome antes, mas não conseguia se lembrar onde. O pensamento a provocava quando entrou no aposento seguinte, que reconheceu apenas pelo cheiro: pó, páginas bolorentas e tinta velha.

— Bem-vindos à biblioteca — disse Diane.

Era estonteante. Um teto abobadado sobre prateleiras de mogno que subiam pelas paredes, com pilhas de livros. Duas escadas de latão corriam sobre rodízios para dar acesso às prateleiras. Entre elas, uma mesa maciça de carvalho com luminárias de vidro verde dividia o ambiente. Algumas partículas reluzentes de poeira giravam em volta da mesa como pássaros em uma corrente de ar.

Cordelia com certeza precisava ver que livros estavam nas prateleiras. Ela sempre tinha essa necessidade. A garota ergueu o nariz para o livro mais próximo e se deu conta de onde tinha ouvido falar do Sr. Kristoff.



Cordelia conseguia ler em qualquer lugar. Ela leu na ida de carro à avenida Sea Cliff, 128, mesmo ensanduichada entre os irmãos, subindo e descendo as colinas de São Francisco, com uma dislética no comando do GPS. A mãe sempre disse que “se perder em um livro é *a melhor coisa*”, e Cordelia tinha a impressão de que a avó dizia a mesma coisa para Bellamy quando ela era pequena.

Cordelia começou a ler cedo e, aos 4 anos de idade, envergonhou os pais em um restaurante chique ao ler um jornal por cima do ombro de uma velha, que berrou: “Aquele *bebê* está *lendo!*” Conforme ficava mais velha, Cordelia avançou para a coleção de literatura ocidental dos pais: Os *grandes livros do mundo da Biblioteca de Oxford*, com suas lombadas grossas de couro. Agora ela gostava de autores mais obscuros, autores cujos livros ela tinha que achar em primeiras edições ou velhas brochuras, com nomes como Brautigan, Paley e Kosiński. Quanto mais obscuro, melhor. Cordelia achava que se lesse um escritor que ninguém conhecia, ela o mantinha vivo sozinha, como se prestasse primeiros socorros intelectuais. Na escola, se meteu em encrenca por esconder livros de literatura dentro dos livros escolares (embora a Srta. Kavanaugh não se importasse). No ano passado, ela descobrira um homem que foi citado como influência por Robert E.

Howard e H. P. Lovecraft, bem prolífico, que escreveu romances de aventura no início do século XX.

— Denver Kristoff. — Leu em uma lombada. — Diane, o Kristoff que construiu esta casa era *Denver* Kristoff, o escritor?

— Isso mesmo. Você já ouviu falar dele?

— Nunca li, mas com certeza ouvi falar. Os livros de Denver Kristoff sequer aparecem no eBay. Fantasia, ficção científica... fundamentais na obra de gente que depois inventou Conan, o Bárbaro, e nosso conceito moderno de zumbi. Nunca recebeu muitos elogios da crítica...

Ela teve que parar de falar por causa de Brendan, que engasgava exageradamente.

— Quer parar com isso?

— Foi mal, tenho alergia a nerds de livros.

— Pai, nós podemos morar na casa de um escritor obscuro muito famoso!

— Vou levar isso em consideração.

Diane conduziu a família para fora da biblioteca (o Dr. Walker teve praticamente que arrastar Cordelia) e apresentou uma cozinha nova em folha, o aposento mais moderno que eles tinham visto até então. Eletrodomésticos novos reluziam sob a enorme claraboia. Parecia um lugar no qual os germes teriam medo de entrar. Um conjunto impressionante de facas ordenadas da menor à maior estava pendurado por ímãs sobre o fogão.

— Podemos fazer *cookies* aqui? — perguntou Eleanor.

— Claro — respondeu o Dr. Walker.

— Podemos fazer *apenas cookies* aqui?

— Viking, Electrolux, Sub-Zero — listou Diane enquanto conduzia a família pela geladeira dupla de aço inoxidável.

Brendan imaginou se poderia haver algo esquisito dentro, como uma cabeça, então deu uma espiada... porém, não viu nada mais perturbador do que um vazio asséptico.

Diane levou os Walker ao segundo andar. A decoração contemporânea da cozinha deu lugar, instantaneamente, a uma escada em espiral de madeira que Eleanor insistiu em subir, descer e subir de novo. Os degraus eram mais largos do que qualquer um que os Walker viram na vida; servia como a escadaria principal entre o primeiro e o segundo andar. Lá em cima, um corredor largo atravessava a casa e terminava em uma janela saliente e outra escada menor, que descia de volta ao salão.

As paredes tinham velhos retratos, coloridos, com uma tonalidade pastel esmaecida. Em um deles, um homem com expressão séria e uma barba quadrada estava ao lado de uma mulher com vestido de babados que segurava um carrinho de bebê. No retrato seguinte, a mesma mulher olhava para trás em um ancoradouro, enquanto homens de bonés de vendedores de jornal olhavam para ela. Em um terceiro retrato, uma velha estava sentada debaixo de uma árvore, segurando um bebê de vestido e gorro.

— A família Kristoff — explicou Diane ao notar o fascínio de Brendan e Cordelia. — Este é Denver Kristoff. — O homem com a barba quadrada. — A esposa, Eliza May. — A mulher no ancoradouro. — É a mãe dele. — A mulher debaixo da árvore com o bebê. — Esqueci o nome dela. Seja como for, os retratos são apenas decoração. Quando vocês se mudarem, *caso* se mudem, podem colocar fotos da própria família.

Brendan tentou imaginar as fotos dos Walker na parede: ele e o pai em um jogo de *lacrosse* com o Dr. Walker pegando o bastão de maneira errada; Cordelia berrando com a mãe porque não queria tirar foto sem maquiagem; Eleanor envesgando os olhos e dando um sorriso largo demais. Se as pessoas tiram fotos idiotas, depois de cem anos elas necessariamente acabam aparecendo sinistras e importantes?

— Há três quartos neste andar — informou Diana. — A suíte...

— Apenas três? Vocês me prometeram que eu teria o próprio quarto — disse Brendan.

— O quarto fica no andar de cima. No sótão. — Diane puxou uma cordinha do teto. Um alçapão desceu, seguido por uma escada que se desdobrou para roçar suavemente o chão.

— Maneiro! — exclamou Brendan. Ele subiu a escada rapidamente.

Cordelia entrou em um dos quartos ao longo do corredor. Não era a suíte (que tinha uma cama king size e duas mesinhas de cabeceira), mas era um quarto de tamanho bom com um papel de parede de flor-de-lis.

— Eu fico com este aqui — disse ela.

— Então qual é o meu? — perguntou Eleanor.

— Pessoal, isso tudo é hipotético... — tentou dizer o Dr. Walker, mas Cordelia apontou o terceiro quarto para Eleanor, que estava mais para um quarto de empregada, ou um closet.

— Sobrou o menor para mim?

— Você é a menor.

— Mãe! Não é justo! Por que eu fiquei com o quartinho?

— Cordelia é grande. Ela precisa de espaço — respondeu a Sra. Walker.

— Ouviu isso, Cordelia? A mamãe disse que você precisa fazer dieta! — berrou Brendan do sótão.

— *Bren*, cale a boca! Ela quer dizer que sou *mais velha*!

Sozinho, no andar de cima, Brendan sorriu... mas então o sótão começou a prender sua atenção. Ele tinha uma cama dobrável armada perto da janela, uma escrivaninha com várias quinquilharias em cima, e um esqueleto de morcego em uma prateleira que se projetava da parede.

O esqueleto de morcego estava montado em uma pedra negra e lisa, com as asas abertas e a cabeça voltada para cima, como se estivesse pegando insetos. Era uma das coisas mais sinistras que Brendan tinha visto na vida... mas o menino não estava com medo. Ele sacou o telefone para tirar uma foto.

— Brendan, peça desculpas para sua irmã — berrou a Sra. Walker, e Eleanor se juntou à mãe.

— Isso, Bren, desça daí.

Obviamente, quando ele não estava com medo de alguma coisa, não havia ninguém por perto para ser impressionado. Brendan desceu a escada. Cordelia olhou feio para o irmão.

— Foi mal — disse ele. — Você não precisa fazer dieta. Mas... olhe o que eles têm lá em cima! Eu tirei uma foto...

Cordelia pegou o telefone e apagou a foto.

— Ei!

— Agora estamos quites.

— Você nem olhou!

Diane tentou disfarçar a irritação com um sorriso.

— Podemos continuar?

A família acompanhou a corretora pelo corredor e passou por uma maçaneta que se projetava de um quadrado cortado na parede.

— O que é isso? — perguntou Eleanor.

— Elevador de cozinha — respondeu Diane secamente.

Eles chegaram ao fim do corredor.

— É isso — falou Diane enquanto olhava pela janela saliente para o Toyota usado da família e depois se voltava para o Dr. Walker. — O senhor não fez a pergunta crucial.

— O preço — disse ele tristemente.

A verdade era que, quando ouviu “rústica” e “charmosa”, o Dr. Walker pensou a mesma coisa que Cordelia: que a residência era uma casa que precisava de reforma e que ele podia bancar. Porém, dois andares mais um sótão, totalmente mobiliada, com uma biblioteca e vista para a ponte, em Sea Cliff? Esta era uma residência de cinco milhões de dólares.

Diane respondeu:

— Os proprietários estão pedindo trezentos mil dólares.



Brendan viu uma expressão desconfiada passar pelo rosto do pai. Depois o Dr. Walker se controlou e falou com a voz séria. Era bom ouvi-la. Brendan costumava ouvir a voz séria do pai frequentemente, quando ele dava entrevistas ou conselhos a outros cirurgiões, mas no último mês, desde “o incidente”, o Dr. Walker não teve oportunidade de assumir essa postura. Agora falou com determinação:

— Srta. Dobson, nós ficaremos com a casa. Por favor, reúna a papelada e nós fecharemos o quanto antes.

— Maravilha! — Diane abriu um estojo prateado para dar um cartão de visitas ao Dr. Walker. A Sra. Walker abraçou o marido.

— O que isso significa? — perguntou Eleanor. — Nós ficamos com a casa? *Vamos morar aqui?*

Brendan deu um passo à frente.

— Por que está tão barata?

— Bren! — disparou a Sra. Walker.

— Está com o mesmo preço de um apartamento. Menos até. Não faz sentido. O que você está tentando aprontar?

— A curiosidade de sua família é bem-vinda — respondeu Diane. — Brendan, os proprietários estão tentando liquidar o investimento. Como

muitas famílias, eles passam por uma situação difícil e estão dispostos a baixar o preço para sair dessa, especialmente se isto significa ajudar outras pessoas em dificuldades. Vocês devem ter notado que não há uma placa de VENDE-SE no jardim. Os proprietários não querem vender para qualquer um; eles querem a família *certa*. Uma família passando por necessidades.

Ela sorriu. Brendan odiava ser alvo da piedade da corretora. Teria sido diferente se Diane sentisse pena apenas dele — com isso Brendan seria capaz de lidar —, mas a mulher sentia pena de toda a família. E isso era por causa do pai. Era tão vergonhoso. O Dr. Walker tentava resolver a situação de trás para frente: reverter a reputação ao comprar uma casa impressionante para conseguir um emprego impressionante em um hospital impressionante com uma administração que se impressionasse com seu renome e estivesse disposta a fazer vista grossa para “o incidente”. Mas ele não conseguia sequer impressionar uma corretora de imóveis. Brendan achava que estaria melhor por conta própria ou talvez em um internato, como alguns amigos. Mas seus pais não poderiam bancar um internato, de maneira alguma.

Diane conduziu os Walker para o andar de baixo, através do salão até a porta da frente.

— Creio que vocês acharão a Mansão Kristoff uma casa maravilhosa.

— A gente não deveria comprá-la — sussurrou Brendan para Cordelia.
— Você sabe que o papai não está pensando direito hoje em dia. Tem algo que cheira mal aqui.

— Você só está com medo.

— O quê? Eu? Não.

— Claro que está. Você não quer morar com aquele anjo sinistro no jardim.

— Como é que é? Tinha um esqueleto de morcego no sótão, e eu não tive medo daquilo.

— E daí? Isso não prova nada. Nell, Bren não ficou com medo da estátua?

Eleanor concordou com a cabeça.

— Não tenho mais nada a acrescentar.

De maneira alguma Brendan deixaria Cordelia dar a última palavra. Enquanto a família saía pela porta da frente e descia pelo caminho de cascalho, ele se separou e correu para o anjo de pedra. Brendan sacou o telefone para tirar outra foto. Ele passaria o braço por aquela coisa, sorriria e mostraria para o mundo que não tinha medo de um pedaço de pedra com toques de musgo.

Só que o anjo não estava lá.

Brendan conteve o impulso de gritar. Talvez estivesse apenas confuso. Talvez a estátua estivesse no *outro* lado da casa. Mas não: ele se lembrava de que a mão quebrada era a direita, e que ela estava a poucos centímetros da parede exterior. *Quem moveu a estátua?*

Brendan se ajoelhou para investigar as agulhas de pinheiro que cobriam o solo. Deveria haver uma marca nítida onde ficava a base da estátua, onde as agulhas estivessem amassadas e úmidas, talvez com tatus-bola correndo de um lado para o outro, mas parecia que a estátua simplesmente nunca esteve ali...

De repente, um rosto apareceu. A centímetros da cara de Brendan, sibilando, a voz era como um enxame de vespas saindo do inferno.

— *Aqui não é o seu lugar.*



Ela era uma velha branca como um fantasma, tão alta quanto o anjo de pedra, careca, com lábios rachados repuxados sobre dentes marrons. A mulher encarou Brendan com olhos reluzentes de tom azul metálico. Ela usava camadas sujas de farrapos e estava descalça; as unhas do pé eram âmbar e incrustadas com terra. A velha era a bruxa que assustara Brendan, só que cem vezes mais assustadora e, quando falou, o hálito era pior do que adubo velho.

— *Vá embora deste lugar!*

Ela agarrou o pulso de Brendan. Parecia uma corda. Ele tentou puxar o braço, mas a velha segurou firme... então olhou nos olhos de Brendan.

— Quem é você? — perguntou ela mais calmamente.

— B-Brendan Walker.

— Walker? — repetiu a velha.

Brendan nunca sentiu tanto medo. Não ficou paralisado de medo — pelo contrário, foi levado a agir pelo pavor, como alguém que recebeu uma injeção de adrenalina nas costas. Ele se contorceu e soltou a mão. Correu com a saliva voando do canto da boca.

— *Mãe! Pai!*

Com certeza os dois viram a velha: uma mulher careca com o índice de massa corporal de um esqueleto; era difícil deixar de notá-la. Brendan alcançou a família no Toyota após cruzar correndo o jardim, que, de repente, pareceu ter o tamanho de um campo de futebol.

— Bren, o que aconteceu?

— Você está bem?

— Eu... Vocês... Vocês não...? — Brendan olhou para trás.

De repente, todo o cenário pareceu menor e mais seguro. Não deviam ser mais de 15 metros da calçada até a casa. O tempo todo em que esteve correndo, com o coração disparado no peito, ainda vendo o rosto da velha bruxa diante de si... tinham sido apenas segundos.

E a mulher havia sumido.

O sol havia se movido. A lateral da Mansão Kristoff estava banhada em sombra. O anjo de pedra podia ou não ter estado lá. As sombras escondiam todo tipo de coisa.

— Brendan? Aconteceu alguma coisa?

Quem disse isso foi Cordelia. Ela olhava para o irmão com uma expressão séria; sabia que ele estava assustado. Brendan começou a explicar, mas de que adiantaria? Ele não podia provar nada. Não queria parecer uma criancinha.

— Nada — falou Brendan. — Eu apenas.... pensei ter perdido isto.

Ele ligou o PSP. Jamais ficou tão contente por ver a tela inicial de *Uncharted*. De volta a um mundo que conhecia e controlava, Brendan entrou no carro.

Uma coisa engraçada aconteceu com o menino na volta da avenida Sea Cliff, 128. A cada segundo que colocava entre si e a velha bruxa, Brendan se convenciam mais de que ela não era tão assustadora afinal de contas. Vestida em farrapos, descalça, com dentes podres... obviamente era uma mendiga. Quanto mais pensava nisso, mais fazia sentido: ela vivia no jardim. Era por *isso* que o preço era tão baixo. A mulher espiou os Walker e se escondeu

quando foi vista — era a sombra em movimento que Eleanor tinha percebido. Ela adorava a estátua do anjo — a velha obviamente era uma perturbada mental; talvez falasse com o anjo — e então moveu a estátua (*sabe-se lá como*) quando viu Brendan e as irmãs investigando. Então, quando teve oportunidade, a mulher chegou de mansinho para assustá-lo, para afugentar a família. E perguntou o nome dele porque... porque era maluca! Por que mais seria?

Brendan continuou se convencendo disso ao encarar os movimentos hipnóticos do jogo, e em pouco tempo não apenas estava convencido de que a velha bruxa não era perigosa nem sobrenatural (*sobrenatural, imagina só*), como também determinado a voltar e expulsá-la da propriedade. Afinal de contas, Brendan Walker não era alguém que se intimidava. Ele era praticamente do time colegial de *lacrosse*.



Os Walker moravam de aluguel desde “o incidente”. O novo apartamento era bem menor do que a antiga casa, especialmente a cozinha, que era mais um canto do que um cômodo. Isso significava menos comida feita em casa e mais comida pedida por telefone. Na noite seguinte à visita à Mansão Kristoff, o Dr. Walker reuniu a família para um jantar de comida chinesa na sala de estar.

— Então, qual é? — perguntou Brendan.

— Só quero me certificar de que todos estão satisfeitos com a nossa decisão de comprar a Mansão Kristoff.

— Você quer dizer a *sua* decisão — disse Brendan. — Nós não participamos dela.

— Tudo bem — respondeu o Dr. Walker. — Mas falem agora se vocês têm algo contra.

— Se a gente se mudar, não seria a Mansão Walker?

— Acho que deveríamos chamá-la da mansão da avenida Sea Cliff, 128, que é o endereço correto — opinou a Sra. Walker. — Caso contrário, parece que estamos nos mudando para alguma coisa que pertence a outra pessoa.

A casa pertence a outra pessoa, pensou Brendan. *À velha bruxa*. Mas ele não queria parecer assustado.

— Eu gostei bastante. Melhor do que este muquifo — falou Brendan.

— Eu também gostei — comentou Eleanor. Ela usava um rolinho primavera besuntado de molho para recolher o máximo de cenoura e aipo picados possível; parecia que o rolinho estava de peruca. — Quanto mais rápido a gente se mudar daqui, mais rápido podemos ter a Misty...

— Nell, quantas vezes temos que falar sobre isso...

— Mas a mamãe *disse* que eu poderia ter a Misty. Ela me fez imaginá-la...

— Você terá um cavalo um dia — falou a Sra. Walker —, se comer o rolinho primavera e parar de brincar com ele.

Eleanor deu conta do rolinho em quatro mordidas grandes. Olhou para a mãe e falou com a boca cheia:

— Posso ter meu cavalo agora?

Todos riram — até mesmo Brendan. Era difícil conseguir que admitissem, mas os Walker adoravam jantares assim, rápidos e engordurados, em vez de refeições com guardanapos de pano em anéis.

— E você, Cordelia? — perguntou o Dr. Walker.

— Deixe-me mostrar uma coisa para vocês.

Cordelia saiu da sala e voltou com um livro velho. Tinha uma capa preta, sem sobrecapa e com letras douradas quase apagadas na lombada.

— *Guerreiros selvagens*, por Denver Kristoff — declarou Cordelia. — Primeira edição, 1910. Eu peguei na biblioteca. E olhem! — Ela puxou o MacBook Air. — No sebo Powell's Books, eles estão vendendo por 500 dólares! Portanto, só a biblioteca vale, tipo, o preço final da casa!

— Cordelia — falou Brendan —, você *roubou* da biblioteca da Mansão Kristoff?

— A pessoa não rouba de bibliotecas. Ela pega emprestado. Não que você pudesse saber.

— Não, seu irmão está certo — disse o Dr. Walker. — A casa ainda não é nossa, e você não deveria ter pegado isso...

— Isso mesmo, você não deveria! — Brendan ficou de pé. — Alguém pode ficar muito irritado com você por ter roubado! Já pensou nisso?

— É sério, Bren? — Cordelia deu um sorrisinho falso. — Desde quando você tem senso de ética?

Brendan não respondeu — em parte porque não sabia o que era senso de ética, em parte porque tinha medo da velha bruxa. Talvez ela fosse uma mendiga, mas talvez não. Talvez *morasse* na avenida Sea Cliff, 128. Talvez não gostasse de meninas curiosas que roubavam livros de sua biblioteca. Brendan quase falou que tinha visto a mulher, que ainda era capaz de sentir a mão dela em seu pulso, que sentia *frio* naquele pulso até agora e que ela dissera “Walker” como se o nome significasse alguma coisa... mas não queria que debochassem dele. Brendan poderia cuidar da bruxa sozinho quando eles se mudassem. Como um homem.

— Foi mal — disse ele. — É só que... não é certo roubar.

— Isso é verdade — falou o Dr. Walker —, e Cordelia, você devolverá este livro na semana que vem.

— O que acontece na semana que vem?

— Vamos nos mudar.



Mudanças Espartanas era uma empresa de mudanças em São Francisco cujo nome era motivo de uma enorme vergonha para Cordelia.

— Por que vocês não contrataram logo a Mudanças Baratas? — perguntou ela para a mãe. Mas, quando viu o caminhão, Cordelia se deu conta de que não era *espartana* como sinônimo de simplória; era *espartana* como um cidadão da antiga Esparta, com um capacete emplumado como logo.

O caminhão da Espartanas parou em frente à Mansão Kristoff, e um trio de homens corpulentos desceu. Os Walker já estavam lá, ansiosos para levar as coisas para dentro. Brendan estava mais ansioso do que qualquer um: andava imaginando transformar o quarto do sótão em uma caverna adolescente onde pudesse ignorar o resto da família, feliz da vida. E começou a seguir um dos encarregados da mudança enquanto o homem levava uma bolsa com equipamento de *lacrosse* para dentro da casa.

— Isso vai para o meu quarto, no sótão — disse ele.

— Tá limpo — falou o homem ao olhar para Mansão Kristoff.

A casa parecia do mesmo jeito, a não ser pelo gramado, que precisava ser aparado. O pai de Brendan provavelmente mandaria ele fazer isso.

— Lugar bonito — comentou o sujeito da mudança. Obviamente era do tipo que gostava de falar. — A maioria das pessoas está se mudando para lugares menores hoje em dia, mas vocês estão indo para um maior.

— Estamos *voltando* — corrigiu Brendan enquanto os dois entravam no caminho de cascalho. Quando o Dr. Walker olhou, Brendan abriu um sorriso e fingiu ajudar o homem com a bolsa. — A gente morava em um lugar como este.

— O que aconteceu?

— Houve um incidente — disse Brendan, antes de perceber que tinha falado demais.

— Ah, é? Que tipo de incidente? — perguntou o sujeito. — Seu pai armou um esquema no mercado de ações e foi flagrado?

— Não.

— Cumpriu pena por evasão de impostos?

— Ah, não...

— Ele usou uma roupa de mergulho para pegar o correio? Andou nu de bicicleta em círculos? O quê?

Brendan parou de andar.

— Sim. Sim, você acertou em cheio. Ele andou nu de bicicleta em círculos.

O homem assentiu e franziu a testa como se soubesse que Brendan não queria mais falar com ele. Os dois entraram na cozinha... e a mente de Brendan voltou ao dia que mudou tudo.

O Dr. Walker era cirurgião no Centro Médico John Muir. Sua especialidade era cirurgia bariátrica; ele estava prestes a ser promovido — mas aí um dia o Dr. Walker adormeceu na sala de descanso dos médicos durante um plantão e acordou sobre um paciente, com um bisturi ensanguentado na mão.

Ele tinha gravado um símbolo na barriga do homem.

Era um olho, com uma íris e uma pupila no meio e semicírculos em cima e embaixo.

Brendan voltou da escola e viu a mãe e as irmãs em lágrimas. O pai não se lembrava de ter desfigurado a barriga do homem; o Dr. Walker andou tomando remédios para dormir e conseguir descansar, e eles provocaram sonambulismo.

O paciente processou, é claro. O Dr. Walker perdeu o emprego. O processo ainda seria julgado, e os Walker gastaram tanto dinheiro na defesa que foram forçados a vender a antiga casa e os dois carros. Foi tão estranho — uma coisa tão maluca e improvável — que Brendan ainda achava difícil acreditar que realmente tinha acontecido, embora convivesse com as consequências.

— Sabe, eu ouvi coisas estranhas a respeito deste lugar — falou o homem da mudança enquanto andavam pelo corredor do segundo andar e passavam pelos retratos da família Kristoff.

— O quê? — perguntou Brendan.

— Eu posso não ser formado em Harvard, mas sei ouvir muito bem, e ouço melhor ainda quando ninguém está percebendo. Ouvi dizer que esta casa é amaldiçoada. É por isso que a última família foi embora.

— Você acredita nessas coisas? Maldições?

— Em São Francisco? Com todo tipo de hippies e esquisitões por aí? Qualquer um pode ser amaldiçoado.

Brendan queria fazer uma pergunta, mas não tinha certeza se poderia sem parecer maluco. Ele puxou a cordinha para que a escada do sótão descesse e subiu com o homem.

— Onde você quer que eu coloque as coisas de hóquei?

— De *lacrosse* — corrigiu Brendan. — Em qualquer lugar.

O sujeito colocou perto da janela. Aí, Brendan perguntou:

— Se este lugar é amaldiçoado, como posso acabar com a maldição?

O homem da mudança não pareceu achar a pergunta estranha.

— A melhor maneira para acabar com uma maldição é encontrar a pessoa que a lançou — falou, dando de ombros. Depois foi embora e deixou Brendan pensando na velha bruxa.

Na calçada, o homem voltou ao caminhão da Mudanças Espartanas para pegar o item seguinte: um baú branco com faixas de bronze com rebites. Tinha quinas arredondadas de metal e as iniciais *RW* esmaecidas gravadas sobre uma fechadura maciça.

— O que tem no baú? — perguntou Cordelia. Ela estava do lado de fora com o pai.

— Apenas uns documentos antigos da família — respondeu o Dr. Walker. — Você nunca notou antes? Eu levo de um lado para o outro há anos. Na suíte! — informou ao homem da mudança.

Duas horas depois, os Walker estavam instalados, quase sem querer acreditar que aquele era seu novo lar. Uma vez que o preço de compra incluiu a mobília, tudo dentro era tão bonito quanto na primeira visita: a cerâmica, a armadura, o grande piano... Os pertences dos Walker pareciam deslocados, aquém do novo ambiente. Até mesmo a caixa com compras que eles trouxeram da antiga casa não parecia combinar com a cozinha reluzente. Após obrigar a família a tirar uma foto com timer, tendo a ponte Golden Gate ao fundo, a Sra. Walker deixou os filhos andarem pela casa enquanto fazia chá na cozinha magnífica, e o marido cochilava sob um raio de sol na poltrona Chester da sala de estar.

Cordelia foi à biblioteca devolver *Guerreiros selvagens* às prateleiras, mas se surpreendeu ao ver que não havia espaço para ele, como se os outros livros tivessem se multiplicado durante sua ausência. *Olha só*, pensou, ao colocá-lo sobre a mesa e pegar um livro chamado *O ás do combate*.

Eleanor foi ao segundo andar, passou com coragem pelos retratos antigos e sinistros e foi até onde Diane Dobson indicou o elevador de cozinha. Ela puxou a maçaneta na parede; o elevador abriu como uma caixa de correio. Eleanor tinha altura suficiente para ver um pequeno

compartimento pendurado no que pareciam ser duas correntes de bicicleta. Ela queria entrar no elevador, mas sabia que a mãe teria um ataque, então jogou a boneca dentro dele e tentou descobrir como fazê-la descer até a cozinha.

Brendan pegou o bastão de *lacrosse* como uma arma e saiu da casa para investigar o anjo de pedra. Para a própria irritação, suou de nervoso enquanto deu a volta de mansinho na lateral da casa. Brendan chegou até onde a estátua estivera...

E ela continuava sumida. Agulhas de pinheiro e gravetos espalhavam-se sobre a área, uniformemente distribuídos.

Era ela, pensou Brendan. Ele não fazia ideia de onde aquele pensamento tinha vindo, mas sabia que estava certo. Brendan se lembrou de que o anjo não tinha a mão direita. Tentou recordar com que mão a velha bruxa o agarrou. Ele apostaria que tinha sido com a esquerda. *Eleanor viu a mulher, e ela se transformou em pedra para se esconder. Agora pode estar em qualquer lugar.*

Brendan vasculhou a propriedade. Não ouviu nada além de um esquilo guinchando e do assobio irregular dos carros que passavam pela avenida Sea Cliff. Após alguns minutos, decidiu que não estava fazendo nada de útil e voltou para casa.

E ela estava bem ali, no salão, falando com a família.



— O que você está fazendo aqui? — Brendan exigiu saber enquanto brandia o bastão de *lacrosse* como um machado de duas mãos. — Deixe minha família em paz!

— Brendan! — censurou a mãe. — Você perdeu o juízo? *Abaixe* essa coisa!

A velha se virou para encará-lo. Ela não estava mais vestida em farrapos sujos. Usava um vestido de bolinhas e um lenço florido, que escondia a calvície; os dentes estavam limpos e escovados, quase brancos. Ela trazia uma torta de maçã na mão esquerda; a direita estava enfiada no bolso do vestido.

— Algum problema, filho? Você parece agitado.

Brendan cerrou os dentes.

— Estou agitado, pode apostar. Agora solte a torta, levante as mãos e saia da nossa casa...

— Brendan! Me dê este bastão de *lacrosse*! *Imediatamente!* — ordenou o pai.

— Pai, essa velha é má. Aposto que colocou arsênico na torta...

— Você está jogando videogame demais. *Me passe o bastão!*

O silêncio tomou conta do salão. Brendan engoliu em seco e entregou o bastão de *lacrosse* para o pai.

— Agora peça desculpas — mandou a mãe.

Ele respirou fundo, se recusou a olhar para a velha e falou baixinho:

— Foi mal.

— Você é que está mal. Está de castigo por um mês. Não pode simplesmente sair por aí *ameaçando* as pessoas — falou o pai.

— Não tenho certeza de que ela é uma pessoa — murmurou Brendan.

— Bren — disse Cordelia —, ela estava se *apresentando*. É nossa vizinha.

— Que ótimo.

— Eu peço desculpas pelo comportamento irracional do meu filho — falou o Dr. Walker enquanto apoiava o bastão de *lacrosse* na parede. — Brendan, vá para seu quarto, conversaremos a respeito disso em breve. Senhora, não tivemos a chance de saber seu nome.

— Dahlia Kristoff — disse a velha bruxa. — E, por favor, não se preocupe com seu filho. Eu entendo os meninos. Especialmente hoje em dia. Tantos estímulos.

— Você é parente do Denver Kristoff, o escritor? — perguntou Cordelia, ofegante.

— Ele é meu pai.

Era seu pai, pensou Brendan ao subir a escada dos fundos, *a não ser que tenha 200 anos de idade*.

— Eu sou fã dele — disse Cordelia, erguendo o exemplar de *O ás do combate*.

— É tão bom conhecer uma companheira bibliófila. Você pegou o livro da biblioteca do meu pai?

Cordelia concordou com a cabeça, um pouco envergonhada — mas, a bem da verdade, era a biblioteca dela agora.

— Eu me lembro de quando ele terminou de escrevê-lo. Eu nasci aqui. Está vendo aquele velho palhaço atrás de você? — Dahlia apontou com a cabeça o busto do filósofo no salão. — Eu costumava chamá-lo de Aristote. Nunca conseguia pronunciar o nome corretamente.

— Por quanto tempo você morou aqui? — perguntou Cordelia.

— Ah, não muito — respondeu Dahlia. — Andei me mudando um pouco. Europa, Oriente... Morei em lugares que você não acreditaria. Mas jamais consegui tirar a Mansão Kristoff da alma.

— Onde mora agora? — indagou Eleanor. — No 130 ou no 126? — Cordelia deu um apertão na irmã. Ela estava melhorando com os números.

— Como *você* é preciosa! — comentou Dahlia. — Eu moro no 130, o belo casarão antigo aqui do lado.

— A casa roxa com borda branca? — perguntou a Sra. Walker. — É linda.

— Obrigada. E vocês são... os *Walker*, certo? — perguntou Dahlia.

— Como a senhora sabia disso? — perguntou o Dr. Walker, um pouco nervoso.

— Os vizinhos — respondeu Dahlia. — Eles gostam de falar. Mas não me disseram seus nomes...

— Ela está mentindo! — gritou Brendan da escada onde estava espiando. — Não deem ouvidos a ela...

— Brendan. Para. O. Seu. Quarto — ordenou o Dr. Walker. — Sinto muito, Sra. Kristoff...

— Srta. Kristoff.

— Srta. Kristoff. Nós somos os Walker, sim. — O Dr. Walker falou com a voz séria. — Meu nome é Jacob. Esta é minha esposa, Bellamy; nossas filhas, Cordelia e Eleanor; e... hã... Brendan... que aparentemente se recusa a sair da escada.

— Isso mesmo!

O Dr. Walker suspirou.

— Que prazer — falou Dahlia. — Então, o que seus filhos “curtem”?

— Perdão? — perguntou o Dr. Walker.

— Quais são as paixões e os interesses? Não é assim que os jovens de hoje dizem?

— Leitura — respondeu Cordelia.

— Cavalos — disse Eleanor.

— E seu irmão? E quanto a ele? Ele é mais aventureco?

— Não é da sua conta! — berrou Brendan. — Por que vocês estão deixando que ela fique aqui? Deveriam expulsar...

— Brendan! Deixe comigo — disse o Dr. Walker. — Eu não quero ser grosso, Srta. Kristoff, mas temos que jantar. Realmente estamos ansiosos para sermos seus vizinhos. E agradecemos a torta.

Dahlia entregou o presente ao Dr. Walker e olhou para cada um dos Walker à frente. Não havia nada no olhar além de serenidade.

— Eu sei que faço perguntas demais. É apenas porque não me sobraram muitos amigos. Nem muito tempo.

— Ah, sinto muito! — falou a Sra. Walker. — Sua saúde...?

— Não é nada com que se preocupar. Nada dura para sempre. Eu nem deveria ter mencionado! Por favor, aproveitem a torta... e a noite.

Nem bem disse isso e foi embora, fechando a porta ao sair.

— Que estranha... — começou a dizer Cordelia, mas o pai fez: *Shhh*.

— Que foi?

— Quando uma pessoa se despede de outra, sempre se espera dez segundos antes de falar a respeito dela. — Ele fez a contagem regressiva. — Dois... um... vai.

— Que *doída* — disse Brendan ao se juntar novamente à família. O Dr. Walker suspirou diante da inutilidade de mandar o filho para o quarto. — Aposto que nem está doente. E é melhor jogar esta torta fora. Com certeza soaria o alarme de antraz.

— Pelo menos uma vez, Bren, eu concordo com você — falou o Dr. Walker ao jogar a torta no lixo.

— Esperem! — disse Cordelia. — Vocês não estão sendo justos. Ela pode apenas ser senil. É claro que não é realmente a filha do Kristoff. Ele construiu esta casa em... Bren?

O irmão pensou por um momento.

— 1907.

— Certo, então ela tem quantos anos, 100?

— Se ela nasceu aqui, pode ter 106 anos. E vocês deveriam ver como ela se parece *antes* de tomar banho. E de usar tiras de clareamento nos dentes. — Brendan imaginou como dormiria à noite. Esqueça o bastão de *lacrosse*; ele precisava de um lança-chamas.

— Ela *era* um pouco sinistra — comentou a Sra. Walker. — Eu não gosto da ideia de que costumava morar aqui.

— Não se preocupe, isso vai se resolver. — O Dr. Walker passou o braço pela esposa. — Vamos apenas agradecer que a mudança acabou e jantar. — Ele beijou a esposa no rosto.

— Quem quer provar a nossa nova pizzeria? — perguntou a Sra. Walker. — Ela se chama Pino's. — A Sra. Walker já olhava para o telefone. — Dizem que é deliciosa.

— Eu vou subir — falou Cordelia e, a seguir, sussurrou para Brendan — para descobrir um pouco mais a respeito da Dahlia Kristoff.

— Vou com você — sussurrou Brendan, surpreso com a súbita vontade de fazer algo com a irmã.

— Não, você tem que convencê-los a não ficar de castigo — respondeu Cordelia. Ela foi embora e deixou Brendan... que ergueu os olhos e viu os pais diante dele, prontos para ter uma longa conversa sobre ameaçar pessoas com armas.

No andar de cima, Cordelia tirou um retrato da parede: a imagem esmaecida de uma velha, que Diane Dobson dissera ser a mãe de Kristoff,

com um bebê nos braços. Ela foi ao quarto, pegou uma lixa de unha e voltou para o corredor. Cordelia usou a lixa para abrir a moldura, com gestos muito lentos e cuidadosos. Finalmente, conseguiu soltar o retrato. Atrás, talvez na própria letra de Denver Kristoff, dizia: *Helen K. c/ Dahlia K. Aniversário de 70 anos da mamãe. Praça Álamo, 1908.*

Cordelia virou o retrato a fim de olhar para a criança: o bebê Dahlia Kristoff. Os olhos tinham a mesma intensidade penetrante...

— Cordelia!

Ela quase teve um troço. Era a mãe, lá debaixo.

— A pizza chegou!

Cordelia enfiou a foto de volta na moldura, um processo que exigiu toda a sua atenção e que deixou a pizza quase fria quando conseguiu terminar. Ela viu a família sentada no chão da sala de estar, devorando uma pizza de pepperoni, sem pratos, servindo copos de refrigerante uns para os outros. O Dr. Walker tinha montado a TV e pedido um filme no pay-per-view: *Diabo a quatro*, dos Irmãos Marx.

— Os Irmãos Marx? De novo? Nós sempre assistimos aos Irmãos Marx! — reclamou Eleanor. — Não dá para a gente ver algo em cores? Com pessoas que ainda estão vivas?

— É uma tradição familiar — respondeu o Dr. Walker. E ele estava certo. Sempre que a família tinha algo a comemorar, eles pediam um clássico dos Irmãos Marx. Os créditos iniciais de *Diabo a quatro* começaram a rolar.

— O que você descobriu? — sussurrou Brendan para Cordelia.

— A Dahlia Kristoff está em um dos retratos lá de cima. E se o retrato estiver com a data correta, ela tem 105 anos de idade.

— Você viu as mãos dela no retrato?

— Sim, por quê?

— Porque em algum momento ela perdeu uma. Tenho que te contar uma coisa, Délia. Eu não queria dizer porque fiquei com vergonha, mas...

Mas a campainha tocou.



— Provavelmente uma reclamação de barulho por causa da discussão toda — brincou o Dr. Walker com Eleanor.

Ele deixou a família e foi até o salão. Abriu a porta da frente sem olhar pelo olho mágico. O Dr. Walker estava acostumado a morar em vizinhanças seguras.

Dahlia Kristoff entrou rapidamente. Ela usava o vestido de bolinhas, mas nenhum lenço ou sapatos desta vez. Estava completamente careca. O Dr. Walker recuou ao ver o crânio com manchas vermelhas e os dedos amarelos dos pés.

— Com licença... *oi?* Senhorita? Você não pode entrar na minha casa!

— *Cale a boca!* — sibilou Dahlia ao entrar na sala de estar a passos largos.

O Dr. Walker a seguiu e sacou o telefone para ligar para a polícia, mas, de repente, o aparelho pulou de sua mão, voou e bateu no busto do filósofo, como se tivesse sido levado por uma poderosa rajada de vento. Quando o Dr. Walker recuperou o celular, ele não ligava.

— Pai, quem é? — chamou Brendan, mas em vez do pai, foi Dahlia Kristoff quem entrou. Ele ficou paralisado.

— Meu Deus — falou a Sra. Walker —, o que *você* está fazendo aqui? Como ousa invadir nossa casa...

— *Como você ousa considerar esta casa sua?* — guinchou Dahlia, e a transformação aconteceu.

Brendan recuou contra a mesinha de centro com pernas de madeira flutuante e viu tudo em câmera lenta. Parecia um filme em IMAX-3D, mas muito melhor (e bem pior). A bruxa ergueu as mãos. Como o menino suspeitava, a mão direita terminava em um cotoco nodoso. Dahlia arqueou as costas, se esticou cada vez mais como se fosse quebrar os ossos da espinha, e aí duas *asas* cinza surgiram da gola do vestido!

Brendan ficou aterrorizado, estupefato e maravilhado ao mesmo tempo. O mundo tinha acabado de ficar maior. Mas tudo o que conseguia pensar era: *não vou deixar este monstro me fazer mal. E não vou deixar que faça mal à minha família.*

As asas de Dahlia Kristoff se abriram atrás dela e se espalharam pela sala. Não eram como asas de anjo: eram poeirentas, tinham uma aparência oleosa, e encheram o ar com o fedor podre de enxofre.

— Mãe, o que está acontecendo? — choramingou Eleanor.

— Eu não sei, querida — falou a Sra. Walker ao pegar a filha mais nova com uma das mãos e o crucifixo no pescoço com a outra.

Dahlia riu; uma gargalhada ofegante, a risada de um esqueleto.

— Saiam! — berrou o Dr. Walker quando invadiu a sala, mas a bruxa sacudiu uma asa e bateu nas costas do homem, que foi jogado no piano com um *dong* desafinado. Na TV, Groucho Marx desceu pelo mastro do corpo de bombeiros.

Brendan tentou correr para pegar uma arma, mas agora Dahlia batia as asas e agitava o ar na casa, o que tirou o equilíbrio do menino. Ele a encarou. Algo horrível acontecia com o rosto da bruxa. As pequenas veias azuis debaixo da velha pele pálida, que, para começar, já eram visíveis, chegaram à superfície e incharam conforme as asas batiam. Em pouco

tempo se juntaram a elas artérias vermelhas, que se projetaram no rosto como as linhas na casca de uma árvore. Brendan imaginou que ela explodiria e banharia todos em sangue.

— *Você!* — disse Dahlia ao se virar para Cordelia. — Você roubou da minha biblioteca!

— Eu apenas... peguei emprestado... — Uma rajada de vento jogou Cordelia contra a parede. O conteúdo da sala agora girava em uma espiral: uma caixa de pizza, copos de refrigerante, um menu do Pino's, o controle remoto da TV. Brendan teve que agarrar o sofá para ficar de pé.

— *Pela honra do meu pai!* — berrou Dahlia Kristoff. — Por todo o mal feito a ele pelos Walker! Por terem mexido no grande livro! Pela consulta covarde ao Dr. Hayes! Por Denver Kristoff, que vive novamente como vive para sempre! Uma vida por uma vida, a Bruxa do Vento falou, e que uma página arrancada seja uma página renascida!

Blam! As persianas nas janelas da sala de estar se fecharam. Brendan ouviu as batidas na cozinha e na biblioteca também. Então, a mesinha de centro de vidro subiu e voou na direção dele. Brendan se abaixou, mas a mesinha girou na direção da Sra. Walker. Ela estava ajoelhada, rezando. A mesinha bateu na cabeça dela.

— *Mãe!* — berrou Brendan.

A mãe caiu no chão, coberta por vidro quebrado, com a testa sangrando.

— Abaixem-se! — gritou o Dr. Walker para os filhos ao disparar na direção da esposa.

Mas a poltrona Chester o pegou, a mesma em que ele dormiu naquela tarde, e acertou o crânio do cirurgião com um estalo repugnante. Ele desabou. Por algum motivo, Brendan se lembrou da mãe perguntando para Diane Dobson “*a mobília está à venda?*”, e Diane respondendo “*tudo está à venda*”.

A Bruxa do Vento — foi assim que ela se chamou: “a Bruxa do Vento falou” — soprou o doutor e a senhora Walker para um canto. Eles estavam

caídos um sobre o outro, inconscientes. Brendan, Cordelia e Eleanor estavam longe dos pais, perto do piano.

A estrutura da Mansão Kristoff começou a tremer.

Brendan imaginou se ela tombaria e escorregaria até o oceano. A televisão virou e voou para cima dele, os Irmãos Marx pareceram demoníacos, até que o cabo se soltou da parede, e eles desapareceram. A TV se estilhaçou na parede atrás do menino e disparou lascas de plástico e LCD que giraram.

— *Nell, feche os olhos!*

A irmã mais nova de Brendan se encolheu feito uma bola. Livros voaram para dentro da sala agora, vindo da biblioteca, e bateram em Brendan e nas irmãs, atacando como aqueles terríveis pássaros do filme do Hitchcock que Brendan tinha visto um dia. Cada vez que um livro se aproximava de Brendan, com as páginas abertas e batendo, ele ouvia *vozes* dentro, que falavam em sotaques antigos e exigiam ser libertadas.

— *Délia!* — chamou Brendan.

Tudo o que ele queria era sobreviver — e garantir que a família sobrevivesse. Os pais estavam inconscientes do outro lado da sala; Brendan não podia ajudá-los no momento. *Mas tenho que proteger minhas irmãs*, pensou.

Ele não conseguiu ver Cordelia. O vento consumia tudo; os destroços não o deixavam ver nada. O menino fechou bem os olhos, esfregou e fez força para abri-los. Bem na sua frente flutuavam três livros, volumes de couro que, de repente, pareceram crescer, se expandiram do tamanho de edições de capa dura para almanaques até o tamanho de enciclopédias. *Impossível!*

Brendan gritou, mas não conseguia mais ouvir a própria voz, e aí viu que a sala ficou maior, que o teto agora estava a 15 metros do chão e subia a cada segundo, como se a casa estivesse se dobrando e esticando. E então, enquanto a Bruxa do Vento subia ao teto e olhava para baixo de uma altura

imponente, como um anjo vingador enviado pelo lado errado, uma última coisa entrou na sala: as estantes da biblioteca. Enormes, muito pesadas mesmo sem os livros, entraram uma atrás da outra, levitaram cada vez mais alto, giraram até o ápice lá em cima e caíram — e então tudo ficou escuro e em silêncio.



Brendan despertou em uma pilha de destroços que costumava ser a nova sala de estar. Lutou para sair debaixo das prateleiras pesadas que estavam por cima e verificou se tinha ferimentos graves. O menino se sentia como se tivesse sido colocado em um saco de pedras e balançado; mas tirando os cortes e hematomas, estava bem.

Brendan olhou em volta da sala de estar. Era como as fotos que viu daquele tsunami horrível no Japão, onde um montão de destroços foi jogado pela terra. O que eram cadeiras, mesas e livros agora era uma pilha de quase meio metro de lixo. As persianas continuavam fechadas.

— Mãe? — chamou Brendan. — Pai?

Ele viu parte da pilha se mexer. Parecia um monte de terra com uma minhoca embaixo. Brendan correu até Cordelia quando a irmã botou um braço para fora e saiu da pilha se arrastando.

— Délia! Você está bem?

— Acho que... apaguei. E você?

— Eu apaguei também... depois daquela loucura toda. Aqueles livros cresceram na minha frente, ficaram enormes, e depois aquela... não quero dizer o nome dela...

— Bruxa. Bruxa do Vento — falou Cordelia. — É disso que a Dahlia se chamou.

— Certo, beleza. Aquela Bruxa do Vento voou até o teto e me nocauteou. Onde estão a mãe e o pai?

Os olhos de Cordelia ficaram bem grandes. Ela começou a chamar desesperadamente:

— *Mãe! Pai!*

Brendan se juntou a ela:

— *Mãe! Por favor! Olá? Onde está você?*

Não houve resposta. Os olhos de Brendan ficaram marejados, mas ele não deixou lágrima alguma cair.

— E Nell? — perguntou ele.

— *Nell! Eleanor!* — Cordelia começou a chamar.

Eles tropeçaram na mobília quebrada enquanto procuravam e chamavam, mexeram em pilhas de madeira estilhaçada e tentaram evitar cortar as mãos no vidro quebrado. Brendan se sentiu culpado; que tipo de irmão mais velho ele era? Não foi capaz nem de proteger a irmã caçula.

Um toque musical fez com que Brendan virasse a cabeça.

— O que foi aquilo? — perguntou Cordelia.

O breve toque soou novamente, como o som abafado de uma corda sendo tocada. Brendan e Cordelia foram na direção do barulho.

— Nell?

— Mãe?

— Pai?

Eles chegaram aos destroços do Steinway. Ele não estava tão arruinado quanto o restante da mobília; embora tivesse perdido as pernas, ainda mantinha o formato sinuoso de piano. Os toques vinham de dentro. Brendan e Cordelia levantaram juntos...

E lá estava Eleanor, encolhida sobre as cordas. Ela puxou uma.

— Acho que é um lá.

— Venha cá, você. — Cordelia ofereceu uma mão para Eleanor enquanto Brendan mantinha o piano aberto. Assim que ela saiu, os irmãos a abraçaram com tanta força que os três caíram.

— Você apagou? — perguntou Brendan.

— Não, fiquei acordada o tempo todo.

— O que viu?

— Aquele... *anjo ou sei lá o quê* subiu até o teto, a casa inteira ficou muito alta, e tudo escureceu.

— Foi o que nós vimos! Você *realmente* apagou!

— Não, eu estava acordada. Foi o *mundo* que apagou. *Ela* fez isso acontecer. Eu *disse* que vi a mulher quando a gente olhou a casa pela primeira vez, e vocês não acreditaram em mim, lembram? E agora olhem o que aconteceu!

— Como você sabe que era ela? — perguntou Cordelia. — Pode ter sido...

Mas Brendan interrompeu a irmã:

— Eu a vi também. A Bruxa do Vento.

— O quê? Quando?

— Quando surtei e disse que foi porque perdi o PSP? Eu vi a bruxa. Ela pegou minha mão e... perguntou meu nome.

— Bren! — Cordelia empurrou o irmão. — Por que você não contou isso para nós?

— Como eu contaria para você? Teria acreditado em mim? Não, você diria que eu estava tentando chamar a atenção.

— Não diria, não! Eu escuto *quando você realmente tem coisas importantes para dizer*. O que é muito raro...

— *Foi você* que meteu a gente nesta situação, Cordelia. *Você* roubou da biblioteca...

— Eu *peguei emprestado*...

— Ela disse especificamente: “Você roubou da minha biblioteca!” Você se lembra ou já estava apagada?

— Parem de brigar! — berrou Eleanor. — Onde estão a mamãe e o papai?

Brendan e Cordelia tiveram que recuperar o fôlego.

— Não sabemos — admitiu ele.

Cordelia fez um esforço para manter a expressão calma, a fim de não assustar Nell.

— Eles sumiram.

— Então vamos encontrá-los — falou Eleanor.

Eles começaram a procurar pela parede onde viram os pais pela última vez. Havia um rastro de sangue na pintura, mas, tirando isso, nenhum sinal. Eleanor começou a chorar quando viu sangue. Cordelia passou o braço pela irmã. Os três foram para o salão, que estava tão irreconhecível quanto a sala de estar, com o cabideiro saindo da parede e a cerâmica reduzida a um quebra-cabeça de lascas.

— O Aristote está bem — comentou Brendan ao olhar para o busto do filósofo.

— Porque a Bruxa do Vento gostava dele quando era menina — disse Cordelia. — Ela o poupou.

Eles passaram um momento em silêncio observando o busto implacável — e, em seguida, entraram na biblioteca. Cordelia se encolheu. O local estava vazio agora, sem as prateleiras, com as escadas quebradas e a mesa comprida partida em duas. A maioria dos livros voou para a sala de estar, mas ainda havia alguns aqui, espalhados e com as capas abertas. Cordelia pegou um.

— Gente, é *O ás do combate!* É o livro que eu estava lendo quando a Bruxa do Vento atacou. Não é uma loucura?

Brendan se perguntou brevemente se foi um dos três livros que cresceram na frente dele, mas os três tinham problemas maiores agora.

— Quem se importa?

— *Eu* me importo — insistiu Cordelia.

Brendan deu um muxoxo de desdém e conduziu Eleanor para a cozinha. Cordelia cuidadosamente encontrou o ponto em que parou de ler o romance e pegou uma lasca de madeira para usar como marcador. Não importa como as coisas ficassem ruins na Mansão Kristoff, com *O ás do combate*, ela poderia escapar.

A cozinha exibiu mais destruição: a geladeira estava amassada e vazava; a grade de apoio do queimador do fogão tinha atravessado um armário e destruído a louça; uma caixa de Cheerios tamanho família despejou todo o conteúdo na pia. As crianças subiram correndo para o segundo andar e chamaram os pais freneticamente, mas não havia nenhum sinal deles.

O segundo andar também estava em ruínas, com duas exceções. As fotos do corredor estavam em perfeito estado. Isso fazia sentido, porque os retratos eram da família de Dahlia; a bruxa não faria mal a eles. Mas Cordelia descobriu alguma coisa na suíte também: o baú *RW*, branco e bronze.

— Bren? Nell? Olhem. Tudo está demolido, mas o baú está ileso.

— Talvez tenha sido protegido pela Bruxa do Vento — sugeriu Brendan. — Talvez tenha algo dentro que ela quisesse manter.

— Ou — falou Cordelia — é mágico. Protegido por um sortilégio.

— Um o quê?

— Tipo, um símbolo mágico, sabe, que protege alguma coisa.

Cordelia fez uma pausa.

— E quanto ao “RW”? Quem você acha que ele é?

— Talvez seja *ela* — disse Eleanor.

— Rutherford Walker — falou Brendan ao se lembrar do nome. — Dr. Rutherford Walker, para ser exato.

— Quem?

— Nosso tataravô. Papai me disse o nome uma vez.

Cordelia ficou impressionada.

— Você se lembrou após ouvir uma vez? Por que não tira notas melhores?

— Porque na escola não há nada que valha a pena lembrar.

— Bem, este baú pode ser uma pista — disse Cordelia. — Lembre-se do que a Bruxa do Vento disse: “pelo mal feito pelos Walker...”

— “Por *todo* o mal feito *a ele* pelos Walker!”

— Bren, ela falou de vingança. E *ele* era o pai dela, Denver Kristoff. Deve ser vingança por alguma coisa que aconteceu há décadas. Talvez o Kristoff tenha começado uma rixa contra nós.

— Por que ele faria isso?

— Eu não sei, por que alguém começa uma rixa?

— Talvez aquela velha seja *louca*. Ela disse um monte de coisas lá atrás. “A consulta covarde ao Dr. Hayes”? Quem é ele? O que isso quer dizer, aliás?

— Eu não sei. . . mas nossa família morava em São Francisco.

— E você acha que algum parente nosso por acaso conhecia o cara que construiu esta casa?

— Não apenas um parente qualquer. O Dr. Rutherford Walker, nosso tataravô, que era o dono deste baú. O que papai disse sobre ele?

Brendan suspirou.

— Foi ele que se instalou aqui. Nosso tataravô pulou de um barco que ancorou na baía, porque São Francisco era muito bonita. E permaneceu aqui.

— Talvez Dahlia Kristoff tenha se apaixonado por ele.

— Como se ele fosse namorar uma garota careca.

— Ela não era careca *na época*, obviamente...

— Pessoal! — berrou Eleanor. — A gente *deveria* estar procurando a mamãe e o papai!

— Nós estamos, Nell... só nos ajude a abrir esse baú...

— Não! Temos que encontrá-los *agora!* — A boca de Eleanor tremeu. — Vocês não estão preocupados que eles estejam *mortos?* Não viram que a mesa acertou a mamãe e a cadeira pegou o papai? E que há *sangue* na parede lá embaixo? Eu não quero ficar órfã! Eu quero a mamãe! *Eu quero a mamãe!* — O rosto se contorceu com raiva. Ela dobrou o corpo, chorando, e apertou os punhos nos olhos.

— Nell, está tudo bem — falou Brendan ao abraçá-la. — Feche os olhos, ok?

— Eles já estão *fechados!*

— Ok, então mantenha fechados. E... ah... pense em um momento feliz.

— Tipo, antes de nossos pais *sumirem?*

— Ah, sim... Délia, uma ajudinha?

— Pense no futuro — disse Cordelia enquanto puxava os punhos de Eleanor para longe do rosto, com delicadeza. — Quando a gente *encontrar* a mamãe e o papai.

Eleanor conteve a próxima onda de lágrimas.

— Os olhos de vocês estão fechados também?

Cordelia se voltou para Brendan. Ele fechou os olhos. Ela fez o mesmo. Todos imaginaram a mesma coisa: os pais rindo, vivos e bem de saúde, às vezes discutindo, geralmente irritantes, mas cheios de amor.

— Eles estão fechados — garantiu Cordelia.

— Ok, então vamos abrir os olhos e aí será a nossa *missão* encontrar a mamãe e o papai. Combinado?

— Combinado — disseram Brendan e Cordelia. Todos abriram os olhos e continuaram procurando.

Eles não encontraram nada nos outros quartos ou banheiros (Eleanor ficou contente por tirar a boneca do elevador de cozinha), então o único lugar que sobrou foi o sótão. Brendan puxou a cordinha, abaixou a escada e subiu na frente.

— Que horas são? — perguntou Cordelia.

O sótão estava uma zona. A cama dobrável estava jogada em um canto.

— Não sei, por quê?

— Porque parece que é dia lá fora. — Cordelia apontou para a janela com a cabeça.

As persianas estavam fechadas, como todas as persianas da casa, como se a Bruxa do Vento tivesse tentado esconder a destruição que causou. Finos fochos de luz do sol brilhavam entre as palhetas — e através das cortinas brancas e transparentes de cada janela. *Será que sobrevivemos à noite?*, se perguntou Brendan. Ele nunca ficou tão feliz na vida em pensar na alvorada. O menino foi até a janela — e se abaixou quando um pequeno vulto mergulhou em cima dele.

— Um morcego! — gritou Brendan. — Cuidado, meninas!

Cordelia gritou mais alto do que Brendan ou Eleanor esperavam, depois disparou na direção da escada do sótão.

O morcego, que não podia ter mais do que uns oito centímetros de comprimento, mergulhou na direção de Cordelia. Ela bateu no rosto e quase quebrou o pescoço quando caiu da escada, antes de fechar a porta do sótão ao sair.

— Matem esta coisa! — berrou Cordelia.

— Cordelia? — disse Brendan. — É só um morcego! Qual é o problema?

— Eu *odeio* morcegos! — respondeu Cordelia do andar de baixo. — De onde ele veio?

Brendan olhou para o suporte onde esteve o esqueleto de morcego. Como era de se esperar, o suporte estava lá. Mas o esqueleto tinha sumido.

— Se lembra do esqueleto de morcego que eu disse que vi? Bem... acho que voltou à vida.

— Se é um morcego zumbi mágico, você não deveria ter mexido nele! — falou Cordelia enquanto passava os dedos no cabelo. Ela tinha certeza de

que podia sentir as asas membranosas do morcego roçando no escalpo.

No sótão, Brendan gesticulou para Eleanor ajudá-lo. Os dois se aproximaram da janela, enquanto o morcego girava freneticamente, e abriram as persianas; a luz do sol inundou o quarto. O morcego recuou para um canto nas vigas.

— Ele foi embora? — perguntou Cordelia do andar de baixo. — Posso subir?

Mas Brendan e Eleanor não responderam. Não podiam. Estavam ocupados demais olhando pela janela.

Havia uma floresta primitiva do lado de fora da Mansão Kristoff.



As árvores com troncos tão grossos quanto casas eram altas demais, então Brendan e Eleanor não conseguiam ver o topo, por mais que dobrassem o pescoço. Raios coloridos de luz desciam sobre samambaias gigantes que se espalhavam, como grandes leques, sobre toras cheias de musgo. Parecia o cenário pintado de uma exposição de dinossauros, estático, quieto e até mesmo um pouco falso. Árvores se estendiam ao longe e se mesclavam em uma cortina de tom uniforme de verde e marrom.

— Onde estamos? — sussurrou Eleanor.

Brendan abriu a janela. Sons entraram: grasnados, gorjeios e um farfalhar no ar.

Lá embaixo, Cordelia notou que os irmãos estavam estranhamente quietos, então voltou ao sótão para ver o que acontecia.

— Alô? — perguntou ela e foi até a janela. — *Uau.*

As árvores começavam a uma curta distância da casa. Havia árvores menores debaixo dos irmãos, por onde irrompia a luz tom de mel. Uma bruma fina subia e descia ao nível dos olhos. Eles conseguiram distinguir o som de um riacho ao longe e, atrás dos grasnados e gorjeios, um zumbido alto e irritante. A bruma entrou no sótão e trouxe um cheiro de terra, pinho e um bálsamo de flores doces e seiva.

— Onde está a nossa rua? — sussurrou Eleanor.

— Talvez a Bruxa do Vento tenha levado a casa para algum lugar — sugeriu Cordelia.

— Para o Parque dos Dinossauros? — perguntou Eleanor.

— Condado de Humboldt.*

— O condado de Humboldt tem *aquilo*? — Brendan apontou para uma das árvores gigantes ao longe. Voando em volta, estava a fonte do zumbido: uma libélula monstruosa com a envergadura de um condor.

O corpo da libélula tinha um tom fosco de verde, e as asas eram transparentes. Ela subia e descia ao dar a volta no tronco, desaparecia e aparecia, tinha olhos púrpura, tão grandes quanto pratos. Era tão imensa que as crianças da família Walker conseguiram ver as partes complexas da boca se mexendo.

— Feche a janela! — berrou Cordelia.

Brendan se inclinou para a frente.

— A libélula não pode nos machucar. Ela é... Qual é a palavra? Vegana?

— *Herbívora*. É sério, Bren, feche a janela.

Brendan tinha outra ideia: enfiou o indicador e o dedo médio na boca e assobiou. Era uma daquelas habilidades de que ele tinha orgulho e que as irmãs odiavam.

— Bren!

— Só quero ver se ela vai se aproximar!

O som agitou o morcego nas vigas. Ele mergulhou na direção da janela. Cordelia soltou um grito estridente quando o animal passou voando e saiu disparado. Os Walker viram o morcego ziguezaguear pela bruma e costurar entre as árvores — e então a libélula disparou uma língua comprida e o pegou.

Eleanor gritou quando a libélula puxou o morcego para a boca e começou a transformá-lo em mingau. O inseto gigante zuniu na direção da

casa enquanto comia, com os olhos púrpura focados nos Walker, como se eles fossem os próximos.

Brendan bateu a janela e todos correram para fora do sótão, sem parar até chegar à cozinha com os reconfortantes (ainda que danificados) eletrodomésticos de aço inoxidável. Cordelia imediatamente abriu todas as persianas, trancou todas as janelas e se voltou para Brendan.

— Não são exatamente herbívoros — disse.

— Onde nós *estamos*? — perguntou Eleanor. — Insetos não deveriam comer morcegos! É o contrário!

— Obviamente era diferente no tempo dos dinossauros — falou Brendan. — Acho que a gente foi mandado de volta à era pré-histórica. — O menino se lembrou daqueles livros que Cordelia lia para ele quando ele tinha 5 anos; aqueles com a casa da árvore que viajava no tempo.

— Eu não sei se um dia as libélulas foram assim *tão* grandes — comentou Cordelia. — Não tenho certeza de onde nós estamos.

Ela parou ao notar uma ponta de plástico preto que saía debaixo da geladeira. O celular. Cordelia pegou; estava arranhado, mas intacto. O aparelho voltou à vida eletrônica.

— Funciona? — perguntou Brendan.

Cordelia fechou os olhos e fez um pedido, mas, quando abriu, viu o que esperava.

— Sem sinal.

— Me deixa ver! — Eleanor pegou o telefone e tentou ligar para a mãe, mas recebeu a mensagem CHAMADA NÃO COMPLETADA.

Brendan suspirou.

— Isso é o que dá não ter 4G.

— Talvez o fixo funcione — sugeriu Cordelia.

Brendan pegou o telefone sem fio branco na parede. Olhou para as irmãs. Elas pareciam prestes a surtar, como se precisassem de uma boa notícia. Por um instante, Brendan considerou ligar para a polícia, para que

pudesse dar alguma esperança para elas, mas antes que pudesse decidir se era uma boa ideia, todas as luzes da casa se apagaram.

Nota

* O condado de Humboldt fica na Califórnia e parques florestais cobrem 40% de seu território. Por causa das sequoias-gigantes de 100 metros de altura, serviu como locação para o luau florestal de Endor, em *O Retorno de Jedi* (N. do T.)



— O que você fez? — quis saber Eleanor. Não eram apenas as luzes do teto; os mostradores do forno de micro-ondas e do fogão também se apagaram.

— Nada! — disse Brendan enquanto recolocava o telefone na base. A luz do sol entrou através das cortinas.

— Eu temia que isso pudesse acontecer — falou Cordelia. — O gerador reserva devia estar funcionando desde o ataque.

— Nós temos um gerador reserva?

— Devemos ter *alguma coisa*; provavelmente fica no porão. Eu não acho que haja uma “rede elétrica” lá fora.

— Então vamos religá-lo.

— Com o quê, Bren? Geradores precisam de combustível.

— Talvez haja latas de gasolina lá embaixo! Vamos! Precisamos fazer *alguma coisa*. Sem energia, morreremos de fome...

— Mas e se houver outra coisa *qualquer* no porão? — perguntou Eleanor.

— Tipo, a mamãe e o papai — falou Cordelia.

Os Walker se entreolharam com uma mistura de esperança e medo, e imaginaram as maneiras como poderiam encontrar os pais: sãos e salvos. . .

ou caídos no chão, frios.

— Precisamos ser fortes e não surtar — disse Brendan tentando soar corajoso e conseguindo, para variar um pouco. — Tem que haver uma lanterna em algum lugar.

Ele revirou as gavetas da cozinha até encontrar uma Maglite tão grossa quanto o braço de Eleanor. Testou, viu que funcionava e apontou para a porta simples no fundo do ambiente.

— Quem vai primeiro?

— Você tem a lanterna — argumentou Eleanor.

Brendan abriu a porta, relutante. Degraus frágeis de madeira levaram para um porão frio e cavernoso, que cheirava a cedro e poeira.

— Esta é a parte da casa que fica pendurada sobre o penhasco? — perguntou Cordelia.

— Acho que sim. Eu me pergunto se os barris continuam aqui.

Brendan apontou a luz para a esquerda e para a direita, a fim de que nada os assustasse. Cordelia deixou um dos sapatos no batente para que não ficassem trancados.

Desceram a escada. Pilhas de latas, um carrinho de mão e uma marreta estavam em um canto do porão; em outro, havia uma tenda e ferramentas elétricas. Entre essas coisas, estava uma caixa preta com seis rodas, do tamanho de um frigobar, empurrada contra a parede e plugada.

— É aquilo? — perguntou Brendan.

— Acho que sim... — respondeu Cordelia.

Ela pulou em um pé só, pois não queria que o único pé descalço tocasse o chão, mas, quando pisou, Cordelia descobriu que não foi tão ruim; o chão era de madeira gasta, quase macia. Brendan leu o aviso amarelo impresso na caixa.

— “SOS Blecaute IPS 12.000.” Isso parece bom.

Ele iluminou o painel de controle da caixa, que estava completamente apagado.

— Onde entra a gasolina? Talvez haja um manual.

Brendan apontou a lanterna de um lado para o outro, viu alguma coisa no chão... e gritou.

Ele olhava para uma pequena mão humana.



Brendan deu um pulo e derrubou Cordelia e Eleanor. A lanterna caiu no chão, rolou e parou ao lado de uma velha máquina de costura. O facho de luz apontou para um manequim no chão com um vestido vitoriano feito pela metade. O manequim não tinha uma das mãos.

— Muito bem, Bren — falou Cordelia. Ela pegou a mão falsa, que era feita de cera.

— Sim — disse Eleanor. — Você surtou com um boneco. Pelo menos, a Cordelia se assustou com um morcego de verdade.

— Não estou nem aí. — Brendan pegou a lanterna e focou novamente no SOS Blecaute. Ele descobriu as instruções na parte de cima e leu em voz alta. — “O gerador começará a se recarregar automaticamente através da tomada quando a energia retornar.” — Ele gemeu. — *Se* a energia retornar.

— O que vamos fazer? — perguntou Eleanor.

— Sentar aqui e esperar para sermos mortos por bruxas ou libélulas gigantes. O que vier primeiro.

— Não diga isso! Délia?

— Não acho que tenha alguma coisa que a gente *possa* fazer.

— Não! — Eleanor pegou a lanterna e apontou de maneira acusatória para os irmãos. — A gente tinha uma missão, lembram? Encontrar a

mamãe e o papai!

— Certo, Nell. Mas verificamos a casa inteira, incluindo o porão, e eles não estão aqui.

— E lá fora? Nós não olhamos lá fora ainda.

— É lá que estão as libélulas gigantes!

— Eu não me importo com o que está lá. A gente precisa procurar por eles enquanto ainda há luz. Vocês podem ficar aqui se quiserem.

Eleanor subiu a escada do porão batendo os pés. Brendan e Cordelia se entreolharam e correram atrás dela; a irmã tinha a única luz.

De volta ao primeiro andar, os Walker abriram todas as persianas para deixar entrar luz suficiente para se guiarem. Então, na cozinha, Brendan insistiu em tomar algumas medidas de autodefesa antes que o grupo se aventurasse lá fora. Ele pegou uma faca de cozinha no faqueiro magnético que agora estava no chão e armou Cordelia com uma faca de carne e Eleanor com um garfo de churrasco.

— Segure a arma como um martelo — ensinou Brendan — com a lâmina apontada para cima.

— Eu não tenho uma lâmina — reclamou Eleanor.

— Seu garfo, então. Em uma luta você pode usar a mão para dar golpes com o cabo da faca; Nell, isso não tem graça. Abram as pernas até o limite da distância entre os ombros. Vocês não sabem nada? Argh, deixem para lá.

Brendan conduziu as irmãs para fora da cozinha, e eles passaram pela armadura que foi derrubada no salão.

— Esperem aí.

Ele voltou à cozinha, pegou fita isolante e prendeu o peitoral da armadura em volta de Cordelia. Depois colocou o elmo e deu as manoplas para Eleanor, que eram grandes o suficiente para ir do cotovelo ao pulso. Assim armados, parecendo mais preparados para o Halloween do que para uma floresta fantástica, as crianças da família Walker abriram a porta da frente e saíram.

Brendan franziu os olhos diante da luz. O elmo não tinha sido uma boa ideia: a viseira foi feita para alguém com olhos mais afastados. Ele tentou tirá-lo, mas estava preso na cabeça. Cordelia inclinou a cabeça para trás e viu o topo das árvores, centenas de metros acima, contra nesgas de céu azul.

— Mãe! — chamou Eleanor. — *Mamãe!* Você está aí?

— *Pai!* Ei, pai, você está escutando? — falou Brendan. — Estamos a salvo! Mais ou me...

Por um instante, os pássaros e insetos ficaram em silêncio... mas logo recomeçaram, preencheram o vazio como se os Walker jamais tivessem falado. As crianças deram a volta na casa, permaneceram juntas, com as armas em riste, e chamaram pelos pais enquanto andavam. Brendan queria algo familiar, nem que fosse o anjo de pedra. Ele notou a uniformidade terrível da floresta que os cercava. A não ser pelo riacho distante que viram pela janela do sótão, não havia nada que indicasse a direção. A única maneira de se localizarem era olhando as sombras das árvores. *E se não voltamos no tempo, quem pode afirmar que não estamos em algum lugar estranho onde o sol nasce no oeste e se põe no leste?*

Quando os Walker voltaram à porta da frente, não tinham sequer chegado perto de achar os pais, mas os gritos atraíram outra coisa.

Um lobo, com 2,5 metros do rabo ao focinho, fungava o chão em frente à casa.



O lobo ergueu a cabeça e revelou um pelo emaranhado, cicatrizes e olhos leitosos e furiosos. Ele rosnou e prolongou o som como se fosse um sorriso falso, expondo duas fileiras de dentes afiados e molhados. Deu um passo na direção das crianças.

— Bren! — sussurrou Cordelia. — O que faremos?

Brendan tentou se lembrar do que aprendeu nos escoteiros sobre ataques de animais — a pessoa não devia se mover, devia ficar quieta e calma; o animal não incomodaria se não fosse incomodado —, mas isso parecia irrelevante sob o olhar desta criatura, que tinha a óbvia intenção de comê-los. Tudo que Brendan conseguiu fazer foi retesar os músculos e engolir em seco. O lobo abaixou a cabeça sobre Eleanor. Ele era 15 centímetros mais alto do que a menina; parecia capaz de engoli-la por inteiro. A linha da boca subia quase até o topo da cabeça triangular. A saliva se acumulou onde os lábios negros eram mais peludos.

O lobo cheirou Eleanor. A respiração dela era descompassada. Lágrimas escorreram pelo rosto. O animal abriu a boca. Ela fechou os olhos, a respiração disparando, e sentiu o hálito intenso...

E o lobo parou, inclinou a cabeça e correu para trás da casa.

Brendan não conseguiu acreditar. Ele pegou Eleanor assim que os joelhos da caçula cederam, abraçou a menina com Cordelia, e usou toda a força para arrancar o elmo e beijar o cabelo dela.

— O que aconteceu? — perguntou Eleanor. — Eu pensei que fosse *morrer!*

— O lobo deve ter se assustado conosco.

— Pelo quê? Pela nossa aparência feroz? — perguntou Cordelia.

— *Talvez* — sugeriu Brendan.

— Não seja idiota. O lobo escutou alguma coisa. Ouça.

Todos ouviram agora, ao longe na floresta: cascos.

— Cavalos? — perguntou Eleanor, esperançosa.

O som ficou mais alto, martelou o chão e reverberou nas pernas e no fundo do estômago.

— Tudo mundo para dentro — disse Cordelia.

— Mas, Délia — começou a falar Eleanor —, eu quero...

— *Agora*. Alguém vem vindo.

Cordelia correu para a entrada da Mansão Kristoff. Brendan a seguiu e arrastou Eleanor com ele. As crianças bateram a porta e fecharam todas as trancas. Brendan apertou freneticamente as teclas do painel para tentar ligar o alarme da casa.

— Bren! — falou Cordelia. — Não há eletricidade.

— Certo, foi mal.

Cordelia conduziu os irmãos a uma janela, abriu um pouquinho uma persiana e espiou lá fora.

— O que você vê? — perguntou Eleanor.

— *Sbh*. — A verdade é que Cordelia achou difícil descrever o que viu sem parecer completamente louca.

Um bando de guerreiros cavalgava até a casa. Eram musculosos, enormes e aterrorizantes, dos elmos reluzentes na cabeça às esporas afiadas que chacoalhavam nas botas de couro. Os guerreiros tinham barbas espessas

e ouriçadas e grandes armaduras de placas que faziam o peitoral de Cordelia parecer um brinquedo. Eles levavam espadas, machados e arcos. As botas estavam sujas com lama seca... ou era sangue?

— Quantos cavalos são? — perguntou Eleanor.

— Sete, acho eu, mas, Nell, isso não importa...

— Me deixa ver! — Eleanor empurrou a irmã para o lado. — Ah, meu Deus!

Brendan desalojou a caçula.

— O que é isso, *O Senhor dos Anéis*, o reality show?

Os irmãos brigaram por um espaço para que todos conseguissem espiar. Os guerreiros desmontaram e amarraram as montarias às árvores. Eles se aproximaram da casa com cautela. Aquele que obviamente era o líder tinha uma pena de tom castanho-avermelhado no elmo como uma pluma de sangue. Ele tirou o elmo e revelou um rosto esburacado e uma cicatriz que ia da orelha ao queixo. Quando o líder se virou para falar com os homens, os Walker viram o brilho dos olhos negros e desconfiados.

— O covil de uma bruxa. Isso não estava aqui ontem — afirmou ele.

Um dos companheiros, um homem de barba e cabelos ruivos, agarrou o braço do líder.

— Slayne, meu senhor, isso pode ser uma armadilha.

Slayne (*um bom nome*, pensou Brendan, *nome de personagem matador*) sorriu, a cicatriz se contorceu como um segundo sorriso, e mostrou tocos de dentes escurecidos.

— Se houver bruxas... temos que entrar. E matar todas rapidamente.

— Hã, posso sugerir que a gente vá para o sótão? — sussurrou Cordelia.

Os Walker se afastaram correndo da janela.

Na porta da frente, Slayne pegou a maçaneta, viu que estava trancada e se voltou para o ruivo, o segundo em comando.

— Krom?

Krom entregou um machado de combate ao líder. Slayne brandiu. O primeiro golpe deixou um buraco escancarado na porta. O segundo fez a porta sair voando das dobradiças.

Slayne e seus homens entraram, em guarda.

— Uma grande batalha foi travada aqui — disse Slayne. Ele sacou a espada, enfiou no que sobrou do iPad de Bellamy Walker e levantou o aparelho do chão. — E pelo menos um dos envolvidos *era* uma bruxa. Isso parece ser alguma espécie de brinquedo de ocultismo para crianças.

Slayne foi à frente dos guerreiros pela sala de estar e biblioteca enquanto os Walker se apertavam no sótão. Eles conseguiram ouvir as botas pesadas e as vozes rudes dos homens, mas não as palavras.

— Não podemos simplesmente ficar *sentados* aqui — falou Eleanor. — Temos que descobrir o que eles querem. Talvez saibam onde a mamãe e o papai estão!

— Como você sugere que a gente descubra? — perguntou Brendan.

— Observe. — Eleanor abriu a porta do sótão e começou a descer para o corredor do segundo andar.

— Não, Nell!

— Pare!

Mas era tarde demais. Eleanor já estava abrindo a porta do elevador de cozinha. Os guerreiros estavam na cozinha, embaixo dela, e o som subia diretamente pelo poço vazio. Era como se ela estivesse no meio deles enquanto eles investigavam o ambiente estranho.

— Isso parece ser a câmara de tortura da bruxa — comentou Slayne. Eleanor ouviu a porta do micro-ondas ser aberta. — Possivelmente uma caixa para vítimas encolhidas. — Ela reprimiu uma risada.

Na cozinha, Slayne abriu a geladeira e fez uma pausa. Ali estava uma surpresa agradável. Os homens estavam todos com fome, e a luz não tinha acabado há muito tempo. Slayne jogou uma maçã de lado e esticou a mão para um pote de maionese Hellmann's. Atrás dele, Krom abriu uma caixa de

Cap'n Crunch, cheirou, comeu um punhado de cereal e começou a derramar na boca.

— É *bom!*

Slayne desatarraxou a tampa da maionese e pegou um bocado.

Lá em cima, Brendan e Cordelia enfiaram a cabeça pela escada do sótão para ouvir um relatório de Eleanor.

— Eles estão comendo a nossa comida! — disse a menina. Aí ela ouviu a voz de Slayne pelo elevador de cozinha.

— Esse molho branco é meu, homens. Não toquem nele, sob pena de morte. É tão bom que acredito que quando retornarmos ao castelo Corroway, comerei meu cavalo com o molho. Ele está ficando velho; é hora de uma montaria mais nova...

Todos os homens riram. Aquilo provocou Eleanor.

— Você não pode matar um cavalo! — disse ela enquanto entrava no elevador de cozinha, de manoplas e brandindo o garfo de churrasco.

— Nell, pare! Você não pode... — berrou Brendan, mas ela já havia fechado a porta.



Estava um breu no elevador de cozinha. Eleanor mal podia se mexer. Se ela fosse mais 30 centímetros mais alta, jamais teria cabido ali dentro. A menina se contorceu para pegar um dos cabos, que parecia a corrente de uma bicicleta e fazia o elevador andar, e puxou em uma direção. O elevador subiu um pouco. Então ela puxou na outra e começou a descer em silêncio.

— Passe aquela comida doce, Krom!

— Pegue você!

— Nós podemos montar acampamento aqui e fazer ataques ao Leste!

— O local serviria com alguns escravos para arrumá-lo...

No meio do caminho, Eleanor começou a pensar que cometera um terrível engano. Escravos? Ataques? Isso não era um programa de TV qualquer; esses homens a fariam em pedaços. Mas ela não podia dar meia-volta e ser uma covarde. Não com Bren e Délia no andar de cima, dependendo dela.

O elevador de cozinha parou com um baque metálico.

— O que foi isso? — perguntou Slayne.

Eleanor ouviu o guerreiro se aproximar. Ele estava a uma curta distância apenas, no outro lado da parede — e aí Slayne abriu a porta do elevador.

Os olhos negros encontraram os de Eleanor. Ele tinha maionese na barba. O cheiro repugnante de suor acertou a menina como um soco.

— Ora, é uma bruxinha. — Slayne virou o rosto e gargalhou para os companheiros...

E Eleanor o acertou na bochecha com o garfo de churrasco.

— *Raagh!* — Slayne levou a mão ao rosto, chocado que a garota o tivesse cortado. Então enfiou a espada no elevador de cozinha. Eleanor se encolheu e ergueu o braço...

Clang! A lâmina desviou na manopla.

— *Socorro!*

Slayne recolheu o braço para dar outra estocada. Eleanor sentiu um tranco — e o elevador de cozinha começou a subir rapidamente. O próximo golpe de espada acertou a parede do poço embaixo de Eleanor e errou a menina por pouco. Ela ouviu o berro de frustração de Slayne enquanto subia aos trancos e barrancos até chegar ao segundo andar. A luz entrou no elevador... e com ela as sombras de Cordelia e Brendan.

— Saia! — Eles a puxaram para o corredor. — Eles estão vindo!

Um barulho trovejante de metal soou da escada em espiral.

— Matem-na! — rugiu Slayne.

Os Walker entraram correndo no sótão, fecharam e trancaram a porta.

— Nell! O que você estava *pensando?* — exigiu saber Cordelia.

Eleanor começou a explicar — aí as crianças ouviram o golpe fundo de um machado acertar a madeira atrás deles. Os Walker se viraram e viram a ponta do machado de Krom furar a porta do sótão. A arma desapareceu e acertou novamente. Lascas de madeira voaram e deixaram um buraco. Uma espada surgiu e golpeou de um lado para o outro.

— Desculpa! *Desculpa!* — choramingou Eleanor. — *Eu apenas tentei ser corajosa, e agora a gente vai morrer!*



Brendan correu até a cama dobrável. Não havia muito tempo. Krom continuava alargando o buraco — a qualquer momento, ele seria grande o suficiente para deixar que todos os guerreiros entrassem. Brendan jogou o colchão fora da cama e empurrou a armação de metal sobre rodízios até a janela.

— Estamos muito no alto para pular. Mas se a gente conseguir chegar àquela árvore...

Cordelia e Eleanor entenderam. Elas abriram a janela e ajudaram Brendan a levantar a frente da armação e enfiá-la na diagonal, para que coubesse; depois os Walker agarraram a parte detrás, ergueram e empurraram a cama para fazer uma ponte, na esperança de que ficasse firme contra a casca retorcida da árvore mais próxima.

— No três! — falou Brendan. — Um... dois...

Com toda a força, as crianças levantaram.

— Isso! — falou Cordelia. A ponta da cama ficou presa. A parte de trás ficou enganchada no peitoril da janela. — Conseguimos!

— Vocês duas vão na frente. — Brendan olhou para trás. Agora havia um enorme buraco onde ficava a porta do sótão. A escada, que se dobrava

quando a porta se fechava, também foi reduzida a lascas. A pluma vermelha de Slayne apareceu pelo buraco.

— Krom, fique de quatro! Eu preciso subir lá!

Cordelia foi à frente. Ela retirou o trambolho do peitoral e saiu pela cama, se balançando para a frente e para trás nas molas. Fez um esforço para não olhar para baixo. Andou Tateando, com os olhos fechados, confiando no equilíbrio. O ar úmido bateu em seu rosto quando chegou à árvore. Os veios grossos da casca serviram como perfeitos apoios para as mãos. Cordelia começou a descer.

— Nell! — gritou ela. — Você consegue! Só não olhe para baixo!

Mas Eleanor, agachada ao pé do estrado, já tinha olhado. A queda era grande o suficiente para aleijá-la, se não matá-la.

— Anda! — Brendan apressou a irmã.

— Não consigo, Bren!

— Você tem que conseguir!

— Não consigo. Eu olhei para baixo.

— Então olhe atrás de você!

Eleanor olhou para trás de relance e viu Slayne erguer o corpo para dentro do sótão. Ela não pensou duas vezes; arrancou as manoplas que deixavam os braços pesados e correu em disparada pela ponte. Eleanor quase colidiu na árvore na outra ponta e caiu enquanto Brendan cruzava por último.

Cordelia estava no chão e incentivou Eleanor a pular o resto do caminho. Brendan chegou à árvore e chutou o estrado para que ninguém os seguisse. Eleanor gritou quando o estrado caiu e pulou da árvore para não ser acertada. Cordelia correu e pegou a irmã. O estrado caiu no chão e esmagou samambaias e toras de madeira. Brendan chegou ao solo quando Slayne apareceu na janela e berrou.

— Fugam, filhotes de feiticeira! Vejam até onde chegam antes que eu arranque as tripas de vocês!

Outro guerreiro apareceu na janela com um arco e disparou.

A flecha com ponta de bronze passou zunindo pelo ouvido de Brendan e se cravou na terra. Brendan, Cordelia e Eleanor correram pela floresta, tropeçaram nas agulhas de pinheiro e nas pedras úmidas, sem ideia de onde estavam indo. A jornada pela ponte feita de cama e árvore abaixo deixou hematomas e arranhões que incomodavam muito. A armadura tinha sido perdida; nenhum deles tinha armas. Os irmãos Walker estavam assustados e não faziam ideia de como correr sem deixar rastro. Eles não falaram e apenas ouviram a própria respiração — e depois outro som. Cascos.

Os guerreiros estavam montados e se aproximavam. Cordelia tropeçou em uma raiz. Brendan pegou a irmã antes que ela caísse no chão. Uma flecha se cravou com um baque na árvore ao lado dele. Eleanor correu o máximo que as pernas curtas permitiam. Os pensamentos que passava pela cabeça dos Walker eram menos de seres humanos e mais de — *Não! Continuem! Eles estão aqui!* — animais caçados.

Slayne, na liderança com o cavalo possante, girou habilmente uma rede de cota de malha e jogou em cima de Cordelia, Brendan e Eleanor. A rede caiu sobre o trio como uma teia de aranha, só que um milhão de vezes mais pesada. Slayne deu um tranco para fechar as correntes, e as crianças bateram umas contra as outras, conforme foram puxadas sobre pedras afiadas e gravetos, até pararem, gritando de dor.

Slayne parou e desceu do cavalo com uma agilidade surpreendente para um homem que parecia um tanque do exército.

Ele andou calmamente em um círculo em volta dos prisioneiros. Os Walker ouviram as botas, os pássaros e insetos, e os próprios batimentos cardíacos. Os outros guerreiros permaneceram montados. De repente, Slayne meteu a mão pela rede, agarrou Brendan e levantou o menino pela gola da camiseta. Os elos da cota de malha cortaram o rosto dele.

— *Por que estão aqui?* — exigiu saber Slayne. E banhou Brendan com uma rajada do hálito repugnante.

— Eu não... eu não sei, honestamente. A Bruxa do Vento. . .

— Então você admite que são bruxos!

— Não, não! É claro que não...

— E a Bruxa do Vento é sua líder? — Ele acenou com a cabeça para Krom e outro homem, aquele que atirou com o arco. Ambos desmontaram e ficaram diante de Cordelia e Eleanor.

— Não, não, ela nos *mandou* para cá — explicou Brendan. — Nós não somos...

— Vocês invadiram a minha terra.

— Não tivemos controle sobre isso...

Krom e o outro homem meteram as botas no estômago de Cordelia e Eleanor. Cordelia sentiu um inseto rastejar perto do lóbulo da orelha e pensou que gritaria.

— Não... não machuque minhas irmãs. Por favor, deixe a gente ir, e prometemos que sairemos da sua terra.

— Você sabe o castigo por invasão?

— Não...

— Para um bruxo, morte. — Slayne apertou a garganta de Brendan de brincadeira. — Para uma bruxa... — Ele franziu os olhos. — Nós temos os próprios meios de matá-las.

Os guerreiros, montados e a pé, deram uma boa gargalhada com isso. Krom se ajoelhou para tocar no cabelo de Cordelia e sentiu o cheiro...

— *Tire as mãos dela!* — berrou Brendan chutando.

Slayne soltou o menino, mas deu-lhe um soco na boca do estômago enquanto ele caía.

Brendan ofegou no chão e se contorceu como um peixe fora d'água. Slayne foi até onde Eleanor estava presa.

— Quanto a *você* — disse ele ao se ajoelhar sobre a menina —, vamos olhar o seu serviço. — Slayne mostrou o lado esquerdo do rosto.

— Desculpe — falou Eleanor ao ver os dois buracos na bochecha —, mas você não devia falar em comer cavalos.

Cordelia e Brendan se entreolharam. Embora Brendan mal estivesse recuperando o fôlego, os dois conseguiram compartilhar um sorriso diante da bravura da irmã.

— Por me marcar — disse Slayne —, há um castigo especial para você. Virá conosco para lidar com alguém muito menos piedosa, muito menos compreensiva, do que eu e meus homens.

— Quem? — perguntou Eleanor.

— A rainha Daphne. — Slayne sorriu. — Ela adora criancinhas, até mesmo as bruxinhas. Adora comê-las enquanto estão com vida. E acordadas. Ela geralmente começa pelos dedos.

— Eu já vi a rainha começar pelas orelhas. Arranca direto da cabeça — acrescentou Krom com um aceno de cabeça, pensativo.

Eleanor estremeceu no chão e ficou muda de medo pela primeira vez na vida.

— Espere! — gritou Cordelia. — Rainha Daphne *de onde?* Onde nós *estamos?*

— Silêncio! — ordenou Slayne. Krom chutou Cordelia no estômago. — Não ouse se dirigir a mim.

Cordelia franziu os olhos e tentou bloquear a dor para compreender o que escutava. Estes guerreiros eram, de certa forma, familiares, mas ela não conseguia definir com precisão quem eram. A ideia martelava no cérebro, mas havia muito medo e dor ali dentro para que viesse à tona.

Slayne sacou a espada e voltou para Brendan, que tentava se sentar. O homem apontou a lâmina para a garganta dele.

— Eu...

— *Sbh* — murmurou Slayne ao apertar a ponta contra a pele do menino.

A pele não se rompeu, mas Brendan sabia que se romperia; foi capaz de *ver* a cena: a fina membrana que o separava do mundo se romperia, e ele morreria em um lugar onde ninguém sequer sabia que ele estava. O menino ficou surpreso ao achar os pensamentos bem simples. Ele não viu a vida passar diante dos olhos nem começou a pensar em todas as coisas que não faria porque morreria aos 12 anos de idade; Brendan apenas pensou: *não, não, faça com que isso pare, por favor, Deus, qualquer coisa!!* E aí...

RÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ-RÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ!

Brendan pensou que o som parecia com uma metralhadora. Slayne ergueu os olhos. Krom ergueu os olhos. Todo mundo ergueu os olhos.

— Um Sopwith Camel! — berrou Brendan.

Brendan tinha visto o Sopwith em livros de História sobre a Primeira Guerra Mundial. Era o antigo caça britânico, um modelo clássico com uma única hélice e dois pares de asas. E esse aí estava vindo bem na direção deles.

O caça irrompeu pela copa das árvores e fez chover galhos e folhas que só agora caíram no chão. Parecia que o avião ia se desfazer a qualquer momento. Fumaça negra saía da cabine do piloto. Atrás do Sopwith, através de um novo buraco na folhagem, vieram rajadas de fogo.

— Triplano alemão! — gritou Brendan.

Ele também já tinha visto aquele avião; era o caça que o Barão Vermelho pilotava em filmes antigos, com um conjunto de três asas muito vermelhas e com cruces negras, empilhadas verticalmente. O triplano estava em perseguição. Quando ficou óbvio que o Sopwith Camel cairia, o triplano alemão embicou para cima, fez uma curva fechada à direita e desapareceu dentro das nuvens.

O Sopwith Camel desceu em um arco. O motor estalava no ar denso. Os guerreiros olhavam fixamente, abismados; eles sentiram o cheiro de fumaça agora. Slayne tirou a espada do pescoço de Brendan e exigiu saber:

— Que criatura das trevas é *aquela*?



Os irmãos Walker não estavam dispostos a responder. Os guerreiros de Slayne *não podiam* responder, estupefatos que estavam pelo monstro fumegante e cheio de asas que descia em zigue-zague entre as árvores gigantes, soltando fogo pela boca, embicando para o alto como se tentasse planar, mas inevitavelmente adernando — na direção deles.

Os guerreiros mergulharam no chão. Os Walker se encolheram dentro da rede. A aeronave deu um rasante sobre eles, e a vibração da hélice que estalava passou a meros centímetros da cabeça...

E aí o Sopwith Camel caiu.

Primeiro, as duas rodas enormes da frente se soltaram. Depois a fuselagem quicou como uma pedrinha e se esmigalhou. Então o avião deslizou sobre pedras, gravetos e raízes e abriu uma vala antes de parar em uma árvore a 15 metros de distância. O motor continuava funcionando. A hélice girava de modo intermitente.

O piloto saiu e desmoronou. Estava coberto por fuligem escura, usava óculos de proteção, um capacete de couro que tapava o rosto e uma jaqueta de bombardeiro fechada sobre um uniforme militar. Ele se levantou cambaleando, fraco e miraculosamente ileso, e se afastou do avião.

— Quem é ele? — perguntou Eleanor, ofegante.

— Ele parece com... um piloto — respondeu Cordelia com a voz grave de espanto.

— Um piloto de caça da Primeira Guerra Mundial — falou Brendan.

— Cuidado! — berrou o piloto às crianças e aos guerreiros. E se atirou no chão.

O Sopwith Camel explodiu atrás do homem.

Todo mundo se abaixou quando pedaços do avião voaram pela floresta. Choveram tiras de pano, juntamente com uma cascata de galhos frondosos e quebrados. O avião agora era um buraco fumegante onde ficavam a cabine, o motor e a hélice.

— Eu sempre disse que muita coisa naquele avião ficava na frente — comentou o piloto com um sotaque britânico. Ele se virou para os homens de Slayne e inclinou o rosto. — O que é isso? Vocês são de um grupo de teatro?

Os guerreiros sacaram as armas. Krom falou para Slayne.

— Eu pensei que apenas deuses caíssem do céu.

— Ele não é um deus. — Slayne deu um muxoxo de desdém.

— Como pode ter certeza?

Slayne pegou o arco do guerreiro e armou uma flecha.

— Deuses não sangram.

— Ei, espere aí! — protestou o piloto erguendo as mãos...

Mas Slayne disparou uma flecha no ombro direito.

— *Aaagh!* — O piloto caiu no chão e olhou vesgo para a flecha, que se projetava do corpo como o palito de um sanduíche. Ele a agarrou, quebrou a haste e jogou de lado. Fez uma careta quando esbarrou em um nervo.

— Selvagens — disparou o piloto ao se levantar e olhar com cara feia para Slayne.

— Um mortal — desdenhou Slayne. — Vocês sabem o que fazer.

Os guerreiros avançaram com espadas e machados, mas, rápido como um raio, o piloto sacou um revólver com a mão esquerda e disparou seis

projéteis trovejantes...

BLAM! BLAM! BLAM! BLAM! BLAM! BLAM!

Os Walker soltaram um gritinho: não apenas o piloto sacava rápido, como *cada um dos tiros acertou a mão de um homem*. Os guerreiros berraram e largaram as armas para apertar os dedos, que escorriam sangue. O sorriso de Slayne virou uma expressão que os Walker ainda não tinham visto nele: medo.

— *Recuem!* Magia negra! Para o castelo Corroway!

Os homens correram para os cavalos, montaram de maneira desajeitada e cavalgaram para as profundezas da floresta. Cada um guiou a montaria com a única mão ilesa — a não ser Slayne, que teve que evitar que as duas mãos tremessem.

O piloto recarregou enquanto eles recuavam. Ele se movia devagar, com os dentes trincados pela dor no ombro. Nenhum dos Walker sabia o que dizer até o homem terminar e mirar a arma na direção deles.

— *Sprechen Sie Deutsch?*



— Ajude a gente! — berrou Eleanor.

— Cara, você ia detonar no *Call of Duty* — falou Brendan, ofegante.
Mas Cordelia calou os irmãos.

— Não, nós não falamos alemão.

O piloto retirou o capacete e deixou os óculos de proteção ficarem pendurados no pescoço. Ele era apenas alguns anos mais velho do que Cordelia, ela percebeu agora, com cabelo castanho desgrenhado e olhos de um azul intenso. O piloto a lembrava um jovem F. Scott Fitzgerald.

— Você certamente parece *entender* alemão — disse ele.

— Claro que entendo “*Sprechen Sie Deutsch*”. Sou uma pessoa letrada. Todo mundo entende isso.

— Eu não — comentou Brendan.

— Silêncio! — ordenou o piloto. — Você fala alemão porque *é* alemã. Agora, quem eram aqueles homens?

— Não sabemos — respondeu Cordelia.

— E eu não acredito em você. Acho que são espões chucrutes.

— Ei! — falou Brendan. — David Beckham! Nós somos americanos, entendeu? De São Francisco.

— É mesmo? Porque eu fui derrubado sobre Amiens, não em São Francisco, diabos. Talvez você tenha visto o avião? — O piloto apontou com a cabeça para os destroços fumegantes do Sopwith Camel. As chamas ainda não tinham queimado a casca grossa da árvore... mas consumiram rapidamente as asas e a cauda.

— Qualquer débil mental pode notar que você não está na Alemanha — disse Brendan.

— Claro que não. Amiens fica na França.

— Você também não está na França! Oi? Por acaso a França tem árvores como estas?

— Talvez eu esteja em uma reserva de caça gaulesa.

— Talvez você esteja passando por uma fase especial da qual ouvi falar, chamada de *negação*.

— Bren! Pare!

— Realmente você parece um americano falando — comentou o piloto. — Apenas um ianque tentaria fazer uma piada tão ridícula.

Ele colocou o revólver no coldre e começou a se afastar. O piloto não foi longe antes de cambalear e agarrar o ombro. O sangue ainda vertia livremente e grudava o uniforme na pele. Ele tentou arrancar a flecha quebrada, mas a dor era intensa demais.

— Vamos! — disse Cordelia. — Temos que ajudá-lo.

— Não temos, não...

— Bren, ele está ferido. E salvou nossas vidas.

Cordelia puxou a rede até encontrar uma abertura. Ela saiu e segurou a passagem bem aberta para os irmãos. Eles foram (Brendan com muita relutância) até o piloto, que estava ajoelhado no chão. O homem tinha rasgado um pedaço da calça e amarrado em volta do ombro.

— Qual é o seu nome? — perguntou Cordelia.

— Draper, senhorita. Tenente-coronel Will Draper. *Royal Flying Corps*, esquadrão setenta.

— Sou Cordelia Walker. — Ela esticou a mão e falou rapidamente. — Estes são meu irmão, Brendan, e minha irmã, Eleanor. Nós podemos ajudá-lo, Sr. D...

— Me chame de Will. — Will pegou a mão dela e beijou de leve. Conseguiu dar um sorriso radiante apesar da dor.

— Ah — exclamou Cordelia. — Ah, ok. Ah. — Ela puxou a mão e a fitou brevemente. — Nós temos uma casa aqui perto. Pode andar?

Will ficou de pé, inclinou o corpo por causa da dor e cambaleou quando os joelhos cederam. Cordelia segurou o piloto e apoiou o lado que não estava ferido.

— Obrigado — murmurou o homem.

O grupo voltou para a Mansão Kristoff. Era fácil ver de que direção vieram — os cavalos pisotearam um rastro na vegetação rasteira. Brendan andou cabisbaixo à frente, arrancando as pontas das samambaias para desmanchá-las pedaço por pedaço. Cordelia ficou ao lado de Will, apoiando o lado esquerdo do piloto enquanto sentia o cheiro de fumaça, suor e sangue que saía do homem e tentava explicar exatamente quem eles eram, de que década e o que faziam aqui. (Will não acreditou em uma palavra sequer.) Eleanor andou atrás dos dois e em um momento cutucou o joelho da irmã com um graveto para falar sem emitir som: *você gosta dele!*

Em poucos minutos, a Mansão Kristoff apareceu. Will pestanejou e esfregou os olhos.

— Será possível que a ponta da flecha tivesse uma droga alucinógena? Estou tendo visões.

— Nós dissemos que tínhamos uma casa — falou Eleanor.

— Mas como chegaram aqui? Foram trazidos por criaturas da floresta?

Cordelia suspirou.

— Eu *disse* para você...

— A casa voou de São Francisco — falou Brendan.

— Parem com isso, não serei feito de bobo...

— Não estamos debochando de você — disse Cordelia. — Nós não sabemos como a casa chegou aqui, mas ela é nossa, e dentro temos coisas que podem ajudar com seu ombro.

Will franziu a testa.

— É bem mais bonita que a minha casa — admitiu o piloto finalmente, antes de deixar que os Walker o levassem para dentro.



Pouco tempo depois eles levaram Will à cozinha. O sol estava baixo agora; a luz que vinha pelas janelas era âmbar em vez de amarela. Eleanor achou o garfo de churrasco no elevador de cozinha e anunciou que vasculharia a casa para garantir que estavam seguros. Cordelia disse que não havia problema, desde que ela gritasse se visse algo estranho. Eleanor saiu quando Cordelia e Brendan ajudaram Will a se sentar na mesa da cozinha.

— Vou pegar gelo para aliviar a dor — disse Cordelia para Will.

Brendan seguiu a irmã até a geladeira e sussurrou:

— O que você pensa que está fazendo?

— O quê?

— Recebendo estranhos? Estamos prestes a passar uma noite aqui sem eletricidade. Temos comida limitada. Não sabemos quem é esse cara ou...

— Bren — falou Cordelia com um sorriso —, você não precisa ficar com ciúmes só porque ele é mais bonito do que você.

— Isso não é verdade! Ele não é...

Cordelia ergueu as sobrancelhas com uma expressão do tipo “*é sério?*”. Atrás dela, Will tirou a camiseta — com muita delicadeza para não mexer na flecha.

— E daí? — sussurrou Brendan. — Eu também terei um tanquinho quando for *velho*.

— Vai *sonhando*. — Cordelia abriu o congelador e puxou uma forma de gelo, mas só estava cheia de água. As prateleiras do interior pingavam Häagen-Dazs derretido. — Sinto muito, Will. Não há gelo.

— Sem problema — falou o piloto, sem camisa. — Você pode me ajudar a pegar uma coisa?

Brendan revirou os olhos. Cordelia foi até o piloto.

— É para o ombro, está no bolso direito da calça. Você pode...

— Claro. — Cordelia tentou passar um ar de confiança, como se estivesse acostumada a lidar com jovens e belos soldados britânicos. Ela enfiou os dedos no bolso de Will, ficou corada ao afastar o olhar, e sentiu algo de metal aquecido pelo calor do corpo.

— Sua arma? — falou Cordelia com ansiedade.

— Não, não, a arma está no outro lado. Ande, você quase pegou.

Cordelia retirou uma garrafa de bolso, feita de prata legítima.

— Aqui está ela!

Era fina e curva, com uma frase em latim gravada na frente. Cordelia franziu os olhos para o cantil. Mesmo que conhecesse Will há apenas cerca de meia hora, ela gostava de imaginá-lo pilotando caças, não bebendo. Entregou a garrafa de bolso com ar de reprovação.

Will tomou um longo gole. Enquanto ele bebia, Eleanor voltou à cozinha após a missão de proteger a casa. A menina arregalou os olhos. Quando Will pousou a garrafa de bolso no colo, ela correu e pegou.

— Ei! — exclamou Will.

Eleanor virou o cantil de cabeça para baixo e deixou todo o álcool cair no chão.

— O que você pensa que está fazendo? — berrou Will. Ele avançou contra a menina, mas voltou a se sentar, pois o ombro doía muito.

Eleanor devolveu a garrafa de bolso agora vazia para o piloto.

— A gente tinha um tal de tio Pete — explicou ela. — Quero dizer, ainda temos, mas ele não é a mesma pessoa. Começou a beber demais. Uma vez, ficou maluco e atirou um bife cru na nossa tia. Então, não aceito que bebam, e você não tem permissão para beber se estiver aqui dentro.

— Mas a bebida é *minha*! — reclamou Will.

— Mas a casa é *nossa* — falou Eleanor com firmeza.

Will suspirou e olhou para o ombro.

— Pois então, como exatamente você espera que eu aguento a dor? Se não notou, eu tenho uma flecha saindo de mim!

— Certo — disse Cordelia. — A gente tem que tirá-la. Tem alguma ideia de como?

— Não! Eu treinei para guerrear com os hunos, não com bárbaros.

Quando Will se levantou, o rosto ficou pálido. Havia gotas de suor em seu rosto. Cordelia colocou as costas da mão na testa dele. Estava quente. Ela ficou muito séria.

— O ferimento está infeccionando. Nell, venha comigo. Brendan, fique com Will.

— O quê? O que você quer que eu...

— Mantenha Will calmo, relaxado. Vamos descobrir como tratá-lo direito.

Ela pegou Eleanor e saiu da cozinha.

— Então você gosta *mesmo* dele, não é? — perguntou Eleanor no corredor.

— Não.

— Sim. Você está fazendo aquela coisa de virar o rosto quando responde às perguntas. É assim que eu sei que você não está dizendo a verdade.

— Eu só quero mantê-lo vivo. Ele atira bem e...

— Você virou o rosto de novo. — Eleanor deu um sorrisinho.

Elas entraram na sala de estar e pegaram todos os livros que foram trazidos pelo vento durante o ataque da bruxa. Cordelia e Eleanor os levaram para a biblioteca (foram necessárias algumas viagens) e jogaram no chão, de maneira que todos os livros da casa estivessem em uma localização central. Ficou uma bagunça. Os livros no chão formavam dunas literárias. Alguns estavam abertos; outros tiveram as capas arrancadas. Misturados com eles, havia escadas estilhaçadas e a mesa quebrada da biblioteca.

— Agora temos que separá-los — falou Cordelia. — Coloque os livros do Denver Kristoff perto da porta; me dê os outros.

— Por que exatamente estamos fazendo isso, Délia?

— Porque talvez um desses livros seja um manual de medicina! Você pode ajudar? Apenas procure por um *K...*

— Eu sei ler “Denver Kristoff”!

— Não fique irritada, Nell...

— Acabei de vasculhar a casa inteira sozinha para garantir que estava segura, e você me trata como criança!

Cordelia sorriu por dentro. Ela e Brendan sabiam que a casa estava segura quando deixaram Eleanor sair para explorá-la; cada um deles verificou um andar quando foram ao banheiro, assim que chegaram. (Infelizmente, após testar as pias e concluir que o encanamento estava tão detonado quanto a eletricidade, foram forçados a ir lá fora.)

— Desculpe, Nell. Me diga se você encontrar alguma coisa interessante, e eu aviso se precisar de ajuda.

As irmãs foram para cantos diferentes da biblioteca. Cada vez que Eleanor esbarrava com um livro que não era de Kristoff, entregava para Cordelia. Cordelia procurava por alguma coisa tipo *A anatomia de Gray*, mas estava sem sorte. Ela imaginou como abriria o ombro de Will, arrancaria a ponta da flecha, e o costuraria de volta sem um livro como guia. Finalmente, Cordelia se lembrou do pai. Lembrou que ele a colocava sentada à mesa da cozinha para mostrar como fazia cirurgias, com uma

travessa de lasanha como paciente e uma espátula de manteiga como bisturi.

— A coisa mais importante — disse o pai — é pensar nas mãos como ferramentas. Elas são as maiores e mais precisas ferramentas no mundo, mas são tão burras quanto um martelo. As mãos trabalharão tão bem quanto você mandar.

As irmãs procuraram por vinte minutos. Cordelia achou livros sobre armaduras escocesas, ocultismo na Polinésia e criação de cogumelos, mas nada que ajudasse Will. Eleanor, enquanto isso, fingiu que Kristoff era um bairro de Denver, no Colorado, e que procurava livros sobre restaurantes e lojas em Kristoff; isso a ajudou a ler direito as capas. De brincadeira, ela tentou ler todas as capas, e em pouco tempo encontrou alguma coisa que despertou a memória.

— Ei, Délia! Não foi este livro que você roubou da biblioteca?

Cordelia imediatamente reconheceu o exemplar da primeira edição de *Guerreiros selvagens...* e então a mente deu um estalo. A memória que fugiu quando foi capturada por Slayne.

Cordelia pegou *Guerreiros selvagens* e começou a folhear.

— O quê? O que você está fazendo?

Quando chegou à página 17, ela gritou.



— Brendan! Brendan! — Cordelia correu para a cozinha, sacudindo o exemplar de *Guerreiros selvagens*. Eleanor estava logo atrás. Cordelia ficou momentaneamente calada diante da visão de Will, sentado na mesa da cozinha com alguns travesseiros enquanto jogava no PSP de Brendan.

— O quê? — perguntou o irmão.

Brendan estava sentado ao lado de Will. A pele do piloto estava pálida e com uma aparência debilitada, mas ele parecia feliz.

— Estamos relaxando — falou Brendan, que se voltou para Will. — Pega ele!

— Ah! — gritou Will. — Como eu faço?

— Você realmente acha que é uma boa ideia que ele jogue... *Red Dead Redemption*? — perguntou Cordelia.

— Ele gosta! Jogar faz bem para pessoas com dor. Como se diz? Terapédico?

— Terapêutico.

— Dá no mesmo.

— Me dê isso. — Cordelia arrancou o PSP de Will e desligou o aparelho.

— Perdão!

— Bren, você precisa poupar as pilhas deste troço.

— Por quê?

— Porque podemos precisar delas. E você, Will? Como se sente? Ainda acha que está na França?

— Eu não tenho certeza de onde estou, Srta. Walker.

— Imagino.

Cordelia abriu *Guerreiros selvagens* na página 17.

— Escutem: “Então eles surgiram da floresta, sete homens. Nasceram majestosos, mas foram transformados pelo tempo e pelo sangue em assassinos sem pátria. Cavalgavam em grandes montarias, com armaduras que os cobriam como moldes de aço. Eram os Guerreiros Selvagens, que viviam para semear o caos e saquear. Eles matavam homens rapidamente... e especialmente mulheres.” Isso lembra alguém para vocês?

— Sim, os caras que quase assassinaram a gente agora há pouco! — respondeu Brendan.

— Não é só isso. Eu *sabia* que aqueles guerreiros pareciam familiares. O líder no livro... o nome dele é Slayne.

— Como o cara que eu machuquei no rosto! — exclamou Eleanor.

— Pessoal, *estamos presos em um livro do Denver Kristoff*.

— O escritor que construiu este lugar — explicou Brendan para Will.
— Espera... Délia, você não devia ter percebido isso antes? Você não *leu* o livro?

— Passei os olhos por ele, Bren, ok? Tenho um monte de livros para ler.

— Isso é um absurdo — disse Will. — Quem já ouviu falar de ser preso em um livro?

Em vez de responder, Cordelia entregou outro livro para Will.

— *O ás do combate* — falou o piloto. — O que você quer provar?

— Abra e leia. Em voz alta.

Will começou pela página um.

— “Ele estava destinado a se tornar um sujeito durão como qualquer outro, mas quando cruzou o aeródromo Farnborough no dia 22 de abril de 1916, o cadete Will Draper não era mais do que um menino que queria voar.” Ei, espere aí! O que significa isso?

— Hã, *você?* — respondeu Cordelia.

Will continuou a ler.

— “Antes de entrar no avião, o cadete Draper retirou um cantil de prata do bolso. Tomou um bom gole, depois olhou de relance para a inscrição gravada, *Per Ardua ad Astra*, e pensou no dia em que o irmão Edgar lhe deu a garrafinha...”

Enquanto Will lia, a voz ficou mais baixa, e de repente ele deixou o livro cair como se tivesse sido queimado. Brendan olhou para a garrafa de bolso vazia ao lado do piloto. *Per Ardua ad Astra*.

— O que significa?

— É o lema do *Royal Flying Corps* — respondeu Will, trêmulo. — “Através dos esforços às estrelas.”

— Grande coisa. Aposto que todo mundo na corporação tem um igual.

— Mas todo mundo na corporação tem um irmão chamado Edgar? — perguntou Cordelia com delicadeza.

Will fez que não com a cabeça, estupefato — e depois ficou agitado e irritado, como se percebesse que fizeram uma grande injustiça com ele.

— Srta. Walker, no que vocês me envolveram?

— Não fomos nós, a gente estava cuidando da nossa vida, mas a Bruxa do Vento...

— Vocês me arrastaram para esta confusão! Eu estava em uma missão, tentando reverter a situação em Picardy, e, de repente, abandono meus superiores e acabo lendo sobre mim mesmo em algum jogo complexo jogado por crianças americanas? *Isso não está certo!*

Crianças?, pensou Cordelia. *Eu tenho quase a idade dele! E provavelmente sou bem mais inteligente.* Brendan colocou a mão nas costas do piloto para

acalmá-lo. Will respirou fundo para continuar a gritar — e tossiu. Saiu um jato de sangue sobre a mesa da cozinha.

— Ai, meu Deus! — exclamou Eleanor.

Will revirou os olhos e desmoronou sobre os travesseiros atrás dele. Cordelia engoliu em seco e olhou para o ombro.

— Nell, tire esses travesseiros. Bren, traga a tesoura da cozinha, uma vela e alguns fósforos. Vamos operá-lo. *Agora.*



As únicas velas que Brendan conseguiu achar foram um bando de velas aromáticas, portanto a cozinha ficou com cheiro de trufa de chocolate branco enquanto os Walker se preparavam para fazer uma cirurgia caseira em Will. O aroma provocou coceira no nariz de Brendan quando ele mergulhou a tesoura de cozinha no uísque derramado do cantil de Will. Eles precisavam esterilizar as lâminas.

Cordelia sabia que tinha uma chance de retirar a flecha do ombro do piloto. Era estranho; antes de ele desmoronar, ela tinha um milhão de pensamentos diferentes em sua cabeça: *de onde ele veio? Será que pode nos ajudar a encontrar nossos pais? Agora Cordelia só tinha um: qual é a maneira mais rápida de retirar aquela flecha?*

Ou, ela se corrigiu, qual é a maneira mais segura? Porque a primeira regra de um médico era “nunca causar dano”, e havia muitas maneiras de causar dano a uma pessoa quando se começava a meter uma tesoura de cozinha dentro dela. Tipo germes. Cordelia aqueceu as lâminas na chama da vela. Ela se perguntou se o “nunca causar dano” fora inventado para evitar que os médicos se sentissem culpados.

— Como eu posso ajudar? — perguntou Eleanor.

— Vá lá em cima e pegue o kit de costura da mamãe — respondeu Cordelia.

— Sério? — disse Brendan.

— E um pouco de Tylenol. Ou ibuprofeno. Qualquer coisa para dor de cabeça que você encontre no armário de remédios. Ele vai precisar.

— Eu não tenho permissão para mexer no armário de remédios.

— Agora tem.

— Mas não quero perder o que você está fazendo!

— Sim, quer sim. Vai por mim.

Eleanor subiu a escada em espiral com o tom sério da irmã ecoando na cabeça. Talvez *fosse* melhor ser a filha mais nova.

Brendan entregou a tesoura para Cordelia. Bem devagar, ela aproximou as lâminas ligeiramente abertas na direção do ferimento de Will, depois hesitou.

— O que você está esperando? — perguntou Brendan.

— *Shh!* Estou tentando fingir que o papai está aqui me guiando!

— Isso só vai fazer você sentir a pressão...

Mas Cordelia já tinha bloqueado o irmão e se lembrou do que o pai lhe dissera: as mãos eram ferramentas. O corpo era uma máquina. Às vezes, a pessoa tinha que abri-lo e consertar da mesma maneira que se conserta uma lava-louça. *Apenas meta a tesoura. Um rápido puxão, como um band-aid, e acabou.*

Na televisão, Cordelia sabia que tocava uma música dramática enquanto ela fazia aquilo. Na vida real, a casa permanecia em um silêncio horrível. Ela ouviu o estalo do pavio da vela queimando. Ouviu a própria respiração. Assim que as lâminas quentes da tesoura se aproximaram da pele de Will, Cordelia ouviu o chiado baixinho dos pelos que se enroscaram em si mesmos... e sentiu o cheiro. Trufa de chocolate branco não era páreo para Água de Cheiro de Pelo Queimado. Cordelia perdeu a coragem e recuou.

— Talvez você deva pensar na situação como um videogame — sugeriu Brendan.

— Como um jogo em que se *opera* uma pessoa?

— É, finja que eles acabaram de lançar uma versão high-tech do Jogo da Operação. Apenas se imagine ganhando pontos se arrancar a flecha direito.

— E se eu não arrancar?

— Dã. Fim de jogo.

Cordelia esvaziou a mente e decidiu tentar. Ela avançou na direção de Will uma segunda vez e imaginou um contador acima do ombro que começava com zero. A cada centímetro que a mão se aproximava, o contador aumentava: dez pontos, vinte, trinta... Ela pressionou as pontas da tesoura na carne de Will: quarenta, cinquenta... O pelo queimado não a incomodou, nem o chiado da pele, porque — sessenta, setenta — *ela estava conseguindo*. Com os dentes trincados, Cordelia meteu a tesoura e foi para a ponta da flecha. O corpo de Will estremeceu, mas ele permaneceu inconsciente.

— Sensacional, você quase conseguiu!

No andar de cima, Eleanor pulou da pia do banheiro com uma garrafa de Aleve e entrou na suíte para pegar o kit de costura da mãe. Ela se perguntou com que cor Cordelia gostaria de costurar o piloto. *Preto o deixará parecido com um espantalho. Talvez rosa*. A menina pegou o kit, que estava em uma cesta de vime e saiu depressa demais para ter notado o baú *RW* no meio do quarto.

Lá embaixo, Cordelia sentiu as pontas da tesoura baterem na flecha: oitenta pontos... Ela agarrou e puxou: noventa... A haste ensanguentada começou a sair devagar do corpo de Will...

— Quase! — falou Brendan, e aí Eleanor soltou um grito estridente no andar de cima.

— Nell? — Cordelia se encolheu e puxou a flecha rápido demais.

Ela saiu, mas o sangue também, como um chafariz.

Brendan disparou para a escada em espiral — ele não sabia o que aconteceu com Eleanor, mas a Mansão Kristoff já dera muitos motivos para os Walker terem medo. Cordelia largou a tesoura e correu atrás de um pano de prato. Imaginou que devia ter acertado uma artéria porque o sangue pulsava ao sair de Will no ritmo dos batimentos cardíacos. O sangue escorria para a axila e descia pela lateral do corpo... Ela foi repentinamente tomada pela culpa e pelo arrependimento. Como pôde ter sido tão estúpida? Como foi capaz de achar que era inteligente o suficiente para conseguir fazer isso? Agora teria um morto nas mãos, e um morto gatinho ainda por cima. Talvez a primeira regra para ser médico devesse ser “não tente”.

— *Bren! Volte aqui!* — gritou Cordelia.

O sangue se espalhou no chão debaixo da flecha arrancada. Ela segurou o pano de prato contra o ombro de Will. Brendan e Eleanor entraram correndo.

— Foi mal, eu dei uma topada naquele baú idiota lá em cima! — explicou Eleanor, antes de virar o rosto, horrorizada. — Ai, não! O que aconteceu?

— Ele está morrendo! — falou Cordelia enquanto pressionava o pano, que ficava vermelho. Will estremeceu. — E acordando!

— Ele não pode fazer as duas coisas. — Brendan jogou o kit de costura na mesa ao lado de Will. Passou o pano de prato sobre a ferida e o jogou no chão. — A gente tem que parar o sangramento.

Will gemeu quando Brendan mostrou o ferimento para Cordelia.

— Veja como é pequeno, na verdade.

Com o sangue limpo, o corte era menor do que uma moeda de 25 centavos, mas o problema é que o sangue continuava voltando.

— Amarre a ferida! — Cordelia abriu o kit de costura e começou a colocar uma linha na agulha, mas as mãos tremiam demais. Tudo que ela tinha que fazer era passar a pontinha pelo buraco, mas não conseguia parar

de tremer. Cordelia se obrigou a parar. Ela já tinha feito isso antes. Era capaz de fazer agora.

Brendan revirou o kit de costura à procura de algo para atar a ferida. Encontrou um rolo de barbante e cortou um pedaço com os dentes, depois amarrou em volta do ombro de Will. Ao fazer isso, teve uma rápida lembrança das veias e artérias no rosto da Bruxa do Vento durante o ataque. *Ela está por trás disso*, pensou o menino, *e não fazemos ideia do motivo*. Era mais fácil, de uma maneira distorcida, se concentrar no grande mal que pairava sobre eles do que na situação imediata.

Brendan puxou o barbante com tanta força que pensou que se romperia. Imediatamente o fluxo de sangue diminuiu.

Cordelia finalmente enfiou a linha na agulha, deu um nó e foi em direção ao ombro de Will.

— Aqui! — gritou Eleanor ao jogar uma forma de cubos de gelo derretido sobre a ferida para limpá-la.

Cordelia enfiou a agulha. Não havia como voltar atrás agora. Ela juntou a pele de Will — *um ponto, dois, três, quatro* — e depois deu um nó no fim da linha (era rosa, a cor que Eleanor tinha esperado que fosse) e deu um passo para trás.

Estava feito. Os pontos aguentaram. A ferida estava fechada. Mas Eleanor teve a ideia de mais uma coisa que poderia ser útil.

Ela pingou cera de vela sobre a ferida.

— Nell! — exclamou Cordelia. A cera atingiu a pele de Will e rapidamente se resfriou e virou uma carapaça dura e branca.

— Isso não faz bem? — Eleanor bateu com os nós dos dedos na carapaça. — É como uma grande casquinha.

— Acho que mal não faz — comentou Brendan.

— E tem um cheiro bom — disse Eleanor. Will gemeu embaixo deles.

— Ele morreu?

— É, talvez a vela tenha acabado com ele — disse Brendan.

— Cale a boca, ele está respirando — falou Cordelia.

— Bem, ele *deveria* estar morto. — Brendan pegou um rolo de papel-toalha. — Eu nem sei como fizemos isso. Bom trabalho, pessoal. — Ele começou a limpar o sangue. Não parecia vermelho no chão; parecia negro. Com toda a agitação, o sol tinha se posto, e os Walker se viram encarando uns aos outros em uma cozinha repleta de luar.

— Aqui está o remédio, Délia. — Eleanor entregou o Aleve para a irmã.

— Espero que seja forte — disse Brendan, rindo.

Cordelia colocou a garrafa ao lado da cabeça de Will.

— Nós daremos o remédio quando ele acordar. Temos que ficar de olho no Will hoje à noite. Se o movermos, corremos o risco de reabrir a ferida.

— Eu não vou ficar aqui embaixo — falou Brendan. — Se alguém ou alguma coisa vier pela porta da frente, quero estar no andar de cima.

— É, a gente não pode simplesmente subir e ir dormir? Eu estou tão *cansada* — anunciou Eleanor, e foi como lançar um feitiço; subitamente, todos perceberam como estavam cansados. — Vamos acordá-lo e carregá-lo. Aí a gente pode dormir na cama grande da mamãe e do papai.

— Eu não vou dormir na mesma cama que vocês duas — disse Brendan —, mas a gente deve movê-lo. Will! Acorda!

— Isso não vai dar certo! Que pena que não temos sais — comentou Cordelia.

— Espere, ele não tem uma arma? — perguntou Brendan.

— Ele guarda no lado direito — respondeu Cordelia. Brendan esticou a mão para pegá-la...

— *Bren!* Ficou maluco? O que está fazendo?

— Eu ia dar alguns tiros para acordá-lo.

— Você não pode simplesmente usar uma arma!

— Por que não?

— Ouça. — Ela encarou o irmão intensamente. — Só porque fomos enviados magicamente para dentro de um livro não significava que você pode ignorar o bom senso. Você não faz ideia de como se usa uma arma. Se tentar, provavelmente vai matar todos nós.

— Ei, sabe do que mais? Se eu tivesse uma arma, nada disso teria acontecido, para começar. Talvez eu tivesse conseguido dar um tiro na Bruxa do Vento antes de ela nos mandar para cá! Já pensou nisso?

— Não seja ridículo. Eu sou a mais velha. Estou no comando. Sem armas.

Brendan fez uma pausa e deixou a raiva aumentar.

— Quem precisa de você, afinal de contas? De *qualquer uma* de vocês! Eu estava indo bem sozinho! Eu podia ter ficado na casa do meu amigo Drew e ter perdido a coisa toda! E vocês nem iam sentir minha falta! Vocês nunca ligaram para mim, e eu não ligo para *vocês*!

Antes que Cordelia e Eleanor pudessem responder, Will gemeu na mesa e abriu os olhos.

— O que está acontecendo? Por que essa mulher está gritando?



— Não foi uma mulher — explicou Cordelia. — Foi meu irmão tendo um chilique.

— Ele pensou que você fosse uma menina! — falou Eleanor rindo histericamente. — Pelo menos, você o acordou.

— Não foi um chilique — argumentou Brendan, envergonhado, tentando baixar algumas oitavas na voz.

Will sacudiu a cabeça para pensar direito e olhou para o ombro.

— O que vocês fizeram comigo?

Mesmo sob a luz azul-escura, Will pôde ver que não recebeu um cuidado médico dos mais profissionais. Ele fungou o ombro.

— E que cheiro é esse?

— De trufa — respondeu Eleanor. — Você pode arrancar a cera.

Will começou, mas parou.

— Na verdade, ela é uma boa atadura. Mas, *uau*, como dói. Vocês têm algo para a dor?

Cordelia entregou dois comprimidos de Aleve.

— O que é isto, morfina ingerível?

— Isso mesmo.

Will tomou os comprimidos e verificou se ainda estava com a arma na cintura. Brendan olhou para ela com inveja.

— Você pode subir para o segundo andar? — perguntou Cordelia. — Nós realmente precisamos dormir um pouco.

— Creio que sim, com um pouco de ajuda.

Cordelia enfiou *O ás do combate* debaixo do braço para que tivesse algo para ler. Depois, ela e Brendan pegaram Will pelas axilas (Cordelia pegou o ombro ferido) e o desceram devagar da mesa da cozinha. Will gemeu e reclamou, mas conseguiu andar. Eleanor correu à frente para garantir que não havia nada no chão em que ele tropeçasse. Quando todos subiram a escada em espiral, os tênis de Brendan grudaram em cada degrau por causa das solas molhadas de sangue do chão da cozinha.

— Obrigado — falou Will baixinho. Foi tudo que ele disse antes de entrar na suíte e declarar: — Isto é o que eu chamo de cama!

O colchão king size com lençóis elegantes e muitos travesseiros realmente parecia bem convidativo, embora estivesse no chão e a armação da cama estivesse quebrada em volta.

— Como estou ferido, eu fico com ela — disse Will.

— Ei, espera aí, todos nós cabemos naquela cama — falou Cordelia.

— Inadmissível. Indecente.

— Onde você espera que a gente durma, no chão?

— Eu tenho uma ideia! — Eleanor saiu correndo e voltou com o colchão do quarto dela e um saco de dormir macio da Hello Kitty. — Will pode ficar com o colchão e Brendan, com o saco de dormir.

Eles estavam cansados demais para discutir. Will se deitou no colchão de Eleanor ao pé da cama. Brendan entrou no saco de dormir, que era pequeno demais. Eleanor e Cordelia usaram as últimas forças para passar por todos os cômodos do segundo andar e abrir as persianas, só para o caso de a casa viajar para algum outro lugar à noite e de eles precisarem

descobrir a localização novamente de manhã. Então as duas foram para o grande colchão, não sem antes Eleanor dar um chute no baú *RW*.

— Isso foi por ter me feito tropeçar antes.

— Não faça isso... — Cordelia conseguiu falar. — Não é culpa do baú... Na verdade, temos que abri-lo. Amanhã... com certeza... — A cabeça afundou no travesseiro. Ela estava dormindo antes de o ar sair do travesseiro.

Seria tentador dizer que a noite passou calmamente na floresta primitiva da ficção de Denver Kristoff. Na verdade, foi apenas o cansaço extremo que evitou que os irmãos Walker e Will fossem acordados a cada cinco minutos pelos uivos de uma fera gigante e desconhecida ou pelo zumbido de uma libélula enorme na janela. Todos sonharam, embora apenas Cordelia se lembrasse dos sonhos — pesadelos sufocantes em que a Bruxa do Vento fez a menina voar por um corredor enquanto o sangue respingava nas paredes. Quando acordou aterrorizada, a luz cinzenta da alvorada entrava pelas janelas.

Cordelia odiava acordar assim tão cedo. Nunca conseguia voltar a dormir. Isso tinha acontecido em uma festa do pijama no ano passado. Cordelia teve um pesadelo e acordou dentro de um saco de dormir em um quarto com cinco garotas, e não ousou ir ao banheiro nem pegar um livro porque as outras perguntariam por que ela estava de pé tão cedo. E aí uma das meninas diria: “Por que você é tão *esquisita*?”

Por sorte, Cordelia tinha *O ás do combate*. Ela abriu e começou a ler — rápido. Cordelia podia competir com os melhores em leitura dinâmica e tinha a motivação extra de realmente querer saber o que aconteceu com Will Draper. Ela leu sobre batalhas aéreas e negociações de bastidores do exército, porém o mais perturbador foi ler a respeito de uma mulher chamada Penelope Hope. Uma mulher mais velha, mais bonita e mais misteriosa do que ela.

Quando se aproximava do fim do livro, Cordelia ouviu.

— Você andou ocupada hoje de manhã.

Cordelia se virou. Will sorria para ela.

— Como sabia que eu estava acordada?

— Estou escutando você virar páginas há uma hora. Acordei cedo. Não consigo pregar o olho aqui. O que você está lendo?

— Nada. — Cordelia escondeu *O ás do combate*, pois não queria que Will soubesse que ela andou lendo a respeito dele. Mas, graças ao livro, ela sabia que *pregar o olho* significava “dormir.” — Como está o ombro?

— Parece que um homenzinho armou uma fogueira em mim. Mas você fez um trabalho maravilhoso, Srta. Walker.

— Me chame de Cordelia.

— De *Rei Lear*...

— De *Buffy*, na verdade. Minha mãe adora.

Will tirou a mão do colchão, a centímetros de Cordelia.

— Você já leu *Rei Lear*?

— Na verdade, não. Eu li a maioria das obras de Shakespeare, mas não essa.

— Educação americana. Uma tragédia.

Cordelia ficou feliz que os irmãos não estivessem acordados para vê-la ficar roxa como uma beterraba. Ser criticada pela falta de conhecimento literário foi o pior — e, além disso, o que Will estava fazendo com a mão? Ele apenas ia deixá-la ali como se ela não tivesse notado? Ela notou muitíssimo bem.

— Cordelia — explicou Will — era a filha mais nova do rei Lear. No começo da peça, quando o rei pergunta às filhas que não prestavam o que acham dele, elas fazem discursos elogiosos. Mas Cordelia diz a verdade e é banida.

— Na verdade, acho que me lembro disso...

— Você é muito parecida com ela. Vejo nos seus olhos.

Ele pegou a mão de Cordelia com tanta naturalidade que ela teve dificuldade em dizer com exatidão quando aquilo aconteceu.

— Você é controlada por suas emoções. Governada pelo coração.

— Na verdade, prefiro pensar que sou governada pela lógica — falou Cordelia ao puxar a mão.

— É por isso que seu coração está batendo tão rápido?

Cordelia olhou para os dedos de Will. Ele esteve medindo sua pulsação. Ela rolou para o lado, segurou a mão próxima ao rosto e sentiu a forma dura de *O ás do combate* embaixo do travesseiro. Will era corajoso no livro. E ousado. E tinha um monte de namoradas.

— Sabe, de repente eu me senti muito cansada — falou Cordelia. — Vou tentar dormir antes que todo mundo acorde.

— Compreendo. Por falar nisso, o que é uma Buffy?



Eles comeram Lunchables no café da manhã. Não foi a primeira escolha de ninguém (exceto, talvez, de Eleanor), mas era a última coisa comestível na geladeira; Slayne e seus guerreiros ficaram assustados com a embalagem e decidiram ignorá-los. Cordelia e Brendan colocaram os biscoitos em um prato e arrumaram os frios e o queijo industrializado de uma maneira apresentável. Will olhou com desdém.

— O que é isso, ração de guerra?

— Não, merenda da escola — falou Eleanor enquanto montava habilmente um sanduíche de biscoito.

Will sacou uma faca de 20 centímetros e enfiou em um pedaço de mortadela.

Eleanor suprimiu um gritinho.

— Como é grande!

— Apenas ignore. — Cordelia revirou os olhos. — É a faca bowie do Will, feita pela Sheffield. Ele leva para todos os lugares.

— Como sabe disso? — perguntou Will.

— Posso vê-la? — pediu Brendan.

— Não — falaram Will e Cordelia juntos. Depois ela explicou para o piloto.

— Eu vi sua faca antes.

Era óbvio que era uma mentira; Cordelia lera a respeito da faca em *O ás do combate*.

— Então, vocês vão me ajudar a voltar para casa? — perguntou Will. — Eu tenho uma guerra me esperando.

— Como explicamos ontem — disse Cordelia —, você é um personagem em um livro. Portanto, a guerra para a qual você tem que voltar não é real.

— Não é real? É tão real quanto eu sou! Tão real quanto estes... Lunchables! — Will tirou a mortadela da faca.

— Só é real para você porque foi escrito pelo Denver Kristoff — comentou Brendan. — Eu odeio dizer isso, mas Cordelia está certa.

— Escutem aqui! — falou Will. — Se sou um personagem arrogante de um livro, exijo vê-lo! Vocês esconderam em algum lugar? Tenho direito de saber o que acontece comigo... e se eu morrer no final?

— Eu não sei onde está — mentiu Cordelia de novo: o livro estava no andar de cima, debaixo do travesseiro. Ela não queria entregá-lo para Will até que lesse se ele sobrevivia ou morria, o que planejava fazer assim que o café da manhã acabasse.

Will embainhou a faca e se aproximou dela.

— Você está mentindo. Os homens do *Royal Flying Corps* não gostam que mintam para eles. Onde está o livro?

— Ei! Espere aí! — Brendan se meteu entre Will e a irmã. — Você está ameaçando uma mulher? Eu esperava mais de alguém que lutou na Grande Guerra.

Por um momento, Will deu a impressão de que socaria Brendan — mas aí deu um passo para trás, impressionado com o elogio. Brendan sabia que as pessoas que lutaram na Primeira Guerra Mundial jamais a chamavam de Primeira Guerra Mundial.

— De qualquer maneira, Will, não importa *como* o livro termina — continuou Brendan — porque você veio para cá e nos encontrou. Então agora você tem um destino diferente.

— Não quero um destino diferente. Quero voltar.

— Eu entendi, mas veja bem. Você salvou nossas vidas. Estamos em dívida com você. Se nos ajudar a voltar para casa, podemos... sei lá... te levar conosco! Você pode jogar *Red Dead Redemption* em uma TV de verdade em vez de numa telinha. Eu garanto que é melhor do que aquilo que você fazia para se divertir na Inglaterra pré-guerra.

— Eu atormentava ovelhas, na maioria das vezes — admitiu Will.

— O problema é que a gente não faz ideia de *como* voltar — falou Cordelia.

— Talvez eu possa ajudar — disse Will —, mas quero ter uma garantia: de onde vocês vieram, ainda existe uma *Inglaterra*, certo?

— Ah, sim — respondeu Cordelia.

— E vocês podem me levar lá?

— Claro. Passagens de classe econômica, deportação... a gente vai dar um jeito.

— Com licença? — pediu Eleanor. — Foi mal, mas você pode sair da frente, Will? O lixo está atrás de você.

Will deu um passo para o lado. Eleanor abriu o armário debaixo da pia e jogou a embalagem dos Lunchables fora.

— Só quero dizer uma coisa para vocês: tirando a briga e a faca gigante, este foi um café da manhã fantástico.

Os Walker e Will tiveram um instante para reconhecer o valor das palavras de Eleanor e o fato de que eles estavam seguros, aquecidos e não precisavam ir à escola ou à guerra, mas o instante não durou muito tempo.

Um estalo trovejante soou do lado de fora da casa.

O som pareceu o barulho de uma árvore se partindo em duas. E aí, com certeza, houve um longo rangido rouco — Brendan tentou imaginar quanto

tempo levaria para uma das árvores cair no chão — e depois um baque. Uma massa de galhos e de folhas parecidas com samambaias bateu contra a janela da cozinha. A árvore quicou antes de parar e estremeceu a Mansão Kristoff inteira.

— Quem derrubou aquilo? — perguntou Eleanor, aterrorizada.

— Não faço ideia — disse Will —, mas que tal descobrir?



Da última vez que os Walker saíram da casa, Brendan fizera questão de que eles estivessem armados. Desta vez, Will pareceu ser suficiente como arma. Ele fez movimentos rápidos e cambaleantes ao descer o corredor da frente, com o revólver ao lado do corpo. O piloto ainda não conseguia andar livremente, mas Cordelia estava simplesmente impressionada que ele estivesse vivo e acordado. *Papai ficaria orgulhoso.*

Uma segunda árvore caiu com um baque seco e sacudiu a casa.

— O que está *causando* isso? — perguntou Eleanor. — Outro avião?

— Rezem para que não seja um zepelim alemão — disse Will.

Outro estalo. Outro longo gemido rangente vindo de uma árvore que parecia prestes a esmagar a casa. Em vez disso, ela caiu bem do lado de fora da porta da frente, completamente detonada.

— Eu não tenho medo de nenhum zepelinho — falou Eleanor com determinação. Ela abriu a porta e saiu, apesar dos protestos de Cordelia.

— Não! Pare! O que você...

— Venham *ver*, galera!

Brendan, Cordelia e Will seguiram Eleanor lá fora. Três árvores enormes estavam caídas em frente à Mansão Kristoff. Brendan se lembrou de três pinheiros que ficavam no jardim lá em São Francisco... mas estas

eram árvores de floresta, com caules retos até o topo e folhas primitivas cheias de cerdas.

— Estranho — comentou Cordelia. — Nenhuma das árvores tem raízes.

Brendan foi até a base de uma. Estava cortada na diagonal, como uma folha de grama que alguém tivesse arrancado.

— O que poderia ter feito isso? — perguntou Cordelia.

— Eu não sei... — respondeu Will.

Outro estalo soou à direita. Eles se viraram para olhar, mas imediatamente voltaram a cabeça na direção de outro estalo à esquerda. E a seguir para mais um estalo, centenas de metros à frente. E na direção de outro atrás deles.

De repente, quatro enormes árvores arrancadas flutuaram a centenas de metros no ar. Os Walker e Will franziram os olhos sem acreditar quando as árvores começaram a girar. Os galhos mergulharam debaixo dos troncos e se ergueram novamente até girarem como cata-ventos. As árvores dançaram um balé aéreo surrealista e provocaram um vento que soprou o cabelo do rosto de todo mundo.

— Não era o que eu esperava! — gritou Will, estupefato... e aí as árvores começaram a cair.

— *Corram!* — berrou Cordelia.

Todos dispararam adiante conforme as árvores despencavam ao redor. Cada vez que uma acertava o chão, provocava uma onda de choque que passava pelos quatro; eles tiveram que correr para evitar o próximo tronco enorme que caía. A última árvore despencou diretamente em frente a Eleanor e errou a menina por centímetros.

— Chuva de árvores. Isso é novidade! — exclamou Brendan.

— O que está causando isso? — perguntou Cordelia.

— Magia! — disse Brendan.

Eles se juntaram ao lado de uma árvore caída.

— Mas não vimos magia alguma. Não como esta. A única pessoa que pode fazer coisas assim é...

— Não diga o nome dela! — advertiu Eleanor.

Porém, agora os troncos de árvores se moviam novamente. O mais longe, ao lado da porta aberta da Mansão Kristoff, se ergueu como se fosse puxado por um barbante amarrado ao topo. Assim que chegou a um ângulo de 45 graus em relação ao chão, o tronco parou e ficou ali, de uma maneira impossível, como uma ilusão de óptica, até que uma segunda árvore se levantou, fez o mesmo e formou um arco que era maior do que a casa. Em pouco tempo, todas as árvores se ergueram para construir um túnel majestoso, com a casa em uma ponta e os Walker e Will na outra.

Andando a passos largos na direção deles sob a inacreditável formação de troncos, vestida em um elegante robe roxo, estava a Bruxa do Vento.

— Que bela maneira de fazer uma entrada — comentou Brendan.



A Bruxa do Vento andou descalça sobre a vegetação rasteira que fora esmagada. Ela veio de braços abertos, obviamente sem vergonha por não ter a mão direita. Tinha um sorriso contente no rosto. Ainda estava careca, a pele ainda era enrugada e manchada, mas os colares dourados e prateados lhe davam uma aparência de realeza. Parecia mais à vontade aqui do que em São Francisco.

— Meus amigos! — exclamou a bruxa. — Parabéns por ainda estarem vivos!

Will sacou a arma.

— Pare. Não ande mais. Quem é você? O que quer?

— Que jovem corajoso, que aponta uma arma para uma mulher desarmada — falou a Bruxa do Vento.

— Desarmada? Você tentou jogar a maldita floresta em cima de nós! Não é culpa minha que você tenha uma mira ruim...

— Will, você se lembra do que contamos a respeito da Bruxa do Vento? — sussurrou Cordelia. — É ela. Talvez você não queira aborrecê-la...

— *Você* é que tem uma mira ruim, Sr. Draper — retrucou a Bruxa do Vento. — Não consegue atingir uma pessoa a 5 metros.

Will rosnou. Ele não tolerava mentiras sobre sua mira. O piloto apertou o gatilho duas vezes: *BLAM! BLAM!*

A Bruxa do Vento continuou andando à frente.

— Olhe só. Errou. E que gênio você tem! Cordelia, você realmente está a fim dele?

Cordelia ficou vermelha, mas segurou a resposta. Não sabia como a Bruxa do Vento tinha entrado em sua cabeça. Will verificou a arma para ver se estava carregada e recuou, aterrorizado.

Agora a Bruxa do Vento estava perto o suficiente para que todos sentissem o cheiro: o mesmo cheiro de enxofre que ela exalou durante o primeiro ataque, aumentado pelo odor de adubo que saía da boca.

Brendan a encarou.

— Quer matar a gente? Pode vir com tudo, bafo de esgoto. Mas você tentou uma vez e falhou. Somos mais resistentes do que imagina!

— Você está certo. São mais resistentes do que eu imaginava — falou a Bruxa do Vento. — Se eu quisesse matá-los, já teria feito isso. Eu mandei vocês para cá a fim de testar a sua determinação. E vocês, Walker, se saíram brilhantemente!

— O que quer dizer? — perguntou Cordelia ao se juntar ao irmão.

— O mundo em que vocês foram jogados não é bonzinho.

— Você acha? — disse Eleanor.

— Vocês sobreviveram ao ataque do Slayne. Evitaram ser comidos pela fauna mais... ativa. Até começaram a teorizar a respeito de onde estão. Vocês obtiveram êxito onde muitos outros fracassaram.

— Não é uma teoria — contestou Cordelia. — Nós sabemos que estamos presos nos livros do seu pai.

— É, e quanto aos nossos pais? — berrou Eleanor imitando a pose desafiadora do irmão e da irmã. — Onde você colocou os dois?

— Ah, eles estão a salvo, pequenina — respondeu a Bruxa do Vento.

— Eu quero ver meus pais *agora!* — berrou Eleanor. — Onde estão eles?

— Paciência — disse a Bruxa do Vento. — Em breve, vou reunir vocês, desde que sigam minhas instruções.

A Bruxa do Vento fez um pequeno arco com a mão na frente. O ar tremeluziu e girou por onde os dedos passaram, e da agitação brotou um livro.

Não era um livro de verdade; ele cintilou e piscou, tinha uma capa cor de vinho e não possuía título. Um holograma.

— É outro livro de Denver Kristoff? — perguntou Cordelia.

— Não exatamente — respondeu a Bruxa do Vento enquanto gesticulava novamente. Agora um símbolo começou a queimar na capa do livro holográfico. Ele começou no meio, como fogo que percorria uma canaleta cheia de óleo, e desenhou dois semicírculos: um maior, que se curvava para baixo como um arco-íris, sobre um semicírculo menor, que se curvava para cima como um sorriso. Entre os dois, uma íris...

— Isso é o que o papai gravou na barriga daquele cara! — soltou Eleanor.

— O olho de Deus, usado pelos antigos para indicar grande poder. — A Bruxa do Vento sorriu. — Seu pai gravou o símbolo porque o livro chamava sua família. Queria ser encontrado. E quando o livro quer alguma coisa, ele consegue. É o mais sedutor, mais poderoso livro na história da humanidade. Vocês sabem o nome?

Todos balançaram a cabeça.

— *O livro da perdição e do desejo.*

— Ele estava na minha lista de leitura de verão — comentou Brendan —, mas em vez disso li *Tubarão*. Sobre o que é o livro?

A Bruxa do Vento não gostou da gracinha de Brendan e respondeu em um rosnado baixinho.

— Ele não é “sobre” nada. Se você abrisse as páginas, veria que estão em branco. Mas o livro possui um poder que é apenas indicado aos deuses. Meu pai possuiu o livro certa vez, mas foi fraco demais. Ele o escondeu... e eu o quero de volta.

— Que tipo de poder tem o livro? — perguntou Brendan.

— Isso não lhes diz respeito! — A Bruxa do Vento teve um espasmo como se fosse ganhar asas novamente. — Venho procurando por esse livro desde antes de vocês nascerem, seus fedelhos. Não consigo encontrá-lo porque meu pai, por causa da vontade equivocada de me “proteger”, colocou uma maldição nele. Sempre que eu me aproximo, ele desaparece. Portanto, preciso de vocês para encontrá-lo por mim.

— Por que a gente? — perguntou Cordelia.

— Porque vocês são Walker — respondeu a Bruxa do Vento —, e os Walker e os Kristoff têm uma grande conexão com o livro.

— Espere aí: você nos mandou para dentro das histórias sinistras do seu pai para encontrar um livro idiota? — disse Brendan.

A Bruxa do Vento assentiu.

— Mas isso pode levar anos! — falou Cordelia.

— Não se preocupem, crianças. Para encontrar o livro, apenas sigam os corações, os desejos e, mais importante... as vontades mais egoístas.

— Sigam as vontades mais egoístas? O que isso quer dizer? — perguntou Cordelia.

— Façam alguma coisa que não é para o bem de sua família. Algo para a própria... realização hedonística. O livro reage a isso. Ele se revela para aqueles consumidos pelo ego. Procura leitores que procuram por poder.

— Parece com você, careca — disse Brendan.

Will se manifestou:

— Sua cobra velha deplorável. Obrigiar estas pobres crianças inocentes a fazer seu trabalho sujo? Você vale tanto quanto um tostão furado.

— Sou pura como uma moeda de prata, Sr. Draper — respondeu a Bruxa do Vento. — *O livro da perdição e do desejo* me pertence e foi tirado de mim por engodo e magia negra. Eu mereço tê-lo de volta.

— E aquilo tudo que você falou antes, lá na casa? — perguntou Brendan. — Quem é o Dr. Hayes?

— E se nossos pais estão bem, pelo menos a gente pode vê-los? — insistiu Cordelia. — É isso que sequestradores fazem. Eles mostram uma foto ou um vídeo para que...

— *Silêncio!* — disparou a Bruxa do Vento. — Encontrem o livro. Aí eu mandarei vocês para casa e os reunirei com seus pais. Não antes. Têm minha palavra. E, caso se encontrem em um aperto de verdade, uma situação da qual não consigam sair... me chamem. Talvez eu ajude.

— Jamais pediremos sua ajuda! — falou Cordelia.

— Como quiser. Mas pode ser difícil ver o futuro.

— Diga uma coisa, Srta. Bruxa! Onde eu me encaixo nessa situação toda? — perguntou Will.

A Bruxa do Vento deu um muxoxo de desdém.

— E o que isso importa, seu marionete presunçoso? Você não é nada mais do que um personagem de um livro! Um dos protagonistas mais rasos e esquecíveis do meu pai, devo acrescentar.

Will fez uma cara triste. Cordelia olhou feio para a Bruxa do Vento.

— Isso foi realmente necessário?

— É, o cara ainda está impressionado por descobrir que não é uma pessoa de verdade — comentou Brendan. — Sem querer ofender, Will.

— Não tomei como ofensa — respondeu o piloto. — Posso ter surgido em um romance, posso não ser considerado “real” no sentido tradicional, mas meus sentimentos de ódio e aversão por esta criatura careca são bem reais, assim como é real meu dever de proteger vocês três, crianças! Eu tenho uma dívida de vida com vocês.

— Então fique com os Walker, Sr. Draper. Ajude-os a encontrar o livro, e eu mandarei você de volta com eles. Mas me traia... e todos vocês serão obliterados.

— Como é que é? — perguntou Brendan. — Pode definir “obliterados”?
A Bruxa do Vento rosnou ao ouvir isso, mas Brendan estava impossível.

— Tipo... será que “obliterados” quer dizer que você vai nos queimar vivos? Ou quer dizer que vai nos explodir e transformar em micropartículas de poeira? Ou vai simplesmente obliterar a gente ao nos mandar para o espaço sideral...

— *Chega!* Vou obliterar vocês da maneira mais dolorosa e horrível possível!

— Ok. Ótimo. Valeu. Foi apenas curiosidade...

A Bruxa do Vento ergueu os braços acima da cabeça. Pegou o cotoco da mão direita com a esquerda e começou a girar em círculo, cada vez mais rápido, como um pião, e se transformou em um borrão roxo ao decolar... e aí sumiu.

— A mulher pode ser um monstro, mas certamente tem um talento para saídas dramáticas — comentou Will.

Embora a conjuradora tivesse ido embora, a visão de *O livro da perdição e do desejo* permaneceu flutuando e girava para a frente e para trás como se estivesse em exibição em um canal de compras. Cordelia se aproximou dele.

— Então, para conseguirmos recuperar nossos pais, para fazer o que é certo, precisamos fazer o que é errado?

— Délia? O que você está fazendo?

Cordelia esticou a mão, que atravessou o livro. Ele desapareceu em um instante — juntamente com o resto dos encantamentos da Bruxa do Vento. As árvores perderam a resistência à gravidade e caíram no chão. Os Walker e Will se atiraram para trás a fim de evitar serem esmagados. Eles caíram com a cara na terra e, no caso de Brendan, a centímetros de um verme enorme.

— Délia! Você não pode *tocar* nas coisas! — berrou Brendan enquanto eles se levantavam e espanavam a poeira. Os pássaros e insetos devolviam vida à floresta. — O que faremos agora?

Algo egoísta, pensou Cordelia. *Hedonístico. Impulsivo. Contra o bem da família*. Ela sabia que não deveria acreditar nas promessas da Bruxa do Vento, mas respeitava a forma como a mulher falava — a maneira como planejava. Talvez se eles fizessem o que ela tinha dito, as coisas *voltassem* ao normal. Afinal de contas, que motivo a Bruxa do Vento teria para traí-los? Ela não era louca; só queria um livro. Cordelia era capaz de compreendê-la.

Ela se voltou para Will e encarou os olhos do piloto. Ele sorriu, mas a intensidade do olhar de Cordelia o deixou sem graça.

— Cordelia, por que você me olha desta...

Ela ergueu os braços, pegou o rosto do Will com as duas mãos e meteu um beijo profundo e demorado nos lábios do piloto.



Todos ficaram paralisados por alguns segundos. Cordelia beijou Will com todo o hedonismo que conseguiu reunir (que não era muito, considerando que era seu primeiro beijo) enquanto ele arregalava os olhos em pânico total. Brendan e Eleanor estavam boquiabertos e travados: Eleanor com alegria, Brendan com nojo.

— Eca! Parem! Galera...

Mas ele não precisou separá-los. Cordelia empurrou Will de repente.

— O que foi *isso*? — perguntou Will ao levar a mão aos lábios e verificar se ficou suja de batom. Não havia nada.

— Foi mal — disse Cordelia. Ela se voltou para a floresta, com o rosto muito vermelho. — Eu só pensei que, se fizesse alguma loucura... algo impulsivo... nós conseguiríamos encontrar o livro e recuperar nossos pais.

— Então você queria beijar Will esse tempo todo — acusou Brendan.

— Ah, não. Claro que não — respondeu Cordelia.

— Mentirosa! Você gostou de Will desde o começo! — Eleanor sorriu.

— *Cordelia está namorando!*

— Nell, cale a boca! Não é nada disso. Eu fui apenas...

— Apenas egoísta. Moralmente fraca. Hedonística — completou Will.

— Exatamente. Sinto muito. Eu estava confusa e... — Cordelia começou a tremer, os olhos ficaram cheios de lágrimas.

— *Shh* — disse Will. — O beijo durou apenas alguns segundos. Não durou o suficiente para ser considerado amoral. O que é provavelmente o motivo para o livro não ter aparecido. Na realidade, eu achei bonitinho.

Ugh, pensou Cordelia. *Agora ele fala comigo como se eu fosse uma criança. Talvez outra árvore caia e acabe com meu sofrimento.*

Isso não era tudo. Cordelia estava assustada. Quando beijou Will, ela não estava sob controle. Estava pensando em *O livro da perdição e do desejo* e em como encontrá-lo. Era quase como se o livro, e não Will, tivesse sido o alvo dos lábios.

Todos começaram a voltar para a Mansão Kristoff, distraídos em seus pensamentos.

— Então... — perguntou Eleanor. — A gente vai encontrar a mamãe e o papai, e voltar para casa agora?

— Vamos tentar — respondeu Cordelia.

— Como?

Cordelia deu de ombros.

— Vamos fazer o que a Bruxa do Vento disse.

— Nem pensar — disse Brendan. — Eu não acredito em uma coisa que aquela velha diz. Aja de maneira egoísta e você terá o que quer? Que armadilha óbvia! Além disso, você tentou e não funcionou.

— Talvez *you* tenha que fazer. Ou talvez todos nós tenhamos. Ela parecia estar sendo lógica, pelo menos. A gente deve tentar.

— Ela está armando pra cima da gente. Por mim, nós encontramos outra saída.

— Tenho que apoiar Brendan nessa questão — falou Will. — Não é nada pessoal. Eu apenas não confio em mulheres com dentes podres.

— E ele é inglês — comentou Brendan.

— Por mim, nós ouvimos o que ela diz, pelo menos, até encontrarmos o livro, e depois talvez a gente traia a bruxa — sugeriu Cordelia.

— Nem pensar, Délia. É perigoso demais...

— Você está com medo!

— Não estou com medo...

— Você tem noção de que sua família discute demais? — perguntou Will.

Eleanor bateu o pé.

— *Chega de brigas!*

Todos tremeram. Eleanor conseguia falar bem alto quando queria.

— A gente não sabe em quem confiar porque não sabe *de nada!* A gente não sabe em que livro está, não sabe por que a Bruxa do Vento escolheu a gente, e não sabe se aqueles guerreiros matadores de cavalos vão voltar! Até que a gente descubra, não há motivo para fazer *nada!*

— Como você imagina que vamos achar as respostas? — perguntou Brendan. — Viu a Wikipédia por aí?

— Nós podemos ler — sugeriu Cordelia.

— Ler o quê? — indagou Brendan.

— Os romances do Kristoff — respondeu Cordelia. — *Todos* eles.

— Ora, é uma boa ideia — comentou Will. — Isso vai nos mostrar em que livros estamos presos.

— A gente já sabe que algumas coisas daqui são de *Guerreiros selvagens* — falou Cordelia — e Will veio de *O ás do combate*, mas será que tem mais detalhes que precisamos descobrir?

— Parece legal — disse Eleanor. — Como uma caça ao tesouro!

— Exatamente — concordou Cordelia. — Mas primeiro... Will, você pode ficar de guarda na porta? Caso Slayne e seus guerreiros apareçam...

— Ou a careca com bafô de esgoto — acrescentou Brendan.

— *Ou* aquele lobo gigante que quase arrancou minha cabeça fora — acrescentou Eleanor.

— Certo, se *alguém* aparecer, chame a gente e atire neles — falou Cordelia. — Não necessariamente nesta ordem.

Will bateu continência.

— Fico feliz em cumprir meu dever.

— Eu vou ao segundo andar abrir aquele baú *RW* — disse Cordelia. — Aquilo pode ser uma pista também.

— *Eu* quero abrir o baú — começou Eleanor, mas se conteve. — Certo. Quero dizer, sem brigas.

Eleanor e Brendan foram à biblioteca. Com o sol que acabara de atingir o ápice no céu, havia luz suficiente para pesquisar os livros. Eleanor já tinha separado os romances de Denver Kristoff dos demais, então se sentiu um pouco como uma especialista, pelo menos o suficiente para dar ordens ao irmão.

Brendan não se importou. Ele começou a ler um livro de Kristoff chamado *Gladius Rex*. Leu vinte páginas até decidir que este não era um dos livros em que eles estavam presos. (Brendan também ficou contente, porque a história era cheia de gente sendo devorada por leões.) Olhou para Eleanor. A irmã tentava ler *Guerreiros selvagens*.

— Em que ponto você está? — perguntou Brendan.

Eleanor torceu a boca.

— Página trinta.

Brendan sabia que ela estava mentindo.

— Que ótimo, Nell, mas olha só, que tal trocarmos? — Brendan sabia que ler *Guerreiros selvagens* podia ser a diferença entre a vida e a morte. Ele passou *Gladius Rex* para a irmã. — Acho que talvez tenha coisa boa neste aqui.

Eleanor aceitou a troca e Brendan começou a ler *Guerreiros selvagens* rapidamente.

O livro não era apenas sobre Slayne e seus homens. Também era a respeito da líder do grupo, uma rainha maligna chamada Daphne, que vivia

em um castelo chamado Corroway. Brendan reconheceu esses nomes do encontro com Slayne. Mas havia outro lado em *Guerreiros selvagens*: a Resistência, um grupo de libertadores que tentavam deter a rainha Daphne. Eles eram aldeões comuns que trabalhavam secretamente como espiões, arqueiros e fabricantes de armas. Eram liderados por um general, mas mais interessante para Brendan era a filha do general, uma menina heroica chamada Celene.

Celene tinha olhos violeta. Era inteligente, bonita, não tinha medo de ninguém e acreditava em alguma coisa. Precisamente o tipo de garota que Brendan jamais chegou perto de conhecer na escola, onde a única coisa que as meninas gostavam de fazer era falar umas sobre as outras. Brendan achou Celene sensacional.

Ele continuou lendo e se assustou quando chegou a um trecho do livro que mostrava uma criatura mil vezes mais poderosa do que Slayne, até que Eleanor o chamou.

— Bren! Este livro que você me deu não é útil! É tudo coisa da Roma antiga!

— Hã, é?

— Não finja que não sabia para cima de mim! Você me deu um livro qualquer, no qual sabia que a gente não está preso, para me manter ocupada porque eu não leio rápido o suficiente!

— Nell, isso não é verdade...

— E agora você está mentindo! Eu vou ajudar, quer você acredite em mim ou não. — Eleanor pousou *Gladius Rex* e pegou *O coração e o leme*, um livro sobre piratas. — Talvez a gente esteja preso neste aqui também.

Brendan abraçou a irmã.

— Você está ajudando, Nell. Está, sim.

Enquanto isso, lá em cima, Cordelia chegava em segredo ao fim de *O ás do combate*, mas o livro tinha uma conclusão terrível. Não importava o quanto se esforçasse, ela não conseguia terminá-lo. *Você está sendo ridícula*,

pensou Cordelia. *Ele é apenas um menino idiota qualquer. Nem saiu do colégio ainda.* (O *ás do combate* revelou que Will mentiu sobre a idade para entrar no *Royal Flying Corps*. Ele tinha 17 anos.) Mas não importa o quanto negasse, ela se importava com o destino do piloto.

Cordelia pousou o livro e foi até o baú *RW*. Era impossível abrir o cadeado pesado, então tentou quebrar o trinco com um martelo. Infelizmente, o único que Cordelia conseguiu encontrar foi um minúsculo martelo de bola que pegou lá embaixo, debaixo da pia. O martelo não funcionou, e ela devolveu.

Cordelia tentou arrombar o cadeado. Cabide... grampo de cabelo... a espada enferrujada de um dos velhos soldadinhos de brinquedo da Guerra Civil de Brendan, que foram trazidos pelo vento para o quarto durante o ataque... Nada funcionou.

— Will! — berrou Cordelia para o andar de baixo. — Preciso de ajuda!

Em instantes, Will chegou ao quarto do segundo andar. Cordelia explicou.

— Não consigo abrir o baú. Tem alguma ideia de como...

BLAM!

Will sorriu e ergueu o revólver. Um filete de pólvora passou pelo rosto. O cadeado estava caído no chão, aberto.

— Machismo desnecessário — comentou Cordelia.

Will deu de ombros. Brendan e Eleanor entraram correndo no quarto.

— Legal — disse Brendan ao ver o baú aberto pelo tiro. — Will, você acha que poderia me ensinar a usar a arma?

Will guardou o revólver.

— Não é uma arma. É um revólver Webley Mark VI. E não é um brinquedo. Eu não quero que você chegue perto dele, Brendan.

— Tudo bem — respondeu Brendan enquanto Cordelia abria o baú. Era uma caixa extremamente bem-feita, impregnada com um cheiro forte e

agradável de carvalho e latão, mas tudo que importava para ela era o que estava dentro.

— Sim! — berrou Cordelia. — Finalmente, acho que vamos descobrir alguma coisa!



Brendan não entendeu por que Cordelia estava tão animada. O baú estava repleto de pastas sanfonadas marrons cheias de pilhas de papéis amarelados.

— Documentos? O que faremos com eles?

— Você não viu o nome? — perguntou Cordelia. — Bren, você estava certo!

Ela passou uma pasta sanfonada para o irmão. Um selo no topo dizia DOUTOR RUTHERFORD WALKER.

— Nosso tataravô... — Brendan foi parando de falar ao virar a pasta nas mãos.

Ele se recordou dos retratos da família Kristoff no corredor. *O tempo realmente torna as coisas importantes*, concluiu Brendan. *Antigamente estes eram apenas documentos comuns. Agora fazem parte da história. Da minha história.* O menino quase teve medo de olhar. Pensou nos pais, pensou que os dois ainda estavam desaparecidos, que ele estava desaparecido também. *Provavelmente há notícias na TV sobre o desaparecimento dos filhos da família Walker. E se minha história terminar comigo?*

— Que tipo de documentos são esses? — perguntou Eleanor.

— Parecem prontuários médicos — respondeu Will.

— Correto — concordou Cordelia enquanto examinava a pasta no colo.
— Os prontuários de cada paciente do Dr. Walker. Vamos ver... “Srta. Mary Worcester, da avenida Duboce, São Francisco. Data da primeira consulta: 16 de março de 1899. Queixa: ataque de nervos. Tratamento: um tônico revigorante.” Hã.

— O que é um tônico revigorante? Tipo um Red Bull? — perguntou Eleanor.

— Acho que não. Está mais para...

— Charlatanismo — interrompeu Will.

— Como é que é? — disse Brendan.

— É bem óbvio. Seu tataravô era um embusteiro.

— Um o quê?

— Trapaceiro. Vigarista. Farmacêutico de araque.

— Farmacêutico? Não. Ele era um médico! *Doutor*, viu só? — falou Brendan.

— Pode ser, mas ele receitava panaceias que...

— *Pana-o-quê?* Isso não é um pedaço de terra cercado por água em três lados? — perguntou Eleanor.

— Aquilo é uma península — falou Cordelia.

— Uma panaceia é um remédio que as pessoas esperam que vá curá-las de todo tipo de mal, o que é um engano — explicou Will. — Olhem o resto da lista. A Srta. Worcester recebeu um novo “tônico revigorante” a cada duas semanas ao custo de 40 centavos, para cuidar de “acessos de humor volúvel” e “nevralgia”, e continuou voltando por um ano, quando o marido provavelmente mandou que parasse de se consultar com aquele Walker charla...

— Você está falando da nossa família!

— Calma. Não estou *culpando* o homem. Vocês ianques são doidos por seus “elixires”, “suplementos” e “Coca-Cola.” Basta colocar um selo de

“saudável” em alguma coisa que a pessoa faz uma fortuna nos Estados Unidos!

— Ele tem razão — concordou Cordelia. — Como o açai. Mas, de qualquer maneira, há uma conexão nesses registros entre o Rutherford Walker e o Denver Kristoff.

Pelos dez minutos seguintes, os Walker vasculharam os registros do tataravô. Nenhum deles gostou de considerar o homem como uma fraude, assim como não gostavam de pensar a respeito do pai e do “incidente”, mas não encontraram nenhuma prova do contrário. Tirando os tônicos revigorantes, pessoas que se consultaram com Rutherford Walker receberam receitas de “rapé para catarro”, “oxien” e “pílulas de raízes indígenas”.

— Vejam isto. Ele era oficialmente um vendedor de óleo de cobra — comentou Cordelia ao encontrar uma receita de Unguento Stanley de Óleo de Cobra.

— Isso é deprimente — falou Brendan. — Eu não quero ler mais. — O menino enfiou as mãos no baú, onde agora eles tinham chegado quase ao fundo, e jogou as pastas remanescentes para o lado, pronto para sair em um rompante...

Mas Brendan parou. Ele estava olhando fixamente para um livro. Bem ali no fundo do baú. *O livro da perdição e do desejo.*

— Impossível — disse ele. — Foi tão fácil assim?

A capa do livro tinha o olho que a Bruxa do Vento mostrara para eles. Brendan abaixou a mão — mas Cordelia foi mais rápida e pegou-o.

— Pare! — berrou Eleanor. — Não é seguro!

— Calma — falou Cordelia. — Isto não é o livro. É apenas o mesmo símbolo. Viu? É preto, não vinho. E o símbolo não foi gravado a fogo; foi desenhado com uma caneta.

— Parece um caderno de anotações — comentou Will enquanto espiava sobre o ombro de Cordelia.

— Não acho que a gente deva abrir — falou Eleanor. — Pode ser uma armadilha.

— Temos que abrir — disse Cordelia. Ela respirou fundo e virou a primeira página, que tinha o mesmo texto dos prontuários. — A letra do Rutherford Walker! Encontramos o diário dele!

— Caderno — corrigiu Will. — Homens tomam notas, não escrevem diários.

— Tanto faz... comece a ler! — falou Eleanor.

Todos se sentaram em volta de Cordelia, como se ela fosse contar uma história ao redor da fogueira. A menina começou.

— “Dia 10 de abril de 1906. Querido diário.” — Cordelia disparou um olhar para Will, que revirou os olhos. — “Hoje acordei com a cabeça dando voltas, graças à palestra que vi na noite de ontem, dada pelo incrível Dr. Aldrich Hayes.”

— Dr. Hayes! A Bruxa do Vento mencionou esse cara! — disse Brendan.

— “A palestra se chamava ‘Mitologia e conhecimento mágico dos californianos’. Ela fez mais do que jus ao nome. Nos últimos meses, ouvi rumores dessa palestra secreta em salões e mesas espíritas pela cidade. A palestra foi dada no Clube Boêmio, onde meu *status* pouco aristocrático tornaria impossível minha entrada. Eu temia jamais ver o Dr. Hayes, que é, ao mesmo tempo, um renomado professor de Yale e, segundo rumores, o líder dos Guardiões do Conhecimento.”

— Guardiões do Conhecimento? Quem são *eles*? — perguntou Eleanor.

— Não diz — respondeu Cordelia. — Agora, onde eu estava...?

— Ali — disse Will ao indicar o ponto na página. Ele estava lendo junto.

Cordelia sorriu e continuou.

— “Quando parecia que todas as esperanças estavam perdidas, fui chamado pelo meu querido amigo, um homem que nunca está sem ideias:

Denver Kristoff.”

— Kristoff! — exclamou Brendan. — Você estava certa, Délia! Nosso tataravô realmente o conhecia!

— Continue a ler! — insistiu Eleanor.

— “Kristoff, assim como eu, era obcecado por ocultismo. Ele considerou um crime perder a palestra do Dr. Hayes. Então, bolou um plano igualmente criminoso: nós dois invadiríamos o Clube Boêmio. Quebraríamos discretamente a janela do porão da rua Taylor, 624, e entraríamos espremidos como minhocas. Chegaríamos ao auditório e ouviríamos o fantástico discurso do Dr. Hayes.

“Ele falou de coisas que muitos homens ‘equilibrados’ negariam: os poderes inexplorados da mente humana, a existência de espíritos e os locais assombrados da Califórnia. Mas o mais chocante foi o momento em que falou de um lugar assombrado em nosso próprio quintal: a Ilha do Bode.”

— Nós temos uma ilha de bodes no nosso quintal? — perguntou Eleanor.

— Ele não estava sendo literal — explicou Brendan. — Ao escrever “no nosso quintal” quis dizer “na cidade”. Felizmente, eu sei muito sobre a história de São Francisco.

— Ugh, Bren, a gente sabe — disse Eleanor enquanto Cordelia revirava os olhos.

— A Ilha do Bode é chamada agora de Ilha Yerba Buena. Sabe quando você passa pela Bay Bridge e vê as placas para a Ilha do Tesouro? Ela é ligada à Yerba Buena.

Cordelia continuou lendo.

— “De acordo com Hayes, antigamente a Ilha do Bode abrigou o povo tuchayune, uma tribo indígena que enterrava os líderes sentados.”

— Sinistro — comentou Eleanor.

— “Os tuchayunes acreditavam que a ilha era um ponto frágil na barreira entre o mundo humano e o mundo dos espíritos, por onde forças

poderosas poderiam entrar na terra e causar destruição. Eles enterravam os líderes sentados sob uma pedra entalhada como uma águia para espantar os espíritos que entrassem.

“Kristoff e eu não conseguimos resistir a isso. Decidimos que viajaríamos à Ilha do Bode, encontraríamos as covas dos tuchayunes e escavaríamos até encontrarmos os esqueletos!”

Cordelia fechou o livro.

— É só isso? — perguntou Eleanor.

— É o fim do registro — respondeu Cordelia.

— Legal. Nosso tataravô e o Denver Kristoff eram caçadores de fantasmas! — disse Eleanor.

— Estavam mais para ladrões de covas — falou Will —, sem o menor respeito pelos mortos! Imaginem só. Escavar um pobre homem qualquer que nunca fez mal aos dois.

— Você não está pensando no ambiente em que ele estava inserido — disse Brendan. — São Francisco sempre foi um lugar para malucos e esquisitos. Mesas espíritas e caçadas a fantasmas estavam na moda quando isso foi escrito. Médiuns eram como astros do rock.

— Como o quê? — perguntou Will.

— O próximo registro é de duas semanas depois — falou Cordelia ao reabrir o livro. — “Dia 24 de abril de 1906. Querido diário, a tragédia que caiu sobre nossa cidade é grande e terrível demais para compreender, e muito recente para escrever a respeito... portanto, retornarei à história da Ilha do Bode, e talvez ao meu papel na calamidade avassaladora de nossa época!”

— Do que ele está falando? — perguntou Eleanor.

— Eu sei — respondeu Brendan. — É o...

Mas Cordelia continuou:

— “Kristoff e eu fizemos a jornada no dia 17 de abril. Saímos na calada da noite. Kristoff tinha que fazer tudo da maneira mais complicada e

empolgante, então fomos ao Embarcadero e soltamos um bote a remo que boiava nas águas. Dada a minha habilidade com barcos, não me preocupei com as correntes. A luz do luar brilhava tão intensamente quanto o dia. Nós nos revezamos nos remos e chegamos à Ilha do Bode sem incidentes.

“Eu abri o mapa que comprei em uma loja de suvenires de Chinatown, que mostrava a localização da águia de pedra. Com pás às costas, caminhamos por duas horas até encontrá-la. A pedra era coroada com uma ponta minuciosamente erodida, e o brilho do luar criou uma sombra muito curiosa no chão. Não preciso descrever esta sombra, diário, pois fiz um esboço na sua capa, para que algum explorador do futuro possa ser igualmente afetado por sua forma estranha.”

Cordelia virou o livro para que todos pudessem ver: o olho.

— “Nós começamos a cavar. Depois de uma hora, chegamos a apenas um metro de profundidade, mas aí minha pá atravessou o solo e não encontrou resistência, como se estivesse em pleno ar! Kristoff sentiu a mesma coisa, e então o solo cedeu embaixo de nós!

“Kristoff e eu caímos em um chão de terra. Com apenas alguns pequenos hematomas e arranhões, acendemos as lanternas e revelamos uma câmara ao redor. Era uma esfera rudimentar com 1,80 metro de diâmetro, como se tivesse sido escavada na terra por um inseto gigante. Era fria e seca... e no centro havia um esqueleto sentado!

“O homem fora um líder, não havia dúvida. Ao lado dele, havia um apito feito de osso de pássaro e uma serra feita com o osso de quadril de um coiote. Mas a coisa mais fantástica sobre ele era o que o homem tinha em suas mãos. Um livro. O esqueleto estava lendo! Os cotovelos estavam apoiados nos joelhos. Quase parecia que ele estava surpreso com o conteúdo do livro! Kristoff se aproximou do livro. A capa tinha o mesmo símbolo que a terra lá em cima.”

Cordelia parou.

— O quê? O que aconteceu a seguir? — perguntou Eleanor.

— Acabou. É o último registro. — Cordelia mostrou para todos que o resto do diário de Rutherford Walker estava em branco.

— Está de brincadeira? — disse Brendan.

— Irritante! — Will bufou.

— Era *O livro da perdição e do desejo* — falou Cordelia baixinho. — Rutherford Walker e Denver Kristoff encontraram o livro, juntos. Uma dupla de nerds ocultistas amadores escavando uma cova de índios.

— E não é só isso — disse Brendan. — Tudo aquilo aconteceu na noite de 17 de abril de 1906. Sabem o que aconteceu no dia 18?

Todos fizeram que não com a cabeça.

— O Grande Terremoto de São Francisco.

— É claro! — Will deu um tapa na testa. — Até eu ouvi falar daquele terremoto.

— O maior desastre natural da história da Califórnia. A cidade inteira foi destruída. Três mil pessoas morreram. Eu fiz uma redação a respeito.

— O dia seguinte ao que Walker e Kristoff encontraram o livro... — falou Cordelia.

— Não apenas o dia seguinte. Às cinco da manhã. Portanto, se o diário está correto, pode ter acontecido *literalmente* no momento em que os dois pegaram o livro.

— Quem disse que eles pegaram?

— Como você acha que ele acabou ficando com Denver Kristoff? Aposto que ele e o vovô roubaram o livro, o que irritou os espíritos, que se vingaram causando o terremoto. Foi por isso que Rutherford se sentiu culpado.

— Nosso tataravô causou o Terremoto de São Francisco? — perguntou Eleanor.

— Eu não acho que ele teve a intenção...

Brendan foi interrompido quando o ambiente ficou escuro de repente. Os Walker e Will olharam para as janelas. Uma silhueta enorme bloqueou

completamente a visão.



— O que é aquilo? — guinchou Eleanor. — Um dinossauro?

— Espero que não — falou Brendan. — Eu sempre quis ver um dinossauro de verdade, porém não quero mais.

Cordelia correu para uma das janelas do quarto.

— Parece... uma *p parede* — disse ela.

Todos concordaram com a cabeça: parecia que alguém tinha colocado uma parede ligeiramente côncava que subia e bloqueava o sol, a 1,80 metro da Mansão Kristoff. A parede tinha uma aparência texturizada e bege, quase como se fosse feita de lixa. E, embora não estivesse ali há um minuto, parecia perfeitamente imóvel, como se sempre tivesse estado lá.

— Espere aí — disse Brendan —, aquilo parece... não pode ser.

— Parece o quê? — perguntou Cordelia.

— Eu estava lendo *Guerreiros selvagens*, e os guerreiros passam por um problemão quando...

— Sigam-me — interrompeu Will. — Vamos sair daqui. Vocês três salvaram a minha vida. É meu dever mantê-los a salvo.

Will conduziu os Walker para fora da suíte. Assim que chegaram à escada, eles olharam através de outra janela: a parede também estava ali. Era do mesmo tamanho e cor — mas a textura parecia diferente. A parede

ainda estava coberta por linhas finas e sulcadas, mas aqui elas eram diferentes das linhas do lado de fora do quarto.

A parede tremeu.

— *Ah!* — Brendan apontou. — Olhem!

Enquanto ele falava, a parede subiu e desapareceu da janela.

— Para onde ela foi? — perguntou Eleanor. Eles ouviram um enorme golpe lá fora. — Será que é a Bruxa do Vento novamente?

Eles ouviram mais golpes, cada um mais fraco do que o anterior, antes que os pássaros e insetos fossem ouvidos novamente.

— O que *foi* aquilo? — perguntou Cordelia para Brendan.

— Tenho medo de dizer — respondeu ele — e posso estar errado. Vou continuar lendo *Guerreiros selvagens* para saber mais.

Brendan disparou para a biblioteca. Cordelia nunca tinha visto o irmão correr para ler um livro.

— Vou continuar a ler *O coração e o leme!* — disse Eleanor ao segui-lo.

— Sobre o que é esse? — indagou Cordelia.

— Piratas.

Cordelia sorriu.

— Vai nessa, Nell. — Parecia bastante óbvio que eles não encontrariam piratas na floresta.

A manhã virou tarde. Will ficou de guarda na porta da frente, e Cordelia foi se juntar aos irmãos na biblioteca. Brendan lia *Guerreiros selvagens*, enquanto Cordelia passava os olhos no máximo de livros de Kristoff que conseguia — *Mina de gemas preciosas*, *A grande cobra* —, à procura de personagens e situações que batessem com o mundo onde estavam.

— Sabe do que mais? — perguntou Brendan. — Durante o ataque da Bruxa do Vento, houve um momento em que três livros flutuaram na minha cara, e aí eles cresceram sem parar. Eu aposto que *aqueles* são os livros para onde a gente foi enviado.

— E um é *Guerreiros selvagens*, o outro é *O ás do combate* — disse Eleanor —, portanto, estamos procurando pelo terceiro.

— Isso mesmo! — concordou Cordelia. — Faz sentido! — Quando não brigavam, era surpreendente o que os Walker conseguiam realizar. — O problema é que temos, tipo, mais cinquenta livros para pesquisar. Mas, pelo menos, sabemos que estamos presos em um mundo que mistura livros.

— Como um *mash-up* do Denver Kristoff — disse Brendan.

Eles voltaram a ler, contudo, após cinco minutos, Brendan não aguentou mais.

— Délia, você pode assumir *Guerreiros selvagens*? Está ficando assustador, e eu preciso de um descanso. — Agora que Brendan já tinha feito uma vez e não havia entrado em combustão espontânea, ele ficava mais à vontade para admitir para as irmãs quando estava com medo.

Cordelia pegou o livro. Ela sabia como era importante conhecê-lo de trás para frente. Cada frase tinha o potencial de guardar o segredo para a sobrevivência dos Walker, ou até mesmo para a volta para casa. Quando Cordelia ergueu o olhar, Brendan tinha ido embora.

Enquanto isso, na porta da frente, Will observava as sombras das árvores ficarem maiores. Ele tinha que ficar atento a cada estalo e farfalhar na floresta, cada cheiro e som. Ficar de guarda era trabalho duro.

— Will! — berrou Brendan. — Posso render você?

— Absolutamente não — respondeu Will. — Você só quer meter as mãos na minha arma.

— Não é verdade. Quero meter as mãos no seu Webley Mark VI.

Will suspirou.

— Por que está tão ansioso por uma dessas, Brendan? Acha que é um brinquedo como seus joguinhos tecnológicos?

— O que você chama de brinquedo, eu chamo de simulador.

Will balançou a cabeça.

— Não existe simulação em disparar uma arma. Ela dá um coice. Entra na sua mão. É quente e cruel... e isso se a pessoa *erra* o alvo. Pense no que acontece quando acerta.

— O quê?

Will se aproximou.

— As pessoas não brilham e desaparecem. Elas caem no chão e sangram.

— Ora, vamos! Eu pensei que você fosse meu amigo!

Will sorriu.

— Obrigado. Desde que descobri que sou um personagem em um livro, ando me perguntando se algum dos meus velhos conhecidos, como Frank Quigley e Thorny Thompson, sequer contam como amigos. Mas você continua sem poder ter a arma.

Brendan suspirou.

— E quanto à faca?

Will torceu os lábios.

— Acho que não...

— Ora, vamos. Eu uso uma faca ao jantar!

— Isso é verdade...

— E não preciso de licença para uma faca.

— Não precisa.

— Então qual é o problema?

— Aqui está, então. — Will entregou para Brendan a faca bowie feita pela Sheffield. — Fique de guarda e trate isso com *muito* cuidado. Entendeu? Só farei uma pequena pausa.

— Valeu, Will! — Brendan não conseguia acreditar na sorte, mas aí ele se deu conta de uma coisa. — Digamos que a gente seja atacado por alguém realmente grande. Aí a faca não servirá de muita coisa.

— Possivelmente... De que tamanho estamos falando?

— Digamos 250 metros de altura?

Will riu.

— Se formos atacados por alguma coisa tão grande assim, nada servirá.

— Concordo. Mas sua granada talvez servisse.

— Minha granada? Como sabe a respeito disso?

— Eu sei que pilotos na Grande Guerra às vezes levavam granadas.

Não quero que se preocupe, mas li algumas coisas... e tenho a impressão de que estamos sendo caçados por algo muito grande, algo que apenas uma granada seria capaz de deter.

— Muito bem — respondeu Will ao tirar um troço de metal com formato oval de dentro da jaqueta.

O queixo de Brendan caiu.

— É sério?

— Sim. Puxe o pino, conte até três e lance. Imagino que você saiba lançar?

— Quatro anos de liga infantil como interbase! — falou Brendan. Em resposta à expressão confusa de Will, acrescentou: — Beisebol?

— Apenas evite riscos, Brendan. E se vir alguma coisa fora do normal, *me chame*.

Brendan devolveu a faca de Will e foi embora, jogando a granada para cima e para baixo na palma da mão.



Will entrou na casa para encontrar Cordelia e Eleanor. Elas tinham saído da biblioteca para a sala de estar a fim de seguir o sol e poder continuar lendo os livros de Kristoff.

— Seu irmão assumiu o posto de guarda — contou Will.

Cordelia fechou *Guerreiros selvagens*. Desde que o piloto entrou, ela o tinha visto de rabo de olho, mas quis deixar claro que ele era menos importante para ela do que o livro.

— Você confia em meu irmão com nossas vidas?

— Por um tempinho, de qualquer maneira. Encontraram alguma pista?

Eleanor explicou a teoria de que eles estavam em um *mash-up* de três livros de Kristoff e mostrou o avanço em *O coração e o leme* — ela tinha chegado à página cinquenta.

— Uau! — exclamou Will. — Chegou bem longe!

— Bom — falou Eleanor, envergonhada —, não estou lendo *tudo*. Ler é difícil para mim. Então, leio apenas um pouquinho em cada página e pulo adiante.

— Mas ela está indo muito bem — disse Cordelia.

— Não tão bem assim — contestou Eleanor —, porque nada neste livro pode ajudar a gente.

— Então faça uma pausa — sugeriu Will. — Precisamos estar atentos.

— Boa ideia — falou Cordelia.

— Sim! — Eleanor deu um pulo. — Vou brincar com minhas bonecas American Girl no elevador de cozinha!

— Espere, Nell, não entre no... — começou a falar Cordelia, mas a irmã já tinha saído da sala e deixou o livro virado no sofá. Ela suspirou, desamassou as páginas e recolocou a sobrecapa. — Temos que ter respeito — explicou Cordelia para Will. — Esses são livros raros e obviamente muito poderosos. Se estamos presos neles, talvez uma página amassada por engano possa causar um tufão. Ou um terremoto.

— Você terminou o livro a meu respeito? — perguntou Will.

Cordelia afastou o olhar.

— Terminei — admitiu ela.

— Bem, então... *eu* não deveria ter permissão de lê-lo?

— Não. Isso seria o mesmo que encontrar consigo mesmo em um filme de viagem no tempo — argumentou Cordelia. — Além disso, a gente acha que seu destino foi mudado agora.

Will deu um sorrisinho.

— Em outras palavras... eu morro no fim.

Cordelia permaneceu sem expressão.

— E eu me apaixono?

Cordelia gaguejou e se recusou a responder. Ela não queria contar a Will sobre Penelope Hope. *Se o destino dele realmente mudou, então este é um bom teste.* Finalmente, Cordelia falou:

— Você faz um monte de coisas heroicas.

— Tipo lutar? Isso não é tão heroico — falou Will. — É a guerra. Todo mundo luta. Você se importa se eu me sentar?

— Absoluta... digo, não, por favor, sente-se.

Will se sentou ao lado dela no sofá, mas não muito perto. O piloto deixou espaço suficiente entre os dois para uma pessoa invisível ocupar. Ele

vasculhou a sala com o olhar. Ainda estava cheia de entulho. A mesinha de centro estava despedaçada em uma pilha de vidro ao lado do piano. Na parede havia uma mancha escura: o sangue da Sra. Walker.

— Eu imagino que um dia esta tenha sido uma bela sala — comentou Will.

— Foi, sim. E minha família também havia acabado de se mudar! Nem tivemos chance de realmente viver aqui. — Cordelia pensou que a Mansão Kristoff era deslumbrante quando colocou os pés nela pela primeira vez.

— Que tal arrumarmos a bagunça?

— Agora?

Will concordou com a cabeça.

— Eu não sei se tenho energia... Tipo, podemos deixar a bagunça de lado por um tempo...

— Entendi — disse Will. — Se a sala continuar em frangalhos, você pode fingir que tudo isso foi apenas um pesadelo do qual espera acordar. Mas, se voltar ao normal...

— A sala me lembra meus pais — completou Cordelia. — E, se eu pensar muito sobre eles...

— Isso te enfraquece. Você teme que talvez não seja forte o suficiente para ir adiante.

— É impressionante como você interpreta bem as pessoas.

— Já ouviu a expressão “aprende-se muito escutando”?

— Parece uma coisa saída de um livro de autoajuda. Você leu isso em algum lugar?

— Não. Ouvi do Frank Quigley.

— Quem?

— Capitão do *Royal Flying Corps*. Um dos ases do esquadrão setenta. Canadense, ainda por cima, portanto, eu não estava disposto a ouvi-lo, mas Frank Quigley tinha uma presença forte. Durante as refeições, embora fosse um sujeito popular, jamais proferia uma palavra. Uma vez eu perguntei

o motivo, e Frank Quigley me disse uma expressão que, segundo ele, o ajudou imensamente: “Aprende-se muito escutando.” Portanto, eu tento fazer isso com vocês, Walker. E descobri que você, Cordelia, carrega o fardo da responsabilidade.

Cordelia assentiu, espantada.

— Seus irmãos contam com você. Respeitam você. E isso te deixa sob pressão. Para liderar, para encontrar respostas... para devolver a *vida* deles. Esse tipo de pressão pode ser avassaladora.

Cordelia suspirou.

— Tudo verdade.

— Bem, eu estive na Grande Guerra. Às vezes, a pessoa *não consegue* recuperar a vida que tinha. Às vezes, tem que *pegá-la* de volta.

Will ficou de pé e ofereceu a mão. Cordelia pegou.

— O fato é — continuou Will — que talvez fiquemos presos nesta casa por um bom tempo. É tudo o que temos. Não faz sentido deixá-la apodrecer ao redor. Teremos que começar a caçar nossa própria comida, lavar nossas próprias roupas, fazer exercícios regularmente...

— E arrumar esta sala — disse Cordelia.

— Vou começar pelos itens mais pesados — falou Will ao apontar para o piano sem pernas. — Você cuida dos pedaços de madeira destruídos.

Começaram a arrumar. Cordelia olhava de vez em quando para Will, sem conseguir evitar. Nas poucas vezes em que se entreolharam, o sorriso dele era uma expressão de apoio, algo que um pai ou um professor ofereceria a um jovem. *Ele ainda pensa que sou criança. Talvez fosse melhor que não pensasse nada...*

Enquanto isso, lá fora, Brendan não detectou nenhuma atividade suspeita para agir como guarda, mas tinha ficado ligeiramente obcecado com a granada. Ele queria explodir alguma coisa. *É loucura*, pensou Brendan, *já vi tantas explosões em filmes e jogos, mas nunca provoquei uma na*

vida real. E, além disso, já passei por muita coisa hoje. Até mesmo quase morri algumas vezes. Eu mereço me divertir um pouco.

Ele abandonou o posto na porta. A floresta parecia um pouco mais segura agora; Brendan não viu o lobo nem libélula cruel alguma, nem ouviu cascos de cavalos. Entrou no bosque após passar pelas árvores caídas que a Bruxa do Vento deixara. Não iria longe. Só o suficiente.

Ao caminhar, Brendan se perguntou como foi capaz de já ter sentido medo da floresta. Era um dia lindo, cheio de claridade e cheiros agradáveis... *era como estar em um comercial de xampu*, pensou ele. O menino chegou a um pequeno rochedo, um paredão de rocha de 6 metros que surgia do solo da floresta para se encontrar com o topo de uma colina baixa. Havia árvores acima do rochedo e ao lado, mas nada na superfície cinzenta.

— Perfeito — disse Brendan.

Ele se lembrou de que anos antes ficou fascinado durante uma viagem da família ao Colorado enquanto o pai dirigia por uma estrada traiçoeira na montanha. O carro ficou a centímetros de um despenhadeiro! Brendan perguntara ao pai “como eles *abriram* uma estrada aqui?”, e o pai respondeu “está vendo aqueles cilindros ocos na rocha? Foi ali que puseram a dinamite”.

Agora Brendan estava pronto para dinamitar também.

Ele puxou o pino da granada e jogou contra o rochedo. Correu para trás de uma árvore, apertou bem os olhos, colocou as mãos sobre os ouvidos...

BUM! Mesmo através da carne, os tímpanos pareciam quase ter estourado.

Dentro da casa, Cordelia e Will pararam abruptamente a arrumação quando ouviram o som.

— O que foi aquilo? — perguntou Cordelia.

— Ô-ou — falou Will ao sair correndo da sala —, eu sabia que não deveria ter dado a granada para ele.

— *Você deu uma granada para Brendan?* — berrou Cordelia enquanto corria atrás de Will. — *Você é completamente maluco?*

Lá fora, Brendan abriu lentamente os olhos e espiou sua obra. Ele tinha aberto um buraco na base do rochedo. Lascas de pedra estavam espalhadas em volta, como se apontassem para o vão. O buraco não ia fundo — era mais ou menos do tamanho de uma lareira —, mas assim que a fumaça foi embora, Brendan viu uma coisa dentro.

Um livro.

Impossível, pensou ele, mas ao se aproximar, ficou nítido: *O livro da perdição e do desejo*. Estava bem ali no buraco.

Porque eu fiz uma coisa para mim mesmo. Porque dei ouvido aos próprios desejos egoístas.

Brendan se lembrou de que alertara Cordelia sobre o livro, que encontrá-lo para a Bruxa do Vento era uma clara armadilha... mas nada daquilo importava agora. Ele estava bem ali. Bastou uma olhadela para saber que era mágico, mais mágico do que qualquer coisa que tinha visto na vida. E não era a forma ou o tamanho; era alguma coisa que ele não conseguia traduzir em palavras. *Poder* era a palavra mais aproximada.

O que há dentro dele? Se está em branco, então o que há de tão poderoso dentro dele?

Brendan correu até o livro. Pegou-o. O chão em volta das mãos estava quente e fumegante. Ele estava prestes a abri-lo...

Foi quando Brendan ouviu um estalo trovejante na floresta. Muito grande, muito perto.

— Ai, não

Brendan olhou para o livro e pensou nas irmãs. De repente, percebeu que tinha cometido um grande erro. O desejo de abrir o livro foi forte demais, *estranho* demais. Ter abandonado o posto na porta, ter vindo aqui explodir um rochedo... ele deixou as irmãs vulneráveis — *abandonou o posto*, como diria Will. E agora alguma coisa estava vindo.

Brendan jogou o livro no chão.

— Fique longe de mim. Você é totalmente mau.

E correu de volta para a Mansão Kristoff.



Cordelia e Will irromperam pela porta da frente e pararam imediatamente, tentando entender o que viam. Dois pés enormes, descalços e com crostas estavam plantados na clareira diante dos dois. Cada pé era quase tão grande quanto a própria Mansão Kristoff. As pernas que subiam dos pés eram do tamanho de sequoias-gigantes e tão peladas quanto as árvores.

— Um gigante — falou Will.

— Maior — disse Cordelia. — Um colosso.

Cordelia ficou com medo de erguer o olhar e ver *mais* partes peladas, mas quando olhou, viu que o colosso usava uma tanga amarrada como uma fralda — e que ele era mais alto até mesmo do que as árvores. Ela não conseguiu ver além da tanga.

Brendan apareceu de repente, correndo para fora da floresta. Ergueu o olhar para o colosso, viu Will e Cordelia na varanda e não parou de correr. Sabia que o monstro poderia esmagá-lo com um pisão — mas não podia arriscar ficar separado da família.

— *Rrrrr?* — Brendan ouviu lá de cima, um som alto como maquinário, no momento em que o colosso levantou um pé...

Mas o menino já estava na varanda e correu para dentro com Cordelia e Will.

— Bren! Onde você esteve?

TUM! O pé bateu no chão do lado de fora da porta.

— Foi mal! — disse Brendan. — Fiquei distraído com aquela granada...

— *Distraído? Você a detonou!* — gritou Will quando o colosso bateu com a mão enorme no chão e lançou uma sombra no corredor.

— Foi mal — repetiu Brendan. — Era uma coisa que eu sempre quis fazer...

— Por favor, diga que usou a granada para algo que irá nos ajudar? — perguntou Will.

— Não exatamente — respondeu Brendan, envergonhado. — Eu queria ver o tamanho do buraco que conseguia abrir em um rochedo.

— Você desperdiçou uma granada perfeitamente boa porque queria ver algo explodir?

— Tipo isso, sim.

— *Bren!* — disse Cordelia. — Talvez aquela granada pudesse ter detido o colosso!

Antes que Brendan pudesse contar a parte sobre ter visto *O livro da perdição e do desejo*, um estrondo desequilibrou os três. Foi como um terremoto — o chão tremeu inteiro — e aí o piso da Mansão Kristoff se levantou. Brendan, Cordelia e Will tentaram manter o equilíbrio, mas era como se a casa estivesse em uma gangorra e algo pesado estivesse na cozinha.

— O que está acontecendo? — gritou Will. Ele e Cordelia se seguraram na parede para se equilibrar enquanto Brendan rolava pelo corredor.

— É o colosso de *Guerreiros selvagens!* E ele está levantando a casa naquela ponta! — explicou Brendan, que apontava enquanto mesas quebradas, vasos e livros passavam por ele.

— Nell! — chamou Cordelia. — Se está no elevador de cozinha... saia!

Eleanor não respondeu — e, de repente, Cordelia agarrou Will quando o ângulo do chão ficou íngreme demais e os três começaram a deslizar na direção da cozinha. Brendan ficou com medo de que o chão ficasse na vertical e fizesse todos caírem, como naquele velho jogo de videogame *Castlevania*, mas subitamente o chão voltou a se nivelar. Todo mundo parou para tomar fôlego — e aí o chão começou a se inclinar na direção oposta!

— Tenho que ver o que está acontecendo! — gritou Brendan. Ele se sentiu horrivelmente culpado, mais culpado do que assustado, e aquela culpa o empurrou de volta à porta da frente.

— Bren! Não é seguro! — alertou Cordelia.

Porém, o irmão cambaleou para fora da casa — e não estava mais na floresta.

Brendan estava onde o capacho de boas-vindas estaria se a Mansão Kristoff possuísse um. Em frente, em vez das árvores caídas, ele viu a mão do colosso. Os dedos estavam juntos para formar a parede flexível e com aparência de couro que eles viram antes.

Brendan correu e deu uma voadora na mão.

— Pare! — gritou Cordelia ao observar da porta, com Will, mas Brendan saltou e acertou a palma do colosso.

— Estou tentando fazer com que ele coloque a gente no chão! — explicou Brendan.

Atrás do menino, como se tivessem sentido o chute, os dedos do colosso se separaram.

Cordelia conteve um gritinho. Entre os dedos havia um céu azul e límpido. Brendan foi à frente devagar, olhou para baixo...

E viu a copa da floresta. *Embaixo dele.*



— Ei! Aqui em cima! — chamou uma voz. Brendan, Cordelia e Will se viraram para ver Eleanor debruçada em uma das janelas do segundo andar.

— Vocês se tocaram de que tem um cara feio, grande e peludo levando a gente por aí?

— Sim! — responderam todos ao mesmo tempo.

Então Cordelia perguntou:

— Nell, você está bem?

— Estou sim.

— Como sabe que ele é peludo? — perguntou Brendan.

— Eu posso *ver* o cara daqui de cima! Ele parece com aquele inglês muito magricelo na capa dos velhos CDs do papai... Aquele cara que canta que não consegue ter tanta satisfação?

— Mick Jagger? — indagou Brendan.

— Sim! Ele parece com Mick Jagger, se Mick Jagger tivesse comido um caminhão inteiro de Snickers.

Eles entraram correndo, subiram a escada e cambalearam pelo corredor do segundo andar, às vezes disparando à frente quando a casa era erguida, às vezes tentando se agarrar em alguma coisa quando a casa se inclinava

para baixo. Os três ficaram aliviados quando chegaram ao quarto de Eleanor e viram a menina olhando pela janela.

— Vejam!

Do segundo andar, era possível ver muito melhor. Quatro dedos enormes formavam a parede, sobre a qual eles mal conseguiam vislumbrar o céu. A casa estava apoiada na imensa palma da mão do colosso.

— Ele está levando a gente pela floresta como uma pizza gigante da Domino's!

— Nell — comentou Cordelia —, você não pode estar curtindo isso.

— Por que não? Talvez ele esteja levando a gente para casa!

— Como você sabe que ele é homem?

— Acho que ele poderia ser uma mulher barbada — Eleanor deu de ombros —, mas venha ver por si mesma.

Cordelia foi à frente de Will e Brendan pelo corredor até a suíte. Lá, os três olharam o colosso em toda sua plenitude.

A visão começava com a base da palma da mão, que surgia embaixo da casa como um afloramento de calcário. Por baixo, impossivelmente grande, vinha um braço direito, bronzeado e encurtado pela perspectiva. Brendan começou a calcular: para segurar a Mansão Kristoff, o colosso precisava ter uma mão com 15 m de largura por 15 de altura, e como o braço tinha aproximadamente seis vezes o tamanho da mão, então...

— O braço dele é do tamanho de um prédio de 35 andares!

— Sim, ele é tipo uma montanha — comentou Eleanor.

O cabelo negro e esvoaçante do colosso caía sobre os ombros nus, cada um do tamanho de um caminhão. Não parecia que ele ficaria careca tão cedo. (Com uma visão direta do topo da cabeça, os Walker e Will teriam visto um ponto de calvície do tamanho de um carrossel.) Partículas grandes como flocos gigantes de neve pontilhavam o cabelo.

— Eeeeca! Ele tem caspa! — disse Brendan com a testa franzida. — Com pedaços tão grandes quanto a minha cabeça!

O cabelo volumoso do colosso tapava a maior parte do rosto, mas ele definitivamente tinha sobrancelhas negras, um nariz largo e perfeitamente triangular, e lábios enormes, fora do normal. Ele realmente lembrava um gigantesco Mick Jagger.

— Que cheiro horrível é esse? — perguntou Cordelia ao colocar a mão sobre o nariz e a boca.

— Ele tem cecê — explicou Eleanor.

— Ele fede como o Sr. Benjamin, meu professor de ciências do terceiro ano — falou Brendan. — O cara tinha alergia a banho.

O colosso não percebeu os passageiros e avançou com a cabeça logo acima do topo do arvoredos. Ele usava a mão esquerda para empurrar as árvores enquanto atravessava o oceano verde. Os movimentos eram tão montanhosos que quase parecia que ele agia em câmera lenta. Cordelia ficou tonta. Ela se perguntou como o coração do colosso conseguia bombear sangue para o corpo todo — *talvez seja tão grande quanto a Mansão Kristoff e só bata uma vez por minuto.*

— Acho que devemos aproveitar o passeio — disse Cordelia — e torcer para que ele esteja nos levando até um lugar qualquer com comida.

— A não ser que esteja nos levando para um lugar em que *nós* somos a comida — comentou Brendan.

— Se vocês encararem a situação pela perspectiva correta, isto pode ser uma tremenda oportunidade — falou Will. — Nós tentamos descobrir onde estamos lendo livros. Aqui está uma chance de observação direta.

Will colocou o corpo para fora da janela e se debruçou tanto que Cordelia o agarrou para evitar que caísse. Ele pôs a mão sobre os olhos e girou a cabeça 180 graus para enxergar até onde era possível... mas só viu o arvoredos sufocante.

— Esqueçam — disse Will ao entrar novamente. — Nenhum sinal de civilização. Talvez nós devêssemos apenas “aproveitar o passeio”, como Cordelia sugere.

Brendan revirou os olhos. A irmã ficou radiante.

— Posso olhar de novo? — perguntou Eleanor.

Ela adorava estar tão alto; era melhor do que ficar sentada na floresta à espera de lobos. A menina tomou o lugar de Will na janela, abaixou o olhar para o colosso, que passou a considerar como seu amigo Gordo Jagger — afinal, ele não tinha feito nada de realmente mau, ainda não.

— O que está acontecendo? — perguntou Cordelia.

— Não tenho certeza...

Gordo Jagger tinha parado. Ele levou a mão esquerda ao rosto. Havia algo se agitando entre o indicador e o polegar gigantes. Eleanor viu a coisa se contorcer, ouviu o zumbido e berrou “eca, é uma libélula!” logo antes de o colosso colocar na boca e morder. O inseto foi esmagado e espirrou sumo pelo topo das árvores.

— Ele não é vegano! Ele come carne! — Eleanor pulou para longe da janela. — Bren está certo! Ele está nos levando para algum lugar para *nos comer*! Pessoal, se ele gosta de insetos, imaginem o gosto melhor que *nós* teremos!

— Como abacaxis suculentos enrolados em bacon! — falou Brendan.
— Temos que fazer alguma coisa.

— Que pena que não temos aquela granada — disse Cordelia incisivamente para Brendan, mas Eleanor já descia correndo para a cozinha. Quando voltou, ela tinha um pedaço mole de carne embrulhado em plástico.

— Nell, o que é isso? — perguntou Brendan.

— Lombinho de porco. Do freezer.

— Aquele freezer não funciona há dois dias! Isso está estragado!

— Ele acabou de comer uma *libélula*!

Eleanor foi até a janela e desembulhou o lombo. Um cheiro doce e desagradável entrou no quarto quando a menina gritou.

— *Ei! Sr. Colosso! Olhe para cima!*

O gigante se virou para ela. Pela primeira vez, os Walker e Will viram o rosto. Mais do que qualquer outra coisa, o colosso parecia com os sem-teto veteranos de guerra que eles viam no centro de São Francisco, com olhos tristes, injetados, cercados por rugas profundas.

— Prove isso! Dos Walker!

Eleanor soltou o lombo. Ele serpenteou pelo ar... e caiu na boca aberta do Gordo Jagger.

— Bom trabalho! — gritou Eleanor. — Quer mais?

O colosso concordou com a cabeça e balançou o braço (e a casa). Eleanor disparou para fora do quarto.

— Vou pegar mais!

— Nell, espere, essa não é uma boa ideia... tipo, você sabe que a gente não deve alimentar os ursos? — disse Brendan, mas a irmã voltou com uma caixa de peixes que um dia estiveram congelados.

Ela se debruçou para fora da janela e deixou as fatias amarelas caírem dentro da bocarra do Gordo Jagger, que aguardava.

— Isto é dos Walker! Wal-kers, lembrou? Somos seus amigos! — Ela continuou dizendo as coisas mais agradáveis para o colosso... e aí travou. — Ô-ou. Pessoal? Acho que vocês devem ver isso.

Todos se amontoaram em volta da janela. Gordo Jagger não comia mais. Ele estava fechando um enorme punho em direção ao seu rosto. Os imensos nós dos dedos estalaram um atrás do outro. Ele olhava diretamente para a frente...

Para outro colosso que atravessava a floresta. Vindo bem na direção deles.



— Você acha que ele quer a comida do nosso colosso? — perguntou Eleanor.

— Eu acho que ele quer a *cabeça* do nosso colosso — respondeu Brendan.

O novo colosso não tinha a expressão gentil de Gordo Jagger. Ele parecia um brigão de carteirinha, com um crânio careca e marcado por acne, sobrancelhas vermelhas e um cavanhaque como o rabo do diabo. O rosto estava contorcido em uma careta de fúria, e ele bufava, parecia o som de um javali saindo dos alto-falantes de um show. O novo colosso usou uma das mãos para afastar as árvores, enquanto a outra quicava uma pedra enorme na palma. E ele era ainda maior do que Gordo Jagger.

— Ele é como um colosso anabolizado — comentou Brendan.

— Talvez tudo fique bem — disse Cordelia. — Talvez os dois apenas conversem.

— Conversar? Olhe para a cara dele! Está mais furioso do que o tio Pete depois de uma dúzia de cervejas!

Eleanor chamou pela janela o gigante que avançava:

— Sr. Colosso! Não queremos fazer mal a você! Nós somos os Walker! Wal-kers!

O colosso careca não reagiu — mas Gordo Jagger ergueu o olhar.

— Gordo Jagger! — berrou Eleanor.

— Um pouquinho rude, não acha? — perguntou Will.

— O quê?

— A parte do “gordo”.

— Ah, certo — respondeu Eleanor. — Jagger! Foi mal por te chamar de gordo. Você não é realmente gordo; é só um pouquinho... robusto. Isso quer dizer “musculoso” na Target. Mas você consegue ouvir a gente, certo? Então, preste atenção, esse outro colosso...

— Deixe-me tentar — falou Brendan ao empurrar Eleanor para fora do caminho. — Jagger! Sabe, esse careca que precisa de um xampu antiacne? Parece que ele quer te bater, e nós estamos no meio disso, então antes que vocês comecem a gritar um com o outro, pode nos colocar no chão?

— *Rrrrr?* — disse Gordo Jagger. Havia o mínimo de inteligência nos olhos para registrar frustração e medo.

— Não adianta — falou Brendan. — Acho que ele tem dificuldade de aprendizado.

— Você só não sabe como falar com ele! — gritou Eleanor ao empurrar o irmão. — Jagger! Se você colocar a casa no chão, prometo que da próxima vez que a gente se encontrar, darei *mais* comida para você... comida *cozida*... comida *melhor, mais gostosa!* Por favor?!

Gordo Jagger ergueu uma sobrancelha.

— *Por favor?!* — implorou Eleanor.

Jagger concordou com a cabeça... e começou a abaixar a casa! Os Walker e Will se sentiram como se descessem no maior elevador do mundo.

— Ele está abaixando a casa! Ele gosta de mim! — disse Eleanor, mas aí os olhos se arregalaram ao notar um borrão enorme correr na direção da cabeça de Gordo Jagger.

— Jagger! Abaixei! O gigante malvado atirou a pedra!

Gordo Jagger se virou a tempo de ver uma pedra se aproximar com velocidade, como um lançamento profissional de beisebol. Ele jogou o crânio enorme para o lado. Quase pareceu um movimento de dança, e Eleanor vibrou, mas embora a pedra tenha errado o rosto, ela acertou o colosso no ombro e o resultado foi um estalo carnudo e trovejante.

Com um rugido, Gordo Jagger pôs a mão no ferimento — e a visão de Eleanor ficou torta. De repente, em vez de olhar para fora, ela viu o teto ao deslizar pelo chão. A menina levou um segundo para se dar conta de que a Mansão Kristoff estava *girando em pleno ar...* porque Gordo Jagger tinha soltado a casa.

A mansão caiu com uma velocidade nauseante. O estômago de Eleanor disparou para o pescoço enquanto ela se agarrava à cama. Brendan abraçou o saco de dormir da Hello Kitty. Cordelia colocou a cabeça entre os joelhos na posição de queda de avião. Will a abraçou de maneira protetora.

E aí, de repente, a casa parou.

Ela ficou parada suavemente logo acima da copa das árvores. Sem queda. Apenas o olho imenso de Gordo Jagger na janela.

— *Você pegou a gente!* — berrou Eleanor. Ela se voltou para os demais. — Ele pegou com a outra mão! Ele salvou a gente, mesmo machucado!

— Obrigado! — agradeceu Cordelia ao se levantar com Will e Brendan.

Em resposta, Gordo Jagger piscou. As dobras da pálpebra eram tão grandes que fizeram um clique úmido. Ele deu um sorriso gentil. Os dentes tortos e podres eram da cor de balas mofadas.

— Ahhhhh. Ele é meio fofinho — falou Eleanor.

Os outros olharam para ela com expressões incrédulas.

— De um jeito meio Muppet fedido — explicou Eleanor.

Brendan sorriu e se aproximou de Gordo Jagger para pedir que ele os pusesse lá embaixo no chão, mas parou quando uma sombra curiosa (quase

parecida com os picos de nós dos dedos gigantes) caiu sobre a cabeça do gigante. O sorriso de Jagger desapareceu assim que Brendan disse:

— Pessoal! Cuidado...

Mas ele não teve tempo para explicar. O colosso careca socou Gordo Jagger. O punho imenso jogou a cabeça de Jagger para trás com a força de uma explosão de dinamite. E como qualquer bom soco não parou no ponto de contato. Uma explosão que prosseguiu... bem para dentro da Mansão Kristoff.

A parede do quarto se deformou, mas se manteve firme quando o punho bateu. Choveu gesso. A janela se estilhaçou. Brendan quicou pelo quarto como uma boneca de pano — e, de repente, a casa girou no ar!

— Bren! — berrou Cordelia.

Ela tentou ir até o irmão, mas foi o mesmo que ir à lua. O quarto, o piso, enfim toda a Mansão Kristoff virou uma bola de beisebol. Dentro dela, “em cima” e “embaixo” deixaram de fazer muito sentido. Cordelia só pôde observar o corpo do irmão desmoronar em um canto, e torcendo para que ainda estivesse vivo... mas aí ela se perguntou, enquanto a casa recebeu o abraço demorado da queda livre: *E daí? Ele não vai estar vivo por muito tempo!*



Sempre que Cordelia via filmes e novelas onde a vida dos moribundos passava rapidamente pelos olhos, ela se perguntava: *é realmente assim tão fácil?* A vida era longa e complicada — mesmo a dela já era assim — e se lembrar de tudo em sequência parecia uma tarefa séria. Em vez disso, Cordelia berrou para a irmã:

— *Nell!*

— *Vamos!* — disse Eleanor ao correr na direção de Cordelia enquanto o céu azul passava voando nas janelas. — *Temos que entrar no closet, rápido!*

Cordelia viu que Will tinha arrastado Brendan para dentro do closet da suíte e recolhido todos os travesseiros, sacos de dormir e edredons. Agora o espaço confinado parecia um casulo. Ela entrou cambaleando com Eleanor e bateu a porta — bem no momento em que a Mansão Kristoff atingiu a copa do arvoredo.

Parecia uma onda quebrando: um estalo de massa desalojada conforme a casa reduzia a copa de uma das majestosas árvores da floresta a um conjunto de lascas cadentes. Cordelia quicou contra as paredes acolchoadas às pressas do closet e soltou berros abafados até que o caule reclamou contra ser vergado e a casa parou. Ela se viu agarrada a um punhado de cabides.

— Eu diria que nós aterrissamos — falou Will enquanto abria um pouco a porta.

O quarto parecia que fora sacudido dentro de um globo de neve: o baú *RW* estava de cabeça para baixo; as mesinhas de cabeceira estavam completamente destruídas; o colchão saía pela janela quebrada. *Se tivesse ficado lá fora, pensou Cordelia, eu teria sido empalada.*

— Parece que estamos apoiados em um grande galho — comentou Will ao ver os ramos entrecruzados nas janelas.

— Eu sempre quis ter uma casa na árvore — disse Cordelia em tom mórbido.

Madeira estalou e se distendeu embaixo deles. O piso se inclinou para o lado.

— Não acho que você terá uma casa na árvore por muito tempo — falou Will.

Todos ficaram ansiosos quando o galho onde estavam apoiados gemeu, se dobrou e se partiu em muitos pedacinhos. Toda vez que parecia que o galho ia aguentar o peso da casa, outra peça da mobília em algum lugar deslizava e provocava um baque que fazia a casa se inclinar ainda mais, que fazia a madeira se romper mais...

— Temos que ir! — disse Cordelia. — Bren! Você está acordado?

— *Ugggh...* — Brendan estava machucado e grogue. Era provável que tivesse estrelinhas de desenho animado girando ao redor da cabeça.

— *Brendan! Acorde! Você está atrasado para a escola!* — berrou Eleanor na orelha do irmão, que, de repente, ficou alerta.

— Ei! — Ele se voltou para Eleanor. — Não é justo. Onde estamos?

— Em uma árvore — explicou Cordelia. — Temos que descer porque os galhos não vão sustentar...

— Uma *árvore*? — Brendan enfiou a cabeça no quarto. Ele viu folhas do lado de fora e se deu conta de que a situação era uma bomba-relógio. *A casa vai cair e se esmagar! E eu vou acabar preso nos escombros como uma vítima*

de um daqueles terremotos horríveis de magnitude 8.0. Ele começou a atropelar as palavras: — Ai, cara, eu tenho que sair daqui!

— Devagar, Bren, calma...

Mas ele saiu correndo do closet. *Vá para a janela. Saia. Lá fora você estará a salvo.* Brendan tropeçou, caiu e rolou pelo piso coberto de destroços. Ele parou em cima da mobília quebrada que se acumulava na parede oposta. Teve um segundo para olhar para os demais e se dar conta do erro quando seu peso foi somado à pilha...

E o galho embaixo da Mansão Kristoff se rompeu.

A casa caiu junto com quem estava dentro dela.

A queda livre não foi tão livre — era mais como estar no centro de uma avalanche barulhenta. A Mansão Kristoff bateu em galhos e ramos espalhados na descida e arrancou um lado inteiro da majestosa árvore.

— Eu amo vocês, pessoal! — berrou Brendan de maneira inesperada.

Eleanor abraçou Cordelia. Cordelia fechou os olhos. Will manteve o queixo erguido. Todos se prepararam para o impacto, cada um perplexo à sua maneira.

E aí a Mansão Kristoff caiu no chão.

E continuou caindo.

Cordelia não conseguiu entender — será que ela estava em algum tipo de além? Bater na terra deveria ter desligado o botão de energia, mas ela ainda podia ver um borrão, agora meio marrom, do lado de fora das janelas inclinadas e ouvir um estrondo prolongado. Parecia que estavam descendo uma colina. Brendan vibrou.

— Os barris!

— *O quê?* — perguntou Will.

Cordelia entendeu.

— Os barris de terremoto! Há dezenas amarrados à fundação, e nós estamos rolando sobre eles!

Realmente, se eles estivessem do lado de fora da Mansão Kristoff, teriam notado uma visão espantosa: uma casa de três andares, tombada e de estilo vitoriano, descendo por uma ladeira íngreme e escarpada como um bondinho desgovernado, que devastava tudo no caminho. Samambaias, toras, formigueiros, alguns dos próprios barris, e vários roedores chocados que saíram voando. Dentro da casa, foi como descer de trenó, e com tantas coisas que os Walker e Will passaram nas últimas 48 horas, o passeio teria sido extremamente divertido, se não fosse pelo elemento da morte.

— Mandou bem, Denver Kristoff! — gritou Brendan ao voltar para o closet.

— Do que você está falando? — perguntou Will.

— Kristoff planejou este lugar para flutuar sobre barris se houvesse um terremoto realmente forte, e agora a gente está descendo um morro sobre esses barris!

— Na direção *de quê?* — indagou Will.

— Ô-ou — disse Brendan. — Nós não vimos o que havia do outro lado da casa, vimos, Will?

A ladeira rochosa chegou ao fim — e a Mansão Kristoff saiu voando, decolou no ar.

Os Walker e Will sabiam o que fazer. Estavam assustados, é claro — mas a esta altura todos estavam além do medo. Fecharam a porta do closet acolchoado. Cordelia ouviu os barris, que assobiavam. Ela agarrou as mãos dos irmãos. Eleanor e Brendan pegaram a mão de Will.

— Seja lá o que acontecer, espero que seja rápido — gritou Eleanor bravamente. — Este sobe e desce está me deixando lou...

Com um baque ensurdecador, de estremecer, a casa caiu no oceano.



A água do mar subiu e desceu. Os Walker e Will ficaram no closet por um minuto interminável, para deixar os níveis de adrenalina voltarem ao patamar parecido com o normal. Então, saíram do closet, olharam pela janela e respiraram. *Respirar é realmente sensacional*, pensou Brendan antes de perguntar:

- Estamos afundando?
- Ainda não — respondeu Cordelia.
- Então estamos flutuando!
- É o que parece.

A Mansão Kristoff estava no meio de uma enorme baía, boiando em ondas agitadas. Atrás, a floresta se estendia até onde era possível ver e terminava em uma ladeira íngreme com uma cicatriz marrom onde a casa abriu caminho. Em frente, o sol mergulhava atrás de montanhas de picos cobertos de neve. A perspectiva parecia errada: os Walker estavam tão distantes das montanhas que a base de cada uma começava abaixo do horizonte, e, no entanto, seus picos alcançavam as nuvens.

— Tem certeza de que isto não é São Francisco? Que não estamos navegando na direção de Marin? — indagou Eleanor.

— Não há montanhas assim em Marin — explicou Cordelia. — Aquelas parecem maiores do que o Everest.

— Ah, certo. Então, talvez a gente flutue até algum lugar com comida! Estou faminta. E com sede. Tipo, sede pra caramba.

— Não conte com isso — disse Brendan. — Alguns colóssos provavelmente nadarão até aqui e nos pegarão primeiro.

— Colóssos — corrigiu Cordelia.

— Quer parar? Quem liga? Se os gigantes estúpidos não nos pegarem, nós nos afogaremos!

— A gente vai se afogar? — perguntou Eleanor, assustada.

— Você ouviu aqueles barris que se soltaram quando rolamos morro abaixo? — perguntou Brendan. — Provavelmente só restam alguns amarrados à casa. É apenas questão de tempo antes que a gente afunde.

— Eu sinto falta da mamãe e do papai — disse Eleanor, baixinho. Ela limpou uma lágrima da bochecha. — E quero suco. E estou com medo.

— Vem cá. — Cordelia passou o braço pela irmã. — A parte assustadora passou. Agora só temos que lidar com Brendan. — Ela sorriu, e Brendan também, a contragosto.

Ainda respirando, pensou ele. *Não é uma loucura?* Todos estavam juntos quando os últimos raios do sol desapareceram atrás das montanhas e se perguntaram como passariam uma noite no mar.

— Vocês ouviram isso? — perguntou Will.

Eles prestaram atenção. A princípio, tudo que conseguiram perceber foi a batida suave das ondas contra a casa, mas aí Cordelia escutou. Um som sinistro, como o barulho de luzes fluorescentes em um banheiro de escola.

— Um zumbido — falou ela.

— Exatamente. Suave, porém constante. Vamos dar uma olhada.

Will deu a mão para Cordelia, que pegou a de Eleanor. Brendan assumiu a retaguarda. Eles foram adiante como uma corrente humana pela cozinha. O céu se enchia de estrelas reluzentes, mais do que os Walker já

tinham visto na vida, mas mesmo naquela luz surpreendentemente intensa, tiveram que andar com cuidado para evitar os destroços no chão. A Mansão Kristoff estava tão bagunçada que era difícil imaginar que um dia foi uma moradia humana decente.

Na cozinha, Brendan foi até a porta do porão.

— Olhem — disse ao abrir a porta e espiar escada abaixo —, estamos alagados.

— Deixe-me ver. — Cordelia suspirou ao notar que a água vinha até o primeiro degrau. Foi tão fácil manter as esperanças no segundo andar; era bem mais difícil encarar o próprio reflexo na água escura do mar. — Ai, não. Faltam uns 30 centímetros para o primeiro andar ficar totalmente encharcado!

— Não parece que a água esteja subindo — comentou Eleanor. — Talvez pare aí.

— Vejam — falou Will, apontando para uma agitação na água.

Um monte de bolhas se formou atrás do vão da escada.

— Ar de um dos barris quebrados — disse Cordelia. — Estamos perdendo flutuação.

— Quer dizer que estamos *afundando*? — perguntou Eleanor.

— Exatamente — concordou Cordelia, sentando-se no chão da cozinha.

— Délia, qual é, por que está se sentando? — perguntou Brendan.

— Por que eu não deveria me sentar? Você estava certo. A casa vai afundar, e nós teremos que nadar até terra firme no meio da noite, enquanto tentamos não ser comidos por tubarões ou colossos — respondeu Cordelia em tom monótono.

— Você é tão negativa — falou Eleanor. — Eu pensei que a gente tinha que se preocupar com Brendan.

— É, bem, foi mal ter que te contar isso, mas não tenho mais respostas — disse Cordelia. — Não sei como um bando de crianças perdidas no mar

conseguiria escapar de uma casa afundando.

— A gente podia construir um barco — sugeriu Brendan — e ir embora navegando, como diz aquela canção, sabe? — Ele começou a cantar o clássico do Styx, “Come Sail Away”, para tentar fazer a irmã rir, mas ela não entrou no clima.

— Nós três não sabemos construir um barco. Você sabe, Will?

Will fez que não com a cabeça. Ele permaneceu inexpressivo, sem revelar reação alguma.

— Viu só? Nem mesmo um piloto pode salvar a pessoa quando se está perdido no mar. — Cordelia baixou o olhar.

Brendan e Eleanor se entreolharam. O estômago da menina roncou tão alto que todos ouviram.

— E tem isso ainda por cima — disse Cordelia. — Não comemos desde o café da manhã com Lunchables.

— Está doendo... — gemeu Eleanor com a mão na barriga. — Eu não queria dizer para vocês, mas dói como alguma coisa vazia e aguda. E só consigo pensar em comida.

— Bem, a gente não vai ter que se preocupar por muito mais tempo — declarou Cordelia, mas antes que pudesse dizer outra coisa deprimente, Will ficou diante dela, e a menina calou a boca.

— Eu estava errado a seu respeito — disse o piloto.

— Ah, é?

— Não é como a Cordelia de *Rei Lear*. Você é uma covarde.

— Como é que é?

— Uma pequena covarde, frouxa e choramingona! — falou Will. — Eu pensei que você fosse madura. Pensei que tivesse brios. Mas agora, quando a situação aperta um pouco, você está disposta a jogar tudo para o alto e nos derrubar junto! Bem, eu não aceito. Eu me recuso a desistir.

Ele agarrou Cordelia e a colocou de pé.

— Sabe o que meu chefe, o coronel Reginald Rathbone III, me disse no meu primeiro no *RFC*? Que só estávamos ali porque alguém, em algum lugar, não desistiu! A marinha espanhola tentou dominar os mares, mas os britânicos não desistiram! Napoleão tentou tomar a Europa, mas seus bravos inimigos não desistiram! Seu pai chamou sua mãe para sair uma vez, e *ele* não desistiu! As pessoas que desistem jamais escrevem a história! E você está *desistindo*!

— Mas não temos opções — disse Cordelia.

— Não temos opções? Nós nem exploramos a casa!

— Hã, sim, nós exploramos — falou Brendan. — Ela era só livros e mobília cara, e agora é apenas livros e entulho.

— E quanto àquele zumbido?

Will deixou que todos ficassem calados um momento para que conseguissem ouvir. Ainda estava lá — um zumbido agudo e insistente.

O piloto foi até o corredor com passos largos e colocou o ouvido contra a parede.

— Vou dizer o que *eu* acho, antes que algum de vocês pegue a covardia contagiosa da Cordelia. Acho que o som é de outro barril furado, assim como aquele debaixo d'água no porão. Este barril está em algum lugar embaixo da casa soltando ar, e o motivo de ouvirmos o zumbido por toda parte — ele bateu com os nós dos dedos na parede — é que as paredes são ocas.

— Ocas? — perguntou Cordelia.

Will bateu novamente. Realmente o som ecoou como se reverberasse por uma câmara escondida. Cordelia colocou o próprio ouvido contra a parede e experimentou por si mesma.

— Ele está certo — concordou ela. — Tem espaço aqui atrás.

— Viu só? — perguntou Will. — “Não temos opções.” Besteira! Sempre temos opções.

— Uma pergunta, Will — falou Brendan. — Sempre sou a favor de pensar positivo quando estamos prestes a encarar uma morte horrível, mas como exatamente nós temos opções com barris vazando ar e paredes ocas?

— Paredes ocas significam passagens. Passagens significam outros cômodos, câmaras escondidas. E câmaras escondidas significam...

— Comida! — disse Eleanor com a mão na barriga. — Eu tenho esperança.

— Esperança — comentou Will — é a coisa mais importante. — Ele deu um olhar penetrante para Cordelia.



Os Walker e Will se prepararam para descobrir um jeito de entrar nas paredes ocas. Eles acenderam algumas velas aromáticas e colocaram no chão, presas por castiçais improvisados de papel alumínio que Eleanor criticou como muito perigosos. (“Então você é a responsável”, dissera Brendan. “Eu te nomeio nossa agente oficial de segurança contra incêndios.”) Will encostou o ouvido na parede, foi para pontos diferentes e bateu com os nós dos dedos como se ouvisse o coração da casa. Cordelia, envergonhada pelo acesso anterior de desesperança — e pela maneira como foi acusada por Will —, tentou ajudar imitando os movimentos do piloto.

— Por favor, pare — falou Will —, estou tentando me concentrar.

— Como é que é? Você me disse para não perder as esperanças; cá estou eu, não perdendo as esperanças. Por que a grosseria?

Brendan e Eleanor fizeram uma careta um para o outro: *lá vão eles*.

— Eu realmente valorizo sua colaboração — falou Will —, mas estou tentando determinar o ponto de entrada na parede oca, e não consigo com você perdendo tempo fazendo barulho.

— Estou *ajudando* você!

— Está me distraindo.

— Talvez *seja eu* que descubra uma entrada; já pensou nisso?

Will sorriu e fez que não com a cabeça.

— Minha cara, isso não é possível. O cérebro do homem é bem mais refinado do que o da mulher na questão de visualizar espaço físico.

— É sério? — perguntou Cordelia, que ficou vermelha de raiva.

— É um dado científico, e não quero ouvir argumentos contrários.

Cordelia não tinha intenção de responder com um argumento. Ela procurava algo para jogar. Felizmente para ela, o pé de metal da armadura estava bem ao lado. Cordelia o atirou em Will.

— Caramba! — Will ergueu as mãos para proteger o rosto.

O pedaço de metal quicou no antebraço, quase acertou o ombro ainda machucado, e quebrou uma janela do corredor; Cordelia ouviu o pé da armadura cair no oceano. A cortina voou para fora, puxada pela brisa, e tremulou sobre as ondas.

— Sua megera inacreditável! — Will esfregou o braço. — Como ousa...

— Eu não vou escutar sermão de alguém cuja opinião sobre as mulheres está limitada à Inglaterra dos anos 1910! — exclamou Cordelia. — Especialmente quando nossa casa está *afundando*! Eu *farei* algo a respeito disso!

— Duvido — retrucou Will.

Cordelia deu meia-volta e foi para a cozinha a passos largos.

— Você vai ver. Meu cérebro feminino menos refinado *de alguma maneira* produziu uma ideia!

Eleanor foi atrás de Cordelia.

— Aonde você está indo? — perguntou Brendan.

— Nós, irmãs, temos que ficar unidas!

Eleanor subiu a escada em espiral com Cordelia.

— Como você vive com elas? — perguntou Will para Brendan. — Deve ser enlouquecedor.

— Eu jogo muito videogame — explicou Brendan.

Will se voltou para a parede. Enquanto o piloto batia e escutava, Brendan notou as lâmpadas presas às paredes por toda volta. E teve uma ideia a respeito delas... mas quando estava prestes a comentar, Will afastou o ouvido e declarou:

— Aqui. Este é o ponto. O ponto fraco da parede. Você pode pegar um martelo e lápis para mim, parceiro?

Brendan foi à cozinha e encontrou um lápis e o pequeno martelo de bola com que Cordelia tentara abrir o baú *RW*. Quando apresentou os itens, Will recusou o martelo.

— O que é isso? Eu não estou tentando invadir uma casa de bonecas!

— É tudo que temos. Mas quer saber? Acho que tenho uma solução melhor — disse Brendan.

— O que é?

Cheio de confiança, ele agarrou uma das lâmpadas da parede — e puxou com as duas mãos. A lâmpada se soltou e deixou um fio horroroso para fora. Gesso caiu na cara de Brendan.

— Você perdeu o juízo?

Brendan ficou irritado.

— Escuta aqui, amigo, você pode ser o fodão quando se trata de pilotar aviões e irritar minha irmã, mas está olhando para um veterano de centenas de horas de *As novas aventuras do Scooby-Doo*, e quando Scooby e sua turma precisam entrar em uma passagem secreta, eles sempre fazem a mesma coisa: puxam uma lâmpada!

— Scooby *quem*? — perguntou Will.

— Scooby-Doo; é um cachorro falante que, por acaso, é detetive. — Brendan pegou a lâmpada seguinte e puxou. Novamente, a lâmpada se soltou.

Will soltou uma gargalhada.

— Ok... então talvez Denver Kristoff não tenha instalado um mecanismo nas lâmpadas — falou Brendan, frustrado, enquanto tirava

pedaços de gesso do cabelo.

De repente, um espirro de água no pescoço de Will fez com que ele se virasse.

— Lá vai bomba! — ouviu Will do segundo andar.

Ele meteu a cabeça para fora da janela quebrada e viu parte de uma mesa à deriva no mar. A lua tinha nascido, e a luminescência fez as ondas parecerem enfeitadas com cristais.

— Cuidado! — berrou Cordelia lá de cima. — É melhor não machucar seu enorme cérebro de homem!

Will recolheu a cabeça — bem antes de uma cadeira quebrada cair da janela do segundo andar e bater na água, o que lançou outro espirro em cima dele.

— Você ficou maluca? — gritou Will para cima.

— Estamos aliviando o peso do navio! — berrou Cordelia. — “Soltando o lastro”, como diriam seus colegas navais!

— Essa... essa... — gaguejou Will; Brendan tinha certeza de que ele soltaria um insulto. — Essa é uma *ideia fantástica!* Pensou muitíssimo bem! Continue assim!

— Você é muito gentil! — respondeu Cordelia com uma boa dose de sarcasmo antes de jogar um cesto de vime esfarrapado na água.

Eleanor passava para a irmã um suprimento infinito de itens destruídos da suíte.

— Viu só? — Will se voltou para Brendan. — Agora suas irmãs estão ajudando de verdade, enquanto tudo que você está fazendo é arrancar lâmpadas. Fique fora do caminho e não cause problemas.

— O que você quer que eu faça? — perguntou Brendan.

— Apenas saia até eu quebrar esta parede — disse Will.

Brendan resmungou e chutou uma lâmpada. Will marcou um X na parede com o lápis e começou a bater com o martelo de bola. O piloto tentou se concentrar enquanto um rádio-relógio — e uma sapateira e um

aspirador de pó — caiu no oceano atrás dele. Brendan voltou para a sala de estar e desmoronou sobre o piano agora sem pernas. Caído no chão estava *Guerreiros selvagens*, o livro que Cordelia estava lendo e jogou sobre o sofá — e aquilo lembrou-o de algo importante.

— Délia! Nell! — Brendan entrou às pressas no corredor do segundo andar.

Cordelia e Eleanor não evitaram os sorrisos enquanto jogavam pela janela revistas, aparadores de livros e pesos para papéis que entraram pelo corredor.

— Bren, viu como está funcionando? — perguntou Cordelia. — Estamos mais leves!

— Sim, é ótimo, mas eu esqueci de contar para vocês que vi *O livro da perdição e do desejo*.

— O quê? Onde?

— Antes daquele lance com o colosso. Quando saí escondido para a floresta a fim de detonar a granada. Dentro do rochedo onde a explosão aconteceu.

— Como ele foi parar *ali*? — perguntou Eleanor.

— Eu não acho que o livro exista apenas em um único lugar. Acho que ele pode pular por aí. Tipo, se cedermos às vontades egoístas, o livro aparece. E seremos tentados a abri-lo. Mas esta é a questão: *não abra*.

— Por quê? — perguntou Cordelia. — *Você* abriu?

— Não! Eu ia, mas... teria sido errado. Aquele livro é pura maldade.

— Como você pode saber isso?

— Porque ele... — Brendan procurou pelas palavras certas. — Conforme eu me aproximava do livro, ele começou a ter um poder incrível sobre mim. Foi espetacular, tipo uma sensação realmente fantástica. Como se eu pudesse fazer qualquer coisa, como se eu fosse mais forte e mais poderoso do que qualquer pessoa. Foi tipo as conversas naquelas reuniões especiais na escola, quando nos ensinam sobre os perigos das drogas, sabe?

Que a pessoa pode ficar tão obcecada que elas podem controlar a vida e arruinar tudo? O livro é tipo isso. Quando o segurei, não me importei com mais nada. E pior de tudo... não me importei com nenhuma de *vocês*. E foi aí que eu soube... que tinha que fazer o possível para não abri-lo e jogá-lo longe. Porque se o abrisse... Tenho certeza de que ainda estaria naquela floresta. Sozinho. — Brendan engoliu em seco. — E eu não quero ficar sozinho, ok?

Eleanor abraçou Brendan. Ela não conseguia se lembrar de uma ocasião em que o irmão tivesse admitido que precisava de alguém da família. Cordelia observou e assentiu... mas pensou: *talvez o livro tenha assustado Bren porque ele não é a pessoa que deveria abri-lo. Talvez seja eu.*

— Agora... vocês querem minha ajuda? — perguntou Brendan. — Devemos jogar aquilo fora? — Ele apontou para os retratos da família de Denver Kristoff. As molduras estavam estilhaçadas no chão.

— Não parece correto jogar fora as recordações de alguém — falou Cordelia ao olhar para os retratos sob o luar, especialmente aqueles de Dahlia como bebê. — É estranho. Ela era um bebê tão adorável, tão fofinha e contente...

— Mas cresceu e virou a Bruxa do Vento — disse Brendan.

— Pois é. Ninguém ia imaginar isso. O Rousseau disse que todos nós nascemos como uma *tabula rasa*, que aprendemos o mal quando crescemos.

— *Pff*, impossível — comentou Eleanor. — Tem meninos na minha turma que já são maus. Tem um, David Seamer, que atacou o irmão com uma marreta.

— Que ridículo — falou Brendan. — Que menino de 8 anos conseguiria levantar uma... Espere... — De repente, Brendan desceu correndo a escada. — Vejo vocês em breve!

Cordelia e Eleanor se entreolharam.

— O que deu nele?

Lá embaixo, na cozinha, Brendan vasculhou os detritos no chão. Will se aproximou ao ouvir a comoção. Ele não tinha progredido muito com o martelo de bola.

— Que diabos você está procurando?

Brendan estava envolvido demais pela nova ideia para responder. Ele agarrou um bolo de sacolinhas plásticas de supermercado, uma pilha de copos descartáveis e um rolo de fita isolante. Colocou dois copos sobre os olhos e prendeu à cabeça com círculos de fita.

— O que você está *fazendo*?

— Óculos de mergulho. Agora me ajude a encher estas sacolinhas.

Para demonstrar, Brendan encheu uma sacola plástica como um balão e amarrou as pontas. O ar vazou, mas manteve o formato básico cheio. Will fez o mesmo, impressionado pela determinação de Brendan. Em pouco tempo, eles tinham cinco sacolinhas cheias de ar. Brendan abriu a porta para o porão.

— Você vai lá embaixo?

— Vou *mergulhar* lá embaixo — disse Brendan. Sem mais explicações, tirou a roupa, ficou só de cueca boxer e entregou para Will a potente lanterna Maglite. — Apenas aponte isso na direção da água.

Com as sacolinhas presas nos dedos e os óculos de mergulho improvisados na cabeça, Brendan entrou com dificuldade no porão alagado.

O raio de luz varou a água escura, mas os óculos não funcionaram tão bem quanto o planejado. Eles imediatamente se encheram com líquido salgado que tornou tudo indistinto. O menino apertou os olhos e tentou se guiar, e viu apenas silhuetas na escuridão: o sinistro manequim velho, o gerador SOS Blecaute... as latas!

Brendan tinha se esquecido da pilha de latas. Elas estavam no chão — e os Walker e Will ainda não tinham comido nada desde o café da manhã de Lunchables. Brendan precisava chegar às latas; não importava o que havia dentro. Ele pegou cinco em um braço e continuou procurando pela coisa

que tinha vindo buscar. Sabia que também estaria no chão — era pesada demais para flutuar. Os pulmões arderam enquanto Brendan tateava a madeira até tocar...

Na marreta.

Ele trabalhou rápido, com uma dor lancinante que crescia no peito, e amarrou as agora flutuantes sacolinhas de compras no cabo da marreta. Então Brendan tomou impulso no fundo com as últimas forças, nadou para cima e irrompeu na água em frente a Will.

— Consegui! — gritou ele. — Um martelo de verdade! E *isto!* — Brendan passou as latas para o piloto.

— Cordelia! Eleanor! — chamou Will. — *Comida!*

As irmãs Walker chegaram à cozinha quase antes de Will terminar de berrar. Elas rapidamente acharam um abridor de latas e abriram a lata de milho que Brendan recuperou. Podia estar frio e empapado, mas milho jamais foi tão gostoso assim na vida.

— *Mmm*, quantas dessas latas nós temos? — perguntou Cordelia.

— Um monte — respondeu Brendan. — Posso continuar mergulhando para pegá-las sempre que a gente ficar com fome.

— Tem pêssego em lata também, para a sobremesa? — indagou Eleanor. Todo mundo riu, mas ela continuou: — Ou garrafa de água mineral?

Ninguém riu desta vez. Todos estavam com uma sede terrível, e não havia água potável na casa; tudo que tinham para beber era suco de milho enlatado.

— Foi mal, Nell — disse Brendan. — Talvez quando a parede for quebrada a gente encontre um pouco de água.

— Vamos nessa — falou Will, arrastando a marreta para o corredor. — Milho me dá forças!

Os Walker o acompanharam. Will ergueu a marreta até o *X* e olhou para trás.

— Tenho que pedir às moças para se afastarem.

— Como é que é? — perguntou Cordelia. — Você decidiu virar sexista novamente?

— Isto não é tarefa para mulher — falou Will, e antes que Cordelia pudesse disparar outra resposta mordaz, Eleanor interrompeu:

— E quanto ao seu ombro? Você vai abrir os pontos!

— Besteira — respondeu Will, embora a dor no ombro fosse imensa e ele soubesse que só teria uma chance para fazer aquilo.

O piloto cerrou os dentes, brandiu a marreta para trás...

E varou a parede!

Foi um golpe preciso, bem no X, e, dado o que aconteceu a seguir, até mesmo Cordelia teve que se impressionar com a engenharia precisa de Will. Da cratera na parede, uma única rachadura correu para o teto, ziguezagueando enquanto choviam lascas de pintura, e então dois pedaços de gesso caíram para dentro em um único movimento.

Os Walker e Will olhavam para um enorme buraco na parede, de onde foi cuspidada poeira que não era mexida há quase um século.

Quando a nuvem baixou, foi revelada atrás do buraco uma passagem, escura e sinistra, com uma fileira de tochas apagadas montadas ao nível dos olhos. A fileira desaparecia na escuridão em ambas as direções.



Cordelia pegou uma vela do chão e tocou na tocha mais próxima. Com uma rajada intensa, a tocha pegou fogo; o corredor foi iluminado por um tom laranja tremeluzente. Em uma direção, o caminho ia para a sala de estar; na outra, seguia para a cozinha; mas em ambos os lados, o corredor parecia fazer uma curva no último minuto, que levava para pontos desconhecidos. A não ser pela fileira de tochas, não havia nada no corredor.

— Vamos? — perguntou Will ao entrar.

— Só se eu segurar a lanterna — disse Eleanor. — Não confio em tochas.

Cordelia entregou a lanterna para a irmã enquanto eles entravam em fila indiana e perguntou:

— Em que direção?

Eleanor insistiu que eles fizessem unidunitê para decidir que fossem na direção da cozinha.

Will tirou a primeira tocha da parede e usou para acender as outras. Cada tocha acesa tornou a passagem um pouco mais clara e menos intimidante para Eleanor. Ela virou o rosto para ver o caminho atrás e falou:

— É como João e Maria com as migalhas de pão.

— Eles não acabam sendo devorados? — perguntou Brendan.

— *Shhh* — ralhou Cordelia, mas Eleanor já tinha dado um soco no irmão, que aproximou o cabelo dele perigosamente perto da chama.

Depois da primeira curva, o corredor se abriu para uma câmara de 2,5 metros. Contra a parede havia uma estante de livros branca — mas em vez de correr para investigá-la, Cordelia recuou.

— É feita de ossos! — disse ela.

Realmente parecia que a estante tinha sido feita a partir de um esqueleto branco humano, com fêmures nodosos e retorcidos como pernas, e tíbias como prateleiras, onde havia livros tortos. Brendan olhou mais de perto e bateu com os dedos na estante.

— É apenas madeira, Délia.

A visão de Cordelia voltou ao lugar: a estante era feita de madeira flutuante branca, presa por parafusos de latão. A luz dançante e debochada das tochas pregara uma peça na menina.

— Foi mal — disse Cordelia.

— Que livros são esses? — perguntou Will. — Mais lixo de Denver Kristoff? Ele era um egomaniaco bem prolífico.

— Esses parecem diferentes — falou Eleanor.

Cordelia puxou um livro e abriu a capa de couro gasto. Encontrou uma folha de rosto em francês com uma ilustração de Adão e Eva no Jardim do Éden... só que a cabeça de Adão estava dividida em quatro partes, com o cérebro vazando pelas bordas, e Eva tinha uma terceira perna apodrecida que se projetava do torso. Cordelia estremeceu e virou a página para ver uma gravura de um crânio com quatro órbitas — e aí um bebê de bochechas rosadas com barbatanas atrofiadas no lugar de braços...

— *Ugh!* É tipo um livro antigo de curiosidades médicas — disse ela, fechando o volume e devolvendo-o para a prateleira.

— Legal! Me deixa ver! — exclamou Brendan, mas assim que abriu o livro, só precisou de uma olhadela para fechá-lo. — Não é realmente legal.

Will pegou um segundo livro. Este aqui parecia ser uma enciclopédia espanhola, mas os tópicos...

— Sacrifício humano — falou o piloto ao mostrar para Cordelia e Brendan uma ilustração de um sacerdote asteca com uma coroa de plumas, que arrancava um coração pulsante do peito de uma vítima aterrorizada. Will manteve o livro longe de Eleanor para evitar que ela visse a imagem grotesca.

— Esse tal de Kristoff curtia umas coisas nojentas — disse Brendan ao abrir algo chamado *Os deuses de Pegãna*, um dos poucos volumes que estava em inglês. — “Antes de haver deuses no Olimpo, ou que Alá fosse Alá, Mana-Yood-Sushai criou e descansou.”

— Um deus do sushi? Sobre o que é esse livro? — indagou Eleanor.

— Esta é uma obra rara do lorde Dunsany: um compêndio de divindades inventadas — respondeu Cordelia. — Posso ver?

Brendan passou o livro e abriu algo chamado *O jardim redolente*. Cordelia olhou para *Os deuses de Pegãna* antes de ela e Will verificarem os outros livros. Foi difícil determinar os temas, porque estavam em tantas línguas — francês, árabe, alemão —, mas pareciam retratar práticas indígenas de fertilidade, cultivo de ervas, criação de poções, feitiçaria e demonologia, um manual completo com figuras de espíritos ululantes e do fogo do inferno. Os livros até mesmo tinham um *cheiro* de maldade — as páginas amarelas misturadas com tinta velha produziam um odor forte.

— Tem cheiro de carne podre — disse Cordelia.

— Ora — comentou Will —, e quando você sentiu cheiro de carne podre?

— Bem, nunca, na verdade... mas eu, hã... li muitas histórias de detetives, e eles sempre dizem que carne podre tem cheiro de frios depois de cinco meses da validade ou de pargo-vermelho que ficou no sol por tempo demais — falou Cordelia.

— O cheiro de carne podre não tem nada a ver com esse livro — explicou Will. — E, acredite em mim, uma vez que você sente o cheiro, jamais esquece.

Cordelia se conteve e não perguntou onde Will estava exatamente quando sentiu o cheiro de carne podre. Voltou a folhear um livro chamado *O bestiário apócrifo* e parou após ver imagens suficientes de sofrimento humano — homens sendo esquartejados na roda de tortura, bebês sendo tirados das mães por feras peludas, corpos sendo devorados por zumbis — para garantir uma semana de pesadelos. Eleanor olhou calmamente para o corredor o tempo todo. Ela não estava preocupada com o que havia nos livros; estava preocupada com o que havia na casa.

— Vamos nessa — falou Cordelia ao tirar *O jardim redolente* das mãos de Brendan.

— Ei! Eu estava chegando à parte de “Pintura do corpo feminino para ritual de sacrifício”.

— Você odeia ler.

— Não coisas *assim*!

— Temos que manter o foco e ver aonde esse corredor vai dar. Esses livros estão me dando medo.

Os Walker e Will continuaram a penetrar nas entranhas da casa e acenderam tochas à medida que avançavam. A passagem ziguezagueava de um lado para o outro, mas não se bifurcava — até que eles chegaram a uma porta de aço espessa e enferrujada no lado esquerdo. Ela deu a impressão de que teria uma tranca bem forte, mas estava parcialmente aberta, de maneira tentadora.

— Um pouco fácil demais — comentou Brendan. — Quem quer ir primeiro?

Não houve resposta.

— Will? — perguntou Brendan.

— Por que eu?

— Porque você é o mais velho.

— Não muito mais velho, ora bolas.

— Porque você está armado — sugeriu Eleanor.

— Isto não vai ajudar contra sei lá que espíritos estejam aqui embaixo!

— Porque a gente confia em você — disse Cordelia, finalmente.

Will não poderia desistir diante desta declaração. Abriu a porta devagar com o Webley para revelar...

— Uma adega de vinhos! Agora sim, *esses* são meu tipo de espírito!

O cômodo tinha duas vezes o tamanho da câmara que continha a estante. Era repleto de tochas apagadas — e uma estrutura de madeira que guardava inúmeras garrafas de vinho chamava a atenção. Will entrou.

— 1899! Um ano muito bom. — Sorriu enquanto erguia uma garrafa.

— Devolva — disse Eleanor. — Não tem refrigerante?

— Não se guarda bebida gasosa em adegas de vinho — respondeu Will. — Não tem um saca-rolhas?

— Ela está certa, Will. Devolva o vinho — ordenou Cordelia. — Por que você e o Bren não continuam explorando a passagem enquanto Eleanor e eu procuramos aqui?

— Vocês vão procurar *o quê*, exatamente?

— Água! — disparou Eleanor. — Vinho não conta!

— Está bem — disse Will.

Os dois rapazes saíram, mas não antes de Brendan dar um alerta para as irmãs.

— Cuidado para não ficarem presas aí. Parece que este aposento é trancado por dentro. — Ele apontou para uma barra de metal que podia ser deslizada pela porta e se encaixar.

— Obrigada, Bren — agradeceu Cordelia.

Ela acendeu a lanterna Maglite e começou a vasculhar a adega de vinhos com Eleanor. A luz bateu em uma linda penteadeira antiga ao lado

da porta. O espelho estava sujo, com poeira; as bordas, rachadas com a idade.

— Aposto que a esposa de Denver Kristoff passava muito tempo aqui — comentou Eleanor. — Isto parece coisa de menina.

— Eu acho que Denver era uma pessoa vaidosa. A maioria dos escritores é — falou Cordelia. — Provavelmente se sentava aqui para aparar a barba e passar cera no bigode antes de ir para a cidade com nosso tataravô. — Para provar o argumento, ela abriu uma das gavetas da penteadeira e tirou uma navalha enferrujada. — Viu só? Obviamente uma penteadeira de homem.

— Então... ele usava maquiagem também? — perguntou Eleanor ao pegar uma bolsinha de veludo de pó compacto.

— Isso é estranho, na verdade; eu não achava que os homens ainda usassem maquiagem na época de Kristoff.

Eleanor abriu outra gaveta que continha uma lata de creme, uma caixa de fósforos e uma foto velha e amarelada, que ela entregou para a irmã. Cordelia examinou a foto e viu uma anotação atrás: “Os Guardiões do Conhecimento, 1912. Clube Boêmio.”

A foto mostrava um grupo de homens em uma grande escada em espiral dentro de um salão decorado, com minúsculas gárgulas entalhadas nos postes do corrimão. Os homens usavam robes negros e enormes perucas empoadas com 30 centímetros de altura.

— Este é o clube sobre o qual o Rutherford Walker escreveu! — falou Cordelia.

— E estes são os tais Guardiões do Conhecimento de que ele falou — disse Eleanor.

— Que moda ridícula. Tipo assim, perucas empoadas eram retrô até mesmo em 1912! — Cordelia começou a examinar os rostos na foto; havia cerca de quarenta homens. — Aqui! Denver Kristoff.

Ela apontou para um homem com um rosto sério e uma barba perfeitamente modelada — o mesmo rosto que eles viram na foto lá em cima. O homem tinha olhos que encaravam Cordelia ao mesmo tempo que pareciam olhar dispersos para o nada, como se vissem horrores que apenas eles enxergavam.

— Viu nosso tataravô em algum lugar? — perguntou Eleanor.

— Não tenho certeza. Tente encontrar alguém parecido com o papai — sugeriu Cordelia, mas não importava o quanto procurassem, não conseguiam encontrar ninguém. Após um tempo, os rostos começaram a ficar parecidos.

— É inútil! Eu odeio esta foto! — gritou Eleanor, que pegou o retrato para rasgar, mas foi impedida pela irmã.

— Nell, não. Ela é outra peça do quebra-cabeça. Não podemos deixar que as emoções nos dominem. Pense. Denver Kristoff e Rutherford Walker eram melhores amigos em 1906, mas quando esta foto foi tirada, seis anos depois, parece que Walker não está presente. Então o que aconteceu entre eles?

Enquanto Cordelia e Eleanor refletiram a respeito daquela pergunta, Brendan e Will chegaram a outra porta no corredor. Essa não era de metal; era feita de madeira podre. Will pegou uma das tochas da parede para ter luz, que foi refletida pela madeira.

— Desta vez, você vai na frente — sugeriu Will.

— Só se eu ficar com sua arma — disse Brendan.

— Bela tentativa. Eu cubro você.

Nervoso, Brendan deu um passo à frente, girou a maçaneta e empurrou a porta. Ela não se moveu.

— Dã, acho que abre para fora. — Brendan puxou a porta... e tombou para trás soltando um grito agudo quando um esqueleto caiu em cima dele.

Will quase deu um tiro no esqueleto, mas rapidamente se deu conta de que não era uma ameaça, apesar de cobrir Brendan com ossos ruidosos.

Brendan se afastou rapidamente.

— Mas que... *O quê?*

A porta aberta revelou um closet vazio; a única coisa dentro tinha sido um esqueleto, cujos ossos eram mantidos unidos por parafusos ou cola. Agora ele estava caído no chão, esparramado como se tivesse mergulhado de barriga ali mesmo, com a cara dentuça encarando Brendan. Logo acima do olho esquerdo, o crânio estava lascado.

— Calma — falou Will ao levantar o esqueleto pela cabeça. Os ossos penderam frouxos. — Parece um antigo acessório médico. Você nunca ouviu falar de um esqueleto no armário?

— Não tem graça — disse Brendan. — Isso era um ser humano de verdade.

Will deu de ombros e empurrou o esqueleto de volta no momento em que Cordelia e Eleanor surgiram às pressas no corredor para descobrir por que o irmão gritava.

— Diga para elas que a gente viu uma aranha ou algo assim — sussurrou Brendan para Will. — Se Eleanor vir aquele esqueleto, vai precisar de, tipo, uns vinte anos de terapia.

— O que aconteceu? — perguntou Cordelia.

— Nada preocupante. Brendan abriu este closet. Havia uma aranha dentro — respondeu Will.

— De que tamanho? — indagou Eleanor.

— Enorme — disse Brendan. — Provavelmente uma tarântula.

— Uma *tarântula*? — exclamou Eleanor. — Eu nunca vi uma *tarântula* viva de verdade!

Ela abriu a porta do closet rapidamente, antes que Will ou Brendan conseguissem impedi-la.

O esqueleto caiu novamente, desta vez bem em cima de Eleanor, e cobriu a menina como um lençol ossudo. Ela deu um berro agudo e agarrou o esqueleto para tirá-lo de cima, mas a confusão de dedos, ossos e dentes

ficou presa no cabelo e na roupa. A menina tentou se sacudir para afastá-lo, mas ao se contorcer, o esqueleto apenas ficou mais embolado com ela. Por um instante, parecia que os dois faziam uma coreografia acelerada do Cirque du Soleil — até que Eleanor disparou de volta pelo corredor, gritando a plenos pulmões, com o esqueleto ainda preso.



— Volte aqui! — chamou Brendan, mas a irmã não escutava. Ela não parou de correr até que os Walker e Will a alcançaram na altura da estante de madeira flutuante.

— Nell! Pare de se mexer! Você só vai ficar mais embolada! — disse Cordelia.

— Ele está *vivo!* — guinchou Eleanor. — Está tentando me estrangular!

— Você está imaginando coisas. — Cordelia se ajoelhou em frente à irmã exatamente como a Sra. Walker sempre fazia. — Calma. Tudo vai ficar bem.

Cordelia começou a arrancar lentamente o esqueleto preso em Eleanor; primeiro, retirou os dedos dos ombros da irmã, depois soltou os braços e as pernas. Dentro de instantes, o parasita assustador foi reduzido a uma mistura de ossos no chão.

— Ele deixou marcas de osso nas minhas *roupas*, viu? — perguntou Eleanor. Ela arfava para respirar, e lágrimas escorriam pelo rosto.

— Vi — respondeu Cordelia enquanto lambia o polegar para esfregar e limpar os pontos imaginários que Eleanor insistia que estavam na roupa. — Todas as marcas saíram, viu?

— E tem algo aqui... — falou Eleanor ao arrancar um dente de esqueleto *nada* imaginário da orelha e entregar para a irmã.

— Eca — disse Brendan, que assistia à cena com Will.

Cordelia deu um abraço em Eleanor enquanto deixou o dente cair e gesticulou para o piloto dar um jeito nos ossos. Will pegou o esqueleto e o levou para o corredor. Apenas o dente foi deixado chamando atenção no chão.

— Foi mal, Nell — falou Brendan, abraçando a irmã. — Eu inventei sobre a tarântula porque não queria que você visse aquele troço.

— Prefiro um milhão de tarântulas do que um esqueleto morto! — disse Eleanor. — De agora em diante, apenas me diga a verdade. Eu já sou grandinha para encarar.

Brendan assentiu e pegou a mão da irmã. Cordelia pegou a outra... e, poucos minutos depois, os três Walker saíram do buraco no corredor secreto e voltaram ao lado “normal” da Mansão Kristoff — se é que qualquer parte da casa podia ser considerada normal. Will veio atrás e apagou as tochas.

— Você trancou o closet? — perguntou Eleanor.

— Infelizmente, não há tranca, mas aquele esqueleto não vai a lugar algum. Está mortinho da silva.

— Nesta casa? Eu não apostaria que alguma coisa permanecesse morta — disse Brendan.

— É por isso que vou dormir entre vocês dois hoje à noite — falou Eleanor.

— Está *mesmo* na hora de dormir — comentou Cordelia. — A gente teve um longo dia.

— E estou com *tanta* sede — disse Eleanor. — Detesto até mesmo dizer isso, porque deixa os lábios mais secos. É como se o corpo murchasse por dentro.

— Eleanor está certa — concordou Will. — Precisamos beber alguma coisa. A desidratação mata. Nós acabamos com todo o gelo derretido?

Cordelia fez que sim com a cabeça.

— E obviamente não há nada saindo das torneiras... e a privada?

— Que nojo — falou Brendan. — Vou fingir que você não disse isso.

— Então os banheiros ainda têm água doce? — perguntou Will.

— Não é doce, sacou? É água *da privada!* — exclamou Brendan.

— É melhor do que água do mar — respondeu Will. — E vocês não acabaram de se mudar para cá? Até parece que as privadas foram muito usadas. — Ele começou a andar na direção do banheiro do primeiro andar. — Vocês vêm?

Os Walker vieram atrás. De fato, a privada estava cheia de água limpa. Will meteu a mão e bebeu um bocado.

— Ótima — disse ele, que bebeu uma segunda vez. — Tem um gosto cristalino.

A boca de Brendan ficou cheia d'água enquanto observava, mas ainda estava enojado com a ideia.

— Não consigo — disse ele. — Por mais que esteja com sede, não consigo beber água da privada.

— Apenas pense que é uma tigela de ponche — sugeriu Will.

— Eu não mijo em uma tigela de ponche — argumentou Brendan.

— E quanto à água daqui? — falou Cordelia ao abrir a tampa da caixa acoplada. Dentro havia água cristalina. — Parece menos nojento beber daqui.

— Eu concordo — falou Eleanor, que respirou fundo e bebeu da caixa acoplada.

Cordelia se juntou a ela, seguida por Brendan... e, em um instante, todos os Walker beberam água da caixa acoplada como se fosse a única H₂O da casa — porque era mesmo. Brendan nunca provara uma água assim antes. Parecia curá-lo ao descer pela garganta, e em pouco tempo — muito breve —, a barriga estava cheia e ele sentiu sono.

— Isso deve ser o suficiente para a noite — disse Will. — Amanhã continuamos a procurar pelo corredor atrás de água doce... e comeremos o que conseguirmos encontrar nas latas do porão.

— A gente tem que escovar os dentes antes de dormir? — perguntou Eleanor.

— De jeito algum — respondeu Cordelia.

Eleanor fez um gesto de comemoração antes de todos subirem para a suíte, de onde ouviram as ondas baterem do lado de fora.

As condições deterioraram consideravelmente desde a noite anterior. Em vez de uma cama e alguns colchões no chão, agora havia apenas o colchão king size, que eles tiveram que retirar da janela quebrada. (Os outros colchões aparentemente saíram pela mesma janela após o soco do colosso na casa; não estavam em lugar algum.) Os Walker e Will só couberam no colchão king size deitados como sardinhas. Os meninos ficaram nas bordas, e as meninas, no meio.

— Amanhã eu não durmo na borda — disse Brendan.

— Por quê? — perguntou Cordelia.

— Porque tem *vidro* no chão, sacou? E se eu rolar? Vou acordar com vidro na cara!

— Você é tão criança! — provocou Eleanor.

— E um frouxo — disse Cordelia.

— Eu odeio vocês — falou Brendan, bocejando.

Mas quando todos pararam de rir na noite silenciosa, ele olhou para a lua pela janela... e pensou que, dentro da casa, não importava o que acontecesse, mesmo que o estômago estivesse cheio de água da privada, ele tinha uma família amada e um amigo. Lá fora havia uma lua fria e um oceano mais frio ainda. Não tinha como competir.

— Retiro o que disse — disse Brendan. — Não odeio vocês. Não queria estar preso dentro de uma casa flutuante com mais ninguém.

Eleanor foi a primeira a adormecer, enquanto segurava o braço da irmã. Assim que Brendan fechou os olhos, ouviu Will cochichar para Cordelia:

— A maneira como você cuidou de sua irmã lá atrás foi emocionante. Me lembrou de alguém que uma vez tomou conta de mim... meu irmão mais velho, Edgar.

— Eu te lembrei do seu *irmão*? — perguntou Cordelia, ofendida.

— Não, não, você é bem mais bonita! — corrigiu-se Will. — Edgar, um sujeito maravilhoso, mas que deixava um tanto a desejar no quesito beleza.

Brendan abriu os olhos para poder revirá-los direito. *Pelo visto, esses dois fizeram as pazes*, pensou ao se virar com cuidado para não cair da cama em cima de algum caco de vidro. Brendan prestou atenção até ouvir a respiração constante de Will, Cordelia e Eleanor... mas não conseguiu dormir.

Ele certamente estava cansado; o corpo, machucado e esgotado como se tivesse acabado de jogar três partidas seguidas de *lacrosse*. As pequenas coisas o mantinham acordado — a batida forte de uma onda enorme; o respingo de um peixe do lado de fora da casa (*ou talvez de outra criatura qualquer, mais cruel?*); aquele assobio contínuo do barril em algum lugar dentro das paredes. Brendan tinha medo de ir ao primeiro andar, então ficou na cama meio dormindo, meio acordado, se agitando e virando o corpo no pequeno espaço que lhe foi designado no colchão.

E então ouviu alguém entrar no quarto.

Brendan manteve os olhos fechados. *É a mente me pregando peças. Desde que eu mantenha os olhos fechados, a sensação vai passar*. Ele costumava fazer esses joguinhos quando era mais novo: imaginava que Shiva, o deus hindu da destruição, estava dentro do quarto, ao lado da cama, e o mataria se ele ficasse com tanto medo a ponto de abrir os olhos. (Ele tinha lido sobre Shiva em uma enciclopédia, e francamente, aquilo o desestimulou a abrir uma enciclopédia novamente na vida.)

O som de passos ficou mais próximo. Seja-lá-o-que-fosse rangia e estalava ao se mover. Brendan ficou completamente imóvel, completamente aterrorizado. *Não olhe, não olhe*, ele se esforçou, tentando controlar o cérebro, mas aí pensou: *Você tem que olhar; você não quer ver a coisa que vai te matar?* Brendan abriu os olhos de supetão.

E viu o esqueleto do primeiro andar diante dele.

O esqueleto encarou Brendan, e embora os olhos fossem apenas buracos vazios, ele tinha um olhar intenso. Também havia uma lasca acima do olho. Os ossos da parte de cima da bochecha roçaram uns nos outros quando ele abriu a mandíbula em um sorriso que revelou o dente faltando. Então o esqueleto levou a mão ao rosto, estendeu um dedo ossudo sobre o que um dia foram os lábios, e soltou um som baixinho...

— *Shhh.*



Brendan gostava de pensar que era macho, mas com o esqueleto ao lado, fez um som — “ah, ih, ah” — que não parecia de homem. Parecia que estava se engasgando com Doritos.

O esqueleto desdobrou um braço e esticou na direção do pescoço de Brendan. O menino tentou se afastar, mas os músculos viraram gelatina; tentou gritar, mas se esqueceu de como respirar. Brendan sabia que os dedos pegariam a garganta...

Porém, em vez disso, o esqueleto tocou na ponta do queixo do menino e ergueu a cabeça para o teto. Com a outra mão, apontou para cima. Na direção do sótão.

Brendan empurrou o esqueleto e soltou o grito mais alto da vida. Soou como um bovino de 300 quilos sendo atropelado por um bulldôzer.

— Bren! Qual é o seu *problema*? — gemeu Cordelia.

Brendan pestanejou — e o esqueleto sumiu. O menino estava sentado com a coluna reta no colchão, havia suor na testa e as mãos batiam no rosto e no peito para se certificar de que ele ainda estava ali.

— Impossível — falou Brendan. — É sério? Um *sonho*?

— Aparentemente — disse Cordelia, que se virou de bruços. — A não ser que estivesse treinando sua imitação de alarme de incêndio.

— Pessoal, sejam bonzinhos. Ele teve um pesadelo! — falou Eleanor.
— Você está bem, Bren?

— Acho que sim... Foi mal ter acordado vocês...

— Você provavelmente acordou alguns *peixes* — resmungou Will.

— O que você sonhou? — perguntou Eleanor. — Que se afogava?

— Não foi... — Brendan balançou a cabeça. — Eu estava *acordado*. E aquele esqueleto no closet lá embaixo... eu o *vi*. Estava sem um dente, tinha a mesma lasca acima do olho... e estava bem aqui.

— Eu sabia que aquela coisa era do mal — disse Eleanor.

— Para, Bren — falou Cordelia. — Você está assustando sua irmã, e nós precisamos dormir! Guarde seus sonhos pra você.

— Eu *não estava* sonhando! E aposto que o esqueleto ainda está no quarto...

— Onde?

Todos olharam em volta. Não havia sinal do esqueleto.

— Lembra mês passado? — perguntou Cordelia para Brendan. — Você sonhou com aquele antigo desenho do Mickey feiticeiro e começou a chorar “Mamãe! Mamãe!”.

— Tá bom, dane-se — falou Brendan, que disparou uma olhadela para Will. — Voltem a dormir, pra mim tanto faz.

Cordelia e Will resmungaram e voltaram a dormir. Mas Eleanor esticou a mão e pegou a do irmão.

— Eu acredito em você.

Brendan apertou os dedos de Eleanor enquanto a irmã adormecia. A respiração foi ficando lentamente regular. Assim que teve certeza de que ela dormia, ele colocou a mão dela com delicadeza ao lado do corpo e saiu da cama.

Pegou a lanterna Maglite, foi ao outro lado da cama na ponta dos pés e estendeu a mão na direção do coldre de Will. Ele não iria nesta missão sem estar armado. Brendan se lembrou do alerta do piloto sobre a seriedade das

armas e de que as coisas deram errado com a granada, mas tomaria mais cuidado desta vez. Não era uma questão de quebrar as regras. Era uma questão de sobrevivência.

Brendan tirou o Webley com um cuidado excessivo para garantir que não acordaria o piloto. Depois saiu lentamente do quarto e desceu a escada em espiral, com a lanterna em uma mão e a arma trêmula na outra, e foi pensando, por incrível que pareça, no astrônomo Galileu.

Galileu era um dos heróis históricos de Brendan. Quando o cara foi levado à Inquisição por causar muita confusão com a história de a Terra se mover em volta do sol, ele supostamente abaixou a cabeça, pediu desculpas e então falou, baixinho:

— E, ainda assim, ela se move!

Historiadores recentes concluíram que todo o incidente era uma lenda urbana, mas Brendan não acreditava nisso. Galileu era esperto demais, corajoso demais, *macho* demais para apenas ficar sentado e deixar que outras pessoas dissessem como as coisas funcionavam quando ele sabia a verdade. Brendan, às vezes, imaginava como seria essa situação: estar em um aposento cheio de gente que acreditava em algo errado e *saber* o que estava certo. Agora, enquanto andava sozinho pela Mansão Kristoff até a passagem secreta, ele sabia como era. *Eles podem dizer o que quiserem sobre aquele esqueleto — mas ele se moveu! E me disse algo importante...*

Que o lugar dele é o sótão.

A jornada pelo corredor foi mais tranquila desta vez. Brendan já tinha percorrido aquele caminho antes; isso fez toda a diferença. Ele foi ao closet onde Will havia guardado novamente o esqueleto e abriu a porta com o Webley em punho, dedo nervoso no gatilho, surpreso com o peso da arma.

— Saia com as mãos para o alto!

O esqueleto desmoronou aos pés de Brendan.

— Então o que foi aquilo? — perguntou o menino, apontando a arma para os ossos. — Por que você queria ir ao sótão?

O esqueleto ficou imóvel. Calado.

— Foi algum tipo de sinal? Algum tipo de pista?

Os ossos não deram resposta alguma.

— Tudo bem. Você quer que eu faça da maneira mais difícil.

Brendan colocou o esqueleto sobre o ombro e levou pelo corredor, fez careta quando os apêndices ossudos cutucaram e beliscaram a pele. Ele parou quando alguma coisa reluziu no chão: o dente que Eleanor arrancou da orelha.

— Você vai precisar disto — falou Brendan ao se abaixar para guardar o dente no bolso. Ele descobriu que falar com o passageiro evitava que ficasse com medo. — Eu sei que não sonhei com você, Esqueleto, então calculei que só podia ser uma visão. E pensei: se você é uma visão, tem que estar me dizendo alguma coisa. E talvez você seja como aquele esqueleto de morcego... talvez se eu te levar ao sótão, você volte à vida. Talvez seja um poder especial que esta casa tem neste mundo. E talvez você seja Denver Kristoff ou Rutherford Walker, ou outra pessoa que possa nos ajudar a sair daqui!

Brendan foi ao segundo andar e desviou da suíte para chegar ao sótão. Os homens de Slayne transformaram o que antes foi a escada do sótão em um buraco escancarado. Brendan jogou os ossos lá em cima e empilhou destroços para fazer um banquinho improvisado, gemendo enquanto trabalhava. Finalmente, conseguiu erguer o corpo para o interior do sótão e desmoronou ao lado do esqueleto. Ele desligou a Maglite e apontou a arma de Will para o crânio sorridente.

— Então, você e eu, vamos apenas ficar aqui deste jeito... a noite inteira. E, em algum momento, se você estiver a fim de voltar à vida, ou simplesmente se levantar e me contar o que está acontecendo, eu estarei pronto para escutar.

A cabeça lascada do esqueleto quase pareceu ouvi-lo. Enquanto olhava para ela, Brendan começou a adormecer — e aí se lembrou.

— Seu dente! Isso mesmo, foi mal. Se você falar, não quero que fale puxando o “s”. Quero entender tudo que você disser.

Ele enfiou o dente na boca do esqueleto, sorriu para o sorriso que recriou, e depois abaixou a cabeça e achou que o piso de madeira era mais macio do que qualquer travesseiro. A sensação anterior de não conseguir dormir foi revertida; agora, com a estranha missão completada, Brendan teria dormido durante um espetáculo de fogos de artifício... e, então, de repente, o sótão foi iluminado pelo sol da manhã.

Brendan acordou, se virou e conteve um grito.

Com o passar da noite, o esqueleto voltou à vida. Mas não se transformou em Denver Kristoff ou Rutherford Walker. Ele era agora uma ruiva pálida, com aparência assustada, e muito nua.

— Hã... — falou Brendan. — Quem é você? Está bem?

A ruiva abriu os olhos de supetão, se cobriu, chutou Brendan com os pés descalços e gritou mais alto do que ele na noite anterior:

— *Socooooorro!*



Na suíte, Will se sentou num pulo.

— Cordelia! Eleanor!

— O quê? — perguntaram as irmãs enquanto esfregavam os olhos.

Então elas ouviram o guincho vindo do andar de cima, como se uma jovem muito irritada estivesse se defendendo com um ataque de altos decibéis... e pequenos objetos domésticos, que quicavam nas paredes. Brendan berrou de dor.

— É o Bren! — exclamou Cordelia. — Parece que ele está em apuros.

— Mas quem é a menina? — perguntou Eleanor.

— Tomara que não seja aquela Bruxa do Vento maldita! — falou Will ao pular do colchão. — Sigam-me! — Ele meteu a mão na arma... e de repente ficou muito irritado. — *Brendan!*

Lá em cima, Brendan estava acuado em um canto, onde tentava aparar bibelôs e peças quebradas da escrivaninha que a ruiva reanimada jogava nele. A mulher estava de lado e tentava pegar qualquer coisa que encontrasse com uma mão, enquanto cobria o corpo com a outra.

— Pare de me devorar com os olhos, sua criança depravada!

— Pare de jogar coisas em mim e eu não vou precisar... *ai!*

— O que você fez com as minhas roupas? Onde está o Sr. Kristoff?

— Morto! *Ai!* Vou pedir roupas para minha irmã! Qual é o seu *nome?*

— Eu faço as perguntas, não você! — A ruiva pegou a Maglite...

— *Pare!* — ordenou Brendan. A voz falhou. — Esta é nossa única lanterna! — Com as mãos trêmulas, ele apontou a arma para a mulher...

BLAM.

Brendan não fez ideia de como aconteceu. Os dedos devem ter escorregado. Assim que ouviu o disparo, ele sabia que foi errado ter roubado a arma. Ela deu um coice assustador, como um pequeno bicho furioso.

O tiro pegou no teto. Brendan não fazia ideia de como mirar. A bala atingiu um lustre — um globo metálico em uma corrente — que caiu sobre a ruiva. O vidro já tinha sido quebrado pelo ataque do colosso, mas a armação fez com que ela desmoronasse no chão.

— Não! — berrou Brendan. Ele jogou a arma de lado (estava quente) e correu até a ruiva. — Me desculpe, por favor, acorde, eu não tive a intenção, não deveria ter pegado aquela arma, eu nem sei. . . *ugh!*

A mulher chutou Brendan na virilha.

Imitando Will, ele soltou um “caramba!” antes de desmoronar no chão. A mulher ficou diante dele e ergueu o lustre amassado. Um filete de sangue escorria pela testa, mas isso não iria impedi-la de enfiar o lustre na cara de Brendan...

— *Pare!* — ordenou Will.

Ele tinha subido no sótão com Eleanor e Cordelia. A mulher olhou para ele, soltou o lustre e se cobriu.

— *Me deixe em paz!* — berrou a mulher. Ela passou a ponta dos dedos no filete de sangue na cabeça. — *Ele tentou me matar!*

— Fique calma — falou Will, enquanto dava um cauteloso passo à frente.

Ele cobriu a mulher com a jaqueta de bombardeiro e fez pressão com um lenço contra a cabeça para parar o fluxo de sangue. Cordelia observava,

fascinada; ela pensou ter reconhecido o cabelo ruivo da mulher e os olhos verde-oliva.

— Quem é você? — perguntou Cordelia.

A mulher não respondeu.

— Brendan! — ordenou Will. — Devolva meu Webley, seu ladrão!

Assustado e envergonhado, Brendan entregou a arma para Will.

— Eu disse claramente para você não tocar na minha arma — disse o piloto. — Por que foi fazer algo tão ridiculamente irresponsável?

— Eu só... eu queria estar seguro — respondeu Brendan.

— *Seguro?* — perguntou Will, incrédulo. — Ao roubar minha arma, você colocou a si mesmo e todos nós em perigo!

— Eu estava em uma missão importante. Queria a arma de um homem.

— Uma arma não torna você um homem. Não se rouba hombridade.

Você entendeu?

— Sim, Will — disse Brendan, arrasado.

— Muito bem. — O piloto guardou a arma. — Agora, senhorita — disse ele para a mulher —, meu nome é Draper. Tenente-coronel Will Draper. *Royal Flying Corps*, esquadrão setenta. Estes são meus companheiros de viagem: Brendan, Cordelia e Eleanor. Quem é você?

Cordelia fechou a cara ao se lembrar: *esta foi a mesma maneira que Will se apresentou para mim na floresta.*

— Primeiro, é melhor você controlar aquele pequeno lunático! — falou a ruiva. Ela assoprou uma mecha de cabelo para longe do rosto como um gesto de provocação. — Se ele fosse bom de mira, teria me matado. E mais, eu não gosto da forma como ele me olha.

— Ei, Pippi Meialonga, eu *não* estou olhando para você. Não tenho interesse em ruivas com sardas nos...

— Já chega! — disse Will.

Brendan fechou a matraca.

— Senhorita — continuou o piloto —, eu entendo perfeitamente seu incômodo e vergonha. Ainda por cima, você foi ferida. Cordelia, pode correr e pegar algumas roupas para a jovem?

— Correr e pegar? — perguntou Cordelia. — Eu não sou um cachorro. E sei o nome dela. É Penelope Hope.



A mulher lançou um olhar chocado para Cordelia.

— Você sabe meu nome?

— Eu li em um livro de Denver Kristoff — explicou Cordelia. — Você é Penelope Hope, uma enfermeira que mora em Frimley durante a Primeira Guerra Mundial.

— Não... — falou Penelope, completamente desnorтеada. — Eu nem sei o que é um Frimley. Meu nome é Penelope Hope, sim, mas sou uma criada. Aqui. Na Mansão Kristoff. E eu realmente gostaria de algumas roupas.

— A gente vai pegar alguma coisa para você — disse Cordelia.

Ela desceu do sótão com Eleanor e pensou como a situação ficou distorcida: no livro *O ás do combate*, Penelope Hope era a mulher por quem Will Draper se apaixonava.

De volta ao sótão, Will e Brendan mantiveram distância de Penelope. Ela olhou pela janela para as ondas agitadas, envolta na jaqueta de bombardeiro de Will. O sol estava no céu e tremeluzia.

— Nós estamos flutuando no mar? Como isso é possível?

— Primeiro, por favor, nos diga de onde você veio — pediu Will.

— Do closet — respondeu Brendan.

— Como é? — perguntou Will.

— Na noite de ontem, ela era o esqueleto do closet. Hoje de manhã ela era... *ela*.

— Você está me confundindo — falou Penelope. — Eu era um *esqueleto*?

— Por favor, me permita. — Will empurrou Brendan para o lado. — Penelope, você sabe em que ano nós estamos?

— 1913.

— Infelizmente, não. De acordo com meus companheiros, estamos em 2013.

— Que ridículo.

— Você já viu um desses antes? — Will meteu a mão no bolso e entregou algo para Penelope que pegou Brendan de surpresa.

— Meu PSP! Onde você pegou?

— Você rouba minha arma; eu roubo seus jogos. Srta. Hope? Alguma ideia?

— Nenhuma ideia — respondeu Penelope enquanto girava o aparelho.

— Permita que eu demonstre.

Will ligou o PSP. O queixo de Penelope caiu.

— É como uma fotografia... colorida? E se *mexe*? *Como*?

Pelos dez minutos seguintes, Brendan e Will encheram Penelope com as aventuras que eles viveram — e Brendan relatou um século de história do mundo. Foi uma longa e envolvente conversa com muitos sorrisos e piadas, e ao final, o menino perdoara Penelope por ter acordado assustada e tê-lo chutado. Aí as irmãs Walker retornaram com um vestido para a criada: roxo e verde, com uma gola de crochê e ombreiras enormes. Todos saíram do sótão para que ela pudesse se vestir.

— É aquele vestido horrível que a vovó te deu de natal! — falou Brendan com Cordelia. — Por que você não deu algo mais bonito para ela?

— Brendan está a fim da menina nova! — provocou Eleanor.

Brendan estava pronto para se defender, mas recebeu ajuda de Will.

— E daí? Penelope é inteligente, sabe falar bem, especialmente para uma criada, e é bem bonita. É até boa demais para o seu irmão.

Brendan deu um olhar impressionado para Will.

— Vocês dois — disse Cordelia —, não se encantem por esta mulher. Há uma personagem no livro *O ás do combate* de Denver Kristoff chamada Penelope Hope, e aposto que esta criada foi a inspiração para ela. A não ser que vocês queiram ficar a fim da mesma garota que Kristoff...

— Eu não sou a fim de ninguém! — exclamou Brendan.

— E eu sou um homem livre; posso fazer o que quiser — argumentou Will.

Cordelia parecia desapontada. Will suspirou, colocou a mão no ombro dela, e procurou pelas palavras adequadas para tentar ser o mais compreensivo possível.

— Cordelia — falou ele —, eu sou velho demais para você.

— Velho demais? — Cordelia ficou lívida de repente. As palavras de Will tiveram exatamente o efeito oposto do que ele pretendia. — Você só tem 17 anos! Dois anos mais velho do que eu!

— O quê? Mas como...

— Você mentiu a idade para se alistar no RFC.

— Você sabia disso?

— Eu sei tudo a seu respeito por ler *O ás do combate*...

— Então você *leu* a meu respeito! Que bom que admitiu!

— Espere, Will é uma criança que nem a gente? — perguntou Eleanor.
— Legal. Agora não vai ser tão sinistro se a gente voltar e ele for ao baile da formatura com Délia...

— Estou vestida! — anunciou Penelope, lá do sótão.

Todos subiram, com a tensão entre Cordelia e Will ainda pairando no ar.

Penelope Hope parecia graciosa mesmo naquele vestido horroroso. Ela se sentou na janela e contou sua história, enquanto Will olhava ao redor do aposento para não encará-la. Brendan encarava. Eleanor achou que a criada estava bonita. Cordelia achou que estava normal.

Penelope deu início à história.

— Eu comecei a trabalhar na Mansão Kristoff como criada da lavanderia, nos aposentos do patrão, há dois anos... hmm, quer dizer, em 1911. É claro que, quando aceitei o emprego, sabia que o Sr. Kristoff era esquisito. Mesmo quando ele passou para me cumprimentar durante a entrevista, havia algo sinistro em seus olhos. Eu presumi que ele estivesse pensando nas histórias. Depois que fui contratada, descobri que o Sr. Kristoff não comia nem dormia quando trabalhava em uma história.

— Com sua educação limitada — comentou Cordelia —, deve ser difícil entender a rotina de trabalho de um gênio.

— Eu não quis dizer que ele trabalhava pesado — falou Penelope, irritada com a alfinetada de Cordelia. — Quis dizer que o Sr. Kristoff literalmente *não* comia nem dormia. — A voz ficou baixa. — As coisas ficaram mais sinistras quando ele ficou obcecado com algo que chamava de sua “maior obra”.

— A maior obra do Kristoff? — perguntou Cordelia. — Qual era?

— A princípio, imaginei que ele estivesse escrevendo outro romance — respondeu Penelope. — Mas o Sr. Kristoff não trabalhava mais no gabinete. Ele começou no sótão por vários meses, depois se mudou para um lugar mais reservado para trabalhar, um lugar escondido. Desaparecia por dias. E quando voltava, os olhos estavam muito vermelhos, injetados. Havia um sorriso louco no rosto. A essa altura, o Sr. Kristoff começou a desenvolver uma afeição por mim. Foi um tanto quanto perturbador, mas eu fui receptiva porque tinha medo. Falava com ele, ouvia seus problemas, preocupações. Às vezes, o Sr. Kristoff apenas falava coisas incoerentes. Uma vez, quando perguntei sobre a “grande obra”, ele ficou bastante furioso. Me

deu um tapa. Disse que a obra não era destinada a pessoas de mente simplória como eu. O grande livro era destinado a alguém com inteligência e poder extremos, alguém muito dotado. Alguém como ele.

— Ele *deu um tapa* em você? — perguntou Eleanor. — Que coisa horrível.

— Não foi a pior coisa que aconteceu comigo — disse Penelope enquanto olhava para as ondas.

— Bem, eu lhe garanto que isso não vai acontecer mais — afirmou Will. — Você está conosco agora, e vou garantir que esteja protegida.

— Obrigada — agradeceu Penelope, que prosseguiu: — Eu tentei tirar da cabeça o Sr. Kristoff e o grande livro. Mas quase um ano depois, descobri o lado escondido da Mansão Kristoff.

— Você encontrou a passagem secreta? — perguntou Brendan.

— *A* passagem secreta, como se fosse uma? Não há apenas uma! — Penelope riu. — Esta é uma casa de segredos. Eu acho que nem o Sr. Kristoff conhece todas elas.

— Como você descobriu as passagens? — perguntou Will.

— Eu estava tirando pó da biblioteca e esbarrei em uma lâmpada na parede. Estendi a mão e tentei ajeitá-la, mas quando mexi nela...

— Uma porta deslizou e se abriu — disse Brendan.

— Como você sabia? — perguntou Penelope.

— O Scooby-Doo — respondeu Will.

— Quem?

— Um cachorro falante que... não importa.

Penelope continuou:

— Entrei e descobri uma passagem com tochas e livros horripilantes. Depois de uma adega de vinhos e de um closet, encontrei outra passagem, e mais uma... não tinha fim. Toda noite, eu entrava de mansinho, descobria novos corredores e câmaras escondidos. A casa era muito maior do que aparentava do lado de fora. Então, há apenas algumas horas... não creio que

foi há um século... eu me aventurei tanto nas profundezas da casa que ouvi pingos de água que soavam como se ecoassem em cavernas... e foi quando encontrei o Sr. Kristoff.

— O que ele estava fazendo? — perguntou Cordelia.

— O Sr. Kristoff estava dentro... é difícil dizer. Eu descreveria como uma caverna de deleites.

— Uma caverna de deleites?

— Uma caverna oca — continuou Penelope —, cheia de tudo que um homem desejaria. Lindas joias, tesouro, mulheres, vinho, criados. O Sr. Kristoff dançava, cantava... parecia enlouquecido, possuído pela alegria. Era como o céu ou o inferno. Como algo saído de um sonho, mas definitivamente real...

— Absolutamente fascinante — falou Will. Ele havia desistido de tentar não olhar para Penelope. Parecia que a conhecia há muito tempo. — Você é uma maravilhosa contadora de histórias.

— Eu poderia ouvir Penelope por horas — concordou Brendan.

— Então calem a boca e deixem que termine! — disse Cordelia.

— Obrigada — falou Penelope. — No centro da caverna, em um pedestal como se fosse uma linda estátua, havia um livro.

— Aposto que sei qual é — comentou Brendan.

— Presumi que aquele era o grande livro no qual o Sr. Kristoff estava trabalhando, é claro. Não tinha título, apenas uma imagem na capa...

— Deixe-me adivinhar: como um olho? — perguntou Brendan.

— Isso mesmo!

— Olhem só para isso. Um vencedor de teste surpresa, bem aqui.

Penelope o ignorou. Na verdade, ela dirigiu a história para Cordelia, que apesar da implicância parecia ser quem a ouvia com mais seriedade.

— Quando vi o livro, senti uma vontade avassaladora de tocá-lo. Queria abri-lo imediatamente e ver o que havia dentro. Era óbvio, pela posição, que

ele era a chave para tudo. Eu saí das sombras na direção do livro... e foi aí que o Sr. Kristoff me viu.

— Ô-ou — disse Eleanor.

— Ele exigiu saber como eu tinha descoberto seu lugar particular. Porém, mais importante, o Sr. Kristoff estava preocupado com a filha.

— A Bruxa do Vento? — perguntou Eleanor, confusa.

— Não... seu irmão me contou a respeito dessa “Bruxa do Vento”, mas do jeito que eu a conheci, a filha do Sr. Kristoff era uma menina doce chamada Dahlia. Ele adorava a garota. Era a única coisa com que o Sr. Kristoff se importava mais do que escrever! Embora desaparecesse por dias para trabalhar, sempre que estava com Dahlia o Sr. Kristoff era o exemplo perfeito do pai coruja. E quando estava com Dahlia, ele nunca tinha aquele olhar louco, injetado, nem o sorriso de maluco.

— Então, o que aconteceu? — perguntou Brendan.

— O Sr. Kristoff ficou possuído pela raiva. Ele me chamou de coisas horríveis, disse que, por causa do meu descuido, Dahlia podia ter me seguido. E este era um lugar que Dahlia jamais poderia ver! E ela jamais poderia ver o pai naquele estado. Eu prometi ao Sr. Kristoff que não aconteceria novamente. Implorei que acreditasse em mim... e de repente ele ficou calmíssimo e disse para eu não me mover, para ficar completamente imóvel. O Sr. Kristoff deu meia-volta e foi ao livro. Ficou diante dele por alguns instantes, enquanto escrevia alguma coisa. Eu jamais saberei o que ele escreveu, porque quando se virou, o Sr. Kristoff segurava um cetro em chamas.

— Um cetro flamejante? — perguntou Brendan. — Irado.

— Ah, não, este cetro não inspirou nenhuma ira em mim — falou Penelope. — Era aterrorizante, como uma arma para o próprio Satã. Embora fosse feito de metal negro, ardia como se fosse de madeira, e as chamas sequer faziam o Sr. Kristoff se encolher. Eu não entendi o que via.

E quando olhei para ele... — A voz de Penelope foi sumindo, como se fosse doloroso lembrar.

— O que tinha ele? — indagou Cordelia.

— O rosto estava... distorcido. O Sr. Kristoff tinha um sorriso horrível em uma metade, e uma cara fechada terrível na outra, quase como se a boca fosse larga demais para o rosto. Ele disse para mim: “Você irritou o Rei da Tempestade.” Então, ergueu o cetro sobre a cabeça e girou na minha direção... e eu acordei neste sótão.



— O Rei da Tempestade? — repetiu Eleanor.

— Sim, como a Bruxa do Vento — falou Brendan.

— Denver Kristoff e sua filha devem ter sido enfeitiçados pelo livro — opinou Cordelia. — Isso explica muita coisa...

— Como a cicatriz no seu esqueleto! — disse Brendan para Penelope. Como ela deu um olhar confuso para ele, o menino então continuou: — Quando encontramos seus ossos, você tinha um amassado em cima do olho, como uma lasca grande arrancada do crânio, que deve ter sido onde o cetro deu a porrada em você...

— Pare! Não lembre! Denver Kristoff me matou *a sangue frio*! — berrou Penelope, muito transtornada.

— Pronto, pronto. Não fique assim — falou Will enquanto acariciava as costas dela.

— É, olhe pelo lado bom — disse Brendan em uma tentativa nervosa de se corrigir. — O sótão curou você perfeitamente. Você está boa. Quero dizer, não boa *boa*. Decente. Você entende.

— Obrigada, creio eu — respondeu Penelope, fungando.

— Penelope... — começou Eleanor.

— Um momento, Nell — pediu Cordelia. — Penelope, o que você passou foi horrível, mas eu tenho outra pergunta: alguma vez Denver Kristoff mencionou alguém chamado Rutherford Walker?

— Você quer dizer o seu ancestral? — perguntou Penelope. Cordelia olhou para ela com desconfiança. A criada explicou: — Brendan me contou seu sobrenome, e presumi que deveria haver uma conexão. Sinto muito em dizer, mas o Sr. Kristoff odeia o Walker. Se ele algum dia aparecer perto da casa, nós devemos denunciá-lo à polícia. O Walker não é uma espécie de médico charlatão?

— Ele *foi* nosso tataravô — disse Cordelia —, e nós realmente não precisamos ouvir mais coisas horríveis sobre ele.

— Mas e quanto... — começou a argumentar Eleanor, mas desta vez Will falou ao mesmo tempo.

— O Dr. Walker era um trapaceiro que prescrevia todo tipo de preparados e tônicos absurdos, mas águas passadas não movem...

— *Parem de falar!* — berrou Eleanor de repente. — Todos vocês não param de me interromper, e estou tentando dizer algo importante! Não *importa* se Kristoff odiava Walker, ou se Walker odiava Kristoff! O que importa é *encontrar nossos pais e ir para casa! Vocês não se importam mais com isso?*

Todo mundo ficou em silêncio enquanto Eleanor respirava fundo.

— É claro — falou Cordelia —, mas estamos tentando resolver o mistério...

— O mistério *de vocês!* O *meu* mistério é quando vou conseguir comer comida chinesa com a mamãe e o papai novamente! Ou ir ao Golden Gate Park! Ou ver meus amigos! Talvez eu devesse simplesmente ir sozinha para descobrir aquela caverna idiota com o livro!

Eleanor correu para o buraco no piso do sótão e pulou.

— Nell! Espere! — gritaram os irmãos, mas quando chegaram ao buraco, a menina já disparava pelo corredor.

Cordelia se voltou para Will:

— Temos que detê-la. Ela não está se comportando racionalmente. — Cordelia esperou que Will se mexesse. — Você vem? A gente provavelmente deveria se manter junto.

— Hã... — Will olhou para Penelope e falou baixinho: — Você quer ir com os Walker?

Penelope fez que não com a cabeça.

— Eu ficarei aqui e protegerei Penelope — anunciou Will.

— Vocês são gêmeos siameses? — perguntou Cordelia. — Do que você tem medo?

— O Sr. Kristoff pode estar lá embaixo — respondeu Penelope. — Se ele vir que estou viva, pode tentar me matar novamente.

— Kristoff está morto — falou Brendan.

— Eu também estava.

— Ela tem razão — disse Will com um sorrisinho para Penelope. — Aquele crápula do Kristoff pode voltar atrás dela. E, se fizer isso, eu gostaria de trocar uns socos com ele, não importa que se chame o Rei da Tempestade ou o rei da França. Nós temos contas a acertar.

— Você conhecia o Sr. Kristoff? — perguntou Penelope.

— Não exatamente — explicou Will. — Mas ele me conhecia. Minha cabeça ficou abalada quando descobri que era meramente uma de suas criações. Aquilo me fez duvidar de tudo sobre mim mesmo.

— O que quer dizer com “uma de suas criações”? — indagou Penelope.

— Eu era um personagem em um dos romances de Kristoff — respondeu Will. — Vou te contar tudo. Eu estava em missão, voando sobre...

Cordelia deu uma risada de desdém e pulou para o corredor do segundo andar. Brendan seguiu a irmã. Enquanto os dois iam à escada em espiral e chamavam por Eleanor, Cordelia extravasou.

— Não acredito no Will. “Proteger”, uma ova. Ele tem um objetivo em mente. Eu vi aquela expressão no olhar, como ele ligou aquele charme britânico...

— Não se preocupe — falou Brendan. — Ele também tem aquela dentição ruim dos ingleses.

Cordelia riu e abraçou o irmão. Às vezes, ela realmente dava valor a Brendan. *Quem precisa do Will, afinal de contas?*

Eles desceram a escada correndo e viram Eleanor sentada no primeiro degrau, chorando, com metade de uma lata de milho comida ao lado. Cordelia foi consolar a irmã...

Quando um enorme estrondo soou do lado de fora da casa.

Foi uma explosão que os Walker já tinham ouvido antes, em algum filme ou na TV. Todos ergueram os olhos. Antes que pudessem calcular o que era...

Uma bola de canhão atravessou a parede na frente deles.



A bola de ferro — menor do que uma bola de boliche, porém muito mais veloz — entrou assobiando na cozinha e acertou o forno com um *gong*. O eletrodoméstico ficou amassado como se fosse de papel. Com o queixo caído, os Walker viram a bola rolar e bater no chão, que agora estava coberto por um centímetro de água agitada. Como se a bola de canhão não fosse suficiente, a casa *estava* afundando lentamente.

— Por favor, me digam que aquilo simplesmente não aconteceu — disse Cordelia.

Brendan e Eleanor não responderam — os dois estavam ocupados demais correndo para o buraco criado pela bola de canhão. O buraco estava cercado por lascas irregulares de madeira e fios elétricos partidos. Eleanor teve que ficar na ponta dos pés para enxergar.

Lá fora havia um navio pirata de verdade.

A 50 metros de distância, com as velas tremulando freneticamente enquanto vinha para cima deles, o navio era uma visão enorme e aterrorizante. Tinha três mastros; no central, havia uma bandeira negra com um esqueleto que segurava uma ampulheta. A madeira tinha cor de trigo até a linha-d'água, onde o casco era folheado a cobre, de maneira que brilhava debaixo das ondas. Havia doze buracos quadrados espaçados

uniformemente pela lateral, como janelas — mas, em vez de vidro, os buracos tinham canhões, e o canhão da frente fumegava. A proa do grande navio tinha uma lança de madeira protuberante com uma serpente cinza entalhada em volta.

— É o *Moreia*! — berrou Eleanor.

— O-o quê?

— O *Moreia*! O navio pirata de *O coração e o leme*.

— *O que é isso?*

— O livro que eu estava lendo! Aquele sobre piratas! — Eleanor estava muito mais animada do que esteve há um minuto.

— Achei que você só estivesse passando os olhos pelo livro — falou Cordelia.

— Eu passei os olhos até a página cinquenta! Foi o suficiente para saber como a frente do navio se parece! E que ele tem um comandante horrível, o capitão Sangray, que tem uma risada medonha e que gosta de fazer experiências horríveis...

— Deve ser o terceiro livro em que estamos presos — disse Cordelia para Brendan. — Lembra? Três livros cresceram na sua frente. *Guerreiros selvagens* com o Slayne e o colosso, *O ás do combate* com Will, e agora *O coração e o leme*.

— Pessoal! — berrou Eleanor. — Olhe para eles! Todos estão encarando a nossa casa!

Eleanor apontou para os piratas que se reuniam no convés do navio. O sol tinha curtido a pele dos homens, que ficou marrom. Eles usavam uma variedade de chapéus de feltro, lenços e bandanas. Havia profundas cicatrizes nos rostos, brincos cheios de detalhes e um dente de ouro para cada dente que faltava — exceto por aqueles que optavam pelo visual de um sorriso de psicopata sem dentes. Sobre os ombros havia pistolas penduradas em faixas; nas mãos, alfanjes e machados.

— Esquisito — comentou Cordelia. — Nenhum deles é tão gatinho quanto o Johnny Depp.

Os piratas xingaram e vociferaram ao se aproximarem da Mansão Kristoff; cada palavra que chegou aos ouvidos dos Walker era um palavrão criativo e pujante.

— *Ei! Quem é aquele lá?* — Um pirata no convés apontou para o buraco da bala de canhão. Ele usava um tapa-olho, mas aparentemente aquilo não o impedia de ter uma visão muito boa. — *Estou vendo você aí!*

Brendan empurrou Cordelia para o lado. Agora que foram vistos, pensou que a honestidade poderia ser a melhor política.

— *Somos crianças e precisamos de ajuda!* — berrou Brendan de volta. — *Estamos afundando!*

O pirata do tapa-olho sorriu e acenou com a cabeça para a frente do navio.

Outro estrondo soou.

Os Walker subiram correndo a escada em espiral e evitaram por pouco a bala de canhão seguinte. Ela atravessou a cozinha e a parede na outra extremidade; Brendan olhou para baixo, aterrorizado.

— *Ocupantes desta casa flutuante!* — chamou uma voz lá fora. Não era o pirata do tapa-olho; esta voz era trovejante e teatral. — *Vocês foram vistos pelo meu imediato, Tranquebar! Vocês entraram em meu território! Preparem-se para serem abordados!*

Uma sombra desceu sobre os dois buracos na parede quando o navio parou ao lado da casa.

— Ai, não — exclamou Eleanor. — Eles estão aqui!

Ruídos de algo sendo arranhado soaram do alto, seguidos por berros de alegria, um punhado de xingamentos vociferados e o baque de botas pesadas.

— Os piratas estão no telhado! — disse Brendan. — *Eles vão pegar Will e Penelope!*

Os Walker dispararam para o corredor do segundo andar. Cordelia foi a primeira a chegar à entrada do sótão. Ela estava prestes a erguer o corpo quando ouviu uma janela ser quebrada — e Brendan a empurrou para o quartinho minúsculo de Eleanor.

— Eles já entraram! Vem cá!

— *Não!* Não podemos abandonar Will e Penelope lá em cima!

— Não temos escolha! Will tem uma arma! Ele se protege!

Brendan reuniu as irmãs e ouviu o estampido de disparos lá em cima, seguido por gritos de Penelope e pelo berro de Will.

— *Solte-a! Não me toque! Quem diabos são vocês?*

— *Não se movam!* — interrompeu a voz trovejante que eles ouviram antes. — *Largue a pistola, nanico! Tente alguma gracinha que eu esquartejo sua mulher e joga para os tubarões... Com exceção, é claro, dos pedaços que vou guardar para mim!*

A voz riu: uma gargalhada alta e aguda, duas oitavas acima.

— Aquele é o capitão Sangray — falou Eleanor.

— Você chama aquilo de uma risada medonha? — disse Brendan. — Ele parece um menino de 4 anos de idade que inalou óxido nitroso.

Algo caiu no piso do sótão com um baque.

— O Webley do Will — disse Cordelia, sem conseguir acreditar. Todos sabiam como o piloto guardava a arma com cuidado.

— Temos que subir! — sussurrou Eleanor.

— É tarde demais — falou Cordelia. — Eles devem estar cercados.

— Mas o capitão Sangray vai fazer experiências com os dois! Você não entende, no livro, ele queria ser médico, mas foi expulso da faculdade de medicina por matar o professor. Então agora, como um capitão pirata, ele estuda o corpo humano ao abrir as pessoas enquanto ainda estão vivas!

— Não diga mais nada — falou Cordelia. — É horrível demais.

Ela abaixou a cabeça. Sabia que tinha saído do sótão para ajudar Eleanor, mas queria que as últimas palavras ditas para Will tivessem sido

mais gentis. Agora elas poderiam ser as últimas que trocou com o piloto na vida. *E Penelope! Será que nós a trouxemos dos mortos apenas para que fosse torturada por um pirata do mal?*

Impotentes, os Walker foram forçados a ficar em silêncio e prestar atenção ao que acontecia lá em cima.

— *Ai!* — gritou Penelope. — *Está apertado demais! Você vai quebrar meus pulsos!*

— *Ótimo!* — disse o capitão. — *Pulsos quebrados não desamarram cordas.* — Ele soltou outra gargalhada, antes de perguntar: — Onde estão os outros?

— Não há mais ninguém — respondeu Will. — Apenas nós dois.

— *Mentira!* — berrou o capitão. — *Havia um menininho feio e raquítico que falou com a gente lá embaixo!*

O rosto de Brendan ficou vermelho e quase pareceu inchar. Ninguém o xingava e ficava por isso mesmo. Lá em cima, Will continuou a negar a existência dos Walker.

— Eu não sei do que você está falando. Não vi mais ninguém na casa.

O capitão praguejou e berrou para os homens:

— *Phenny, Frowd, Ogle, levem esses dois para o meu camarote!*

— E quanto ao resto da casa, capitão? — perguntou um pirata com uma voz coaxante.

— Aproveite, Tampinha! Vocês, rapazes, podem ficar com cada badulaque que encontrarem, e fiquem de olho aberto para tesouros mais valiosos, porque não é todo dia que se encontra uma casa flutuante. Eu suspeito que seja um feitiço. E, quando virem aquele pequeno pestinha e seus amigos, atirem para ferir. — A voz do capitão Sangray ficou quase filosófica, e Eleanor imaginou o homem batendo com o dedo no queixo (ela fazia uma ideia de como o pirata se parecia por causa do livro). — Um nariz, uma rótula... sejam criativos. Eu quero que eles fiquem permanentemente desfigurados.

— Sim, senhor, capitão!

Houve um clamor de botas e armas conforme os piratas se moveram na direção do buraco no piso do sótão.

— Vamos sair daqui — falou Brendan. — Como vou falar com as garotas sem *nariz*?

— Mas e quanto a Will e a Penelope? — perguntou Cordelia.

— A gente se esconde na adega. Ela pode ser trancada, lembra? E aí bolamos um plano para soltar os dois. É a única maneira. Se a gente for morto, eles realmente estão perdidos.

Brendan puxou as irmãs na direção da porta do quarto, mas parou quando viu algo pela fenda entre as dobradiças. Um pirata já tinha pulado no corredor e sacado a espada.

Brendan achou que esse era Tampinha. O pirata tinha pouco mais de um metro e meio de altura, com um físico musculoso e atarracado, e dois olhos que iam para direções diferentes.

— O corredor foi tomado — disse Brendan, mas antes que pudesse formular um novo plano, a porta foi aberta de repente e Tampinha estava bem ali, sorrindo.

— *Capitão Sangray! Encontrei eles!*

Tampinha pegou uma pistola pendurada no peito. Brendan rapidamente se virou para Eleanor.

— Nell, você fez natação no ano passado?

— O quê... sim... *o quê?*

Brendan catou a irmã.

— Ei! Pare! — gritou Tampinha enquanto tentava fazer a arma funcionar.

— Bren? O que você está...? — berrou Cordelia.

— Sigam-me! — mandou Brendan.

Com Eleanor firme nos braços, ele virou o ombro para frente e atravessou a janela.



Brendan e Eleanor mergulharam no oceano. O navio estava diante deles, a casa estava atrás, e havia inimigos dos dois lados — mas eles caíam rápido demais e fizeram uma loucura muito grande. Brendan apontou para os dedos do pé e gritou:

— *Mergulhe de pé!*

Os piratas no *Moreia* atiraram no casal que caía, mas o esguicho do oceano fez algumas das armas não dispararem. Outros tiros passaram longe. Brendan e Eleanor caíram na água, e o mundo virou um gelo.

Brendan abriu os olhos — o sal ardia, e ele desejou que tivesse os óculos de mergulho improvisados que usou antes. Uma coluna de bolhas perto dele se desfez e revelou Eleanor, que batia as pernas para chegar à superfície. O irmão a pegou pelo tornozelo e fez que não com a cabeça, depois apontou para a parte inferior da Mansão Kristoff.

Lá estavam os barris de terremoto, amarrados à fundação, que deixavam um rastro de cordas na água... e de jatos de bolhas que escapavam das fendas. Eleanor concordou com a cabeça; ambos nadaram na direção dos barris.

Dentro da casa, Cordelia estava cara a cara com o Tampinha tampinha. O pirata foi para cima dela com o alfanje, mas Cordelia foi rápida demais e

pulou graciosamente pela janela quebrada. Ela caiu na água com as pontas dos dedos primeiro.

Emergiu e chamou pelos irmãos:

— *Bren! Nell!*

Ela percebeu que a única resposta que receberia viria dos piratas lá em cima. Mergulhou quando eles abriram fogo e esperou a ardência de um tiro a qualquer momento...

Mas isso nunca aconteceu. No mundo vagaroso embaixo das ondas, as balas erraram Cordelia por centímetros. Através dos rastros assobiantes das balas na água, ela viu as silhuetas do irmão e da irmã. Os dois estavam nos barris da Mansão Kristoff — por um momento terrível, Cordelia pensou que eles estivessem mortos, mas aí viu que se mexiam e metiam o rosto nas bolhas que saíam das laterais dos barris.

Ela nadou até os irmãos e colocou o rosto contra o fluxo de ar, enquanto os pulmões ardiam. Engoliu um bocado de água do mar que a fez tossir e ter ânsia de vômito. Em silêncio, Brendan mostrou como colocar os lábios contra as frestas dos barris e sugar o precioso ar enquanto bloqueava a água. A primeira dose de oxigênio de Cordelia foi tão maravilhosa que ela quase engoliu. Fez sinal de positivo com o polegar para os irmãos e ergueu as sobrancelhas: *e agora?*

Brendan apontou para um ponto na casa onde havia uma brecha na fundação. Ele inflou as bochechas para imitar um gesto de respirar fundo e enfiou o rosto no barril a fim de encher os pulmões. Depois ergueu os dedos — *três, dois, um* — e partiu com as irmãs atrás.

Eles nadaram pela brecha para o interior de uma parte diferente do porão da Mansão Kristoff, um lugar que não tinham visto antes. Era totalmente vazio, com paredes escuras. Os Walker viram uma luz vindo de um buraco acima e nadaram em sua direção...

E o mundo ficou barulhento novamente quando os irmãos deram em um piso sólido. Eles olharam em volta. As paredes ao redor tinham uma

iluminação fraca e conhecida.

— A passagem secreta! — falou Cordelia ao ver as tochas acima dela.

— Eu bolei um plano brilhante, não foi? — disse Brendan. — Tenho que ganhar um crédito por isso!

— Como você sabia que a gente conseguiria respirar embaixo d'água? — perguntou Eleanor.

— É como no *Sonic* original, na fase *Scrap Brain Zone*, quando... oi? Não? Esquece.

— Brendan, olhe! — exclamou Cordelia. — O alagamento está bem pior!

Realmente, quase meio metro de água agora enchia o corredor, água que vazava do buraco por onde os Walker nadaram. Brendan olhou para a parede e viu um buraco de bala de canhão em volta da linha-d'água.

— A segunda bala de canhão! Ela veio parar aqui através da cozinha, mudou de rumo, acertou o chão e provocou a entrada da água. Esse lugar vai afundar ainda mais rápido!

Enquanto os Walkers falavam, a água subia. À esquerda, eles viram a entrada que Will fez com a marreta. A luz batia e dava um tom azul à passagem, que era apenas o suficiente para distinguir formas e detalhes maiores. Um livro passou boiando — o livro de curiosidades médicas que fez Cordelia surtar mais cedo.

— *Pff* — desdenhou ela.

— O que foi? — perguntou Brendan.

— Apenas pensando, até mesmo o livro mais assustador é melhor do que levar tiro.

— *Gilliam* escutou ocês! — gritou uma voz.

Os Walker se viraram e viram um pirata metendo a cabeça pelo trecho da parede que levou a marretada. Ele era enorme, careca, tinha pedaços de marfim pendurados nas duas orelhas e um lado do rosto coberto por uma tatuagem de golfinho.

— E Gilliam vai *pegá vocês!* — concluiu ele.

Brendan, que tinha acabado de salvar as irmãs com um esquema brilhante, se sentiu especialmente ousado.

— Eu queria ver você tentar.

— Bren! Não provoque os piratas — alertou Cordelia, mas Gilliam já tinha sacado a pistola e disparado.

Os Walker mergulharam; Brendan caiu na água e achou que estava seguro na fração de segundo antes de a dor viajar da orelha esquerda para a cabeça.

Ele gritou com a boca fechada e cobriu o lóbulo da orelha. O sangue se espalhou em frente. Meio metro de água enchia o corredor agora, o suficiente para boiar, e as irmãs se afastaram nadando. Brendan teve que lutar contra a dor enquanto seguia, e nadou de peito conforme a luz enfraquecia. Os Walker ouviram Gilliam mandar que eles parassem cada vez que surgiam para tomar ar — até que os irmãos entraram na adega de vinhos.

— *Eu levei um tiro!* — berrou Brendan enquanto agarrava o pé do ouvido. O sangue escorria pelo lado do rosto.

— Deixe-me ver — falou Cordelia.

Ela afastou com delicadeza a mão do irmão e mal conseguiu enxergar o estrago. A bala tinha arrancado a ponta do lóbulo esquerdo.

— Pegou de raspão, ok? Só provocou muito sangramento. Você não precisa surtar...

— *Estou surtando!* — gritou Brendan. — *Estou morrendo! Desta vez, eu estou realmente morrendo!*

— Não, você vai ficar bem! — garantiu Cordelia. — O papai sempre disse que levar um tiro em algum lugar da cabeça causa muito sangramento, mas não é necessariamente fatal.

— Não é fatal? — berrou Brendan. — A cabeça é onde se atira quando se *quer* que seja fatal!

— Pegou de raspão! — repetiu Cordelia. — Mal dá para notar que falta alguma coisa!

— *Falta* alguma coisa? O que está faltando?

— Uma parte mínima, minúscula, da ponta do lóbulo.

— A ponta? Essa é a minha parte favorita!

— Se controla, Bren! — berrou Eleanor. — Você nem usa brincos! A gente tem que fazer alguma coisa!

— Você está certa — admitiu Brendan.

A dor era intensa, um zumbido forte que enchia a cabeça, mas lutar contra ela foi um pico de adrenalina bem mais poderoso que qualquer sensação do *lacrosse*. Ele agarrou a porta pesada de metal da adega de vinhos. Ela não cedeu, mas quando Cordelia e Eleanor colaboraram ao meter os pés na parede e empurrar, a porta se fechou na água. Os Walker passaram a barra e trancaram, assim que Gilliam bateu do outro lado.

— Se *cês* saírem agora, vão se juntar a Gilliam, isso aí! Será uma aventura em alto-mar para todos *ocês*!

— Aventura? — gritou Brendan. — Você arrancou minha orelha com um tiro, cara!

— Desculpa, parceiro — disse Gilliam. — Se servir de consolo, eu perdi meia bunda no ano passado.

— Que bom!

A penteadeira onde Cordelia encontrou a foto dos Guardiões do Conhecimento passou boiando. Cordelia teve uma ideia e abriu uma das gavetas (que agora saiu verticalmente em vez de horizontalmente) para recuperar uma caixa de fósforos que tinha visto antes. Ela acendeu as tochas em volta da adega e iluminou os rostos assustados dos irmãos.

— Então, vão sair? — perguntou Gilliam.

— Nunca! — falou Eleanor.

— Tudo bem então — disse Gilliam. — O capitão Sangray pode querer vocês vivos, mas não posso ser responsável por nada que acontecer no calor

da batalha. Filho, eu cobriria a outra orelha se quiser virar um cadáver com uma aparência meio decente!

Brendan, Cordelia e Eleanor trocaram um olhar estupefato, logo antes de Gilliam chamar:

— Rapazes?

Os Walker perceberam que a agitação na água, ouvida do lado de fora, não era apenas *um* pirata. Um bando de outros piratas vociferou “*ié!*” antes que todos abrissem fogo na porta.



Os Walker mergulharam — a água na adega já ficava turva com o sangue de Brendan —, mas não precisaram. A porta aguentou. Inúmeras mossa de balas se espalharam pela superfície da porta e se projetaram como acne metálica instantânea.

— Que bom que esses piratas têm tecnologia ultrapassada — comentou Brendan. — Esses manés estão atirando bolas de chumbo em uma porta de aço. *Bela tentativa, moçada! Pena que Denver Kristoff fez vocês historicamente corretos!*

— Quando eu entrar aí, vou mastigar o resto daquela orelha! — prometeu Gilliam.

— Não tenho medo de você — falou Brendan. — Como posso ter medo de alguém com meia bunda e uma tatuagem de golfinho na cara?

— Bren! Pare! — ordenou Cordelia. — A gente tem que encontrar uma saída daqui para resgatar Will e Penelope, lembra?

Do lado de fora, Gilliam olhou para os colegas piratas, que agora examinavam a tatuagem de golfinho. Ele deu meia-volta rapidamente e falou para Brendan.

— Qual é, posso saber, o seu problema com a minha tatuagem?

— É ridícula — respondeu Brendan do outro lado da porta.

Cordelia balançou a cabeça e começou a procurar por uma segunda saída. *Temos que chegar até Will e Penelope. A esta altura eles provavelmente foram levados para o navio pirata!*

— *Ridícula?* — rosnou Gilliam.

— Especialmente para um pirata. Eu esperaria algo mais assustador, de macho... Talvez uma cobra ou uma aranha, até mesmo um escorpião. Mas um golfinho? Isso é tão *pré-adolescente!*

— Quero que saibam — ameaçou um furioso Gilliam — que o golfinho é a criatura mais feroz e cruel do oceano! Foi o que me disseram! Um golfinho arranca a carne dos ossos de um homem em segundos!

— Seu idiota! Você está confundindo um golfinho com um tubarão — disse Brendan.

Irritada, Eleanor sussurrou:

— Bren! Pare de discutir! Isso não está ajudando!

— *Eu não tô confundindo nada! Golfinhos são devoradores de homens! Matadores! Predadores!* — berrou Gilliam.

Mas todos os outros piratas agora se entreolhavam, murmuravam e erguiam as sobrancelhas.

— O que tão olhando? — exigiu saber Gilliam.

Um dos piratas pigarreou.

— A gente vinha querendo te dizer, Gilliam.

— O quê, Scurve?

— Golfinhos são criaturas doces, dóceis e inteligentes. Foi um truque que Kit e Phenny pregaram em você, fazer essa tatuagem em vez de um tubarão...

Gilliam interrompeu a explicação de Scurve com um soco no nariz. Scurve chutou o torso de Gilliam — e em um instante os dois estavam em uma briga acalorada e desajeitada.

Do outro lado da porta, Brendan deu um sorriso de triunfo.

— Viram só? Tudo parte do plano.

— Isso não foi um plano! — falou Cordelia. — Ajude a gente a encontrar outra saída!

Brendan começou a nadar com as irmãs, à procura de uma porta dos fundos na adega de vinhos — mas eles pararam quando ouviram a voz familiar e trovejante do capitão Sangray.

— *O que está acontecendo? Que briga toda é essa?*

— O Scurve disse que minha tatuagem foi um truque, capitão! — explicou Gilliam.

— *Foi* um truque, sua mosca morta. Eu fiquei um pouco inclinado a abandonar você em uma ilha deserta por cair em uma peça tão idiota. Nós queremos provocar medo no coração dos inimigos; essa tatuagem nos faz parecer ridículos!

— Ó — disse Gilliam, desanimado. — Eu compreendo, capitão. Vou mandar trocar por um tubarão decente...

— Talvez não precise. Talvez eu simplesmente arranque de você. — Os Walker ouviram o barulho de uma faca sendo sacada. — Mas agora não é o momento! Cá estou eu me arrastando por um corredor como uma piramboia para descobrir os tripulantes do *Moreia* brigando entre si e desperdiçando tiros em uma porta mágica! Eu não falei que esta casa era enfeitiçada?

— Bem... mas... o que quer que a gente faça, capitão? — perguntou Gilliam. — Os pestinhas estão aqui!

— Então vamos explodir a porta com polvorim — disse o capitão Sangray.

Os piratas concordaram com murmúrios, exceto Gilliam.

— Mas como isso vai funcionar, capitão, se esta é uma porta mágica?

— Nada resiste ao polvorim! — disparou o capitão. — Vá pegar antes que eu decida arrancar sua tatuagem agora mesmo!

Gilliam e outros piratas se arrastaram pela água do outro lado da porta, enquanto os Walker se reuniram perto do suporte dos vinhos.

— O que é pólvora? — perguntou Cordelia.

— É uma pólvora miúda — falou Brendan. — Vem em barris.

— Mas isso não vai quebrar a porta, certo?

Brendan não respondeu.

— *Certo?*

— Não faço ideia — respondeu Brendan enquanto tirava a camisa para amarrar na cabeça a fim de parar o sangramento —, mas provavelmente seria melhor se a gente não estivesse aqui para descobrir.

— Seus batutinhas! Eu consigo ouvir vocês aí dentro! — chamou o capitão Sangray. — Até agora seu destroço flutuante não rendeu muita coisa interessante para mim e meus homens, então espero que vocês guardem algo de valor! — A risada aguda ressoou contra a porta e fez os irmãos se contraírem.

— Ei, capitão! — falou Brendan. — Sua risada é ainda mais de mulherzinha do que a tatuagem do Gilliam.

— *De mulherzinha?* — perguntou o capitão.

— É — respondeu Brendan. — Você e o Golfinho deviam abrir um salão de manicure!

— Brendan — sussurrou Cordelia. — Chega.

— Filho — indagou capitão Sangray, furioso —, você conhece a prática de vivisseção em ser humano vivo?

— Não...

— Ai, não! — exclamou Eleanor. — Bren, era disso que eu estava falando. Ele é... — Quando eu passar por essa porta, vou desmontar você, pedaço por pedaço. Vou usar uma serra para os seus ossos. E levarei horas, *dias*, para poder ouvir seus gritos “de mulherzinha” de agonia.

— Pelo menos se está ameaçando a gente, ele não está *fazendo* nada disso com Will e Penelope — argumentou Eleanor.

— E se ele já tiver matado os dois? — perguntou Cordelia, preocupada. — Temos que encontrar outra saída daqui!

— Aqui! — disse Eleanor ao nadar atrás do suporte de vinhos.

Brendan e Cordelia se juntaram à irmã, mas tudo que viram foram três paredes de tijolos cobertas com tapeçarias esmaecidas que ilustravam cenas da antiga produção de vinho. Uma das tapeçarias mostrava mulheres peitudas e seminuas esmagando uvas com os pés descalços; outra exibia homens em roupas elegantes bebendo vinho de tonéis de madeira...

— *Onde* exatamente fica a saída? — perguntou Brendan.

— Eu não sei *exatamente*, mas fica aqui — respondeu Eleanor. — Tem que ficar. Toque nas paredes ou algo assim. Ou talvez esteja embaixo de um dos tapetes.

A parte inferior das tapeçarias boiava na água do mar, então foi fácil empurrá-las e olhar atrás. Não havia coisa alguma ali.

— Depressa agora, antes que a água suba demais — disse o capitão Sangray.

Os Walker ouviram os piratas empurrar alguma coisa contra a porta, do lado de fora. Algo de madeira. Algo grande.

— Eles estão prestes a explodir a porta! — berrou Cordelia.

De fato, pancadas na água ecoaram pelo corredor afora conforme os piratas recuavam da adega e deixaram o zumbido de um pavio queimando.

— Estamos perdidos! — falou Brendan. — O que faremos?

Esperar, pensou Eleanor. *É o que a gente vai fazer. Sem surtar. Esperar. Pensar.*

Eleanor sabia que a ideia que teve devia estar certa. Porém, faltava alguma coisa. O zumbido do pavio ficou mais alto na cabeça dela quando a menina ergueu os olhos e viu um pequeno trilho montado no tijolo de uma das paredes, como os trilhos na biblioteca Kristoff por onde corriam as escadas. O trilho ia do suporte de vinho a uma tapeçaria com uma enorme videira pendente...

Eleanor agarrou a tapeçaria e puxou para baixo.

No nível da água, onde a menina estava, não havia nada. Mas um metro acima, onde o trilho corria? Lá estava uma minúscula porta de metal.

O elevador de cozinha.

— *Pessoal! Olhem!* Eu sabia que estava aqui! É aqui que Kristoff devia passar as garrafas para a cozinha! Havia uma escada, viram só, mas agora ela se foi...

— Não há tempo, Nell! Belo trabalho! — exclamou Brendan.

Ele pulou fora d'água e deu um soco de lado na porta do elevador de cozinha, que se abriu como uma portinhola para cães e gatos, e caiu na água, danificada pelas muitas aventuras da Mansão Kristoff. Brendan se agarrou aos tijolos embaixo da porta e ergueu o corpo para o fosso.

A caixa do elevador estava caída e amassada no fundo. Em cima de Brendan, o fosso subia em linha reta como uma chaminé, e uma luz brilhava no alto. Seria apertado, mas ele conseguiria. Cordelia pegou na mão do irmão e foi a próxima. Brendan a puxou para o interior do fosso do elevador de cozinha. Como era perto demais para haver conforto — o rosto de Cordelia foi imprensado contra a cabeça ensanguentada do irmão —, ela subiu sobre ele, apoiando as mãos no fosso como o Homem-Aranha. Brendan se ajoelhou para pegar Nell.

Ela pulou fora d'água com o braço esticado — e errou por pouco a mão do irmão. Eleanor caiu com uma pancada na água.

— Tente de novo! — berrou Brendan.

A respiração de Eleanor estava acelerada, em pânico. Ela estava sozinha agora, a única na água na adega. Era terrível pensar que a porta explodiria e o capitão Sangray a pegaria — mas era ainda pior pensar que perderia Bren e Délia. *Não posso. Não vou.*

Eleanor pulou novamente e segurou a mão de Brendan por um instante... depois escorregou e caiu novamente na água.

— Vamos, Nell! Não vou deixar minha irmã ser vivisseccionada!

Eleanor canalizou o medo do estômago para as pernas ao se projetar para fora d'água...

E desta vez Brendan agarrou os pulsos da irmã. E segurou firme. Eleanor gritou em triunfo, com os pés ainda balançando — mas o berro virou um tipo diferente de grito quando uma explosão ensurdecadora sacudiu a adega de vinhos e um jato de cinzas incandescentes atingiu suas pernas.



Eleanor estava convencida de que suas pernas tinham sido queimadas e virado cinzas como as que ficavam dentro da churrasqueira do pai. Ela seria forçada a passar o resto da vida em uma cadeira de rodas! Mas aí a menina se lembrou: *não há cadeiras de rodas na Mansão Kristoff! Eu vou direto para as mãos do capitão Sangray ser vivificada!*

Antes que pudesse imaginar a situação em mais detalhes, uma onda entrou no fosso do elevador, impulsionada pela explosão do lado de fora da porta de metal. Ela vociferou e tocou as panturrilhas... e as cinzas sumiram.

— Você está bem? — perguntou Brendan.

— Sim!

Eleanor tinha pequenas manchas vermelhas na pele, e parecia ter brincado perto demais de uma fogueira, mas não precisava de uma cadeira de rodas.

— Então suba! — ordenou Brendan. — Will e Penelope, aí vamos nós!

Eleanor fez uma careta e subiu nos ombros do irmão. Enquanto se esgueirava como uma cobra fosso acima, os piratas entraram na adega.

— Até que enfim! O que é isso, uma sala cheia de vinho?

— A gente foi *pro* céu, irmão!

— Quem está com o saca-rolhas?

— Quem precisa de saca-rolhas? É só arrancar a rolha com os dentes!

— Isto é um *pinot noir*! Não vou estragar o vinho com pedacinhos de rolha! Não, nós precisamos de um saca-rolhas adequado!

— Eu vou arrancar com os dentes! Agora, solta. . . *au!*

Brendan parou a subida e sorriu quando os piratas viraram bichos enlouquecidos pelo vinho, que lutavam, agitavam a água e xingavam.

— Olha aqui, que negócio é esse, então? 1899? — perguntou o pirata chamado Scurve. — É uma birita do *futuro!*

— Mentira! — falou Gilliam, o cara de golfinho. — Não diz nada isso!

— Como sabe, Gilliam? Nem não sabe ler!

— *Quietos, todos vocês!* — ordenou o capitão Sangray. A adega ficou completamente em silêncio. Brendan ficou paralisado dentro do fosso do elevador de cozinha. — Scurve está certo! Essas garrafas estão marcadas com datas que ainda não ocorreram! O que eu disse para vocês sobre feitiçaria? Esta casa inteira é amaldiçoada! Vocês não devem abrir uma única garrafa, entenderam?

Os piratas se entreolharam e esperaram que alguém respondesse. Foi Gilliam.

— Mas, capitão Sangray, com sua licença, você disse que a gente podia pegar qualquer provisão que visse nesta embarcação.

— Eu disse? Gilliam, sua memória é tão afiada! Você consegue se lembrar de mais alguma coisa que eu lhe disse hoje?

Brendan fez uma careta. Ele notou o tom de ameaça do capitão Sangray, mas aparentemente Gilliam não percebeu.

— Disse para atirar nos pestinhas para ferir, capitão...

— Isso mesmo... mais alguma coisa? Você se lembra de algo sobre uma tatuagem de golfinho?

— Ah, é mesmo! Eu tenho que cobrir... não, espera, o capitão vai arrancar... espera, capitão! Não! Agora não, ah, não, pelo menos me deixa beber um pouco de *vi-iii...*

Brendan subiu o fosso o mais rápido possível enquanto a voz de Gilliam virou um grito agudo. A única coisa mais alta era a risada histérica do capitão Sangray.

— Vamos, pessoal! — sussurrou Brendan quando esbarrou com as irmãs. — O Sangray está fazendo algo horrível lá embaixo!

Cordelia e Eleanor estavam empoleiradas na entrada do corredor do andar de cima.

— Não podemos — murmurou Cordelia. — O Tampinha!

Brendan viu o diminuto pirata guardando o corredor.

— E daí? Ele tem tipo 1,40 m de altura! A gente pode encarar!

— Impossível. O Tampinha tem uma pistola. Está limpando a arma.

— Perfeito! Agora é a hora!

Brendan meteu a cabeça no traseiro de Eleanor, o que realmente machucou a orelha ferida dele. Eleanor deu um gritinho e empurrou Cordelia, que saiu rolando do elevador para o corredor.

— *Pestinha!* — berrou Tampinha.

Ele disparou em Cordelia, que pulou para o lado. A bala entrou no elevador de cozinha e ficou cravada nos tijolos acima de Eleanor, o que provocou uma chuva de poeira. Brendan teve que prender a respiração, morder a língua, usar toda a força interior para conter um espirro.

— *Capitão Sangray! Eu peguei um deles!* — gritou Tampinha.

O pirata apontou outra arma para a cabeça de Cordelia. Ela ficou de costas contra a parede e ergueu as mãos.

— Onde estão seus amigos, mocinha?

— Atrás de você — respondeu Cordelia. Não era mentira: Eleanor estava saindo de mansinho do fosso bem atrás de Tampinha.

— Acha que vou cair nessa?

— Tem razão — disse Cordelia. — Como sou boba.

Eleanor desceu devagar até o chão e procurou por uma arma — mas a única coisa que viu foi um peso para papel do hospital do pai, dado como

suvenir. Era um bloco hexagonal preto, mais ou menos do tamanho de meia lata de Coca-Cola. Eleanor esticou a mão para pegá-lo enquanto Cordelia mantinha Tampinha distraído.

— Na verdade, aposto que você nunca caiu em um truque estúpido como esse em toda uma vida de pirataria. Obviamente, é muito inteligente...

Tampinha franziu as sobrancelhas. Ele já tinha sido chamado de muitas coisas na vida, mas *inteligente* não foi uma delas. De repente, o pirata não confiou em Cordelia. Ele virou levemente a cabeça... e viu Eleanor!

Cordelia gritou. Eleanor empurrou o peso de papel pelo chão entre as pernas de Tampinha. O pirata atirou em Eleanor, mas o tiro foi para o alto e cortou o cabelo da menina. Cordelia pegou o peso de papel e ergueu acima da cabeça. Tampinha praguejou e sacou o alfanje para dar cabo de Eleanor...

E o queixo disparou para o alto quando Cordelia acertou o topo do crânio.

Tampinha desmoronou no chão. Cordelia deixou o peso de papel cair. Eleanor recuperou o fôlego. Brendan saiu do fosso do elevador de cozinha.

— Vocês estão bem? Precisam de ajuda? Ah.

— Você está um pouco atrasado — falou Cordelia.

— Uau, você mandou bem! Tipo assim, *girl power*, não é?

— Cale a boca, Bren! — Cordelia empurrou o irmão. — Você quase nos matou!

— Desculpe — disse Brendan —, mas eu sabia que vocês podiam se virar sozinhas.

— Será que a gente deve ficar com a arma dele? — perguntou Eleanor ao apontar com a cabeça para uma das pistolas de Tampinha. O pirata estava apagado.

— Não serviria para muita coisa — respondeu Brendan. — Eu vi um lance sobre piratas no Discovery Channel. As armas que eles usavam eram pistolas de pederneira que davam só um tiro. A pessoa tinha que recarregá-

las entre cada disparo, e as armas dão defeito se há umidade no ar. É por isso que os piratas levam tantas.

— E quanto à espada? — perguntou Eleanor.

— *Isso* nós podemos usar para ajudar Will e Penelope — falou Brendan. — Vamos precisar de algo para salvá-los do navio pirata. — Ele esticou a mão para o alfanje, mas o corpo de Tampinha começou a se mexer.

Os Walker fugiram pelo corredor. Na hora em que Tampinha ficou em pé e cambaleou, os irmãos estavam no sótão, olhando pela janela e tentando descobrir como chegar ao *Moreia*.



O poderoso navio rebocava a Mansão Kristoff com cabos enormes, presos ao telhado da casa em uma ponta, e à popa da embarcação na outra extremidade. Na popa, os Walker viram a cabine traseira do *Moreia*, com vitrais que exibiam bodes e homens urrando.

— O Sangray deve estar levando a gente para algum lugar horrível — comentou Eleanor.

— Não se resgatarmos Will e devolvermos Webley para ele — disse Brendan. — Will poderia acabar com esses piratas sem problemas.

Brendan soava confiante, mas a expressão no rosto foi rapidamente de esperançosa para aterrorizada quando ouviu os próprios piratas lá embaixo.

Eles avançavam na direção do sótão.

— *Atirem para desfigurar!*

— Aquele foi o capitão Sangray — falou Eleanor. — *Não podemos* deixar que ele pegue a gente!

— O que faremos? Voltar para a água? — perguntou Brendan.

— Talvez não seja preciso — disse Cordelia.

Ela subiu no parapeito quando as mãos calejadas dos piratas apareceram em volta do buraco no piso do sótão.

— *Por aqui!*

— *Ié!*

— *Arrgh!*

Cordelia agarrou a cornija que corria sobre a janela. Ela fez força com os pés no lado de dentro da armação da janela, balançou as pernas sobre o topo, e ergueu o corpo sobre as telhas do telhado. Cordelia não fez a acrobacia parecer exatamente fácil, mas até mesmo ela ficou impressionada com o que a adrenalina permitia fazer.

— Como você espera que eu... — Eleanor começou a falar, mas Brendan agarrou a irmã e se debruçou para fora da janela enquanto a segurava.

Cordelia pegou os pulsos de Eleanor e puxou a irmã para cima. Depois Brendan ergueu o corpo até o telhado, e a bunda desapareceu da janela assim que os piratas se espalharam pelo sótão.

— *Aonde eles foram?*

— *Pela janela, capitão!*

Os Walker correram para o pico do telhado, com os olhos apertados no sol inclemente, e os pés escorregaram nas telhas. Eles estavam desesperados por um lugar para se esconder e tentaram se abaixar para que nenhum dos piratas do *Moreia* os notasse. Cordelia viu um grande cone de telhas de seis lados no canto da Mansão Kristoff. Era o pico decorativo em cima da janela saliente do corredor do segundo andar.

— Podemos nos esconder atrás daquilo.

— O quê? — perguntou Brendan. — Ali não tem onde ficar em pé! A gente vai cair...

— Ringrose, me puxa! — gritou um pirata lá embaixo, e Brendan pensou melhor.

Ele e as irmãs escorregaram pelo telhado, pararam na calha pendurada sobre as ondas reluzentes, e viraram os pés de lado para se esgueirar até ao cone de telhas.

Os Walker ficaram de costas contra três das seis seções do cone e aguentaram firme enquanto o vento repuxava as roupas. A camiseta ensanguentada de Brendan, ainda amarrada na cabeça como uma bandagem, bateu no rosto de Cordelia.

— Bren! Você quer controlar esta coisa?

— Estou tentando não cair no oceano...

— Se segure que eu tenho uma ideia — disse Cordelia. Ela arrancou a camiseta de Brendan e deixou que o vento levasse a roupa para o mar.

— Eu preciso daquilo!

— Não precisa, não! Você parou de sangrar!

— Por que você jogou a camisa na água...?

— Tenho um plano. Quando os... — Cordelia começou a falar.

— *Shhh!* — alertou Eleanor. — Piratas!

Os piratas chegaram ao topo do telhado. Brendan deu uma olhadela. Primeiro, viu Tranquebar, o pirata com tapa-olho que o percebeu antes. Tranquebar era velho, com o rosto todo furado. Próximo a ele, projetando uma sombra comprida, estava um homem que tinha que ser o capitão Sangray.

Brendan conteve um gritinho. Sangray parecia um lutador de luta livre, mas nenhum dos novos atletas que tinham o corpo todo raspado e boa aparência: ele lembrava um daqueles malucos antigos, tipo o Undertaker. O homem tinha 2 metros de altura e estava com uma perna de cada lado da cumeeira; usava calças de couro e um colete com borda dourada... e a barba mais esquisita que Brendan já tinha visto na vida. Media 30 centímetros de comprimento a partir do queixo, era negra e se afinava em duas pontas, mas na verdade não terminava ali, porque as pontas eram enroladas com duas faixas de couro que chegavam ao cinto e estavam presas a duas lâminas em forma de crescente.

— Cacete... o capitão Sangray tem facas presas à *barba!* — comentou Brendan.

Eleanor avançou lentamente para ver.

— Pessoal, cuidado, nós vamos ser descobertos... — alertou Cordelia.

Mas era tarde mais. Ao lado do capitão Sangray, Tranquebar, o homem de visão aguçada, apontou para o cone onde os Walker se escondiam atrás.

— Olhe lá, capitão! Três deles.



Brendan cerrou os dentes e tentou imaginar como enfrentaria o capitão Sangray — ele não achava que teria chance contra aquelas lâminas afiadas da barba. Mas em vez de correr pelo telhado para capturar os Walker, Sangray perguntou:

— O que você está dizendo, Tranquebar?

— Tubarões! — respondeu o imediato. — Três barbatanas se agitando na água, atacando alguma coisa.

Cordelia olhou. Bem atrás da casa, o oceano espumava em volta de um trio de predadores azul-acinzentados e lustrosos que lutavam por...

— Sua camiseta, Bren! Eles estão atrás do sangue! — falou Cordelia. — Meu plano funcionou!

— Que plano?

— *Shh*. Preste atenção.

Tranquebar sacou e ergueu uma luneta. Após dar uma boa olhada nos tubarões, ficou na ponta dos pés para sussurrar no ouvido do capitão.

— Capitão, os tubarões pegaram a camiseta do pestinha!

— Tem certeza? — perguntou Sangray com curiosidade.

— Alguma vez meu olho decepcionou o senhor, capitão? É a camiseta que aquele fedelho usava.

Sangray pensou a respeito, depois murmurou:

— Aposto que a camiseta é tudo o que restou deles.

A barba era modelada a óleo, que reluzia ao sol. Os olhos calculistas foram do oceano para os homens, que se equilibravam no telhado, reclamavam que não tinham permissão para beber o vinho e perguntavam uns aos outros como um bando de crianças conseguiu escapar deles...

— Homens, aquele fedelhos mimados estão *mortos!* — declarou Sangray. — Viraram comida de tubarão, como eu suspeitava. Voltem para dentro... e para comemorar, *vamos todos tomar uma garrafa de vinho enfeitado!*

Os piratas responderam com um urro:

— San-gray! San-gray! Vida longa ao capitão!

Sangray sorriu; ele sabia como o posto podia ser frágil.

— A vocês, homens! A *vocês!*

O capitão soltou uma gargalhada, mas quando os piratas voltaram ao sótão, ele interrompeu o riso e puxou Tranquebar para o lado.

— Se você fizer de mim um mentiroso, velho amigo, eu arranco seu olho bom, mastigo e cuspo de volta na órbita debaixo deste tapa-olho, entendeu?

Tranquebar concordou com a cabeça.

— Não seria o *Moreia* sem ameaças como esta, meu capitão.

Os Walker esperaram até que Sangray e Tranquebar fossem embora para sair de mansinho detrás do esconderijo. Eles desmoronaram sobre o telhado, completamente exaustos.

— Pessoal, temos que continuar... — falou Cordelia. — Vamos para a chaminé. É mais seguro. Viram?

A chaminé da Mansão Kristoff oferecia um pouco de sombra, e, além disso, tinha uma plataforma plana em volta. Usando as últimas forças, os Walker ficaram de pé e subiram.

— Esperem — disse Eleanor. — Os piratas no *Moreia* não vão ver a gente?

— Vamos ficar abaixados — respondeu Brendan — e, além disso, acho que a maioria dos piratas está na nossa casa.

De fato, como se fosse uma resposta, uma janela foi quebrada lá embaixo. Eleanor olhou e viu um pirata chamar:

— Ei, parceiros! Hora de usar a privada!

Antes que Eleanor pudesse desviar o olhar, o pirata urinou no mar enquanto tomava um gole de uma garrafa de vinho.

— *Arrrrrr!* — berrou ele, impressionado com o arco.

— Que nojo! O que vocês estão esperando? Vamos — falou Eleanor, completamente surtada.

Os Walker chegaram à chaminé e se encolheram em volta. Eleanor estava praticamente hiperventilando diante da visão repugnante que acabara de ver.

— Pessoal, a gente precisa sair daqui — falou ela. — Será que algum de nós não pode simplesmente fazer um ato egoísta? Mesquinho? Aí o livro vai aparecer, e a Bruxa do Vento vai mandar a gente para casa.

— Nós não podemos abandonar Will e Penelope — respondeu Cordelia.

— A gente não tem chance contra esses piratas — argumentou Eleanor. — Precisamos pensar em nós.

— Nell... — começou a dizer Brendan.

— Sim! Eu sei — interrompeu Eleanor. — Sei que é uma coisa horrível de se dizer, e sei de coisas piores do que vocês, por causa da história; sei o que Sangray *faz*, mas Will é apenas um personagem de um livro. E Penelope foi trazida de volta à vida por magia. Mas eu sou criança, e tenho uma vida de verdade pela frente. E não quero morrer aqui!

— Nell, Will é bem real para nós — disse Cordelia. — Você sabe como eu amo livros, mas nunca me senti assim por um personagem sobre o qual

li...

— Eu também — falou Brendan. Uma vez que todos falavam o que realmente sentiam, ele decidiu se meter. — A Penelope parece bem real para mim.

— E nós somos os únicos que podemos ajudá-los — continuou Cordelia. — Temos que tentar. Mas jamais passaremos por aqueles piratas à luz do dia. Temos que esperar até o anoitecer.

Eleanor não respondeu. Apenas abaixou a cabeça com os irmãos e pensou: *eles não entendem nada*.

Algo cutucou o lado de Cordelia.

— Meu telefone — falou ela ao retirar o aparelho pingando do bolso. — Morto por causa da água do mar.

— E você nem tem seguro — bocejou Brendan.

— De que me serviria o seguro aqui fora?

— Foi uma *piada*, meu Deus. Talvez você devesse deixar secar; às vezes, eles voltam a funcionar.

Cordelia colocou o telefone ao lado dela para deixar cozinhar ao sol, enquanto os Walker caíram em um intermitente estado de inconsciência ao lado da chaminé. Eles acordavam de poucos em poucos minutos sendo assados pelo sol, e mudavam de posição para ficar na sombra... e para evitar cair no mar. Eleanor ainda estava irritada e não queria dormir, mas quando o corpo humano fica completamente esgotado, ele consegue se recarregar em qualquer lugar.

Eleanor acordou sob as estrelas.

O irmão e a irmã ainda dormiam. A temperatura do ar tinha caído uns quinze graus; ela se abraçou no escuro. O vento assobiava pela chaminé. A lua estava quase cheia e crescia sobre o horizonte. O *Moreia* navegava pela água em um ritmo constante e rebocava a casa. Os piratas voltaram para o navio e estavam em uma festa agitada. Um *assobio* gerou um fogo de artifício que explodiu no ar como um dente de leão gigante. Os piratas

vibraram quando choveram fagulhas. Alguém no convés tocava uma rabeça; outra pessoa sapateava (ou talvez fosse a mesma, muito talentosa).

Estou sonhando? Eleanor se perguntou, e aí tudo voltou à memória: o navio, o ataque, a situação. Ela não estava sonhando de maneira alguma e não estava perto de ir para casa.

A não ser que eu faça algo egoísta. Algo contra os interesses da família. Algo apenas para mim.

Eleanor olhou o irmão e a irmã, encolhidos em volta da chaminé como se aquele fosse um local perfeitamente normal para dormir. *Em breve, eles vão acordar e vão querer que eu vá àquele navio pirata para resgatar Will e Penelope, o que é impossível. Mas com um empurrãozinho...*

Eleanor ficou atrás de Cordelia. Em um momento de crise, o cérebro tinha a própria lógica distorcida. *Se eu empurrá-la pela beirada, farei algo realmente egoísta. Aquele livro vai aparecer. E aí posso entregá-lo para a Bruxa do Vento, e todos nós podemos ir para casa. Serei uma heroína!*

Obviamente, Eleanor sabia que era uma ideia terrível — mas uma voz dentro de sua cabeça disse que Cordelia não ficaria no oceano por muito tempo. Ela era uma grande nadadora e só precisaria encarar a água por alguns minutos, e aí... comida chinesa! Golden Gate Park! Mamãe e papai.

Eleanor esticou os braços e colocou com delicadeza as mãos nas costas de Cordelia, prestes a empurrá-la pela beirada — quando viu algo pelo rabo do olho.

O livro da perdição e do desejo.

Ele estava na cumeeira do telhado, perfeitamente equilibrado, se balançando conforme a casa avançava pelo mar. *Uau!* Eleanor pensou. *Eu nem tive que empurrá-la! Só tive que pensar a respeito!*

Eleanor se afastou de Cordelia e rastejou até o livro. Enquanto a menina se aproximava, duas figuras começaram a se materializar em ambos os lados do livro. A princípio, eles eram raios de luz violeta enroscados, mas

conforme Eleanor observava sem acreditar, a luz ganhou forma e substância e se transformou em uma perna, um braço, um rosto...

Ela olhava para os pais.

— Mamãe! Papai!

O doutor e a senhora Walker concordaram com a cabeça. Os pais vestiam as mesmas roupas que da última vez que Eleanor os viu, quando todos comiam pizza antes do ataque da Bruxa do Vento. Eles pareciam calmos.

— Isto é um sonho?

Os pais de Eleanor fizeram que não com a cabeça e olharam para o livro. A menina rastejou e chegou mais perto. *Eles querem que eu abra. Faz sentido. É o que a Bruxa do Vento quer também.*

Ela colocou as mãos no livro — e se lembrou dos irmãos. Eleanor se virou.

— E quanto a eles?

Os pais não responderam.

— Eles vão para casa também, certo?

A mãe balançou a cabeça.

— Mas eles têm que vir! Não posso voltar *sozinha!*

A mãe sussurrou:

— Você tem que voltar. Só uma pessoa pode ir para casa por vez. Você precisa ser a primeira. Você é o nosso bebê.

Eleanor franziu a testa.

— Mas eu não posso deixar os dois para trás...

— Claro que pode. Eles vão para casa. Com o tempo.

— Eu não sei...

— Apenas abra o livro, Eleanor. Você estará em casa em segundos, exatamente como a Bruxa do Vento prometeu. Nós pediremos *dim sum* e *sundaes* da Ghirardelli, levaremos você e suas amigas para o novo filme da

Pixar, depois vocês todas voltarão para dormir lá em casa, e eu farei rabanadas no café da manhã...

O calor vazou pela capa de couro do livro quando Eleanor começou a abri-lo.

— Isso mesmo... boa menina — falaram o pai e a mãe, agora perfeitamente em uníssono. Então as vozes ficaram um pouquinho agudas.

— Vocês estão bem? Que voz esquisita — comentou Eleanor, com a capa do livro meio aberta.

— Apenas abra o livro — disseram os pais.

— Vocês não falam como meus pais — disse Eleanor ao começar a fechar o livro.

— Claro que falamos — disseram os dois em estéreo perfeito. — *Apenas abra a porra do livro!*

Isso deixou Eleanor ainda mais desconfiada.

— Meus pais jamais falariam palavrão na minha frente. Quem são vocês?

E aí os pais perderam o controle:

— *Eu falei para abrir! O que está fazendo? Você sempre foi uma tolinha teimosa!*

E com isso, Eleanor notou que os dentes dos pais estavam ficando amarelos — e soube onde tinha ouvido aquela voz antes. Fechou o livro com força. Diante da menina, os pais rugiram e agora se contorceram e se transformaram, cercados pela luz púrpura. A pele ficou enrugada e envelheceu, o cabelo caiu como em um horrível vídeo acelerado. Os dois saíram do telhado e, no céu da noite, juntaram os corpos para virar a Bruxa do Vento.

Ela não era a verdadeira Bruxa do Vento; a mulher tremeluzia e vibrava — era uma visão conjurada, um holograma como o livro que os Walker viram lá na floresta. Mas era tão assustadora quanto a bruxa de verdade.

— *Abra o livro!* — berrou a Bruxa do Vento.

— Não! Não vou abrir! Nunca!

— *Então você nunca irá para casa!* Não entende? Seus irmãos não *querem* ir. Eles *não* amam seus pais como você ama! E também não amam *você!*

Com um guincho, a ilusão da Bruxa do Vento disparou como um cometa e desapareceu no céu. O livro escapou das mãos de Eleanor, escorregou pelo telhado e caiu no oceano — mas quando atingiu as ondas, em vez de uma pancada na água, desapareceu sem um som. Eleanor gritou.

— O que está acontecendo? — perguntou Cordelia.



Cordelia e Brendan correram até a irmã. Eleanor tremia, assustada pela visão de pesadelo que acabara de ter.

— Eu... eu... — Eleanor quase mentiu e disse que esteve sonhando. — Eu vi o livro. Ele estava aqui.

— O livro? *O Livro da P e D*? — perguntou Brendan.

— Sim. E a mamãe e o papai estavam aqui também e me disseram para abrir o livro... mas eles não eram realmente nossos pais. Eram apenas um holograma falso criado pela Bruxa do Vento para tentar me convencer a deixar vocês dois para trás...

— Mas você não abriu — falou Cordelia. — Você venceu a bruxa, Nell.

— Estamos tão orgulhosos de você — disse Brendan ao abraçar a irmã.

— Não sei se conseguiria fazer de novo — confessou Eleanor. — Ela me prometeu todas as minhas comidas favoritas. Sabia como entrar na cabeça...

— Não será você da próxima vez — falou Brendan.

— O que quer dizer?

— Bem, o livro tentou me seduzir — explicou Brendan. — Depois você. E com você foi pior porque viu uma imagem da Bruxa do Vento

também. — Ele balançou a cabeça. — Esse livro é uma furada. Eu preferiria ler a biografia da Barbie.

— Ei! — reclamou Eleanor.

— Da próxima vez, a Bruxa do Vento provavelmente virá atrás da Délia. Tomara que ela seja tão forte quanto a gente...

— Rá! Eu tenho mais força de vontade do que vocês dois — falou Cordelia, mas havia um tom de incerteza na voz. Ela imediatamente mudou de assunto. — Já é noite. Precisamos ir àquela embarcação e salvar Will e Penelope.

— Como faremos isso? Vamos passar por aquilo lá? — Brendan apontou para os cabos que ligavam a Mansão Kristoff ao *Moreia*.

Ele acordou congelando, com muito mais frio do que as irmãs porque estava sem a camisa, cujos pedaços estavam espalhados dentro da barriga de três tubarões. Brendan tocou no queixo e descobriu uma espinha pulsando ali. Como se essa aventura não fosse difícil o suficiente.

— Acho que sim — respondeu Cordelia. — Não que a gente tenha escolha; realmente estamos afundando. — Ela indicou a lateral do telhado com a cabeça. A água estava muito mais próxima do que quando os três foram dormir. — O primeiro andar deve estar totalmente alagado agora.

— Então, onde vocês acham que o capitão Sangray mantém Will e Penelope?

— Provavelmente em seus aposentos — opinou Eleanor.

Ela apontou para a cabine traseira do *Moreia*, aquela com vitrais. Pelo vidro, os Walker conseguiram enxergar uma mesa grande com pesadas correntes enroscadas em cima, cercada por máscaras presas nas paredes. Os três continuavam vendo a festa dos piratas no convés, que cantavam canções impróprias e soltavam mais fogos de artifício. Em pouco tempo, três silhuetas entraram na cabine.

A primeira silhueta era imensa; tinha que ser o capitão Sangray. As duas outras eram corpos inertes que ele levava nos ombros. Cordelia reconheceu

Will (com o corpo magricelo) e Penelope (com as enormes ombreiras).

— São eles! Será que estão *mortos*?

— Não acho — opinou Brendan.

Eram apenas silhuetas, como se fosse um grotesco espetáculo de marionetes, e Sangray colocou Will e Penelope sobre a mesa e acorrentou os pulsos e tornozelos dos dois.

— O que o capitão está fazendo com eles?

— Vai fazer uma daquelas experiências horríveis — respondeu Eleanor contendo uma engolida em seco.

— Vivisseção humana ao vivo — imitou Brendan ao se lembrar das palavras que Sangray usou para ameaçá-lo.

Na cabine, o capitão se afastou dos corpos e tirou da parede uma máscara com um nariz comprido e afunilado. Ele a amarrou no rosto e jogou a cabeça para trás. Os Walker ouviram a risada mais alto do que as ondas.

— Ai, não — exclamou uma assustada Eleanor. — É exatamente como no livro. E aquilo foi a coisa mais nojenta e doentia que já li em toda...

— Vamos — interrompeu Cordelia.

Ela deu um passo na direção dos cabos e quase tropeçou no telefone, que estava exatamente onde fora deixado, e seco.

— Tente — disse Brendan.

Cordelia ligou o aparelho. A tela se acendeu. Brendan deu um olhar para a irmã do tipo *quem é o bom?*

— Não se empolgue muito; ainda sem sinal. — Cordelia guardou o telefone no bolso. — Sigam-me, pessoal. Talvez a gente consiga causar uma distração e tirar Will e Penelope de lá.

Os Walker se aproximaram dos cabos grossos que rebocavam a Mansão Kristoff. Eles se esticavam sobre a água até a popa do *Moreia*, retesados — pareciam que cortariam a pele ao tocá-la.

Cordelia respirou fundo e esticou lentamente a mão para o cabo, mas Brendan falou:

— Deixa comigo.

Ele pegou um cabo com o punho. Parecia forte, seguro. Uma linha de vida.

— Nós somos capazes — disse Brendan no melhor tom de técnico, antes de uma partida. — Nós temos 900 anos a mais do que esses caras.

Ele se pendurou embaixo do cabo e começou a cruzar as ondas, uma mão atrás da outra, de cabeça para baixo. Cordelia sorriu. *Às vezes meu irmão caçula realmente parece maduro.*

— Não vou olhar para baixo — falou Eleanor.

Ela seguiu Brendan e tentou ignorar o vento que batia nas roupas. Cordelia fechou a retaguarda. Em pouco tempo, os Walker estavam a 5 metros do *Moreia*, depois a 3 metros, depois a 1,5 metro... Aí um pirata apareceu.

Os Walker ficaram absolutamente imóveis.

— Ninguém se mexe — sussurrou Cordelia.

O homem estava completamente embriagado, levava uma garrafa de vinho “enfeitiçado” na mão, e cambaleava pelo convés enquanto cantava uma canção típica de marinheiro, cuja letra falava de atos horríveis e indizíveis que contrastavam com a melodia alegre.

— Que beleza — falou Brendan. — Ele está indo embora. Conseguimos...

O pirata tropeçou. A garrafa de vinho voou da mão, girou no ar e caiu no mar. Ele praguejou e correu para a popa do navio.

— *Cê* pegou minha bebida! Seu oceano ganancioso!

O pirata se desesperou e começou a chorar nas ondas. Os Walker sentiram as mãos ficarem dormentes e desejaram coletivamente que ele fosse embora... mas antes que fizesse isso, o homem viu os três.

— *Xã... xão* os pestinhas! — Ele apontou a arma para os Walker. — Subam a bordo... e se tentarem alguma coisa, mato *ocês* e jogo no mar!

A mente de Eleanor deu voltas.

— Eu sei quem ele é! — sussurrou para os irmãos. — Um dos piratas do livro: Ishmael Hynde.

— O que lembra sobre ele? — perguntou Cordelia.

— Ele é da Inglaterra... É um “garanhão”, mas não sei o que isso significa — respondeu a menina tentando se lembrar. — Ele é bom com um arco e flecha, supersticioso, acredita em todo tipo de coisa sobrenatural...

— Isso é bom — falou Cordelia, que tinha um plano. — Comecem a fazer barulhos, tipo este: *uuuuu-uuuh*.

— O que é isso, estamos em uma festa? — disse Brendan.

— *Silêncio! Venham...*

— Como se a gente estivesse em um cemitério! Como se tivesse acabado de sair de velhos caixões cheios de vermes. Vamos!

Eleanor entendeu. Ela soltou um lamento assustador no momento em que Cordelia berrou para o pirata no navio.

— *Somos os espíritos dos mortos!*

— Não são, não. Vocês são apenas os pestinhas, e deram um jeito de escapar dos tubarões. Como conseguiram?

— Somos *fantaaaaaas-maaaas!* — insistiu Cordelia.

— Pensam que vou cair nessa, *xó* porque eu bebi da uva? Fantasmas *flutuam!*

— *Uuuuu-iiii* — disse Brendan. — Todo mundo sabe que fantasmas não conseguem flutuar sobre a água, *parxeeeeiro...*

Cordelia interrompeu o irmão e perguntou:

— Você não é Ishmael Hynde?

— O quê? — disparou o pirata. — Como sabe meu...

— Pai! — chamou Cordelia.

— Eu *num* sou seu pai — respondeu Hynde.

— Somos os fantasmas de seus filhos que não nasceram — explicou Cordelia.

— Meus filhos *que não nasceram*?

— Por que nos abandonou, pai? Por que nos deixou sozinhos, para sobrevivermos por nossa conta, em todos os cantos do mundo?

— Não, não pode ser. Eu não tenho filhos...

— Você já esteve em Barcelona? — perguntou Cordelia.

— Sim — respondeu Hynde, sorrindo. — Passei cinco dias gloriosos lá!

— Eu sou o fruto daqueles dias!

— Que mentirosa!

— E o menino aqui? — perguntou Cordelia, apontando para Brendan.
— Ele é de Mônaco!

— Mas só passei três horas em Mônaco!

— E aquelas horas vão lhe atormentar para sempre — enquanto falava, Cordelia pegou o telefone — por ser um péssimo pai. Quero dizer, por nos abandonar... — Os dedos escorregaram!

O telefone caiu. Cordelia soltou o cabo e pegou o aparelho em um movimento desesperado, pendurada pelas pernas com os tornozelos entrelaçados.

— Délia! Você está... quero dizer, *Uuuu-uuuu!* — gritou Brendan para Hynde.

— Vocês não são meus filhos! — berrou o pirata enquanto fazia mira.
— Que tipo de fantasma tem que se segurar para não *cair*?

Em resposta, Cordelia colocou o telefone embaixo do queixo e ergueu a cabeça. A tela iluminada transformou o rosto em algo verdadeiramente fantasmagórico — especialmente se a pessoa fosse um marinheiro com educação pré-escolar, que nunca tinha visto o símbolo da Apple. Acesos em luz azul por baixo, o nariz e as bochechas de Cordelia lançaram uma sombra sobre os olhos, que viraram buracos negros sobre a boca reluzente. Ela parecia um zumbi com a cara turquesa, saído das entranhas do *Titanic*.

— *Por que fez isso conosco, paaaaaaai?* — berrou Eleanor.

— *Meus filhos!* — guinchou Hynde. Ele esticou os braços, e lágrimas jorraram dos olhos. — *Por favor, me perdoem!*

O pirata correu na direção dos Walker e pulou da beirada do navio, com os braços esticados na tentativa de abraçar os “filhos” — e caiu no oceano. Ele conseguiu lutar contra o mar por alguns minutos e surgiu sobre as ondas para gritar.

— *Me perdoeeem!*

Dentro de instantes, Hynde foi cercado por tubarões. Ele começou a gritar quando os animais dilaceraram seu corpo e o arrastaram para debaixo d’água.

— Ugh, aquilo podia ter sido com a gente — falou Brendan baixinho antes de conduzir as irmãs à popa do *Moreia*.

Quando chegou próximo o suficiente para tocar a madeira, ele abaixou os pés, segurou o cabo com as mãos e começou a se balançar para frente e para trás.

— O que está fazendo? — perguntou Eleanor. — Vai nos derrubar!

— Se segurem, que o mar não está pra peixe — disse Brendan.

O menino pegou impulso, voou com as pernas apontadas para a janela circular à esquerda da cabine de Sangray e atravessou o vidro com os pés. Brendan meio que já tinha se preparado para dobrar os joelhos e se prender à borda da janela — mas não contava que a cabeça balançasse para trás e batesse contra a lateral do *Moreia*.

— *Ai!*

Por um instante, pendurado de cabeça para baixo, Brendan viu estrelas literais e aquelas dos desenhos animados. Depois, contraiu o estômago, buscou fundo aquele tipo de força sempre necessária para o último abdominal no treino de *lacrosse* e ergueu o corpo para espiar dentro da cabine, do outro lado da janela.

O menino conteve um grito.

— O que foi? — perguntou Cordelia.

— É... apenas... esquece. Nada! — Brendan entrou na cabine, se equilibrou e esticou a mão para Eleanor.

— Estou bem — falou a menina.

Eleanor dispensou a ajuda do irmão com um gesto. Ela tinha agarrado os rebites enferrujados que mantinham unidas as laterais do *Moreia* e os usou para descer. A menina entrou com Brendan... e ficou paralisada igual a ele.

— Uau.

— O que foi? — disse Cordelia, entrando por último.

Era uma pequena cabine de 2,5 metros de altura por 2,5 metros de comprimento.

E os pisos, as paredes e o teto estavam cobertos por ossos humanos.



O piso era coberto por ossos de pernas. Tíbias e fíbulas entrelaçadas de forma que houvesse pouco espaço entre elas. Os ossos não estavam presos a nada, portanto quando os Walker moveram os pés, o chão se mexeu, clicou e estalou.

— Que lugar é este? — perguntou Cordelia. As paredes estavam cobertas por rádios e úmeros, ossos dos braços, que também não pareciam estar montados a nada. — Como aqueles ossos estão *presos à parede*?

— Magia — falou Eleanor, estupefata.

— Vamos sair daqui — disse Brendan. — São apenas ossos e não vão nos machucar. E vejam isto...

Brendan apontou para um alfanje montado na parede. Havia uma lança pendurada ao lado, juntamente com um bando de outras armas. Eram as únicas coisas no aposento que não eram feitas de ossos. Brendan esticou a mão na direção do alfanje e da lança...

— Espere, Bren!

Mas foi tarde demais. Quando puxou as armas da parede, ele acionou alguma coisa.

O cômodo começou a ganhar vida.

Tudo começou aos pés de Brendan. Os ossos se sacudiram, cada um atirou o próximo ao lado, a coisa se espalhou como uma onda até...

Brendan ficou paralisado. Há anos, ele tinha visto um documentário sobre natureza e se lembrava de uma cena marcante em uma caverna cheia de morcegos, onde o chão era tão cheio de cocô de morcego (eles chamavam de *guano*, mas realmente era cocô de morcego) que se transformou em um tapete vivo de larvas e besouros. Para quem olhasse para o *guano*, ele parecia com um piso normal, mas se prestasse atenção por um instante, o chão se agitava e pululava. Foi uma das coisas mais bizarras que ele já tinha visto, e agora o piso de ossos fazia a mesma coisa.

Um fêmur ficou em pé no meio do aposento.

— Se abaixem! — berrou Brendan para as irmãs.

Cordelia e Eleanor mal conseguiram obedecer quando um úmero passou assobiando por sua cabeça.

— O que está acontecendo? — perguntou Eleanor.

Os ossos clicaram, estalaram, ficaram de pé e voaram, como uma explosão ao contrário. Muitos deram piruetas no ar, enquanto outros dispararam como flechas. As armas que ainda estavam montadas na parede foram com eles. Cada osso parecia ter um objetivo: voar para o centro do aposento, bem ao lado de Brendan. Ele protegeu o rosto com o braço, certo de que estava prestes a ser atingido, e espiou quando os ossos e armas começaram a se entrelaçar. Tarsos se juntaram aos cuboídes; escafoídes encontraram calcâneos; pedaços de crânio e dentes desceram do teto. Por um minuto, os Walker pensaram que alguma espécie de superesqueleto horrível estava sendo construído... mas aí, tão repentinamente quanto começou, tudo acabou.

O aposento era agora uma simples cabine de madeira de navio.

E os ossos formaram uma mesa de jantar retangular.

— Você está bem? — perguntou Cordelia para Brendan.

— Hã, estou *impressionado*, na verdade.

Brendan bateu com o punho na mesa. Ela não bambeou; os ossos estavam perfeitamente presos uns aos outros. E havia lugares postos à mesa!

Os pratos eram feitos de escápulas. Crânios de cabeça para baixo formavam taças (montados em tripés de costelas). Ossos dos dedos da mão serviam de garfos, com ossinhos dos dedos do pé como dentes. Facas eram feitas de costelas e dentes.

— Tudo que falta é comida! — exclamou Brendan. Ele ergueu o olhar. — Por favor, Deus, dá para arrumar comida aqui para a gente?

— Eu não acho que Deus montou esta mesa — comentou Eleanor. — Além disso, não são ossos humanos? Não se pode comer em cima de ossos humanos!

— Ei, estou com fome. Agora mesmo eu dividiria um sanduíche de sorvete com a Bruxa do Vento.

Cordelia riu, mas Eleanor colocou a mão no estômago e falou:

— Na verdade, me dá nojo pensar nisso.

— Você está bem? — indagou Brendan.

Eleanor fez que não com a cabeça.

— Acho que vou vomitar.

— Você está com enjoo de mar — explicou Cordelia. — O navio se mexe mais do que a casa. Vá para a janela respirar ar puro.

Eleanor obedeceu — porém, foi tarde demais. Saliva inundou sua boca. Ela ficou na ponta dos pés e tentou mirar pela janela... mas não saiu nada. Eleanor vomitou em seco.

— Eca! — falou ela enquanto limpava saliva pendurada na boca. — Eu não como há tanto tempo que nem consigo vomitar! — E começou a chorar...

De repente, três filés fritos apareceram nos pratos de ossos, juntamente com batatas fritas cortadas à mão e creme de espinafre.

— Uau — exclamou Brendan.

Refrigerante surgiu dentro de cada taça feita de crânio até fazer bolhas. Brendan avançou na direção da mesa...

— Não faça isso. — Eleanor agarrou o irmão. — Eu não como nada além de milho nos últimos dois dias, mas mesmo assim sei que não é certo comer aquelas coisas. Tem algo em *O coração e o leme* sobre isso... é uma espécie de teste que os piratas armam para se proteger dos inimigos.

— Não pode ser uma coisa assim tão importante, certo? — perguntou Brendan.

— Provavelmente não — respondeu Cordelia.

Queijo apareceu nas fritas. Queijo laranja, cremoso, pingando.

Brendan empurrou Eleanor, pegou um garfo e montou um sanduíche de filé, fritas e queijo que encheu a boca com cem por cento de prazer — que se tornou duzentos por cento quando ele bebeu um gole de refrigerante para ajudar a descer. Brendan nem notou, mas fechou os olhos ao comer, e quando abriu olhava para Cordelia, que estava curtindo tanto quanto ele ao cortar sua segunda fatia de carne.

— Cordelia! — berrou Eleanor. — Você deveria ser a irmã racional!

— Eu *duvidooufff*. — Cordelia mastigou rapidamente, engoliu e continuou a falar quando foi capaz de articular direito a resposta. — Duvido que eu vá morrer por causa desta comida, depois de todas as coisas loucas e perigosas que tivemos que passar.

— Vocês são *idiotas!* — acusou Eleanor. — Estou contente por estar enjoada. — Ela foi para a porta...

E Brendan desmoronou no chão. Inconsciente.

— Bren!

Cordelia e Eleanor correram até o irmão. Ele virou a cabeça, e a língua saiu.

— Eu te disse! — falou Nell.

E Brendan se sentou e riu.

— *Seu...* — guinchou Cordelia, batendo no irmão enquanto demonstrava um pouco do novo vocabulário que aprendeu com os homens do capitão Sangray.

— Se anime! — falou Brendan. — Por que a gente não pode se divertir um pouco?

— Não desse jeito! A gente pensou que você tivesse *morrido*!

— Deixa pra lá — respondeu Brendan.

Ele voltou ao prato, e Cordelia se juntou ao irmão. Quando os dois terminaram, com cuidado para não comer tanto a ponto de ficar com sono, pegaram o alfanje e a lança que Brendan havia arrancado da parede.

— Por que está me encarando? — perguntou Cordelia para Eleanor.

— Estou esperando que você encolha ao tamanho de uma formiga e fique supergorda como em *Alice no País das Maravilhas*.

— Muito engraçado.

Os Walker saíram da cabine e foram para as cobertas do *Moreia*, com o alfanje e a lança na mão. Com cuidado para andar em silêncio e não chamar a atenção de qualquer pirata que não estivesse festejando lá em cima, eles percorreram uma curta distância... ao que só podia ser o camarote do capitão Sangray.

Havia uma cabeça de bode empalhada com olhos esmeralda pendurada na porta. Gritos abafados vieram de dentro.

Brendan colocou a mão na maçaneta — mas ela começou a girar por conta própria. Os Walker correram para trás de um barril quando a porta foi aberta e Tranquebar, o imediato, saiu da cabine.

— O capitão está começando a ficar maluco de verdade — murmurou Tranquebar para si mesmo, enquanto coçava o tapa-olho distraidamente ao descer o corredor.

— Será que a gente consegue? — perguntou Brendan quando Tranquebar foi embora.

Ele colocou a mão de volta na maçaneta. Os Walker se entreolharam. Brendan estava com o alfanje; Cordelia tinha a lança; Brendan ainda estava sem camisa. Os irmãos estavam cobertos por sujeira, cortes e hematomas; o menino perdera a ponta da orelha. Eles quase pareciam piratas.

— Vamos nessa — falou Cordelia.

Brendan abriu a porta.

O camarote do capitão Sangray lembrava o covil de um curandeiro. Tinha máscaras polinésias nas paredes, muitas velas pequenas no chão, e dois enormes caldeirões negros perto da porta, em cima de carvões e cheios de um fluido negro e borbulhante.

No centro do cômodo, havia uma mesa feita de pedra cinza.

Sobre ela estavam Will e Penelope.

Os dois estavam acorrentados à mesa, cobertos com piche negro e espesso; parecia que foram pescados de um pântano. Eles se debatiam contra as correntes... e gritavam através das mordanças em volta da boca, que eram duas enguias mortas, grossas e pegajosas.

O capitão Sangray estava debruçado sobre os dois e usava a máscara que os Walker viram pelo vitral: uma máscara de rato com um eufórico rosto dentuço e um nariz comprido que terminava em bigodes de morsa. Ele segurava uma adaga de lâmina ondulada sobre o peito de Penelope.

— Meus amigos! — A voz trovejou através dos dentes extremamente brancos da máscara. — Bem-vindos! Vocês farão uma bela contribuição à minha coleção de ossos!



A boca, o coração e as mãos dos Walker ficaram paralisados. Se o capitão Sangray não estivesse mascarado nem tivesse transformado Will e Penelope em golens negros, e a cabine não parecesse um lugar onde crianças eram transformadas em salamandras... talvez, os Walker tivessem atacado e acabado com ele. Mas hesitação gera hesitação. Sangray sorriu atrás dos dentes de rato.

— Ah, vocês vieram assistir? Então, que a vivisseção *comece!*

— *Num!* — implorou Penelope Hope embaixo dele.

Sangray soltou uma risada aguda. *Ele soa como um rato*, pensou Brendan em algum canto distante do cérebro. Penelope se contorceu de um lado para o outro na mesa e tentou cortar com os dentes a enguia que a amordaçava...

Mas o capitão Sangray enfiou a faca no peito dela.

— *Nnnngggggggggiiii!*

A mordada de Penelope não conseguiu abafar o grito.

— Primeiro — falou Sangray —, nós abrimos a cavidade torá...

— *Não!* — berrou Brendan, avançando com o alfanje.

A investida do menino furou a mão de Sangray. O capitão gritou e deixou a faca cair. Cordelia atirou a lança, mas errou; a arma bateu no vitral atrás de Sangray.

— Vamos nos dividir! — gritou.

Ela e Eleanor correram para cantos opostos do aposento. Sangray arrancou a máscara para verificar o ferimento.

— Você abriu um buraco em mim — refletiu, girando a mão sangrenta diante do rosto e encarando Brendan pelo corte na palma. E avançou.

Brendan recuou até a porta da cabine. Sangray moveu o queixo para cima — esquerda, depois direita — para sacar as adagas curvas e afiadas que estavam presas à barba por tiras. Enquanto corria na direção de Brendan, deu voltas com a cabeça, e as facas giraram como hélices de helicóptero. As adagas giraram tão rápido que Brendan só conseguiu ver lampejos cromados. O menino ergueu o alfanje para tentar cortar as tiras... Mas uma das lâminas giratórias bateu na espada de Brendan, que soltou a arma.

— Socorro! — gritou Brendan, ciente de que o choque que sentiu no braço era a última coisa que sentiria na vida. — Ele vai me transformar em tartare de atum!

Naquele momento, Eleanor derrubou um dos caldeirões borbulhantes. O piche que estava dentro sibilou ao cair na madeira do camarote e fez Sangray virar a cabeça. As adagas giratórias estavam a centímetros do rosto de Brendan.

O menino aproveitou a oportunidade para chutar o pirata na virilha. Penelope tinha ensinado bem o golpe.

O capitão caiu, as lâminas da barba bateram no chão, e a mão ferida pousou no piche fumegante.

— *Rraaarghh!* — Ele ficou de pé em um impulso e se virou para Eleanor, girando a barba. — *Vou matar todos vocês!*

O som das lâminas giratórias foi a pior parte, como um ventilador industrial em um túnel de vento. Eleanor se abaixou, mas uma das lâminas acertou seu ombro e abriu um corte profundo. Ela gritou ao cair perto de Cordelia, que soltava Will das correntes na mesa, depois cerrou os dentes e começou a rastejar na direção da lança da irmã.

Cordelia já tinha soltado os tornozelos de Will; ela estava desprendendo os pulsos, relutante em tocar a enguia fedorenta em volta da boca do piloto.

— *Tifa ifo de mi!* — pediu Will.

Cordelia fechou os olhos e pegou a enguia por trás do pescoço de Will, puxou para baixo com força e fez a criatura estourar em dois pedaços pegajosos que caíram do rosto dele.

— *Agora sim!* — exclamou o piloto, que cuspiu alguns pedaços de entranhas de enguia enquanto Cordelia soltava os pulsos.

Sangray se virou, a cabeça girando as lâminas mortais, e foi na direção de Will. O piloto rolou da mesa e caiu no chão. As adagas do capitão bateram na pedra e soltaram faíscas que acertaram a barba oleosa...

E se transformaram em chamas que lambeiram o rosto!

O capitão praguejou e parou abruptamente para apagar o fogo com a mão boa. Eleanor recuperou a lança e entregou para Cordelia — e a irmã a acertou no peito de Sangray, sem largar o cabo, como se fosse enfiá-la no coração.

O capitão era forte demais para isso. Mesmo com a barba enchendo o ambiente com cheiro de pelo queimado, ele agarrou e virou o cabo da lança para torcer o braço de Cordelia. Ela gritou quando o cotovelo virou para o lado errado e soltou a arma. Sangray arrancou a lança do peito. Will se arrastou pelo chão na direção de um baú de madeira no canto.

O capitão Sangray abriu um armário e retirou uma pistola de latão incrustado com nígelo. Era uma linda arma, e ele a admirou por um momento quando Eleanor chegou de mansinho por trás, abriu a boca e mordeu o tornozelo do pirata.

— *Pestinha!* — gritou Sangray.

Eleanor mordeu até a pele, arrancou sangue, e depois subiu correndo pelas costas do capitão e se empoleirou nos ombros dele.

— *Venha cá!* — berrou Sangray ao tentar agarrá-la.

Eleanor pegou as duas tiras que pendiam da barba bem acima das lâminas e deu uma pirueta sobre a cabeça do capitão como se fosse uma atleta de *parkour*. Ela caiu no chão e cravou as adagas na pilha de piche que esfriava. As lâminas ficaram bem presas. Sangray tentou arrancá-las, mas ficou preso como uma barata em xarope de bordo.

— *Sua...* — O capitão chamou Eleanor de um palavrão que já seria impróprio para uma mulher adulta, quanto mais uma menina de 8 anos.

— Eu sou boba e tenho fama; mais bobo é quem me chama!

Eleanor saiu correndo. Sangray queria muito dar um tiro nela, mas estava preso, então mirou a arma em Will, deitado ao lado do baú...

Mas Will já tinha retirado algo que queria do baú.

A própria arma.

BLAM!

A bala do Webley Mark VI acertou a pistola do capitão Sangray, que soltou uma cascata de faíscas...

E, quando as faíscas atingiram o piche, a substância entrou em chamas...

Que envolveram completamente o capitão.

— *Aiiiiiii!* — berrou Sangray.

De repente, o corpo inteiro ficou coberto por chamas laranja, ele se debateu para tentar se soltar do piche flamejante, preso pelas adagas cravadas no chão.

— Apague o capitão! — gritou Cordelia. — Ele vai colocar o navio inteiro em chamas!

Brendan começou a procurar por algo que pudesse usar para apagar o capitão, mas, naquele instante, o fogo consumiu as tiras que ligavam a barba de Sangray às lâminas. Ele ficou livre.

O capitão cambaleou para frente e tentou pegar os inimigos com uma fúria parecida com a do Ciclope em *Odisseia*. O rosto tinha a expressão grotesca e derretida de um rugido, os olhos eram órbitas negras atrás do fogo...

Então ele atravessou a janela e caiu!

Todo mundo correu para o fim do camarote. Por um segundo brilhante, o capitão Sangray virou um meteoro, os braços giravam enquanto ele gritava e fumegava...

E aí ele caiu no oceano com um *ksssssssssh*.

Por um momento, os Walker não tiveram nada a dizer. Então Brendan falou:

— Hoje à noite, os tubarões vão ter churrasco.

— Me ajudem com Penelope! — berrou Will atrás do menino.

Ele havia encontrado um barrilete de água que usou para apagar o piche em chamas; agora o piloto se debruçava sobre a criada, que ainda estava acorrentada à mesa.

— Ela está bem? — perguntou Cordelia.

O estado de Penelope fez com que todos se esquecessem do momento de triunfo. Os Walker correram até Will.

O piloto, com o uniforme do *RFC* pingando piche, arrancou a adaga de Sangray de Penelope. O peito era uma poça funda de sangue e piche. Ele limpou o pescoço da criada e sentiu a pulsação com dedos trêmulos.

— Ela está viva! — exclamou Will. — Nós podemos salvá-la!



Os Walker se entreolharam. Penelope Hope não respirava nem se mexia. Quando Brendan sentiu o braço da criada, estava gelado.

— Acorde! — falou Will, agarrando os ombros de Penelope. — Eu prometi que cuidaria de você.

— Will? Acho que você deve desistir — disse Brendan.

Ele estava com medo de ficar perto de Penelope, mas conteve o sentimento e fechou os olhos da criada. Os cílios superiores e inferiores se encontraram com um pequeno clique.

— Não! Por quê? Ela está viva! Sinta!

Will guiou a mão de Brendan para o pescoço de Penelope, mas a única coisa que o menino conseguiu sentir foi a tremedeira incontrolável do piloto.

— Ela se foi, Will — falou Cordelia. — Não há nada que você possa fazer.

— Mas a culpa é minha — disse Will. — Eu deveria tê-la protegido. Sou do *RFC*, e ela é uma civil! Que tipo de homem eu sou?

— Um homem bravo. Que fez tudo que foi possível — disse Cordelia.

— Mas não foi suficiente. E duvido que algum dia encontre alguém como Penelope novamente.

Cordelia rapidamente recuou e se virou, ofendida pelas palavras do piloto. Mas então se sentiu culpada por colocar os sentimentos na frente da dura realidade que todos encaravam: uma mulher tinha acabado de ser assassinada. Tudo mais parecia pequeno.

— Tem algo errado, Cordelia? — perguntou Will.

— Não, nada — respondeu ela, que manteve o olhar afastado. — Eu só estou... estou chateada por Penelope.

— E Cordelia está chateada que você tenha gostado mais de Penelope do que dela — disse Eleanor.

— Cala a boca, Nell! — berrou Cordelia. — Isso não é verdade...

— Tenham algum respeito pelos mortos! — ordenou Will. — Sem brigas!

Todo mundo ficou quieto. Eles olharam para o corpo sem vida de Penelope. Cordelia pegou um lençol do baú de Sangray e cobriu a criada com delicadeza. Todos fizeram um momento de silêncio, mas realmente foi um momento entre muitos outros, porque eles permaneceram em silêncio enquanto enfaixavam os ferimentos. O corte no ombro de Eleanor era fundo, mas ela conseguia mexer o braço. O braço de Cordelia doía por ter sido torcido por Sangray — mas não havia nada que ela pudesse fazer a respeito. Brendan encontrou uma nova camiseta. Era larga demais, mas ele enfiou dentro das calças e decidiu se conformar.

— E agora? — perguntou Eleanor.

— Nós devemos enterrar Penelope — falou Will —, mas não no mar. Teremos que esperar até chegarmos à terra firme.

— E como a gente continua vivo até lá? — perguntou Brendan.

— Simples — disse Will. — Declarem-me capitão do *Moreia*.

— Como é que é? — perguntou Cordelia. — Por que você tem que ser o capitão?

— Porque nós matamos o antigo capitão, e eu sou o mais velho. Além disso, tenho a linhagem inglesa que estes marinheiros procuram.

— Nós quatro não podemos ser o capitão juntos? — indagou Brendan.

— A coisa não funciona assim — explicou Will enquanto se aproximava do baú de madeira de Sangray —, mas não significa que estou deixando vocês três de fora. Todos serão meus contramestres. E têm direito a qualquer tesouro que encontremos, dividido igualmente entre nós quatro. Uma das primeiras coisas que alguém faz como novo capitão pirata é tomar posse de todo tesouro a bordo do navio.

Will abriu o baú. Dentro havia uma pilha de dobrões de ouro, um saco de pano cheio de esmeraldas, uma coroa elaborada que parecia ter vindo de uma ilha dos mares do Sul... e vários pergaminhos amarelados e enrolados.

— Tem algumas moedas e gemas impressionantes aqui — comentou Will.

— A não ser que possam comprar uma passagem de volta para São Francisco, elas são bem inúteis — disse Brendan.

— E o que é isso? — indagou Will.

Ele desenrolou um dos pergaminhos. Era um papiro, com linhas e mais linhas de muito texto.

— Latim — disse Will.

— Eu me lembro de ter lido sobre isso nos livros — falou Eleanor. — São pergaminhos de feitiços secretos, escritos por feiticeiros antigos, descobertos em uma ilha pelo capitão Sangray.

— Como eles funcionam? — indagou Cordelia.

— Eu não cheguei a essa parte — respondeu Eleanor. — Foi mal.

— Para nossa sorte, eu estudei latim no Clássico — disse Will. Ele leu o topo do papiro, onde o texto era maior. — *Terra ipsa fenerat viribus!*

Uma parede de pedra apareceu diante deles.

Era tão larga quanto a sala e ia do teto ao chão. Ela era composta por enormes blocos cinza ensanduichados. Dava a impressão de que seria preciso um buldôzer para derrubá-la.

— Cacete... — Cordelia começou e usou um pouco do vocabulário pirata novamente.

— *Funciona!* — exclamou Eleanor.

— Então, tudo que você precisa fazer para o feitiço funcionar é ler o título? — perguntou Brendan.

— É o que parece.

— Uma espécie de feitiço tipo mingau instantâneo — comentou Eleanor.

— Isso é *fantástico* — disse Cordelia. — O que fazem os outros feitiços?

— Sim, e por que Sangray não usou contra nós? — perguntou Brendan.

— Talvez ele não soubesse latim. Mas eu sei... *terra ipsa fenerat viribus* quer dizer “a própria terra dá força.” — Will desenrolou mais alguns pergaminhos. — Este transforma sapos em vacas... Este feitiço faz crescer cabelo na cabeça...

— Algum aí que remova espinhas? — indagou Brendan ao tocar a espinha que crescia no queixo.

— Ainda não — respondeu Will enquanto desenrolava mais feitiços. — Hmm, este aqui pode ser útil... Ele cria um tipo de bola de fogo...

— Como você vai fazer essa parede ir embora? — indagou Eleanor. — A gente está preso aqui agora.

— Deve haver uma maneira de reverter o feitiço — falou Will enquanto lia as letras menores no papiro apropriado. — Lá vamos nós... — Ele foi até a parede e pronunciou o feitiço ao contrário. — *Viribus fenerat ipsa terra!*

A parede desapareceu.

Brendan foi ao baú do tesouro, meteu alguns dobrões no bolso (*nunca se sabe quando virão a calhar*) e começou a pegar alguns pergaminhos. Will agarrou a mão dele para detê-lo.

— O que está fazendo? — perguntou Brendan.

— Eu vou ficar com estes — respondeu Will.

— Mas você disse que a gente poderia dividir o tesouro — argumentou Eleanor.

— Esses pergaminhos mágicos não são tesouro — disse Will. — E de que serviriam? Nenhum de vocês sabe ler latim.

Ele recolheu e agarrou com força todos os papiros.

— Will — falou Cordelia —, você está começando a deixar o poder subir à cabeça. Tipo assim... sei que a morte de Penelope te abalou, e que, talvez, você ache que deva tomar o controle para compensar aquilo, mas... você sequer nos agradeceu por ter te libertado!

— Obrigado — disse Will, contendo uma coceira na garganta. — Devo minha vida a vocês novamente. Estou apenas pegando esses pergaminhos para proteger todos vocês. Para que eu não lhes decepcione... como fiz com ela.

Uma batida soou na porta.

— Quem é? — perguntou Will.

— Talvez seja o imediato, Tranquebar, que veio ver que diabos está acontecendo — respondeu Cordelia.

— Muito bem — falou Will. Ele recolocou os pergaminhos no baú com um olhar de *não toquem neles* para os Walker e pegou o alfanje para abrir a porta. — Olá! Camarada marujo! Eu lhe dou boas-vindas ao serviço do capitão Wat...

Mas Will não conseguiu terminar porque, quando abriu a porta, ele não estava olhando para Tranquebar. Estava cara a cara com um esqueleto de pé, que tinha uma espada apontada diretamente para ele.



— *Ah!* — guinchou Will ao deixar cair o alfanje de uma maneira que não condizia com um capitão.

Ele bateu a porta horrorizado, mas ela fez um baque e não se fechou, como se alguém tivesse enfiado uma vassoura para mantê-la aberta. Will viu o braço do esqueleto se projetar pela fenda na porta, com uma espada na mão, que golpeava freneticamente para cima e para baixo.

— Alguém pode explicar isso? — perguntou Will, com as costas contra a porta.

Embora o esqueleto pudesse ter cortado o piloto facilmente, ele continuava mirando outra pessoa e dava golpes para o centro da cabine.

— Ele deve ter vindo da sala de ossos! — respondeu Eleanor.

— *Sala de ossos?* O que diabos é uma sala de ossos?

— Não se preocupe! Deixa comigo — disse Brendan.

O menino respirou fundo, avançou contra a porta e deu uma ombrada como se estivesse em uma partida de *lacrosse*...

E arrancou o braço do esqueleto.

— Bom trabalho — falou Will quando o braço e a espada caíram no chão com um baque calcificado.

O piloto voltou ao baú e começou a vasculhar os pergaminhos atrás de um que pudesse atacar esqueletos...

Mas o baque nunca parou. O braço do esqueleto estremeceu... levantou um dedo como teste... e começou a tatear em volta, à procura da espada.

— *Impossível* — disse Eleanor. — Isso nem é justo!

— Isso também não é — falou Brendan ao chutar o braço até o outro lado do camarote. — Vamos ver como você lida com isso, seu manorético.

O braço esquelético caiu em um canto e começou a voltar na direção da espada, se arrastando com quatro dedos ao mesmo tempo.

— Insistente — comentou Will. — Deve haver um feitiço aqui que consiga detê-lo; estão todos misturados...

— A porta! — gritou Cordelia.

Will e Brendan se viraram. A maçaneta estava girando. Brendan pegou e tentou segurá-la no lugar, mas a pegada do outro lado era surpreendentemente poderosa.

— Socorro! — berrou Brendan.

As irmãs e Will se juntaram a ele, mas a maçaneta virou lentamente no sentido anti-horário. Todos ouviram os rangidos de juntas dos dedos sem cartilagem arranhando e tentando abrir a porta.

— Parece que tem muitos esqueletos lá fora! — disse Cordelia.

— São os ossos de antes! — falou Eleanor.

— Que ossos? — perguntou Will.

— Os ossos que formaram uma mesa — respondeu Eleanor.

— Você está me deixando completamente confuso!

— Ele voltaram a se formar! — disse Eleanor para os irmãos. — Agora eu me lembro! Foi a parte do livro em que eu passei os olhos. Se a pessoa come naquela maldita mesa de ossos, os esqueletos voltam para se vingar...

— *Agora* você se lembra? — gritou Brendan.

— Eu tentei avisar vocês...

— E todos eles estão vindo atrás de nós?

— Estão vindo apenas atrás de você e de Délia — explicou Eleanor. — Não de mim nem de Will. Nós não comemos a comida.

— Uma tranca! — interrompeu Cordelia quando viu uma corrente de metal enferrujado perto do topo da porta. — Eu pego! Apenas mantenham a porta fechada!

Cordelia soltou a maçaneta para pegar a corrente, mas ao deixar o grupo, os esqueletos venceram, giraram a maçaneta toda e empurraram a porta, derrubando todo mundo no chão. Com o barulho de pernas ossudas roçando, eles encheram o camarote.

Will e os Walker olharam fixamente, apavorados. Havia duas dezenas de esqueletos, que se moviam sem parar como dinossauros predadores. Estavam armados com alfanjes, sabres e lanças. Todos esperaram, pareciam cheirar o ar embora não tivessem o equipamento necessário. O esqueleto sem braço foi até o canto da cabine, pegou o membro arrancado e pressionou contra o cotovelo...

E com um som seco, o braço se religou.

— Ah, que *beleza* — falou Brendan.



O esqueleto sorriu. O rosto ossudo, como os rostos dos demais esqueletos, era estranhamente capaz de passar emoção.

— Esperem aí — disse Brendan. — Eu tive uma ideia...

— Eu também. — Cordelia ficou de pé para encarar os esqueletos.

Eles se encolheram, surpresos. Quase pareceu que pestanejaram.

— Ah, senhoras e/ou senhores? Não queremos causar mal algum e sentimos muito por ter comido aquela comida na sala dos ossos. Quero dizer, estava realmente delicioso, e espero que entendam, a única comida que temos agora é milho frio enlatado...

O esqueleto que não tinha braço e aparentava ser o líder se aproximou de Cordelia. Os demais seguiram. Ele chutou casualmente Eleanor para fora do caminho. Os demais cuidaram de Will, ergueram e jogaram o piloto na direção do vitral enquanto ele continuava a remexer os pergaminhos mágicos, ainda na tentativa de achar o feitiço certo.

— Esperem, um momento, não podemos negociar? — perguntou Cordelia para os esqueletos.

— Negociar *o quê?* — sussurrou Brendan para a irmã. — *Esse* era seu grande plano?

— Foi tudo em que consegui pensar!

Os esqueletos cercaram Cordelia e Brendan e ergueram as armas. Cordelia não conseguia acreditar: após tudo que passou, ela realmente seria assassinada por esses mortos estúpidos?

— Ora, vamos! — disparou ela. — Se não tivéssemos comido aquela comida, acabaríamos nos parecendo com *vocês*...

— Talvez você não devesse insultar a aparência deles — opinou Brendan.

Os esqueletos estenderam as armas na direção dos rostos de Brendan e Cordelia. Ambos os Walker suprimiram um grito quando viram o círculo de lâminas em volta da cabeça.

— Eles vão furar a gente em 360 graus! — berrou Brendan.

— Nós pedimos desculpas, *por favor, não!* — gritou Cordelia, que fechou os olhos quando a ponta das lâminas se aproximou.

O líder dos esqueletos apenas bateu os dentes como resposta, um comportamento rapidamente imitado pelos seguidores, que bateram as mandíbulas cada vez mais rápido, como se aguardassem o momento em que iriam estocar simultaneamente os dois irmãos. Brendan e Cordelia pensaram nos olhos estourando e escorrendo pelas bochechas, nos cérebros sendo penetrados por cada ângulo imaginável, e no sangue e na massa cinzenta se esvaindo por todo lado...

— Abaixem-se! — berrou Will.

Brendan e Cordelia obedeceram e aí ouviram o piloto falar alto.

— *Inter cinis crescere fortissimi flammis!*

Uma enorme bola de fogo surgiu rugindo do fundo do camarote e colidiu com os esqueletos.

Era do tamanho de um carro pequeno: uma esfera giratória de chamas cor de laranja, que esaldou os braços dos Walker e queimou as costas das roupas quando os dois enfiaram a cara no chão. A bola de fogo derrubou os esqueletos como pinos de boliche — mas quando acertou a parede do lado

oposto da cabine, ela desapareceu e deixou apenas uma cratera chamuscada na madeira.

Por um instante de calma, os esqueletos ficaram espalhados pelo cômodo, eram apenas pilhas de ossos que soltavam fumaça. Aí começaram a se mexer e pegar as armas.

Will meteu alguns pergaminhos mágicos no bolso, pegou o alfanje e conduziu os Walker para a janela quebrada do camarote.

— Somos nós que eles querem porque comemos a comida! — falou Cordelia. — Vá embora, nós cuidamos deles!

— Não — disse Will. — Se eu for o capitão, tenho que cuidar dos meus contramestres.

Ele espiou para fora da janela e viu uma pequena saliência onde uma pessoa poderia ficar. O piloto mostrou para Cordelia.

— Damas, primeiro.

Ela saiu da cabine. O esguicho do oceano fez Cordelia respirar fundo. O som das ondas embaixo e o grasnado das aves marinhas a deixaram tonta por um momento. Ainda estava escuro, e ela estava aterrorizada. Mas Cordelia se acalmou e olhou para a popa do *Moreia*. A saliência onde ela se encontrava percorria toda a extensão da popa. Cordelia poderia escapar se virasse os pés de lado e colasse as costas ao navio enquanto se arrastava pela saliência.

Ela foi em frente; Brendan seguiu, e depois, Eleanor. Will fechou a retaguarda e levou um alfanje, caso algum esqueleto viesse atrás deles.

— O que a gente vai fazer? — perguntou Eleanor.

— Eu realmente tinha um plano, pessoal — falou Brendan, indicando com a cabeça os cabos que ligavam o *Moreia* à Mansão Kristoff. — Para que dê certo, a gente tem que atravessar aquilo e voltar para a casa antes do amanhecer.

Cordelia olhou de relance para o horizonte. Um leve tom de azul-rosado surgiu no céu. Ela não conseguia acreditar. Nascia como em

qualquer dia normal e enfadonho: o sol.

— Pensei que jamais veria a luz do dia novamente! — disse Cordelia para o irmão enquanto eles andavam cautelosamente pela saliência.

— Pode ser a última vez — falou Brendan.

Ele apontou para trás: os esqueletos saíam pela janela e seguiam o grupo. Um andou rápido demais, escorregou e caiu no mar. O restante aprendeu com o erro do colega e andou com uma lenta insistência, segurando as armas nos dentes.

— Peguem um cabo! — ordenou Brendan.

Todos pegaram os cabos que levavam de volta à Mansão Kristoff. Cordelia fez que não com a cabeça.

— Meu braço! Eu mal poderia segurar um lápis.

— Use apenas uma das mãos; eu ajudo — disse Brendan.

Quando Cordelia pegou o cabo com o braço bom, Brendan ergueu os pés da irmã enquanto se agarrava a um rebite de metal na lateral do navio. Cordelia riu ao começar a ir na direção da Mansão Kristoff; não havia outra reação à dor do esforço de cruzar um cabo com um braço e dois pés.

Brendan esperou para Eleanor ser a próxima. Atrás dela veio Will, e, depois dele, os esqueletos se aproximavam.

— Eu não consigo! — Eleanor apontou para o cabo e indicou com a cabeça o ombro enfaixado.

— Eu sei — respondeu Brendan, que pegou o cabo e ofereceu as costas para a irmã. — Todos a bordo?

Eleanor passou o braço bom pelo pescoço de Brendan e entrelaçou as pernas em volta da barriga dele. Brendan pulou sobre o mar logo à frente de Will, que teve que lutar contra a dor do ombro recém-operado para agarrar o cabo e começar a se mover. Segundos depois, o esqueleto líder, que agora tinha um crânio escurecido, cravou a espada na lateral do navio onde Will esteve.

Eleanor fechou os olhos, presa ao irmão como um bebê coala. Os dois seguiram Cordelia. O cabo pendeu na direção das ondas.

— Continuem andando! — ordenou Will lá de trás.

O esqueleto líder meteu as falanges ossudas em volta do cabo e subiu. Os outros observaram. Aprendiam.

Will e os Walker chegaram à Mansão Kristoff em cima do laço. Eles desmoronaram no telhado e entraram correndo pela janela do sótão. Ouviram o som parecido com uma aranha do pouso do esqueleto líder lá fora.

— O.K. — falou Cordelia ao olhar pela janela. A água já tinha alagado o segundo andar, agora o sótão era a única coisa acima do nível do mar. — Contagem regressiva de 15 segundos. Qual é o seu plano, Bren?



— Vamos. — Brendan puxou todo mundo até o canto oposto do sótão, depois entrou em pânico. — Cadê o colchonete? Estava aqui antes...

— Os piratas provavelmente levaram — falou Cordelia.

Veio um som de chocalho da janela. O esqueleto líder estava entrando na Mansão Kristoff, com as pernas e os braços ossudos dobrados em ângulos que eram ligeiramente agudos demais para seres humanos conseguirem repetir.

— Por aqui! — disse Cordelia.

Ela indicou com a cabeça o buraco no piso do sótão, debaixo do qual a água agora enchia o corredor do segundo andar.

— Não sem o colchonete! — falou Brendan. — Este é o plano...

— Ali! — apontou Eleanor.

O colchonete estava empoleirado em uma das vigas do teto.

— Ele deve ter voado lá para cima quando o Gordo Jagger deixou a gente cair!

O esqueleto líder estava no meio do sótão agora, com a espada na mão. Seus companheiros entravam pela janela, dois de cada vez. Em um estalar de dedos, Brendan arrancou o alfanje de Will — “ei, que é isso?” — e jogou no colchonete.

Ele vacilou e caiu da viga com um baque, diretamente em frente ao esqueleto líder. A criatura bateu os dentes com raiva antes de passar por cima do colchonete e foi na direção de Brendan.

O menino se abaixou, pegou o colchonete e puxou com força. Ele saiu de baixo do esqueleto e fez a criatura dar uma pirueta no ar e colidir com um par dos seguidores ossudos. Os três esqueletos caíram, e os braços e as pernas ficaram irremediavelmente entrelaçados — mas Brendan sabia que não demoraria muito até que eles ficassem de pé novamente. Ele arrastou o colchonete para a borda do buraco do sótão e pulou na água lá embaixo.

— Vamos, pessoal! — berrou ele enquanto boiava e cuspiam água do mar. — Desçam aqui! Will... você vem por último e fecha o buraco com o colchonete!

— Um colchonete não vai deter esses sacos de ossos idiotas!

— Não precisa detê-los por muito tempo... — Brendan começou a discutir, mas os esqueletos deram um argumento mais convincente quando golpearam na direção de Cordelia.

Ela pulou ao lado do irmão no corredor alagado do segundo andar. Eleanor seguiu; Will veio por último com o alfanje e jogou os pergaminhos mágicos no chão do sótão para que não se molhassem. (Ele calculou que os esqueletos não sabiam ler, muito menos em latim.) Will puxou o colchonete para o buraco acima dele.

— Ok, agora todo mundo agarra o colchonete! — berrou Brendan. — Mantenham no lugar!

Todos enfiaram a mão embaixo do colchonete para mantê-lo no buraco e se isolar dos esqueletos.

— E agora? — perguntou Eleanor.

Por um segundo, tudo ficou calmo. Os Walker e Will avançaram pelo corredor enquanto as mãos agarravam as molas embaixo do colchonete. Mas eles acharam extremamente difícil avançar pela água usando apenas um braço cada um — e, no caso de Will, Cordelia e Eleanor, os braços

estavam feridos de qualquer maneira. Como se não fosse suficiente, havia menos de meio metro de espaço entre a superfície e o teto. E a água...

— A água está subindo! — falou Eleanor. — Como vamos...

De repente, uma espada cortou o colchonete diretamente em frente ao nariz de Eleanor. Esse golpe foi seguido por uma lança que varou rapidamente e errou por pouco o ombro de Will.

— Eles estão transformando esse troço em uma alfineteira! — berrou Cordelia.

E aquilo não era tudo: o colchonete tinha começado a se mover lentamente para o lado conforme os esqueletos o empurravam para longe do buraco.

— Segurem firme! — falou Brendan. — E cuidado!

Os esqueletos enfiaram mais espadas, lanças e adagas no colchonete. Muitas das lâminas ficaram presas e tremeram quando os esqueletos tentaram arrancá-las novamente. Os Walker se abaixaram e desviaram da avalanche de armas...

E a água continuava a subir.

Agora estava a menos de 15 centímetros do teto.

— Eu não consigo respirar, droga! — berrou Will. — Estamos ficando sem ar!

— Apenas mais alguns segundos! — disse Brendan. — Até o sol nascer!

— E aí o que acontece?

Uma espada desceu bem na frente do queixo de Brendan e estourou a espinha.

— *Auuuuuu!* — Ele agarrou o queixo. — Aí eles se transformam em alguma coisa que a gente possa matar.

— Isso na sua cara é tão nojento! — comentou Eleanor. — Mas eu entendi. Você acha que o sol vai transformar os esqueletos de volta em pessoas, como o morcego. E Penelope.

— Exatamente.

— E quem vai matar esses desgraçados assim que virarem humanos? — perguntou Will. — Você?

— Hã... claro — respondeu Brendan enquanto se desviava de mais armas que varavam o colchonete.

— E você está preparado para fazer isso? — perguntou Cordelia.

Brendan hesitou. Ele queria ser corajoso.

— Vejam bem, nem todo mundo consegue fazer parte de uma guerra que altera a história, como Will. Mas se eu tivesse nascido em um lugar diferente, em uma época diferente, já poderia ter tido grandes aventuras, lutando contra nazistas, caçando animais selvagens... sendo um homem! Portanto, assim que aqueles esqueletos se transformarem em piratas normais... Sim! Vou ser o primeiro a entrar por aquele buraco e vou chutar a bunda mole de cada um deles! Agora, vocês estão comigo ou não?

Todo mundo ficou em silêncio. Sem que dessem conta, o sol tinha nascido.

— O que foi? — perguntou Brendan.

— Ou os esqueletos ficaram fascinados pelo seu discurso estimulante ou outra coisa qualquer aconteceu, porque eles não estão se mexendo — respondeu Cordelia.

Era verdade: o som oco dos ossos chacoalhando sumiu do sótão. As armas pararam de cortar o colchonete.

— Será que isso significa que o plano funcionou? — perguntou Eleanor.

— Já não era sem tempo — falou Will, que cuspiu água do mar. — Meu braço quase não aguentava mais. Além disso, eu não sei o que é pior, o gosto de peixe da água ou o cheiro de vocês três.

— Que ironia — comentou Cordelia. — Um inglês reclamando de higiene. Vocês não tomam banho apenas aos domingos?

— E às quartas-feiras! — reclamou Will.

Brendan jogou o colchonete de lado e deixou o sótão novamente exposto.

— Vou subir.

— Não, eu vou na frente — disse Will. — Você pode achar que é um matador, mas não acredito que tenha coragem para isso. E está completamente desarmado.

Brendan respondeu, arrancando a espada da mão de Will.

— Ei!

O menino rapidamente ergueu o corpo e entrou no sótão, com a espada pingando entre os dentes. Cordelia ficou preocupada que ele morresse com um golpe...

Mas Brendan falou.

— Vamos subir, pessoal! Vocês vão querer ver isso!



Cordelia, Eleanor e Will subiram de volta ao sótão da Mansão Kristoff. Duas dezenas de pessoas estavam ali, tentando cobrir o corpo e gritando com raiva, confusas.

— Que loucura é essa? — perguntou um gordo branquelo.

— Meu vestido! Minha anágua! — exclamou uma mulher histérica, de cabelos negros. — Estou exposta para o mundo inteiro ver!

A multidão — a maioria composta por homens — aparentava ser de toda parte do mundo. Alguns dos mais irritados já estavam segurando armas.

— O que está acontecendo aqui, menino? — Um dos homens rosnou para Brendan.

Ele parecia ter vindo de uma ilha da Polinésia e estava cheio de tatuagens que se refizeram na pele. O sujeito tinha uma espada na mão e se cobria com a outra.

— V-v-vocês... todos vocês voltaram dos mortos — explicou Brendan.

— Isso aqui não se parece com o céu! — O gordo branquelo riu, não parecia preocupado em estar nu, pois a pança escondia a virilha.

— Pessoas tão selvagens e repugnantes assim só existem no terceiro nível do Hades! — disse a mulher de cabelos negros.

— Não, você ainda está na Terra — disse Brendan. — Tipo assim, não é a Terra exatamente, mas...

— Cale a boca! — mandou o tatuado. — Isso é alguma espécie de feitiçaria. A última coisa de que eu me lembro foi ter sido acorrentado pelo capitão Sangray a uma mesa no camarote dele, que se preparava para me vivisseccionar...

— Isso aconteceu comigo também! — falou a mulher.

— E comigo! — acrescentou o branquelo. — Embora eu estivesse no chão porque era grande demais para a mesa...

— Por mim, esses quatro estão mancomunados com Sangray. Por mim, nós abrimos a garganta deles de orelha a orelha, pela traição do Sangray! — falou o tatuado enquanto balançava a espada na direção de Brendan.

— *Silêncio!* — ordenou Will. — Eu sou o capitão Will Draper! E estes são meus contramestres de confiança: Cordelia, Brendan e Eleanor.

— Lá vai o poder subir à cabeça — cochichou Cordelia para o irmão.

— Você parece um pouco jovem para ser um capitão — falou o gordo branquelo.

— É, capitão do *quê?* — perguntou o tatuado.

— Do *Kristoff*, a embarcação onde vocês estão — respondeu Will. Ele pegou o alfanje de volta de Brendan e andou de um lado para o outro com a arma. Era uma figura impressionante. — Vocês não estão sendo traídos pelas memórias, meus amigos. Todos foram vítimas do capitão Sangray; e, após a morte, caminharam pela Terra como esqueletos. Mas o *Kristoff* é um navio mágico no formato de uma casa. Nós usamos este sótão onde vocês estão, que é ativado pela luz do sol neste reino mágico, para devolvê-los à vida. Também matamos o capitão Sangray. Agora tudo que pedimos é sua ajuda para retomar o navio dele, o *Moreia!*

Os ex-esqueletos se entreolharam. O tatuado perguntou:

— Espera aí, nós estávamos mortos e você nos trouxe de volta à vida?

— Correto — respondeu Will.

— Bem... — Ele se voltou para os demais. — Dá para apoiar essa ideia, não é?

Os ex-esqueletos concordaram com a cabeça e deram de ombros.

— Vida longa ao capitão Draper!

— Ao capitão Draper!

— Urra!

— Hã, algum de vocês gostaria de roupas? — perguntou Brendan.

— Sim!

— Claro!

— Ah, por favor!

— Vida longa ao capitão Draper!

— Eu vou pegar — falou Brendan a caminho do buraco no chão. — Tem muita roupa no closet da mamãe e do papai. Elas estão molhadas e salgadas, mas pelo menos é alguma coisa.

Brendan respirou fundo, pulou na água e nadou de peito pelo corredor alagado. Ele voltou à superfície na suíte, respirou um pouco na bolha de ar perto do teto e começou a pegar coisas no closet dos pais.

Enquanto isso, de volta ao sótão, o gordo branquelo ergueu um dos pergaminhos mágicos que Will jogara no chão.

— O que é isto... latim?

— Devolva isso! — ordenou Will, pegando o pergaminho. — Nenhum de vocês deve tocar nesses papiros. Eles contêm ordens confidenciais do capitão!

Will rapidamente recolheu o resto dos pergaminhos do chão.

Quando Brendan voltou com um bolo de roupas encharcadas, os ex-esqueletos rapidamente se vestiram e ignoraram completamente o gênero das roupas que colocavam. Isso resultou em alguns homens que usaram as blusas de seda ou saias da Sra. Walker — e algumas mulheres metidas nos blazers e calças xadrez de golfe do Dr. Walker.

— Por acaso há alguma comida? — perguntou o gordo branquelo, que agora usava as calças do pijama do Dr. Walker e uma camiseta com texto engraçado sobre Bermuda.

— Tem milho enlatado, se você quiser nadar atrás dele — respondeu Brendan.

— Não há comida fresca aqui no *Kristoff* — falou Will. — Mas lá no *Moreia* há muita coisa para comer. Tudo que precisamos fazer é tomar o navio dos homens do capitão Sangray.

Will deu uma faca para a mulher de cabelos negros, que agora usava uma calça e uma camisa da marca Izod do Dr. Walker.

— O que devo fazer com isto? — perguntou ela.

— Matar piratas — respondeu Will.

— Me desculpe, capitão Draper, mas eu sou a esposa de um importador da Filadélfia. Jamais segurei uma adaga na vida. E, com certeza, nunca matei alguém.

— Bem, você se saiu muito bem quando era um esqueleto! — disparou Brendan.

— Vejam bem — falou Will para a multidão —, todos nós percorremos um longo caminho para chegar aqui. Alguns de vocês eram negociantes, alguns, marinheiros, outros...

— Eu era um farmacêutico! — berrou um velho encarquilhado em um vestido da Sra. Walker.

— Exatamente. Um farmacêutico. Mas agora vocês são marujos. Fazem parte da *minha* tripulação. E têm que ser fortes, corajosos e rápidos. O capitão Sangray está morto, mas seus piratas sanguinários vivem! Vocês não querem se vingar dos homens que permitiram que fossem estripados?

Houve uma vibração enfática e vários gritos de “*sim!*” soaram alto.

— Então, me sigam! — Will foi à janela do sótão...

Onde foi detido por Cordelia.

— Espero que você saiba o que está fazendo — sussurrou ela.

— A casa ainda está afundando — respondeu Will. — Ou tomamos o *Moreia* ou vamos para o fundo do mar. Você tem uma ideia melhor?

Cordelia tentou pensar em alguma, mas a sugestão de Will era a mais longe que ela conseguia chegar. Ela abriu caminho e deixou o piloto sair pela janela. Os ex-esqueletos seguiram. Brendan e Eleanor fecharam a retaguarda... e pararam quando viram a irmã. Ela estava quase chorando.

— Qual é o problema, Délia? — perguntou Brendan.

— Parece que o *Moreia* será nosso novo lar — respondeu Cordelia. — Eu vou sentir falta deste lugar.

— Por quê? — indagou Brendan. — Pense em tudo que a casa fez a gente passar! A Mansão Kristoff é um saco!

— Verdade — concordou Cordelia —, mas quando a situação ficou feia, a Mansão Kristoff aguentou firme.

— Como a gente — falou Eleanor.

— E... ao ficar aqui — disse Cordelia, a voz cedendo — parece que estamos mais próximos da mamãe e do papai.

— Mas só veremos os dois se prosseguirmos — argumentou Brendan.

O silêncio tomou conta do trio por um momento. Então eles deram as mãos e saíram para o telhado.

As lágrimas que se acumularam nos olhos de Cordelia foram imediatamente levadas pelo vento. Os Walker sentiram o esguicho da água salgada nas bochechas. Will conduzia os ex-esqueletos pelo cabo até o *Moreia*, pendurado, suportando a dor no ombro. Uma dezena de homens e mulheres o seguia, e a dezena seguinte esperava a vez. Os ex-esqueletos pareciam bem menos ameaçadores agora que não eram só feitos de ossos — e alguns eram homens em roupas de mulher.

De repente, um pirata berrou na popa do *Moreia*:

— *Ei!* Que diabos é isso?

Will tentou soar como um sujeito durão.

— *Eu sou o capitão Draper e ordeno que se rendam. Mandeí Sangray para o inferno e farei o mesmo com vocês!*

— Ah, você não é nada mais do que um menino seguido por um bando de frouxos usando roupas esquisitas — respondeu o pirata, que mirou uma arma em Will. — Matou o capitão Sangray, que mentira!

O pirata engatilhou a pistola e estava a segundos de mandar uma bala no crânio do piloto...

Mas uma faca veio girando e se cravou no ombro do homem. O pirata perdeu o equilíbrio e caiu no mar. Will girou o rosto e viu o tatuado rindo enquanto se agarrava ao cabo. Ele podia estar com um vestido azul, mas era mortal com uma lâmina.

Mais piratas se reuniram na popa do *Moreia*.

— Quem são aqueles no cabo?

— O Basil caiu!

— Tiro neles!

Os piratas miraram. A mulher de cabelos negros não aguentou; soltou o cabo, caiu no mar e gritou ao ser levada pela corrente. Os piratas acharam graça ao vê-la, o que deu uma chance para Will barganhar.

— *Eu sou o capitão Draper...*

— Não — falou um pirata atrás de uma pistola —, você é comida de peixe.

Os Walker berraram lá no telhado:

— *Por favor!*

— *Não!*

— *Você não pode fazer isso!*

Eles estavam completamente aterrorizados. Sabiam que não podiam sobreviver sem Will. E o piloto era amigo deles. Os Walker não conseguiam imaginá-lo caindo no mar como um simples pedaço de carne...

— *Parem!* — berrou uma voz.

Tranquebar estava no convés do *Moreia* com o queixo erguido e o olho bom reluzindo.

— Guardem as armas! — ordenou Tranquebar. — Vocês devem deixar que todos eles venham a bordo.

Resmungando, os piratas colocaram as pistolas no coldre. Will abriu os olhos; ele os havia fechado com força na expectativa da morte, embora jamais fosse admitir isso para alguém.

— Quem é o senhor? — perguntou Will. — A quem devemos nossas vidas?

— Meu nome é Tranquebar — respondeu o pirata. — Imediato desta embarcação. Eu servia ao capitão Sangray... e agora, ao que parece, sirvo a você.



Em pouco tempo, sob a direção de Tranquebar, Will, os Walker e os esqueletos foram trazidos a bordo do *Moreia*. Tranquebar levou o “capitão Draper” e os contramestres ao seu alojamento e explicou a situação sob seu ponto de vista.

— Tive uma manhã muito agitada. Não faz cinco minutos, eu ia falar com o capitão para dar o relatório diário, quando vi que ele tinha sumido e o camarote estava completamente destruído. Mas o que mais me chamou a atenção foi... um enorme ponto queimado na parede. E achei aquilo muito estranho.

— Por quê? — perguntou Will.

— Não havia uma única cinza no chão — respondeu Tranquebar. — Como isso podia ter acontecido? Suspeitei de magia. Aí ouvi gritos e vi todos vocês cruzando os cabos com sua... tripulação. — Ele encarou Will. — Você realmente acha que tem potencial para ser capitão?

— Acho — disse Will. — Derrotei o último capitão com meus contramestres aqui. E como sou o mais velho e mais experiente entre eles, mereço a honra de comandar este navio.

Cordelia revirou os olhos. O ego de Will crescia a cada minuto.

— As antigas leis do mar dizem que você está correto — falou Tranquebar. — Aquele que mata um capitão toma o lugar dele.

— Brillhante — comentou Will.

— Dependendo de uma votação — acrescentou Tranquebar.

— Uma votação?

— Apenas uma formalidade. Tudo o que você precisa fazer é um discurso: prometa aos homens um abastecimento vitalício de rum, tesouros e mulheres. Aí eles lhe jurarão lealdade eterna. Mas antes que eu permita que isso aconteça... me explique uma coisa.

— Sim?

— Como *conseguiu* queimar aquela parede sem provocar um incêndio? Magia?

— Hã... — hesitou Will.

— Sim — respondeu Cordelia. — O *capitão Draper* possui pergaminhos mágicos com feitiços. Ele usou um dos pergaminhos para criar uma bola de fogo que queimou a parede.

Will encarou Cordelia com raiva.

— Não sei do que ela está falando...

— Os papiros do baú do capitão Sangray? — insistiu Tranquebar.

— Como sabe a respeito deles? — perguntou Will rapidamente, antes de perceber que tinha se entregado.

— Capitão Draper — respondeu Tranquebar com um sorriso de quem sabia das coisas —, conheço tudo a respeito deste navio. Estava aqui antes de Sangray... e espero estar aqui depois de você. Sangray roubou aqueles pergaminhos há anos, em uma incursão ao Leste; por sorte, jamais aprendeu a lê-los. Eu fiz questão disso. Sempre que começava a falar em aprender a ler os pergaminhos, eu distraía Sangray com uísque ou mulheres.

— Por quê? — indagou Will.

— Sangray era um homem mau e sádico — disse Tranquebar. — Ele já era bastante horrível com o ódio por ter abandonado a medicina, com os

passatempos doentios, a vivisseção... não precisava aprender magia também. Fiz isso pela segurança de nossa tripulação.

— Você é um sujeito honrado — falou Will.

— Sou um sobrevivente — disse Tranquebar. — Agora, capitão Draper... eu gostaria que me entregasse os pergaminhos.

— É melhor não — respondeu Will. — Eles podem ser úteis para nós.

— Capitão... — Tranquebar baixou o tom de voz. — Não me considere um tolo. Só porque eu seguia Sangray e obedecia ordens não significa que ele estava no comando do navio. As pessoas mais poderosas geralmente são aquelas que você vê sussurrando no ouvido de outras. Como eu sempre os protegi, os homens neste navio dão ouvidos apenas a mim. Eles só recebem ordens de mim. E com uma palavra eu faço com que todos vocês sejam jogados ao mar.

Will e os Walker se entreolharam, preocupados.

— Sugiro que você me dê os pergaminhos — falou Tranquebar —, e eu os colocarei de volta no baú de Sangray, onde estarão seguros. Aí podemos seguir adiante com a votação para torná-lo capitão.

Will fez uma pausa para considerar as outras opções.

— Acho que é muito melhor do que ser jogado ao mar — sussurrou Brendan. — Só estou dizendo.

Sem dizer uma palavra, Will entregou os pergaminhos.

— Excelente. Agora vamos dar um banho em você, capitão Draper. Em vocês também, crianças.

Desconfiados, os Walker encararam Tranquebar com olhos franzidos.

— Ah, por favor — falou Tranquebar. — Se eu quisesse matá-los, já estariam mortos. Relaxem. Vocês estão a salvo. Não acham que todos estamos contentes de nos livrarmos de Sangray?

Quando Tranquebar parou de falar, Gilliam, o pirata com a tatuagem de golfinho, entrou nos aposentos. Em vez de uma tatuagem, ele agora tinha faixas enroladas na cabeça como uma múmia.

— *Brigado* por terem cuidado daquele capitão horrível — disse Gilliam.
— Querem comida?

Os Walker mal podiam acreditar nos ouvidos. Em pouco tempo, receberam uma refeição de carne seca de porco e biscoitos quentes que foi mais gostosa do que tudo que comeram na vida (com a exceção, para Brendan e Cordelia, da comida enfeitada dos esqueletos — mas os dois sabiam que aquilo não deveria contar). Eleanor ficou enjoada, mas Tranquebar mostrou como ela podia vencer o enjoo de mar ao subir no convés e manter o olhar fixo no horizonte. Em um momento triste, eles moveram o corpo de Penelope para o paiol do navio, a fim de mantê-la a salvo até chegarem à terra firme e enterrá-la. Depois foram para um aposento, uma espécie de achados e perdidos dos piratas, onde pegaram roupas novas e bem bacanas de piratas. Até tiveram a chance de tomar banho na preciosa água potável do *Moreia* — embora não tivessem tido a permissão de esvaziar a banheira entre os usos. (Eles jogaram pedra-papeltesoura para definir a ordem; Brendan, que iria por último, decidiu não tomar banho de maneira alguma.)

Porém, conforme o dia prosseguiu, uma ideia estranha começou a nascer na mente de Cordelia. Não tinha certeza de onde veio, apenas que surgiu pequena, como alguma coisa que encontrou por acaso e que, a cada hora, cresceu e virou algo que ela não via razão para não fazer.

Cordelia queria testar um pergaminho.

Em parte, para mostrar a Will que ele não era nada de especial. Em parte, para descobrir se os pergaminhos funcionariam com ela. Cordelia não falou nada lá nos aposentos de Sangray, mas ela estudava latim desde o primeiro ano do ensino médio e só tirava nota dez. Provavelmente conseguiria traduzir a maioria, talvez todos, os papiros. *E se eu conseguir ler o latim dos pergaminhos, posso fazer magia de verdade... Posso criar algo do nada. Se Will consegue invocar uma bola de fogo, posso fazer algo ainda mais bacana. Talvez eu conseguisse fazer nevar ou chover granizo; talvez conseguisse mudar*

completamente a minha aparência... e aí eu poderia fazer o feitiço desaparecer ao simplesmente lê-lo de trás para frente. Simples assim. Só para me divertir. Só para mim. Não seria nada demais.



Ao pôr do sol, após um curto discurso de Tranquebar, os piratas votaram unanimemente em Will para capitão. Aí fizeram outra festa, com menos bebida que a da noite anterior. No paiol, o açougueiro matou algumas galinhas, e a carne foi preparada no convés, sob as estrelas. Quando os Walker, os piratas e os ex-esqueletos avançaram na comida, foi difícil distingui-los: todos eram marinheiros do *Moreia* agora.

— Ao capitão Draper! Que ele seja um bom líder para nós! — falou Scurve.

— É, e que seja bem mais bondoso do que Sangray! — gritou Gilliam.

— Por favor, chega de elogios — disse Will. — Vocês todos são muito gentis. Mas prefiro fazer meu trabalho de maneira tranquila e humilde.

Os piratas concordaram com a cabeça e voltaram a comer as galinhas. Após alguns minutos de silêncio, Will olhou em volta.

— Bem... eu não estava falando sério, diabos! Ora vamos, ninguém mais tem um elogio para mim?

— Hãããã — disse Scurve, que era esquelético como Ichabod Crane. — Você tem um rosto bonito. Dá para beijar.

Todos os outros piratas se viraram e encararam Scurve.

— Que tão olhando? Alguém aí já viu uma mulher ou um homem com olhos tão azuis?

Todos os piratas olharam para Will e deram de ombros. Não puderam discordar.

— Mais alguém? — perguntou Will, à procura de mais elogios.

— Seu cabelo... — falou uma das mulheres. — É como seda.

— E o queixo — disse outro homem. — Dava para esculpir a Pietà com ele.

— Assim é melhor. — Will riu, fingindo saber o que era a Pietà; os piratas riram com ele.

Cordelia se voltou para Brendan.

— Eu não consigo assistir a isso. Ele está ficando tão megalomaniaco quanto a Bruxa do Vento.

— Talvez esse comportamento passe depois que Will for capitão por um tempo. Você vai comer isso?

Cordelia bufou — e aí percebeu que agora, com todo mundo distraído pela comida e bebida, era a hora perfeita para executar o plano.

— Não, Bren, pode comer. Eu volto já.

Ela passou a galinha para o irmão e desceu para a coberta do navio. Will a observou com desconfiança.

Pegarei apenas um pergaminho. Vou fazer apenas um feitiço. Só isso. Cordelia percorreu os corredores do navio. *Porque... porque nada. Porque eu quero.*

Dentro do camarote do capitão, a mesa ainda estava manchada com o sangue de Penelope. As correntes que prenderam a criada e Will estavam espalhadas pelo piso, presas à mesa por anéis de ferro. O baú estava intocado e destrancado. Cordelia abriu. Dentro havia moedas de ouro e gemas, mas ela só tinha olhos para pergaminhos mágicos. Retirou todos e começou a desenrolar um papiro...

Quando notou outra coisa no baú.

O livro da perdição e do desejo.

Cordelia soltou o pergaminho que segurava. Assim que viu o livro, sentiu uma única coisa: *necessidade*. A necessidade de ver o que havia dentro. De ter o poder que enlouqueceu Denver Kristoff. O futuro não importava. O passado não importava. A única coisa que importava era o livro.

Com a boca um pouco entreaberta, Cordelia pegou o livro e segurou diante do rosto. Ela não percebeu, mas a cabeça e as mãos estavam na mesma posição daquele esqueleto tuchayune lá na Ilha do Bode. Cordelia estava pronta para mergulhar e encher a mente com segredos — *eu vou descobrir, eu vou descobrir*, pensou em um ciclo inconsciente e sem fim...

E abriu a página 1.



A princípio, não havia nada escrito. Havia uma página em branco embaixo de Cordelia. Ela estava pronta para jogar o livro longe... mas aí surgiram letras. Elas vieram flutuando detrás da página, ou de *dentro* dela, como pequenos animais que surgem na superfície de um lago, minúsculas silhuetas negras que se contorciam e se conectavam enquanto iam de uma massa dispersa a algo que parecia inglês de uma maneira enlouquecedora, que ficavam mais nítidas e formavam palavras distintas e lindas, que fizeram Cordelia se sentir perfeita apenas ao olhar para elas, embora ainda não fizessem sentido...

— *Pare!* — Cordelia ouviu atrás de si. — *O que você está fazendo?*

Will entrou correndo no aposento, pegou os ombros de Cordelia e girou o corpo dela.

— Cordelia, seu *rosto!*

A degradação começou assim que ela abriu o livro. Sua pele estava desaparecendo, como se as páginas roubassem o viço e deixassem uma casca branca como larva. Ela olhava fixamente em um transe enquanto a cor saía pelo queixo em um fecho espectral que se ligava ao livro. Os olhos ficavam cinza. As veias estavam horrivelmente visíveis e se espalhavam pelas bochechas como na Bruxa do Vento...

— *Feche o livro!*

Cordelia não respondeu. A pele ficou mais rígida agora, endureceu e virou pedra. Parecia que ela era feita de mármore.

Will fechou o livro com força.

— Cordelia! Está me ouvindo?

A cor e a vida voltaram ao rosto dela. As veias desapareceram. A pele readquiriu a maciez natural. Até mesmo as manchas de acne voltaram. Mas ela estava furiosa.

— *Devolva!* — rosnou Cordelia ao tentar pegar o livro.

— Não!

Will jogou o livro em um canto do aposento. Aí o piloto olhou para ele. Havia algo estranhamente irresistível a respeito do livro. Havia algum motivo para ele mesmo querer abri-lo. Talvez, como homem, Will fosse capaz de encarar o conteúdo melhor do que Cordelia... mas ele balançou a cabeça para afastar a ideia.

— Você nem deveria estar aqui, Cordelia. Este é o camarote do capitão...

— Saia da frente!

Cordelia empurrou Will e correu para o livro. Se conseguisse alcançá-lo e abri-lo... poderia encontrar as respostas. Mas Will pegou e levantou Cordelia. Ela chutou as canelas do piloto.

— *Me ponha no chão!*

— Cordelia Walker, sinto muito, mas isso é para o seu bem — falou ele. — Você não se lembra da história de Penelope? Este é o livro que deixou Kristoff lelé da cuca! E eu acabei de ver toda a vida ser sugada do seu rosto quando você o abriu. Você precisa ficar longe deste livro. Precisa ficar a salvo hoje à noite, em um lugar seguro.

— O quê? Tipo onde?

— Uma cela de prisão — respondeu Will.



Clang! Um portão de ferro se fechou atrás de Cordelia quando ela foi jogada por Will em uma câmara com barras na cobertura do navio. Cordelia se levantou, cuspiu um bocado de feno e deu meia-volta.

— Isso não é justo! — disparou ela. — Will Draper! Você... você é um arremedo de homem, até mesmo de homem ficcional!

Will lutou contra a vontade de responder. Tranquebar o acompanhou para trancar a fechadura, e o piloto não queria falar da história pessoal com o imediato. Se Tranquebar descobrisse que ele não era uma pessoa de verdade, isso poderia ser motivo para removê-lo do cargo de capitão.

— Morda a língua — falou Will para Cordelia. — Nem mais uma palavra!

— E fique feliz de não dividir a cela com um bando de porcos fedorentos — acrescentou Tranquebar.

— Como é que é? — Cordelia torceu o nariz. De repente, se deu conta de que o cercado tinha cheiro de outra coisa além de feno.

— Como qualquer navio decente, o *Moreia* zarpou com duas dezenas de porcos — explicou Tranquebar. — Eles eram mantidos aqui, e a cada semana um era abatido para o jantar da tripulação, mas agora este é o local

apropriado para você ser mantida até demonstrar o devido respeito ao nosso capitão.

— Ele não é um *capitão*! — berrou Cordelia ao agarrar as barras. Ela segurou com tanta força que Will pensou que os ossos fossem romper os nós dos dedos. — Will não é *nada*! É apenas um piloto de um romance barato de fantasia! E sabe o que mais? Ele sequer é um bom piloto!

Tranquebar se voltou para Will.

— O que isso quer dizer?

— Ela quer dizer... hã... que eu costumava pilotar um tipo diferente de embarcação, e que aprendi a técnica em um livro — respondeu Will rapidamente. — Vamos, chega dessa bobagem. Deixemos essa menina maluca sozinha.

Tranquebar assentiu, e eles foram para o corredor. Will se virou para Cordelia, tentou dar um olhar que dissesse *sinto muito*, mas a menina encarou o piloto com tanta fúria que ele se retraiu.

— Ela parece bem maluca — comentou Tranquebar. — Fico contente que tenha tomado a decisão de prendê-la. E quanto ao livro?

— Ainda está no camarote, e é lá que vai ficar — falou Will. — Não contarei ao irmão e à irmã sobre o livro. A família inteira é um pouco obcecada por ele.

— Tenho que perguntar — disse Tranquebar —, o que ela quis dizer a respeito de você ser “ficcional”?

— Ela... hã... não disse ficcional; disse “friccional.” Como se eu causasse muita fricção. Porque... hã... bem, a menina ficou bastante obstinada por mim.

— *É sério?* — perguntou Tranquebar.

— Sim — respondeu Will. — É vergonhoso. Ela sente uma enorme paixão adolescente. De qualquer forma, como capitão desta embarcação, tenho assuntos mais urgentes para tratar. Por exemplo, para onde vai o navio?

Tranquebar deu um risinho.

— Esqueço que você é tão jovem e inocente, capitão. É quase como se não tivesse passado muito tempo no mundo real. — Fez uma pausa. — O *Moreia* ruma para o porto de Tinz, para se encontrar com os parceiros comerciais do capitão Sangray. É uma transação simples. Eles querem trocar ouro por nossas especiarias e folhas de cacau... e quem sabe, talvez tenham interesse em comprar uma casa capaz de devolver esqueletos à vida. Não há como saber o valor que *aquilo* pode conseguir no mercado negro.

— Quando vamos encontrar esses mercados? — perguntou Will.

— Amanhã à tarde.

— E depois?

— Então você está livre para fazer o que quiser! Que tal uma licença para desembarcar? Eu conheço uma ilha tropical habitada apenas por mulheres: deusas lindas, deslumbrantes, que não usam nada além de conchas de...

— Talvez, Tranquebar. Mas por enquanto desejo me recolher ao camarote e ter uma noite tranquila de sono.

— É claro — respondeu Tranquebar.

E quando chegaram ao camarote do capitão Sangray.

— Mas... aqui? Você não pode dormir *aqui*, capitão.

— Por que não?

— O lugar inteiro está destruído! — Tranquebar gesticulou para o cômodo. — O vitral precisa ser consertado; o piche precisa ser limpo; a parafernália de tortura precisa ser removida. E aquele livro horrível está aqui. Tenho um aposento bem melhor preparado para você.

— Mas eu quero dormir aqui — falou Will enquanto olhava para O *livro da perdição e do desejo*. Lá estava ele! No chão! Só esperando por ele!

— Capitão. Nesses primeiros dias de seu comando, os homens do navio estarão de olho para ver se você aceita os conselhos de seu imediato. Caso

contrário, podem ficar desconfiados de que você é teimoso demais. Levado pelas emoções. Orgulhoso demais para liderar.

Tranquebar fechou a porta do camarote do capitão Sangray e trancou com uma de suas muitas chaves. Enquanto o imediato o conduzia pelo corredor, Will se perguntou quem *realmente* detinha o poder no *Moreia*.

Enquanto isso, Cordelia procurava por alguma espécie de ponto fraco na estrutura da cela. A situação não parecia boa. Debaixo da palha havia um simples piso de madeira, mas nenhum alçapão. Um cheiro ruim emanava de um canto, onde a madeira estava descolorida e retorcida. A janela não funcionava porque não *havia* janela. E quando Cordelia foi procurar por uma chave no meio do feno, encontrou apenas um item perturbador... um focinho de porco cortado.

É até desumano manter um porco aqui! Cordelia pensou. Enquanto metade do cérebro tentava armar uma fuga, a outra metade começou a pensar em todas as formas de vingança contra Will — e contra os irmãos. Como Bren e Nell podiam não ter notado o seu sumiço? Eles provavelmente estavam comendo, jogando dados e brindando ao novo capitão no convés. Se Cordelia pegasse os dois, a primeira coisa que faria seria trancar os irmãos e Will nesta cela. Aí proibiria que eles falassem uns com os outros. Então ela...

Cordelia achou ter visto um ponto fraco. O cadeado pesado estava perto o suficiente das barras para ela passar os dedos e enfiar as unhas na fechadura. Cordelia tentou arrombar o cadeado (sem fazer a mínima ideia de como) e conseguiu enfiar a unha bem fundo... mas aí ela se mexeu rápido demais. *CRACCKKK!* — E quebrou a unha no mecanismo de metal.

— *Aiiii!*

Ela verificou a mão. Quebrou feio: a unha não apenas tinha sido reduzida a um toco lascado, como a ponta do dedo sangrava. A dor a transformou em criança.

— *Por favor! Socorro! Alguém! Qualquer um!*

Ninguém respondeu. Frustrada, ela atirou o celular na parede. *Ninguém na lista de contatos vai me ajudar.* O telefone quicou e caiu na palha. E aí ela se lembrou de uma pessoa que podia ajudar.

Uma pessoa com magia de verdade.

— Dahlia! — chamou Cordelia. — *Bruxa do Vento!* Estou perdida e preciso da sua orientação! Por favor, por favor, *por favor*, venha e me tire daqui, e eu te levo até *O livro da perdição e do desejo*, prometo!

Cordelia mal tinha terminado de falar quando ouviu um som farfalhante. O feno do chão começou a se levantar e fazer uma pirueta no ar, juntamente com o celular. A palha rodou cada vez mais rápido e virou um pequeno tufão de feno que girava com um casulo em forma de ovo...

E a Bruxa do Vento apareceu na frente de Cordelia e explodiu o feno pela câmara. Ela era inconfundível — careca, olhos azuis penetrantes, robe roxo —, mas havia algo diferente desta vez. A princípio, Cordelia não conseguiu identificar o que era. Então viu.

A Bruxa do Vento tinha um enorme sorriso no rosto.



— Cordelia, minha querida — falou a Bruxa do Vento ao olhar para o ambiente imundo —, este não parece ser o quarto adequado para alguém importante como você.

Cordelia não percebeu, mas estava de joelhos, com a cabeça baixa. Ela se abaixou aterrorizada quando o feno ganhou vida... e agora que a Bruxa do Vento estava diante de si, achou apropriado continuar no chão.

— Concordo — respondeu ela —, mas não tive escolha. Will me trancou aqui.

— Bem, é óbvio o que ele pensa que você é — disse a Bruxa do Vento. — Uma porca para ser mantida em um cercado.

Ouvir aquelas palavras em voz alta fez Cordelia se perguntar se Will poderia ser tão cruel assim. Ela tomou a defesa dele.

— Will não é uma pessoa ruim de verdade. Ele apenas não compreende...

— Ele compreende muitíssimo bem! O mundo sempre foi difícil para mulheres como nós, Cordelia. Você acha que isso ocorre por acaso?

— Bem, eu nunca...

— Claro que não. Nós somos uma ameaça. E todos os homens sabem disso. Originalmente, eles eram melhores caçadores, então deixamos que

assumissem o comando. Precisávamos dos braços fortes deles para que operassem os arcos e flechas. Precisávamos das pernas velozes deles para perseguir animais selvagens. Mas os tempos mudaram, na minha época e na sua. Caçar virou uma ida rotineira ao supermercado. Defender o lar tornou-se algo que nós mesmas podemos fazer. Não precisamos mais dos homens, e eles sabem disso. Então, farão qualquer coisa, mentiras, truques, *assassinato*, para ver se nós não nos revoltamos contra eles.

— *Nós?* — perguntou Cordelia.

— Pessoas como eu e você — respondeu a Bruxa do Vento. — As mulheres brilhantes do mundo.

Cordelia sorriu. Havia muito tempo que alguém a chamara de brilhante. O pai andava tão estressado por não ter um emprego — e antes disso, com o emprego que *tinha* —, que mal achava tempo para elogiá-la. A mãe sempre disse que ela era inteligente... mas isso era o que as mães *deveriam* dizer. Os professores na escola notaram, mas não há nada pior do que o elogio de um professor. O elogio de um professor só significava alguma coisa se a pessoa estivesse na faculdade, e o professor fosse um ph.D..

— E, como mulheres brilhantes — falou a Bruxa do Vento —, temos o direito de usar esse livro poderoso.

— Quando você soube dele pela primeira vez? — perguntou Cordelia.

A Bruxa do Vento suspirou.

— Você realmente quer saber a história? Não irá entediá-la, vindo de uma velha como eu?

— Claro que não — respondeu Cordelia. — Por favor, me conte.

— Eu tinha 8 anos. Uma noite, fugi da cama, segui meu pai e o vi usar o livro. Como você pode imaginar, fiquei fascinada com o que ele era capaz de invocar... mas meu pai ficou chateado por eu tê-lo encontrado. Ele gritou comigo. E comecei a chorar. Para me acalmar, meu pai fez algo com o livro... e um novo bicho de pelúcia apareceu para mim. Eu entendi que, de

alguma forma, *o livro tornava os desejos realidade*. Primeiro, foi o bicho de pelúcia... depois, uma casa de bonecas... chocolate... Era o sonho de uma menina. Mas ele me fez prometer que jamais abriria o livro sozinha. Foi uma promessa que mantive por algum tempo. Até fazer 13 anos.

— O que aconteceu? — perguntou Cordelia.

— Eu comecei a ter problemas com algumas colegas na escola — continuou a Bruxa do Vento. — Havia uma garota, Charlotte LeVernais, que era especialmente cruel. Ela debochava da maneira que eu falava, do jeito de me vestir.

— Você sofreu *bullying*?

— É como chamam agora — falou a Bruxa do Vento. — Na época, era como se chamava ser jovem. A situação ficou tão ruim, tão dolorosa... que a única coisa em que eu conseguia pensar era entrar escondida na câmara secreta do meu pai e usar o livro para me conceder um desejo. Fazer com que Charlotte parasse.

— Entendo — disse Cordelia. — Eu provavelmente teria desejado algo assim também, se alguma garota horrível estivesse implicando comigo, e eu tivesse apenas 13 anos...

— Desejei que Charlotte perdesse a voz — explicou a Bruxa do Vento. — Que as cordas vocais evaporassem para que nunca falasse novamente, jamais magoasse alguém pelo resto da vida.

— Uau. Isso foi um pouco radical.

— Mas funcionou — falou a Bruxa do Vento. — E como resultado, comecei a usar o livro para mais desejos. Desejei ser popular. Desejei os namorados mais bonitos. De repente, eu era feliz. Poderia ter durado para sempre, não fosse a interferência do meu pai.

Cordelia apenas olhou fixamente para ela, à espera de que continuasse.

— Ele era um frouxo — disse a Bruxa do Vento. — Preocupado que eu me tornasse uma pessoa diferente ao usar o livro, da maneira como ele virou o Rei da Tempestade.

— E como isso aconteceu exatamente?

— Ele acreditava que a retirada do livro do local original de alguma forma tinha sido responsável pelo Grande Terremoto de São Francisco — respondeu a Bruxa do Vento. — E aquilo lhe deu uma ideia. E se ele tivesse a habilidade de controlar o tempo? De criar desastres naturais? Aquilo seria o poder definitivo. O poder de um deus. Ele começou a conjurar tempestades, cada uma mais turbulenta do que a anterior. A última foi tão traiçoeira que causou a morte de 13 pessoas.

— Isso é horrível. Por que você quer um livro que permite fazer isso?

A Bruxa do Vento não respondeu. Cordelia não se surpreendeu. No fundo do coração, ela sabia a resposta: poder.

— Nós tínhamos um velho jardineiro repulsivo que sempre ficava me olhando. Isso me deixava inquieta. Então usei o livro e ceguei o homem. Quando meu pai me confrontou, admiti o que aconteceu. Ele ficou furioso, me forçou a devolver a visão ao jardineiro e escondeu o livro de mim. Meu pai se encontrou com Aldrich Hayes, dos Guardiões do Conhecimento. Foi Hayes que ensinou meu pai a magia que lhe permitiu esconder o livro no mundo de seus romances. Mas antes que ele tivesse a chance, eu me transformei na Bruxa do Vento. Queria convencê-lo a *compartilhar* o poder. Queria fazer com que meu pai percebesse que, *juntos*, poderíamos mandar em qualquer coisa... qualquer cidade, qualquer país.

— Imagino que ele não reagiu bem — comentou Cordelia.

— Meu pai ficou lívido. Àquela altura, era bem mais poderoso do que eu, então me expulsou de casa. Pensou que poderia me manter longe do livro. Mas eu era mais inteligente do que ele imaginava.

— O que você fez?

— Eu me disfarcei de homem — contou a Bruxa do Vento — e me tornei um integrante dos Guardiões do Conhecimento. Eles me ensinaram magia poderosa, e em pouco tempo aprendi feitiços antigos que me

permitiram entrar no mundo dos romances do meu pai. Comecei minha busca pelo livro...

— Mas quando seu pai descobriu o plano — falou Cordelia —, colocou uma maldição no livro para que você jamais conseguisse se aproximar dele.

— Exatamente. Mas agora eu tenho você. E por que você não usaria o livro? Ao contrário de seus irmãos, você teve a coragem de abri-lo.

— Eu não sei se deveria ter feito aquilo. Me senti bem na hora... mas Will me disse que o livro estava me prejudicando. Que estava alterando meu rosto.

— E ele entende disso? Seus irmãos e Will não merecem o livro. Eles não são tão espertos quanto você. São um atraso de vida.

— Não é verdade — contestou Cordelia. — Embora a gente brigue e discorde sobre quase tudo, meus irmãos me amam e se preocupam comigo.

— Pare de se enganar.

A Bruxa do Vento pegou a mão de Cordelia. Ela nunca tinha sentido a pele da mulher antes. Era fina e seca, áspera e velha — porém *elétrica*, carregada com uma força que penetrou em Cordelia.

Os pelinhos do braço ficaram de pé como cabos de fibra ótica. As pontas dos dedos formigaram como se tivessem mergulhado em hortelã. A Bruxa do Vento apertou a mão com mais força. Cordelia ficou em posição de sentido e tentou se controlar, apesar do formigamento que surgiu na espinha — e aí algo se soltou, e ela saiu de si e teve uma visão da própria mente.

A mente era azul e cheia de linhas finas. No interior, Cordelia viu as memórias. Cada uma era como um antigo rolo de filme, uma faixa de imagens que gravou algo ao qual Cordelia se apegou, com o qual se importava. Algumas das memórias mais compridas e importantes tinham a ver com os irmãos. Havia a ocasião em que ela salvou Eleanor de brincar na secadora de roupas na antiga casa; havia o momento em que ela e Brendan foram flagrados fazendo poções no banheiro. A ocasião em que foram à

Disneylândia; a vez em que Brendan pegou a bola de uma cobrança de falta em um jogo dos Giants e falou sobre aquilo durante um mês. Ela viu essas memórias formarem um pequeno bolo...

E então as memórias desapareceram. E com elas, o amor por Brendan e Eleanor. O sentimento foi substituído pelo conhecimento puro e verdadeiro que a Bruxa do Vento oferecia: os irmãos eram, na verdade, apenas crianças comuns que jamais se importaram com ela, nunca a amaram realmente. Os pais eram protetores fracassados, frouxos demais. E Will? Uma imitação fajuta de um piloto de verdade, de um verdadeiro guerreiro.

Apenas uma coisa importava na vida de Cordelia agora: *O livro da perdição e do desejo*.

— Está tudo ficando claro? — perguntou a Bruxa do Vento.

— Muito — respondeu Cordelia ao voltar à realidade em um estado dócil, com a Bruxa do Vento ainda segurando sua mão.

— Ótimo. E sem essas outras pessoas na vida, você está livre para se concentrar em seus próprios sonhos.

— O livro.

— Ele quer você. *Precisa* de você. É o seu destino.

— Sim — falou Cordelia com um sorriso sinistro e sobrenatural no rosto. O olhar estava morto.

— E eu prometo: se você me levar ao livro, ambas estaremos livres.

Cordelia ficou de pé, subitamente ansiosa.

— Eu posso te levar, mas você tem que me tirar daqui. Você é poderosa o suficiente para arrancar essas barras com uma rajada...

A Bruxa do Vento balançou a cabeça.

— Nós não queremos que ninguém nos escute.

— É claro... — respondeu Cordelia. Cada segundo que a Bruxa do Vento segurava a mão da menina, sua mente se perdia em uma bruma.

Os dedos ficaram muito frios de repente. O calafrio intenso subiu pelos braços, peito e rosto. As pernas começaram a congelar. Ela notou que as

mãos perdiam a cor e endureciam em algo transparente e reluzente.

— O que está fazendo? — perguntou Cordelia.

— Estou nos tirando aqui.

O corpo da Bruxa do Vento também começou a se transformar. Cordelia não conseguiu decidir o que era mais fascinante: ver a pele se solidificar em algo translúcido e frio ou ver a pele da Bruxa do Vento fazer o mesmo. Em questão de minutos, embora ainda conseguissem se mexer e falar, as duas foram completamente transfiguradas de carne para...

— *Gelo!* — disse Cordelia. — Você nos transformou em *gelo!* Por quê?

— Venha. — A Bruxa do Vento puxou Cordelia na direção das barras da cela. — A dor só dura um instante.

— Dor?

Mas foi tarde demais. A Bruxa do Vento e uma relutante Cordelia correram juntas, de mãos dadas, em direção às barras de metal — e quando se chocaram com elas, os corpos de gelo se estilhaçaram em milhares de pedaços.

As lascas passaram voando pelas barras e caíram em uma pilha no corredor. Cordelia, que de alguma forma manteve a consciência, percebeu uma coisa. *Estou misturada à Bruxa do Vento agora. Sou parte dela.*

Os pedaços de gelo ganharam vida, rolaram um na direção do outro e se juntaram. Peça por peça, a Bruxa do Vento e Cordelia voltaram às versões de escultura de gelo de si mesmas. Então o gelo esquentou e ganhou cor de pele, e as duas se transformaram em humanas novamente, embora Cordelia ainda sentisse um pouco de frio por dentro, em algum ponto do peito que não conseguia identificar.

— Não foi tão ruim, foi? — perguntou a Bruxa do Vento.

— Não foi tão ruim? Pareceu que um bilhão de pedacinhos da pele foram picados por água-viva. Como naquela vez na Flórida, com a mamãe, o papai, Brendan e Nell, quando...

Cordelia parou no momento em que a velha memória retornou. A Bruxa do Vento rapidamente notou e pegou a mão da menina, a fim de transportá-la de volta ao estado de confusão mental que só permitia um único sentimento: desejo egoísta.

— Agora, minha querida, me mostre o caminho.

Cordelia levou a Bruxa do Vento pelo corredor e sabia exatamente aonde ir — ela quase conseguia sentir o gosto do livro. Em alguns minutos, as duas chegaram ao camarote de Sangray. Mas alguém estava ali.

A irmã de Cordelia.

— Délia! — falou Eleanor. — Eu estava preocupada com você; eu vim... *por que você está de mãos dadas com a Bruxa do Vento?*

Cordelia avançou. Era um instinto bem entranhado nela; as memórias de Eleanor não estavam tão enterradas como pareciam. Ela olhou para a Bruxa do Vento.

— Por que você está assustando minha ir...

A Bruxa do Vento apertou a mão de Cordelia com tanta força que o sangue foi embora. A menina estava novamente enfeitiçada.

— Não deixe que ela detenha você. Abra a porta!

Cordelia tentou, mas estava trancada.

— Délia! *Pare!* — berrou Eleanor.

A Bruxa do Vento fez um gesto com o cotoco — e uma súbita rajada de vento derrubou Eleanor. Ela gesticulou novamente — e um raio estourou a tranca da porta.

— Cordelia! — gritou Eleanor, caída no chão. — Você tem que me escutar. Seja lá o que essa velha esteja enfiando na sua cabeça não é verdade, e você tem que *lutar...*

— Cale a boca da sua irmã — ordenou a Bruxa do Vento.

— Sim.

Cordelia colocou os pés em cada lado do pequeno corpo de Eleanor, ergueu a mão livre e cerrou o punho.



Embora o cérebro estivesse entregue à Bruxa do Vento, Cordelia ainda mantinha a inteligência, e a inteligência de Cordelia era cruel. Ela percebeu que bater em Eleanor seria bem menos eficaz do que acertar onde realmente doía.

— Você chegou a passar os olhos por *O coração e o leme*? — perguntou ela. — Ou apenas fingiu e pediu que Brendan lesse para você?

— O quê? — perguntou Eleanor. — Você sabe que eu li! Estava na mesma sala que eu!

— Eu acho que estava fingindo porque todos nós sabemos que você mal consegue ler. Nem consegui dizer corretamente o endereço da Mansão Kristoff. Às vezes, não acho que você seja disléxica; acho que você é simplesmente *burra*.

Eleanor começou a chorar. A Bruxa do Vento ronronou ao apertar a mão de Cordelia.

— *Ótimo*. Bem, eu não posso chegar perto do livro por causa da maldição posta nele pelo meu pai. Portanto, preciso que você pegue isto — a Bruxa do Vento deu um pedaço de papel para Cordelia — e coloque dentro do livro. Consegue fazer isso?

— Sim... — respondeu Cordelia. — Mas por quê? O que tem no papel?

— Não é da sua conta. Apenas faça o que eu mandei, e conhecerá o verdadeiro poder do livro.

A Bruxa do Vento soltou a mão de Cordelia... mas ela permaneceu enfeitiçada. Era como se um minúsculo pedaço da Bruxa do Vento estivesse exercendo poder dentro da menina. Ela entrou no camarote de Sangray enquanto a irmã choramingava ao fundo. Cordelia foi na direção do livro, com o rosto inexpressivo...

Mas, de repente, ouviu um baque atrás de si, e quando deu meia-volta, a Bruxa do Vento estava apoiada na parede do corredor, sentada e atordoada.

No lugar da mulher estava Will, que parecia ter dado uma ombrada em um jogador de rúgbi. Atrás dele estava Brendan.

— O que está acontecendo? — perguntou Cordelia, novamente lúcida.

— Nós ouvimos o chamado de socorro da Eleanor — respondeu Will —, e eu...

— *Vermes!* — berrou a Bruxa do Vento.

Ela ficou de pé e lançou o braço ruim. Um cone de ar saiu rugindo do cotoco e girou pelo camarote. Will pulou no chão e evitou a rajada poderosa, mas Brendan estava bem no caminho. O menino foi erguido como uma boneca e jogado na direção da parede oposta do cômodo.

CRACK! A cabeça de Brendan acertou o teto. O pescoço dobrou para frente em um ângulo estranho, e ele desmoronou no chão.

— Não! — disse Cordelia ao avançar na direção do irmão.

Will pegou os tornozelos da menina.

— Fique parada!

Eleanor se ajoelhou na frente do corpo inconsciente de Brendan.

— As crianças têm memórias tão curtas — comentou a Bruxa do Vento, que ofegava enquanto as veias pulsavam na cabeça.

— Mantenha a mulher falando — sussurrou Will para Cordelia; ele começou a rastejar para trás e cruzar o camarote.

— Há alguns momentos, você concordou que sua família era inútil. Agora os defende? — continuou a Bruxa do Vento.

— Pode apostar que sim — disse Cordelia.

— Você ainda quer o livro?

— Nunca, jamais. Aquela não era eu. Aquela era você, confundindo a minha cabeça... você me enganou. Transformou todas as boas memórias que eu tinha sobre as pessoas da minha vida em maus sentimentos.

— Esses maus sentimentos eram seus — falou a Bruxa do Vento. — Ninguém pode ser ludibriado a odiar. Alguma parte de você pode até estar contente de ver seu irmão caído no chão agora, possivelmente com o pescoço quebrado... possivelmente sem poder andar de novo.

A Bruxa do Vento estava radiante, tomada por um orgulho horrível — mas como todas as pessoas orgulhosas e narcisistas, ela tinha uma tendência a não perceber os detalhes. Neste caso, o detalhe de Will ter aberto o baú de Sangray para pegar os pergaminhos mágicos. Quando a Bruxa do Vento notou, ele tinha desenrolado um de seus favoritos...

— *Inter cinis crescere fortissimi flammis!*

A bola de fogo voou na direção da Bruxa do Vento como um cometa; Cordelia mergulhou no chão. A mulher guinchou e sacudiu o braço desfigurado na direção da esfera flamejante...

E uma pancada de chuva de repente varreu o camarote, dissipou a bola de fogo e empurrou todo mundo na direção dos vitrais quebrados.

— Quem você pensa que é agora? Um feiticeiro? — berrou a Bruxa do Vento.

— Ele é um feiticeiro melhor do que seu pai! Pelo menos, não é maluco! — falou Cordelia.

— *Não fale do meu pai!*

A Bruxa do Vento cortou o ar com os braços em gestos estranhos. A chuva caiu com mais força. O vento soprou mais rápido. Eleanor pegou o corpo inerte de Brendan enquanto ela, Cordelia e Will se inclinavam sob a

tempestade no recinto fechado, como se tentassem andar em um furacão, mas a fúria da Bruxa do Vento fez o temporal atingir um nível de intensa violência. Os Walker foram arrancados do chão com o piloto e jogados na direção do mar...

— *Terra ipsa fenerat viribus!* — leu Will.

A parede de pedra se materializou atrás dele.

Will e os Walker bateram na parede e caíram no chão.

A Bruxa do Vento não ficou contente. Ela não tinha palavras para descrever esta indignidade, apenas soltou um guincho estridente que ecoou pelo aposento. Deu um passo à frente, colocou a mão boa na parede de pedra e ergueu a mão desfigurada. Raios começaram a estalar para fora da pele encarquilhada no fim do cotoco. Cordelia sabia que viria um relâmpago.

A menina viu a corrente de metal que estava espalhada pelo chão. Pegou uma ponta e jogou no ar quando o raio veio em sua direção. Ele se bifurcou e acertou a corrente. *CRACCKKKK!* O raio voltou pela extensão de metal até o anel de ferro... que estava ao lado da mão boa da Bruxa do Vento.

A mulher nem teve tempo para gritar. O relâmpago a atingiu com um intenso clarão branco que fez todo mundo proteger os rostos...

E quando eles tiveram coragem de espiar novamente, a Bruxa do Vento tinha *sumido*.

Só sobrou uma nuvem de fumaça.

Por um momento, ninguém falou.

— A gente... matou a Bruxa do Vento? — perguntou Eleanor, finalmente.

— Duvido — falou Will ao se levantar e dar um tapinha na parede de pedra. — Ela é muito esperta. Acho que a Bruxa do Vento tomou uma ação evasiva porque Cordelia foi mais esperta do que ela.

— Quem se importa? — falou Cordelia, correndo em direção ao irmão.
— Nada disso importa se Brendan estiver machucado. — Ela se ajoelhou e abraçou o menino. Ele tinha pulsação e respirava, mas estava apagado.

Cordelia deixou a cabeça cair. Algo nesse combate foi pior do que nos anteriores. Ela sentiu um vazio por dentro: não havia empolgação nem alegria por estar viva. Cordelia ouviu um nariz fungando e se virou para ver Eleanor chorando. Will estava com uma mão no ombro da irmã.

— Ajude Bren — disse Cordelia para Will ao se ajoelhar na frente de Nell. Uma lágrima caiu no braço. Estava quente. — Desculpe eu ter sido tão má... a respeito de você não conseguir ler... eu estava errada. O que sei é que você será uma boa leitora, que algum dia será uma grande leitora.

Eleanor assentiu.

— Você acredita em mim?

— Não sei no que acreditar.

— Acredite em *mim*.

Cordelia abraçou Eleanor. *Temos que sair deste navio ou vamos perder a cabeça. Vamos perder tudo.*

— Aham. — Will interrompeu as irmãs. — Brendan está bem. Ele teve uma batida feia, mas já vi piores.

— Continua sendo culpa minha — falou Cordelia. — Você deveria me pôr de volta naquele chiqueiro.

— Besteira. Você fez o que fez por causa disso.

Will pegou *O livro da perdição e do desejo* com a intenção de se livrar dele, no entanto, com o livro na mão, o piloto de repente pensou: *vou dar apenas uma espiada...*

— Will! O que está fazendo? — perguntou Cordelia.

— Nada! — responde ele, ao perceber que ainda segurava o livro. — Apenas vou jogá-lo no oceano.

— Só que você criou uma parede mágica de pedra entre nós e o oceano.

— Ah, sim. *Viribus fenerat ipsa terra!*

A parede desmoronou do nada, e o vitral ficou visível novamente. Do lado de fora, a Mansão Kristoff ainda era rebocada pelo *Moreia*, banhada pela luz, mas agora a água tinha coberto o telhado, e apenas a chaminé era visível.

Will jogou o livro pela janela.

Cordelia ficou surpresa ao ver como foi simples. Toda aquela confusão, toda aquela briga — e tudo aquilo podia ser detido ao jogar o livro fora, como se fosse um copo velho da Starbucks ou uma lata vazia de atum. O livro se abriu enquanto voava pelo céu, as páginas bateram... mas aí o vento o pegou por baixo, levantou um pouco e o jogou dentro da chaminé da Mansão Kristoff. Ele caiu e sumiu de vista.

— *Ah* — resmungou Will.

— Que loucura! — exclamou Eleanor. — Logo assim, chaminé abaixo? Você não repetiria isso nem que fosse LeBron James!

— O livro não foi embora — disse Cordelia, enquanto balançava a cabeça. — Está preso em algum lugar seco ali, no alto, esperando ser encontrado. Agora que eu o abri, ele não quer ir embora.

— Você abriu? — perguntou Eleanor. — O que aconteceu?

— Realmente não lembro. Eu me recordo que foi onírico e lindo, mas o conteúdo é um vazio.

— O que aconteceu foi que o rosto dela começou a mudar — explicou Will — e não para a melhor.

— O que você tem na mão, Délia? — perguntou Eleanor.

Cordelia olhou para o pedaço de papel que a Bruxa do Vento lhe dera. Ela desdobrou e leu.

— “Dahlia Kristoff será capaz de abrir *O livro da perdição e do desejo*.” É isso.

— É só isso que diz o papel? — indagou Will. — O que é isso, um pedido?

— Talvez seja o poder do livro — falou Cordelia. — Talvez, se a pessoa abri-lo e colocar um desejo dentro...

— *Ele se torna realidade* — completou Eleanor.



Por um minuto, Cordelia, Eleanor e Will pensaram a respeito daquela ideia. *Um livro que tornaria realidade qualquer coisa posta entre as páginas.* Seria o livro mais poderoso jamais criado. Transformaria as pessoas em deuses.

— Esqueçam — falou Will. — Não vamos descobrir se aquilo funciona porque ninguém deve se aproximar da chaminé da Mansão Kristoff. Quando chegarmos à terra firme amanhã, mandaremos desmanchar a casa inteira e queimar o livro. Agora... vou procurar uns sais aromáticos para despertar o pobre Brendan. — Will começou a sair do camarote, mas parou e olhou para trás. — E Cordelia...

Ela o encarou. Os olhos do piloto estavam cheios de carinho e gentileza sinceros.

— Eu nunca deveria ter prendido você. Peço desculpas.

— Aceito suas desculpas — respondeu Cordelia — e prometo que não ficarei toda esquisita novamente.

Pouco tempo depois, Brendan foi despertado pelos sais aromáticos realmente horríveis do *Moreia*, que Tranquebar disse que levantaria os mortos (uma frase que Cordelia, Eleanor e Will acharam engraçada, considerando a experiência deles na área). Quando Brendan tentou se

sentar, todo mundo berrou para ele parar, temendo que o pescoço pudesse estar quebrado, mas o menino deu um pulo e ficou de pé.

— Estou bem, pessoal — disse ele. — Sim, bati com muita força naquele teto, mas já apanhei bem mais no *lacrosse*.

E, para provar o argumento, Brendan fez alguns passos de dança no improviso, incluindo um *moonwalk* bem decente que ele aprendeu ao ver todos aqueles especiais de TV em homenagem a Michael Jackson.

Uma hora depois, todos estavam na cama — ou no que era uma cama em alto-mar. Will começou a noite no camarote que Tranquebar arrumou para ele, mas quando um rato subiu em sua bochecha, parou e começou a mordiscar os pelos dentro da narina, o piloto trocou de quarto. Will terminou a noite em um catre ao lado de Cordelia, Brendan e Eleanor. A última coisa que fez antes de dormir foi identificar de quem era cada respiração.

Na manhã seguinte, Cordelia foi a última a acordar. Era raro para ela — Cordelia acordava cedo —, mas os ataques constantes e a exaustão que fizeram parte de sua vida nos últimos dias fizeram com que dormisse até o meio-dia. Ela esfregou os olhos (sentia falta de escovar os dentes) e subiu ao convés. O ar do oceano a acordou mais do que o café que tomava toda manhã antes de ir para a escola. Will, Brendan e Eleanor estavam na lateral do *Moreia*.

— O que vocês estão fazendo? — perguntou Cordelia.

— Procurando Tinz — respondeu Brendan. — A gente devia ser capaz de ver o porto em algum ponto daquela terra lá adiante...

— *Terra?* — exclamou Cordelia. De fato, um pedaço de cinza se estendia ao longe. — Ó, meu Deus! Terra!

— Não é? — disse Eleanor. — Eu me esqueci de como é a *sensação* de terra!

— O Tranquebar localizou a terra na alvorada — falou Will, acenando com a cabeça para o imediato, que estava no cesto da gávea, no topo do

mastro principal. — Ele será o primeiro a localizar Tinz também, mas um de nós pode ser o segundo.

— Iai, capitão! — respondeu Cordelia. — Mas o que faremos quando chegarmos a Tinz?

— Eu tenho uma reunião de negócios marcada — disse Will —, mas antes de nós chegarmos... há algo que eu queria discutir com vocês.

— O que é? — indagou Brendan.

— Eu tenho uma ideia de como vocês podem ver seus pais — respondeu Will, se afastando da borda do convés.

Todos os Walker trocaram olhares de intensa esperança, tomados pela empolgação.

— Quando? — perguntou Cordelia.

— Em breve — falou Will. — Talvez imediatamente.

— Bem, vamos, diga... como, como? — perguntou Brendan.

— Primeiro, vocês precisam fazer uma pergunta para si mesmos — disse o piloto.

— Qual é? — indagou Eleanor.

— Estão preparados para as consequências?

— O que você quer dizer? — falou Eleanor. — Tipo, se eles estiverem *mortos*? Eu nunca estaria preparada para isso! — A voz tremeu.

— Nem eu — respondeu Cordelia. A ideia de os pais estarem mortos apagou qualquer maturidade emocional que ela tivesse em comparação à irmã. — Mas se pudermos saber... devemos saber.

— Estou com você — disse Brendan.

— Acho que eu também — concordou Eleanor, reunindo toda a coragem.

— Muito bem — falou Will. — Esperem aqui.

Will desceu para a coberta do navio enquanto os Walker tentavam ver o primeiro sinal de Tinz; eles imaginaram que seria um brilho de vidro, os espigões de mastros de navios, ou uma bandeira tremulando. Quando

voltou, Will segurava um pergaminho mágico com dedos trêmulos. Ele desenrolou lentamente. Os Walker se reuniram ao seu redor e tentaram ler o latim.

— Espere — disse Cordelia. — Esse eu consigo traduzir... em latim diz: “Mostre-me aqueles que me trouxeram o mundo.”

— Muito impressionante — comentou Will. Ele fez uma pausa e olhou para os Walker. — Vamos tentar?



No convés do *Moreia*, Will mandou que os Walker lessem o feitiço em latim. Juntos.

— *Ostende mihi isti qui, introduxisti me terrarum* — falaram todos os Walker perfeitamente em unísono.

Uma pequena bola de luz apareceu diante deles. Will usou o corpo para escondê-la dos piratas. A luz cresceu e ficou do tamanho de uma bola de basquete. Os Walker olharam o interior da esfera brilhante — e o que eles viram os deixou em um estado de choque.

Era a Mansão Kristoff — mas não a Mansão Kristoff que estava sendo rebocada pelo navio. Esta era a Mansão Kristoff como eles deixaram a casa em São Francisco: destruída pela Bruxa do Vento. Eleanor conteve um gritinho.

Era uma visão aérea, bem acima da avenida Sea Cliff, 128. Parecia que a casa tinha sido partida por um tornado. Vigas de madeira saíam do primeiro andar e formavam uma pilha larga e horizontal. Não havia segundo andar. Toda a mobília havia sido esvaçalhada e estava espalhada pelo jardim.

— Não entendo... — comentou Brendan. — O que é isso que estamos vendo? Como aquela pode ser a Mansão Kristoff? Ela está bem aqui,

debaixo d'água!

— Deve haver duas versões — disse Cordelia. — A casa que foi transportada aqui pela Bruxa do Vento e aquela que ficou para trás em São Francisco... a casa que ainda existe na realidade.

— Então isso é a realidade? — perguntou Will, apontando para a bola de luz.

— Para nós, sim — respondeu Brendan.

— Espere... pare — ordenou Cordelia ao perceber subitamente o que estava prestes a ver.

— *Terrarum me introduxisti, qui isti mihi ostende!* — berrou Will o feitiço ao contrário.

Mas a bola de luz não desapareceu. O feitiço continuou.

— O que está acontecendo? — perguntou Cordelia. — Por que não consegue parar o feitiço?

— Obviamente ele não pode ser detido em andamento! — falou Will.

No interior da bola de luz parecida com uma bolha, a casa cresceu, como se a câmara aérea desse um zoom. Agora os Walker e Will notaram a fita amarela de polícia em volta da casa. Havia plaquinhas cinza que marcavam locais de provas. E ali, em um branco nítido contra a madeira em pedaços...

Duas silhuetas de corpos desenhadas com giz.

— *Não!* — exclamou Eleanor. — *Não! Pare com isso!*

Ficou evidente que o ataque da Bruxa do Vento matara os pais dos Walker.

— *Não!* — Eleanor se desmanchou em lágrimas e abraçou Brendan.

— *Nell, está tudo bem.* — Brendan tentou ser forte, mas assim que sentiu o corpo ser literalmente sacudido pelos soluços da irmã, também cedeu.

— *Não está tudo bem!* — berrou Eleanor. — *Nunca mais vai ficar bem de novo!*

Cordelia abraçou os dois irmãos e olhou fixamente para a bolha mágica que Will criou, os acessórios simples e definitivos da morte que impregnavam o mundo real: fita, giz e destroços.

— Tente de novo, Will! — gritou Cordelia. — A gente não precisa ver mais!

Will novamente falou o feitiço ao contrário, e desta vez a bolha desapareceu. Os Walker ficaram sentados no convés, olhando para o oceano.

— Will — falou Cordelia baixinho —, talvez você devesse nos deixar.

O piloto concordou com a cabeça, mas tinha algo a dizer.

— Eu apenas... — Ele baixou a voz. — Eu queria tentar o feitiço em mim também. Para ver meus próprios pais. Não sei se estão vivos ou mortos. Não sei nada.

Cordelia ia dizer não, mas então reconsiderou e limpou as lágrimas que escorriam dos olhos. Ela aceitaria qualquer desculpa para ver algo diferente daquilo que havia acabado de testemunhar.

— Faça isso, Will. Tente.

Will falou o feitiço novamente; a bola de luz reapareceu. Mas desta vez não havia nada dentro. Nada além de luz.

— Não entendo — disse Will. — Será que significa que meus pais estão mortos?

— Acho que não — falou Cordelia em tom solene. — Acho que significa que você não tem pais.

— Como é que é?

— Kristoff nunca escreveu sobre seus pais. Eles não existem.

De repente, Will ficou irritado, apesar da dor inconsolável dos Walker diante dele.

— Isso é besteira! Posso vê-los na minha cabeça! Eu me lembro deles claramente!

— Tem certeza? — perguntou Brendan.

— Bem, o papai tinha... ele era careca, não era? Não, tinha cabelo grisalho... ou era ruivo? E a mãe tinha... olhos azuis... não, espere...

Will tentou parecer durão, mas estava desmoronando por dentro. Era verdade. O lugar em que os pais deveriam estar na cabeça, onde ele *vira* os dois antes, ou imaginou ter visto — afinal, quem não tem *pais*? —, aquele lugar estava difuso e lhe escapava.

— Bem, quem precisa de pais, afinal de contas? — gritou Will.

Mas aí o piloto viu os Walker: eles precisavam. Eles precisavam dos pais mais do que qualquer coisa. E nunca teriam os dois de volta.

Will se sentou com eles. Todos ficaram naquela posição por um bom tempo. Ficaram em silêncio quando Tranquebar anunciou a primeira visão de Tinz, que se revelou ser um domo dourado da maior igreja da cidade. Ficaram em silêncio conforme viram a cidade crescer — em um ritmo tão lento que quase pareceu que eles viajavam para trás — de um pontinho até um porto movimentado que encheu o campo de visão. Ficaram quietos enquanto viam as casas de madeira, as tavernas, os mercados e as docas. A fumaça que saía das chaminés. Os cavalos que bloqueavam a visão das ruas estreitas.

Durante a aproximação final, os piratas recolheram as velas e discutiram em quais estabelecimentos para adultos iriam primeiro. Os Walker e Will os viram baixar a âncora, lotar os botes e remar para terra firme, vibrando e gritando. Então Cordelia finalmente falou:

— A gente tem que ir. O fato de nossos pais terem morrido não muda o que eles iam querer de nós. Eles iam querer que a gente vivesse. Que tivesse sucesso. Que...

— Que a gente se vingasse da Bruxa do Vento — falou Brendan em uma voz fria e calma.

As irmãs jamais tinham ouvido Brendan tão determinado assim.



Eleanor não conseguiu acreditar que tinha chegado a terra firme. Mesmo após sair do *Moreia* e entrar em um pequeno bote a remo que os levou a um ancoradouro sob a supervisão de Tranquebar, e depois de sair daquele ancoradouro e ir à praia, ainda parecia que o chão debaixo dos pés se movia no ritmo das ondas. Era quase um tipo diferente de enjoo de mar. Ela se deitou.

— O que você está fazendo? — perguntou Brendan.

— Um anjo de areia — respondeu Eleanor. — Lembra? Papai costumava mostrar para a gente como fazer nas férias na praia.

Brendan sorriu — e um minuto depois estava no chão com Eleanor, fazendo anjos de areia e ganhando melecas de areia. Cada vez que ria, pensava que estava lutando com a Bruxa do Vento. Talvez ela tivesse matado seus pais, mas não o matara. Não ainda.

Enquanto isso, Tranquebar estava por perto. O imediato agiu por Will quando o capitão e os contramestres estavam obviamente angustiados no *Moreia* e agora se aproximou.

— Os parceiros comerciais chegarão aqui em duas horas, capitão — falou ele para Will. — Eles vão querer encontrar você... caso se sinta pronto.

— Estou pronto — respondeu Will categoricamente.

— E quanto a você, contramestre Cordelia? Quer ir à cidade? — Tranquebar gesticulou para a agitada cidade de Tinz. Fumaça gordurosa saía dos prédios.

— Eu ficarei com Will — falou Cordelia enquanto se aproximava do piloto.

Ela queria ficar próxima de qualquer um naquele momento. Qualquer um que entendesse o que ela passava.

Por dez minutos, os Walker e Will ficaram na praia pitoresca, cercados pelo clima agradável e por pensamentos sombrios. Então Brendan se agitou.

— Eu não consigo ficar o dia inteiro sentado, pensando no que a gente acabou de descobrir — declarou ele. — Vou explorar a cidade.

— Eu também! — falou Eleanor.

— A gente não devia se dividir — disse Cordelia. — Aquela cidade pode ser perigosa.

— Ora, vamos, Délia... quando foi que isso deteve a gente? — perguntou Eleanor, que, então, parou e gritou — *Cavalo!*

Todos os Walker olharam. Ao longe, um cavalo com um homem no lombo vagava depois da praia — um lindo palomino musculoso e lúcido.

Eleanor disparou a correr.

— Ei! Espere! Moço! Espere! Posso ver seu cavalo?

— Eu fico de olho nela! — gritou Brendan para Cordelia.

Will colocou a mão sobre a de Cordelia.

— Deixe os dois irem. Você é a mais velha. Temos que ficar aqui e cuidar deste negócio com os parceiros comerciais para podermos ir adiante. Se for vingança, o que você quer.

É, sim. E jamais ficarei satisfeita até obtê-la.

Brendan alcançou Eleanor na cidade, perto de uma padaria, quando ela erguia os olhos para o cavalo. O animal era montado por um homem alto

que olhou para Eleanor com preocupação.

— Senhorita, você está bem?

— Ah, sim — respondeu Eleanor. — Sua égua... ela é linda! Eu sempre quis um cavalo assim! Será que posso andar nela?

— Já montou em um cavalo, pequena?

— Uma vez — falou Eleanor. — Em uma feira. Não, espere... acho que foi um pônei. Mas não importa. Eu não tenho medo. Não se puder andar com você.

O homem sorriu.

— Como posso negar? Você sabe montar?

— Espere um minuto, cara... — disse Brendan, mas o homem já se abaixava e oferecia um dos braços compridos para Eleanor. Ela montou no cavalo atrás do sujeito.

— Nell, você tem certeza de que é uma boa ideia? Você não conhece...

— Meu nome é Jacqui — falou o cavaleiro com orgulho — e esta é Majestade. Sou o treinador dela. Eu a criei.

— Meu nome é Brendan, e se tentar machucar minha irmã, eu vou atrás de você — ameaçou Brendan com os olhos franzidos.

Algo mudou na expressão de Jacqui.

— Espere... vocês são... vocês são do *Moreia*?

— Isso mesmo — concordou Eleanor. — Acabamos de vir de uma jornada cheia de horrores.

— Por favor — falou Jacqui enquanto abaixava a cabeça para Brendan —, não me machuque, poderoso irmão. Eu cuidarei bem da sua irmã, darei uma aula de equitação e devolverei a menina para você e seu líder, xamã Tranquebar.

— *Xamã* Tranquebar? — perguntou Brendan, rindo. — Ele não é um xamã. É um imediato...

— Nossa cidade conhece o xamã Tranquebar há muitos anos, mestre Brendan. Nós o conhecemos e o adoramos. Agora, se me dá licença. — E

Jacqui partiu, com Eleanor soltando gritinhos atrás dele, para o interior das vielas tortuosas que cruzavam a cidade.

Bizarro, pensou Brendan, *mas é bacana ser chamado de mestre*.

Brendan continuou andando, ansioso para ver o que a cidade tinha a oferecer, tentando não pensar nos pais mortos. Tomou cuidado para evitar os piratas do *Moreia*, que atulhavam qualquer rua onde houvesse uma taverna, rindo e vomitando à vontade na sarjeta.

Brendan encontrou uma loja de doces. As vitrines estavam empilhadas com maçãs carameladas ridiculamente grandes e de dar água na boca. Ele entrou correndo e se aproximou do velho comerciante.

— Com licença, senhor, será que posso trocar alguma coisa, talvez um destes dobrões de ouro, por uma daquelas maçãs na vitrine?

— Você é do *Moreia*? — perguntou o homem, subitamente assustado.

— Bem, sim...

— E você é amigo do xamã Tranquebar?

Brendan deu de ombros.

— Acho que estamos mais para conhecidos...

— Qualquer amigo do xamã Tranquebar tem direito a todas as maçãs da minha loja! Pegue quantas quiser, filho! De graça!

— OK... beleza, mas uma já basta. — Brendan pegou a maior maçã que conseguiu encontrar. — Obrigado, moço.

Dois minutos depois, o menino se aproximou de uma loja enquanto mastigava a maçã, desconfiado. A vitrine da frente estava cheia de armas inacreditáveis de todos os tipos: machados gigantescos, facas obscenamente afiadas, e espadas que fariam babar os personagens de *O Hobbit*. Brendan estava prestes a entrar... mas ao vê-lo, *este* comerciante trancou a porta e se escondeu correndo atrás do balcão como um esquilo. De vez em quando, a cabeça do homem espiava por cima do balcão.

— Eu estou te vendo! — falou Brendan.

Então deu meia-volta e foi embora. Jogou a maçã na sarjeta. Ela tinha um gosto perfeito... *talvez perfeito demais*. De repente, Brendan imaginou que as pessoas da cidade estivessem sob um encantamento ou soubessem algo que não estavam contando. Ele sabia que os segredos se espalhavam rapidamente na escola, que se prestasse atenção era capaz de literalmente ouvir o zum-zum-zum pelos corredores. Era a mesma sensação aqui, como se ele fosse o último a saber o que estava acontecendo...

E então o menino chegou ao mercado a céu aberto e esqueceu tudo aquilo.

Porque Brendan a viu.

Celene. A garota de quem Brendan tinha lido a respeito em *Guerreiros selvagens*. Aquilo parecia séculos atrás, mas tinha que ser Celene; ela correspondia perfeitamente à descrição. Era mais ou menos da altura de Brendan, com cabelo castanho curto e um narizinho empinado, mas não como um porco — era como se estivesse curiosa. Ela tinha olhos brilhantes e inteligentes, cor de violeta, exatamente como o livro dizia, e Brendan viu muito bem os dois — porque na barraca onde escolhia frutas, Celene o encarava.

Ele não hesitou. Tinha a sensação de que já a conhecia. *E, além disso*, pensou Brendan, *qual a pior coisa que poderia acontecer? Meu país estão mortos, estou preso em um mundo místico... o que ela vai fazer? Não vai rir das minhas piadas? Grande coisa!*

— Ei — falou Brendan, se aproximando.

— Olá — respondeu Celene.

Ela continuou escolhendo frutas enquanto falava com Brendan, examinava de perto e devolvia a mercadoria em frente ao feirante, que observava os dois com um olhar desconfiado. Nem uma única fruta foi posta na bolsa de lona de Celene.

— Nenhuma das frutas parece estar à altura do seu padrão de qualidade. Qual é o critério? — perguntou Brendan, contente por usar pelo

menos uma vez uma das palavras de Cordelia.

— Perfeição física — disse Celene enquanto erguia uma laranja e a devolvia.

Brendan olhou para si mesmo. Ele não era exatamente um exemplo de “perfeição física”, mas se recusou a desanimar. *Se eu achar que sou feio, quem vai achar que sou bonito?*

— Meu nome é Brendan Walker — falou ele com o máximo de confiança possível.

— Celene — respondeu a garota. — E eu sei quem você é, Brendan.

— Sabe?

Espere aí... eu deveria saber quem ela é. Eu sei quem ela é. O que está acontecendo?

Celene encontrou um limão de que pareceu gostar de verdade. Entregou ao feirante, que colocou em uma balança... mas enquanto Brendan observava, o homem colocou escondido na balança um bilhete dobrado.

Brendan encarou o feirante — e se deu conta de que ele era um pouco grande demais, com uma postura boa demais, para ser *apenas* um feirante. Esse homem deveria fazer parte de um grupo secreto de que Brendan tinha lido a respeito em *Guerreiros selvagens...*

A Resistência. Um exército de libertadores que se opunha à rainha má que Slayne servia, a rainha Daphne. Celene fazia parte da Resistência — uma das guerreiras secretas, com uma expressão séria no rosto. Ao pagar pelo limão com moedas de cobre, ela embolsou o bilhete. Brendan achou melhor não mencionar a Resistência imediatamente.

— Um monte de gente nesta cidade parece me conhecer — conseguiu dizer Brendan. — Por quê? Eles nunca me encontraram.

— Sua reputação o precede.

— Isso provavelmente é bom, não é? A não ser que seja uma má reputação. Eu não acho que tenha feito tanta coisa ruim para ganhar uma

má reputação. Quer dizer, uma vez juntei com fita adesiva todos os canudos dos armários da cozinha para fazer um minicano que levasse água da pia para o quarto da minha irmã, e meio que alaguei a casa e destruí o laptop dela, mas... — *Pare, Bren; o que você está fazendo?* — Mas isso foi, tipo assim, há anos, e estou bem mais maduro agora.

— Há quantos anos? — perguntou Celene.

— Hmm... um — admitiu Brendan.

Eles estavam andando juntos agora. Celene riu. O sorriso mostrou todos os dentes. Brendan se lembrou de que, em *Guerreiros selvagens*, um dos dentes superiores era torto, e como era de se esperar, lá estava ele. Brendan teve que fazer a garota sorrir de verdade para vê-lo.

Celene chegou a uma barraca que vendia peixes e polvos. Brendan viu as criaturas estendidas em tábuas com os tentáculos presos como se estivessem usando saias. O cheiro era terrível, e enquanto sentia uma ânsia de vômito, quase não notou: Celene tirou discretamente o bilhete do bolso e passou para o peixeiro. O homem tinha a mesma expressão do primeiro feirante, como se estivesse apenas fazendo o serviço enquanto tinha algo muito mais importante em mente.

Outro libertador da Resistência. E ela está passando mensagens para eles, exatamente como no livro.

— Então por que as pessoas me conhecem? — perguntou Brendan.

— Porque você é do *Moreia* — respondeu Celene. — O *Moreia* sempre atraca em nossa cidade, para fazer negócios.

Brendan tentou entender a situação. O *Moreia* era de um livro totalmente diferente de Celene — o navio vinha de *O coração e o leme* —, mas agora que os livros se misturaram, o *Moreia* obviamente tinha feito algumas visitas aqui. A realidade de cada livro estava rapidamente se misturando com outras. Talvez o esquadrão de Will aparecesse em breve e resgatasse todos eles.

— Com quem o navio faz negócios? — indagou Brendan.

— Por que eu deveria contar pra você? — disse Celene. — Você já não leu sobre isso, como leu a respeito de mim?

— Espere aí — falou Brendan. *Quem é ela? Será que sabe que está presa em um livro?* — Eu não sou bom com charadas. Por favor. Me diga o que está acontecendo. Já passei por muita coisa para ser surpreendido por outro feitiço ou segredo idiotas.

— Mas você não conhece todos os feitiços e segredos? Você não veio de fora?

Ela sabe mesmo, Brendan se deu conta. Ela é tão esperta quanto era no livro.

— Talvez. — Foi tudo o que ele pôde dizer em voz alta.

Celene pegou o braço de Brendan.

— Existe uma profecia que diz que você nos libertará. Que quando chegar alguém que não é deste mundo, nós finalmente poderemos nos livrar do jugo da rainha Daphne e nos tornarmos livres. Você tem que nos ajudar. A mim e ao meu pai.

— Sim, beleza, eu ajudo — respondeu Brendan. Por causa do livro, ele sabia que o pai de Celene, um general, esperava muita coisa da filha. — Mas como?

— O seu coração deve saber — falou Celene. — É seu destino ajudar. Ser um herói.

— É por isso que todo mundo nesta cidade me trata de maneira tão estranha? Por que me dão comida de graça e fogem de mim?

— Porque estão com medo, Brendan. Dos homens poderosos a bordo do *Moreia*. Do Tranquebar. Do capitão Sangray.

— O Sangray está morto.

— Morto? — Aquilo surpreendeu Celene. — Quem o assassinou? Um homem como Sangray não morre a não ser que seja assassinado.

— Meu amigo Will o assassinou. O novo capitão do *Moreia*.

— Isso significa problemas para todos vocês quando o irmão de Sangray descobrir.

— Sangray tem um irmão?

— Claro. É ele que negocia com o *Moreia*. O irmão de Sangray está hoje aqui com seus homens, provavelmente lá na praia...

— Quem é ele? — perguntou Brendan, enquanto uma terrível compreensão se tornava clara.

Celene sussurrou o nome no ouvido do menino.

Brendan disparou.

Celene foi deixada na feira, confusa, enquanto ele passou voando pela barraca de frutas, pela loja de armas, pelo lugar em que pegara a maçã caramelada, através de ruas estreitas de terra cheias de mulas, cavalos e piratas, até a praia onde começou o passeio. O tempo inteiro, o peito arfava, a respiração passava pela boca como algo afiado. *Eu tenho que chegar lá antes que seja tarde demais. Tenho que contar para eles. Tenho que...*

Quando chegou à praia, a primeira coisa que Brendan viu foi a Mansão Kristoff, ainda no mar, afundada com apenas a chaminé para fora d'água. Na praia, a algumas dezenas de metros em frente a ela estavam Cordelia e Will...

Amarrados e amordaçados.

Ao lado dos dois estava Eleanor, igualmente presa. Jacqui, o treinador de cavalos, ia embora montado em Majestade, com uma expressão muito aliviada e culpada.

— Ei! — berrou Brendan. — O que você fez com minha ir...

Mas ele parou de falar assim que homens vieram em sua direção.

Um era Tranquebar. O resto usava armaduras de placas reluzentes. Tinham rostos rústicos, espadas, machados. Um tinha barba vermelha... e uma cicatriz recente de um garfo de churrasco na bochecha.

— Slayne — falou Brendan.

E aí os Guerreiros Selvagens o pegaram.



— Não há nada mais satisfatório do que ter todos os inimigos em um só lugar — falou Slayne enquanto olhava para Brendan, Cordelia, Eleanor e Will.

Eles estavam na praia sob uma das redes de cota de malha, presos como lá atrás na floresta. Os homens de Slayne, que ficaram com medo e fugiram a cavalo na última vez que foram vistos pelos Walker, agora se revezavam em chutar areia na cara deles.

— Cuidado, precisamos que estejam ilesos para a rainha! — alertou Slayne.

— Certo, senhor, desculpe — falou Krom.

— Que rainha? — perguntou Eleanor.

— A rainha Daphne — respondeu Brendan.

Ele começou a explicar sobre a regente cruel, a respeito da qual havia lido em *Guerreiros selvagens*, e cuja existência Celene tinha confirmado.

— Silêncio! — ordenou Slayne. Ele se ajoelhou em frente a Eleanor e virou o rosto para que a cicatriz na bochecha ficasse diretamente embaixo do nariz da menina. — Você se lembra do que fez comigo?

— Acho que foi um avanço — disse Eleanor.

— Eu vou me vingar — rosnou Slayne. — Cortarei seus dedos, um por um. E aí, enquanto você assiste, vou passar banha de javali e fritá-los. Esse é o petisco predileto da rainha Daphne: dedos de crianças fritos e mergulhados em molho de chocolate!

Aquilo fez Eleanor surtar.

— Não! — berrou ela. — *Me solte!*

A menina se sacudiu contra a rede de metal, tentou se soltar e machucar Slayne com qualquer coisa — os dentes, as unhas dos pés —, mas os pés e mãos estavam atados, e ela não conseguiu fazer muita coisa a não ser se debater como um linguado.

— Minha pequena guerreira — falou Slayne —, estou impressionado com sua coragem. Aposto que você faria uma bela luta contra o Krom aqui. Mas, infelizmente, não temos tempo para brincadeiras. Há assuntos mais urgentes prestes a acontecer.

Slayne levantou a rede e puxou Will para fora pelos tornozelos.

— Me solte, seu vilão asqueroso! Seu bruto sem modos! E *você!* — Will cuspiu em Tranquebar. — Seu velho peidão traiçoeiro!

— Eu lhe disse para não me considerar um tolo, capitão Draper — disse Tranquebar. — Rapidamente suspeitei que, após ter despachado Sangray, você e seus companheiros mantinham segredos. Meu amigo Slayne aqui diz que você é um feiticeiro que protege um coven de perigosos bruxinhos. E, portanto... eu ganho uma gorda recompensa; você vai com ele. Pode realmente me culpar por eu ser um negociante inteligente?

— Você nos salva, depois manda para a morte? Seu monstro traiçoeiro! — gritou Will. — Vai apodrecer no inferno!

Slayne arrastou Will para longe da rede e deixou um rastro na areia que fez Brendan se lembrar dos anjos que fizera com Eleanor.

— Eu quero uma luta justa! — exigiu Will.

Slayne deixou que o piloto se debatesse na areia. Ele tentou se levantar, mas com os pés e as mãos atados por cordas, só conseguiu se ajoelhar em

protesto.

— Me solte e me dê uma espada! Ou não é homem o suficiente?

Slayne apenas olhou feio para Will.

— Foi o que eu pensei — respondeu o piloto. — Você tem medo de que eu lhe mande para o fundo do mar!

— Como fez com meu irmão? — perguntou Slayne baixinho.

Will parou.

— Seu irmão? Que diabos você está...

Slayne puxou uma espada, meteu debaixo do queixo de Will e ergueu o rosto.

— O capitão... Sangray — falou Slayne devagar.

— Ahhh... — disse Will.

Os Guerreiros Selvagens e os Walker olharam fixamente para ele, mas ninguém estava mais aterrorizado do que Cordelia. Ela notou como a lâmina estava perto da garganta de Will. Sabia que uma rápida virada de pulso de Slayne faria o piloto desmoronar e escurecer a areia. Cordelia já tinha perdido os pais. Não poderia perdê-lo. *Peça desculpas, estúpido! Peça desculpas e implore por perdão!*

— Eu deveria saber — falou Will com um risinho.

Ah, não, pensou Cordelia.

— Fique *quieto*, Will! — berrou ela.

Mas Will respondeu:

— Mesmo corpo esquisito, mesma cara feia que só a mãe poderia amar...

— *Pare!* — gritou Cordelia.

Mas Will sorriu para Slayne.

— Ah, é isso mesmo, você nunca deve ter conhecido sua mãe. Aposto que ela trabalhava em um...

Slayne pressionou a espada no triângulo de carne embaixo do queixo de Will. Gotas de sangue caíram na areia.

— *Mmm!* — murmurou Will, com a boca calada para que Slayne não abrisse o queixo.

Ele andou encarando a situação de maneira errada. Após ter assustado esses Guerreiros Selvagens com balas anteriormente, Will realmente não tinha medo deles. Mas a compreensão provocada pela dor fez com que reavaliasse a situação.

— Alguma vez você fez aranhas em pedaços quando era um menino? — perguntou Slayne.

Will balançou a cabeça só um tiquinho, embora o gesto o tenha cortado mais.

— Eu fiz isso. Enormes aranhas de grama peludas. E, com cada uma, havia o momento do qual eu mais gostava: quando segurava a primeira pata da aranha... bem... aqui.

Slayne espremeu o ar entre o indicador e o polegar. Foi o momento perfeito para Will se jogar para o lado — mas o gesto rasgaria a garganta.

— Quando eu pegava a primeira pata, sempre ouvia uma voz na cabeça: “Você não tem que machucar essa aranha. O que ela fez para você?” Era um teste de força. Eu tinha que ignorar a voz e — Slayne *pullou* com o indicador e o polegar — arrancar a pata fora. Em breve eu não matava aranhas. Eu matava a voz da fraqueza.

— Por favor! Solte Will! — pediu Cordelia.

Slayne acenou com a cabeça para Krom. Krom deu um chute preciso no peito de Cordelia, que desmoronou sob a rede, sem fôlego.

— Minha rainha pediu que eu entregasse seus amigos vivos — explicou Slayne —, mas não deu ordens sobre você, Sr. Draper. E *você* matou um parente meu.

A mente de Will estava a mil, dando saltos para trás na própria vida. Ele viu Penelope Hope — Cordelia — a guerra — os companheiros — o campo de treinamento — mas as memórias ficaram cinza. *Será que eu valho*

alguma coisa?, pensou ele. *Eu não tenho mãe, nem pai... se eu morrer, quem vai se importar?*

Mas aí Will se deu conta... havia três pessoas que se *importariam*. Uma delas talvez mais do que todas. Ele deu uma olhadela para a esquerda e encarou fixamente os olhos de Cordelia.

— Satisfaça sua sede de sangue — falou Will. — Desde que deixe meus amigos viverem pelo resto do dia. Eu prometi protegê-los.

Slayne sorriu e afastou a espada da garganta de Will. Ele fez como se fosse embainhá-la...

Mas aí, com um movimento rápido, enfiou a arma nas costas do piloto.

Will cambaleou e caiu no chão.

— *Will!* — berrou Cordelia embaixo da rede.

Slayne limpou a lâmina na calça do piloto. Depois se afastou e o deixou sangrando na areia.



Os Walker não pararam de gritar por um bom tempo. Não até Slayne jogar o corpo de Will no oceano. Não até Tranquebar ser pago com um carrinho de mão cheio de barras de ouro. O imediato avisou aos piratas que eles içariam velas novamente; ao anoitecer, o *Moreia* estava sendo preparado para uma nova jornada.

Enquanto isso, Krom e alguns guerreiros chegaram com uma carroça.

— O que é isso? — perguntou Eleanor. — É para a gente?

A carroça era velha e cheia de palha suja, com moscas. Os guerreiros a pararam no ancoradouro, tiraram a rede de cima dos Walker e jogaram os irmãos dentro, um por um.

— Socorro! — gritou Brendan.

— Soltem a gente! — berrou Eleanor.

Mas Cordelia não fez nada. Ela continuava vendo Will morrer. Continuava ouvindo o silêncio daquele momento. Sabia que houve um som... mas não conseguia mais escutá-lo e não conseguia falar.

— Amarrem os moleques de um jeito que machuque! — ordenou Krom.

Os guerreiros obedeceram e prenderam os Walker juntos como se eles fossem participar da corrida de seis pernas mais cruel do mundo. Os

tornozelos e pulsos estavam amarrados com espirais de cordas.

Krom jogou uma jaula de metal sobre a carroça e prendeu os Walker lá dentro, antes que ele e os outros guerreiros puxassem o veículo pelo ancoradouro. Slayne e Tranquebar se separaram do grupo e foram para o *Moreia*. Dentro da carroça, Brendan chamou Krom.

— Ei, quanto tempo vamos ficar trancados aqui?

— Até a gente chegar ao castelo Corroway e vocês encontrarem a rainha Daphne. Dois dias.

— Dois *dias*? — perguntou Eleanor, preocupada. — Como vamos usar o banheiro?

— É para isso que tem a palha! — gargalhou Krom.

Os outros guerreiros riram com ele.

— Nem pensar que vou fazer pipi na frente do meu irmão — falou Eleanor. — Vou segurar.

— Como queira — respondeu Krom. — É ruim para os rins.

— E quanto à comida? — perguntou Brendan.

— Vamos matar bodes ao longo do caminho — disse Krom. — Vamos cozinhar a carne para nós. Vocês podem comer os rins, intestinos e todas as outras partes nojentas.

No fim do ancoradouro, os Guerreiros Selvagens pararam a carroça e prenderam o veículo a um cavalo. Depois montaram nos próprios animais. Dentro de poucos minutos, o grupo partiu.

Era uma visão capaz de calar a pacata cidade de Tinz. As armas reluzentes de Krom e seus companheiros desencorajaram os espectadores a resgatar as crianças na carroça, que obviamente estavam presas contra a vontade. A princípio, Brendan e Eleanor pediram socorro (Cordelia ainda estava em choque), mas depois que Krom bateu algumas vezes nos dois com a ponta do cabo do machado, eles ficaram calados.

— O que vamos fazer? — sussurrou Eleanor.

Ela não conseguia ver o irmão, porque estavam com as costas coladas, mas a respiração irritada de Brendan lhe deu esperanças.

— Rolem para lá — falou Brendan. — Eu preciso dar uma boa olhada fora deste troço.

Eleanor se virou para a palha e soltou um gritinho quando talos entraram no nariz. Cordelia fez o mesmo, mas ficou em silêncio. Com as duas irmãs com a cara no chão, Brendan conseguiu ver através das barras da carroça, e bem na hora... porque eles passavam pelo mercado.

— Onde está você, onde está você? — murmurou Brendan para si mesmo.

— Quem? — perguntou Cordelia, finalmente.

— Délia! Você voltou a falar! — disse Eleanor.

— Eu quero saber quem Brendan está procurando — explicou Cordelia.

— Honestamente? É uma garota que conheci.

— Uma garota? — falou Cordelia, surpresa. — Você gosta de uma garota?

— Bem... — respondeu Brendan. — Estou mais interessado em garantir que ela salve a gente. Cordelia, você se lembra da Celene de *Guerreiros selvagens*?

— Com certeza. Ela é corajosa e inteligente — respondeu a irmã. — Vamos tentar fazer com que não morra também.

— *Calem as matracas!* — berrou Krom da frente da carroça.

Celene estava no mercado e olhava fixamente para a carroça com a mesma expressão de espanto de todas as outras pessoas da cidade, muitas das quais tinham a aparência durona de guerreiros da Resistência. Ela ficou ainda mais surpresa quando reconheceu Brendan e ele balbuciou, com todo o desespero que conseguiu transmitir em silêncio: *ajude a gente!*



Dois dias depois, os Walker pareciam bem piores do que estiveram no começo da jornada. Viajar por uma floresta de pinheiros sob o olhar cruel de Krom (sem contar a dieta regular de pedaços de bode que não serviriam nem para fazer salsicha) deu uma aparência cadavérica e anêmica aos irmãos. Eles raramente falavam e, quando diziam alguma coisa, era para compartilhar comentários sem esperanças como estes:

— Bren, acho que sua namorada de Tinz não vem nos salvar.

— Ela não é minha namorada, Délia.

— E provavelmente a gente vai morrer nesta carroça.

— Não, provavelmente a gente vai morrer quando encontrar a rainha Daphne...

Mas aí eles viram o castelo Corroway — e calaram a boca.

Ele surgiu da floresta como uma imensa árvore de pedra, feito de pedra calcária cinza que parecia casca de bétula. O lado de lá estava empoleirado em um penhasco com vista para uma garganta, onde ficava o rio que Krom e os guerreiros seguiram durante a jornada. O lado de cá possuía um enorme portão negro com fileiras de espigões de metal afiados, postos para empalar qualquer um que tentasse avançar contra ele. E o castelo tinha quatro torres circulares, mas, em vez de terminarem em parapeitos, cada

uma se dividia em quatro torres menores. Essas torres estreitas ficavam acima das árvores como um amontoado de chaminés, cada uma com uma bandeira roxa em cima.

— Vocês já viram algo assim antes na vida? — perguntou Brendan.

— É o Dezesesseis Bandeiras, o castelo do arquiduque em *O ás do combate* — explicou Cordelia. — Will o reconheceria. Ele *bombardeia* o castelo. Mas, é claro...

— Silêncio! Não me obriguem a bater em vocês antes de encontrarmos a rainha! — ordenou Krom.

Ele não precisava bater. Cordelia já havia parado de falar quando pensou em Will e que não haveria maneira de o conhecimento do piloto ajudá-los agora.

Quando a carroça chegou ao portão, o castelo Corroway pareceu ainda maior aos olhos dos Walker; se eles inclinassem a cabeça para trás, duas das quatro torres marcavam os limites laterais da visão, com o céu azul no meio. Os três tiveram que rolar para ver a imagem assombrosa, porque ainda estavam cruelmente amarrados juntos — na verdade, a proximidade nos últimos dois dias tornara os irmãos íntimos uns dos outros de maneiras que eles *já* mencionariam novamente.

— Todos saúdem a rainha Daphne! — gritou Krom diante do portão. — É Krom, dos Guerreiros Selvagens de Slayne, aqui com prisioneiros para a rainha!

— Senha? — exigiu um guarda.

Krom pigarreou... e aí começou a fazer sons terríveis de ânsia de vômito, como um gato que tentava cuspir uma bola de pelos.

— *Essa* é a senha? — perguntou Eleanor, mas então Krom falou:

— Desculpe, senhor! Um pouco de bode caiu mal. A senha é... “Panamá-Pacífico”!

O portão se abriu.

— Que senha estranha — murmurou Brendan, que já tinha ouvido a expressão antes, mas não conseguia se lembrar onde.

Depois do portão veio um pátio, onde os Walker ficaram surpresos ao encontrar sinais de vida. Bandos de galinhas cacarejavam e corriam de um lado para o outro. Mulheres de rosto sujo conversavam animadamente enquanto penduravam a roupa lavada. Braseiros ardiam; a carne tostava sobre grelhas. Homens em cabines de lona berravam.

— Amolação de espadas!

— Aulas de arco e flecha!

— É como um vilarejo de *Guerra dos Tronos!* — comentou Eleanor.

— Você não deveria assistir a isso! — exclamou Cordelia.

— Brendan me deixa assistir — disse Eleanor — quando a mamãe e o papai saem para um programinha a dois...

Ela ficou calada. Não haveria mais programinha a dois.

— *Socorro!* — berrou Brendan para as mulheres que penduravam roupa.

Elas não se mexeram. Não reagiram de forma alguma. Permaneceram concentradas nas roupas enquanto um dos guerreiros deu um tapa em Brendan com a lâmina de uma lança.

— *Ai!* Que grande ajuda elas deram — sussurrou Brendan ao passar palha no rosto (o que também não ajudou muito).

— Talvez as mulheres estejam com medo demais para fazer alguma coisa — falou Cordelia.

Ela própria sentiu medo quando a carroça entrou em uma estrutura escura que reconheceu como o fortim do castelo. Os guerreiros pararam e retiraram os Walker, cortaram as amarras e deram alguns momentos de bendito alívio antes de forçar os três a marchar em pernas bambas por guardas que berravam, em posição de sentido:

— *Todos saúdem a rainha Daphne!*

Em poucos minutos, os Walker estavam em uma sala do trono com janelas reluzentes e tapeçarias exuberantes e detalhadas nas paredes. Lá os

guardas repetiram:

— *Todos saúdem a rainha Daphne!*

Porém, na outra ponta da sala, sentada em um trono feito de ossos e ametistas, os Walker não viram rainha Daphne alguma.

Eles viram uma mulher careca medonha em um suntuoso robe roxo.

— A Bruxa do Vento! — exclamou Eleanor.

— É isso! — exclamou Brendan. — Panamá-Pacífico era como eles chamavam a velha feira mundial de São Francisco!

Dahlia Kristoff sorriu no trono e olhou cada um dos Walker — como quisesse ver quem explodiria primeiro. Cordelia fez a vontade dela.

— Você matou nossos pais! — berrou Cordelia.

Ela avançou, mas os guerreiros a jogaram no chão e a empurraram junto com os irmãos aos pés da Bruxa do Vento.

— Olá para vocês também — falou Dahlia Kristoff.

Ela tinha agora dois cotocos no lugar das mãos; o braço que fora acertado pelo raio estava cortado no pulso. Mas em cada cotoco a Bruxa do Vento exibia uma mão falsa, cravejada de diamantes.

— Brega — comentou Eleanor.

— É — concordou Brendan —, você acha que pode se esconder da gente mudando o nome e usando uns brilhos?

— Eu sou conhecida por muitos nomes em muitos lugares, crianças. Mais do que vocês imaginam. Quando alguém passa tanto tempo quanto eu viajando nos mundos da imaginação do meu pai, é inevitável ficar um pouco entediado. Eu gosto de ser a rainha Daphne porque ela tem uma certa atitude imperiosa clássica. Como a Malévola. Mas quando viajo para a Roma Antiga, sou conhecida como Paculla Annia*.

— A gente vai fazer você pagar pela mamãe e pelo papai — ameaçou Brendan.

— Dano colateral. Não é culpa minha que adultos sejam menos fáceis de manipular do que crianças. Nós demos voltas estranhas ao longo do

caminho, Walker, mas vocês me trouxeram o que eu pedi, e não sei se seus pais teriam feito isso. Realmente sinto muito que eu tenha tido que destruir os dois e a casa de vocês...

— E Will! — gritou Cordelia.

— Eu não matei Will — disse a Bruxa do Vento. — Quem fez isso foi seu amigo Slayne.

Ela estalou a língua. (Não conseguia estalar os dedos muito bem). Slayne entrou na sala do trono empurrando um caixão retangular de pedra sobre um carrinho de madeira. A Bruxa do Vento deu um aviso para o guerreiro.

— Mantenha isto a pelo menos 3 metros de mim! Se trazer para perto, a maldição de meu pai fará com que o livro desapareça.

Os guardas da sala do trono ficaram tensos quando Slayne ergueu a tampa do caixão.

No interior, estava *O livro da perdição e do desejo*.

— Slayne e Tranquebar trouxeram o livro rio acima para mim — explicou a Bruxa do Vento, que tremia de expectativa. — Agora é o momento de um de vocês abri-lo... e enfiar isto dentro.

Ela ergueu um pedaço de papel na prótese cravejada de diamantes. Os Walker ficaram em silêncio.

— Que criança terá a honra?

Ninguém respondeu.

— Cordelia? Afinal você foi a que mais mexeu no livro? Brendan? Visto que você não gosta de livros? Eleanor? Uma vez que mal sabe ler?

— Nenhum de nós — disparou Eleanor.

— É, não vamos te dar o gostinho, seu morcego careca — falou Brendan.

— Muito bem. Mandarei um dos meus homens abri-lo — disse a Bruxa do Vento, que se voltou para o maior dos guardas. — *Você!* Abra o livro!

O rosto do guarda ficou pálido. Ele começou a tremer de medo.

— Eu ordeno que você abra o livro! — gritou a Bruxa do Vento.

O guarda, aterrorizado, assentiu e deu um passo à frente. Esticou o braço na direção do livro. As mãos tremiam. Ele tocou a capa... começou a abri-lo... e a mão pegou fogo. O guarda gritou e correu para um canto distante da sala do trono, onde mergulhou a mão flamejante em uma fonte. Um assobio alto e uma nuvem de vapor saíram da água.

Os Walker olharam fixamente, horrorizados.

— Você vai ficar *bem* — disse a Bruxa do Vento para o guarda e depois se voltou para trás. — Sua vez, Dahlia... quero dizer, Cordelia.

— Não ouse me chamar de seu nome horrível! — falou Cordelia.

— Mas você me faz lembrar de mim mesma. Tão inteligente, tão determinada, tão perceptiva. Tão... Como é a palavra?... *Nerdzinha!* Ora, vamos. Quantos guardas inocentes precisam queimar as mãos até que você me dê o que eu quero?

Cordelia não tinha resposta.

— Você entende que, se abrir o livro, terei uma dívida com você? — perguntou a Bruxa do Vento. — Eu tenho muitos desejos que quero enfiar entre as capas, mas posso abrir espaço para os seus. Posso lhe dar qualquer coisa que deseje. Posso tornar o impossível possível. Tudo que você precisa fazer é...

— Não — falou Cordelia. Depois, baixinho: — Eu prefiro morrer.

— Sério? — perguntou a Bruxa do Vento. — Slayne!

Slayne deu um passo na direção dos Walker.

— Comece com a mais nova!

Slayne pegou o mindinho de Eleanor e pressionou contra o piso.

— *Não!* — berrou Eleanor.

A menina tinha esperado que, em algum momento, essa gente tivesse esquecido a promessa de cortar seus dedos e fritá-los em banha de javali. Ela começou a hiperventilar e a tremer... e então pareceu flutuar sobre si

mesma e viu Eleanor Walker diante do trono, uma futura vítima do tipo de tortura que só deveria ocorrer em lugares distantes.

— *Pare!* — berrou Cordelia.

— *Solte ela!* — gritou Brendan.

Mas a Bruxa do Vento fez que não com a cabeça.

— Você tomou a decisão. Após eu provar aquele primeiro dedo, talvez mude de ideia.

Slayne ergueu a espada, mas quando esteve prestes a descê-la...

Um grande estrondo e depois um lento rangido soaram do lado de fora da sala do trono. Os Walker ouviram uma gritaria! Berros! Guardas que gritavam “*às armas!*” Armas batendo!

— O quê...? — perguntou a Bruxa do Vento. — O *portão?*

Uma flecha flamejante atravessou uma janela da sala do trono. Ela furou a tapeçaria da parede do outro lado. As chamas subiram...

Mas ninguém olhava para aquilo. Todos olhavam pela janela quebrada para algo impossível: um peito gigantesco e peludo que assomava sobre o fortim como outro castelo.

Eleanor falou:

— Gordo Jagger?

Nota

* Sacerdotisa italiana, líder do culto ao deus Baco, e responsável por ampliar o número de bacanais — as festas em homenagem à entidade — no mês e permitir a presença de homens nas festividades. (*N. do T.*)



— O que é *aquilo*? — A Bruxa do Vento conteve um grito ao ver pela janela quebrada a pança gigantesca do colosso e o cabelo escuro esvoaçante.

— Um... colosso — respondeu Slayne, estupefato.

— Eu sei *disso*! Como ele entrou no meu castelo?

— Suspeito que tenha arrancado o portão...

— *Leve seus homens e matem aquela coisa!*

Irritado, Slayne concordou com a cabeça e saiu da sala do trono com a espada desembainhada. O restante dos Guerreiros Selvagens fez o mesmo.

— Você não! — vociferou a Bruxa do Vento para Krom. — Fique aqui e vigie os fedelhos.

Krom olhou com anseio para Slayne — os dois matavam juntos desde que eram crianças —, mas Slayne apenas deu de ombros: *melhor ouvir o que ela diz*. Krom ficou.

A Bruxa do Vento se voltou para a tapeçaria que ainda ardia em chamas na parede e apontou os braços cravejados de diamantes para ela. Um jato de água foi disparado e imediatamente apagou o fogo. Não era como a chuva que a Bruxa do Vento convocara antes; isso foi parecido com uma mangueira de incêndio.

— Ela é ainda *mais* poderosa com *duas* mãos ferradas? — falou Brendan. — Isso realmente não é justo.

— O aço mais resistente é temperado na forja mais quente — disse a Bruxa do Vento enquanto olhava para as mãos falsas e reluzentes.

Aí um vislumbre de movimento chamou a atenção; ela se virou para ver Gordo Jagger jogar um Guerreiro Selvagem sobre o ombro como se fosse um seixo. Os gritos do homem foram abafados pelo tumulto da batalha no pátio.

— Creio que precisam de mim — disse a Bruxa do Vento. — Guardas! Levem o livro para o navio!

Dois guardas rapidamente pegaram o caixão de pedra que continha *O livro da perdição e do desejo*, fecharam a tampa e saíram pelos fundos da sala do trono. Enquanto isso, a Bruxa do Vento dobrou o corpo, estalou a espinha daquela maneira horrível que os Walker viram antes e abriu as asas sujas e gordurosas, que levantaram uma coluna de ar. As veias e artérias pulsaram no rosto. Gargalhando, ela voou pela janela quebrada para enfrentar o colosso.

— O que ela vai fazer com Gordo Jagger? — perguntou Eleanor. — Ele *veio* por nossa causa. Sabia que a gente estava em apuros e deve ter cruzado o oceano inteiro a pé...

— Olhem! — gritou Cordelia.

Três ganchos entraram pela janela quebrada e se prenderam na pedra pelo lado de dentro.

— Intrusos! — berrou Krom. — Peguem os intrusos!

Enquanto Krom e dois guardas tentavam se posicionar para defender a sala do trono, três guerreiros em mantos negros pularam para o chão. (Lá fora, a Bruxa do Vento voou na direção de Gordo Jagger; ele berrou e tentou espantá-la com a mão como se fosse um mosquito.) Em um piscar de olhos, as figuras encapuzadas pousaram agachadas, sacaram bestas e — *tam tam tam* — dispararam em Krom e nos guardas!

Brendan vibrou; Krom e os guardas usavam armadura, mas as figuras encapuzadas cravaram as setas das bestas nos rostos. Krom se contorcia no chão, gritava e tentava arrancar uma seta do olho. Ele finalmente conseguiu, mas o globo ocular veio junto; ter visto o olho preso à ponta da seta como a azeitona de um martíni fez Krom soltar um grito tão estridente que parecia impossível.

— Quem são *vocês*? — perguntou Eleanor aos intrusos.

Brendan mal conseguia falar, mas conseguiu dizer:

— Celene.

As figuras encapuzadas abaixaram os capuzes — e de fato, eram Celene de Tinz e os homens para quem passou mensagens na feira. Os guerreiros da Resistência.

— É claro. A Resistência contra a rainha Daphne — falou Cordelia.

Os guerreiros da Resistência foram a passos largos até os Walker. Os dois outros guardas na sala correram para a escada, sem querer acabar no chão com setas de besta como *piercings*.

— Brendan? Você está bem? — perguntou Celene.

Brendan avançou cambaleante e abraçou a garota.

— Você salvou a gente! *Obrigado!*

— De nada, mas nós...

— Estas são minhas irmãs: Cordelia e Eleanor.

— É um prazer conhecer vocês, mas temos que andar rápido — falou Celene. — Eu preciso voltar ao resto do meu esquadrão; eles estão lá fora lutando com os guardas do castelo.

— Como você encontrou a gente?

— Eu imaginei aonde vocês estavam indo quando te vi na carroça, e aí... — Celene apontou para trás com o polegar. — O grandalhão apareceu.

Lá fora, o colosso pisoteava e rugia. Não havia sinal da Bruxa do Vento.

— O nome dele é Jagger — informou Eleanor.

— Então devo informá-los que, ontem, Jagger saiu do mar e entrou em Tinz. E a única palavra que falou foi “Wal-ker”.

— Eu sabia que ele viria por nossa causa! — disse Eleanor. — Eu o alimentei bem.

Celene concordou com a cabeça de uma maneira que deixou claro que não fazia ideia do que Eleanor falava.

— A Resistência decidiu que era a hora de atacar, uma vez que a arma definitiva estava aqui para nos ajudar. Depois que nós ganharmos, elegeremos um novo líder e jamais viveremos sob a tirania da rainha Daphne novamente. Mas — ela agarrou o braço de Brendan — você precisa ir ao topo de uma das torres *agora*. Assim Jagger conseguirá te ver e te levar embora. Esta batalha não vai ficar assim tão perdurável. — Ela franziu a testa. — Acho que essa palavra existe.

Do lado de fora da janela, Gordo Jagger soltou um guincho estridente; a Bruxa do Vento batia asas e atirava raios no colosso. Uma sobrancelha dele estava queimada. Os pelos nas narinas pegavam fogo.

— Eu voltarei à batalha — falou Celene. — O grandalhão precisa de toda ajuda possível.

— Mas... — disse Brendan, de repente, sem saber o que dizer ao olhar para o rosto corado de Celene. — Eu verei você outra vez?

— E você é a namorada do meu irmão? — perguntou Eleanor.

— Nell!

Cordelia riu. Brendan de repente parecia ter uns 7 anos.

— Quanto a ser namorada, eu não sei, mas acho seu irmão muito corajoso — respondeu Celene para Eleanor e puxou Brendan para perto.

Mais tarde, Brendan contaria para as irmãs que eles se abraçaram. Celene diria aos compatriotas da Resistência que deu um beijo na bochecha de Brendan. O que realmente aconteceu foi que Celene mirou a bochecha, mas ele, sem jeito, virou a cabeça, de maneira que os dois apenas bateram com as maçãs do rosto.

— *Ai!*

Celene sussurrou:

— Talvez nos vejamos novamente, algum dia. No seu mundo.

— Eu pretendia perguntar para você. Como sabe a respeito...

— Em outro momento — respondeu Celene, que se afastou e olhou os Walker. — *Andem!* Peguem armas!



Brendan foi até os guardas mortos, pegou as espadas e deu para as irmãs. Ele ficou com o machado de Krom, que ainda encarava o espetinho de olho, chocado.

— Espere! — implorou o guerreiro ao apontar para a arma na mão de Brendan. — Me mate. Por favor. Acabe com meu sofrimento.

— Não seja tão frouxo — falou Brendan. — Arrume um tapa-olho!

Os Walker saíram da sala do trono, desceram correndo a escada e entraram no pátio.

Era um caos total. O portão negro do castelo Corroway tinha sido completamente arrancado e estava caído em dois pedaços no chão. Os guardas do castelo estavam em combate mano a mano com as forças da Resistência. Acima de tudo aquilo estava Gordo Jagger, que grunhia e rosnava enquanto avançava contra uma causticante coluna de ar gelado soprada pela Bruxa do Vento na direção do rosto do gigante. Ela mantinha posição como uma harpia diante de Jagger e tentava empurrá-lo para a garganta ao lado do castelo.

À sombra do colosso, Eleanor reconheceu o medo em seus olhos.

— *Jagger!*

Gordo Jagger olhou para baixo. Eleanor apontou para a torre atrás dela e fez um gesto indicando que subiria. O gigante acenou de leve com a cabeça (que obviamente foi um gesto enorme), antes de ser acertado no tornozelo por uma lasca voadora de gelo. A Bruxa do Vento estava disparando lascas de gelo nos pés do colosso! Conforme mais projéteis vararam a pele, Jagger gritou, levantou o pé e quase caiu na garganta. Ele rapidamente recuperou o equilíbrio e tentou pegar a Bruxa do Vento.

— Vamos! Ele viu aonde a gente está indo! — disse Eleanor.

Brendan e Cordelia entraram na torre atrás de Eleanor e deram golpes na direção de qualquer guarda que se aproximasse demais. Lá dentro, os Walker subiram e passaram por cavalos e porcos assustados — e por criados mais assustados ainda —, por quartos de dormir e pilhas de barris de carvalho, por um cômodo assustador com gigantescos pedaços de uma carne seca de procedência misteriosa pendurada em ganchos... Eles subiram a torre até ficarem tontos de tanto virar no lance seguinte de degraus. Aí o trio chegou a um patamar com quatro escadas espirais.

— É aqui que a torre se divide em quatro — explicou Brendan. — Por qual a gente sobe?

Ao pé de uma escada estava caído um guarda morto.

— Olhe — falou Cordelia —, a armadura está toda amassada. Talvez ele tenha sido morto lá em cima e rolou.

— E daí? — perguntou Brendan.

— Então talvez haja forças da Resistência lá em cima.

— Bom raciocínio.

Os Walker começaram a subir.

A torre era minúscula. As paredes da escada espiral estavam cheias de janelinhas retangulares para os arqueiros. Elas estavam voltadas para uma direção apenas, portanto, enquanto os Walker subiam, tinham a mesma visão de Jagger, cada vez mais no alto.

— Viram como os degraus sobem em sentido anti-horário? — falou Brendan ofegante. — Foram construídos assim porque um espadachim invasor ficaria em desvantagem.

— Por quê? — perguntou Eleanor.

— A maioria dos soldados é destra. Portanto, os defensores do castelo podiam golpear com os braços direitos, mas se os invasores tentassem, acertariam a parede. Wikipédia.

Os Walker se aproximaram do topo da torre; conseguiram distinguir o rosto de Jagger e acenar para ele. O colosso estava queimado, machucado e sangrando por causa dos ataques da Bruxa do Vento.

— Estamos quase lá, Jagger! — gritou Eleanor.

O colosso concordou com a cabeça — mas, de repente, os Walker ouviram um rugido do alto. Eles pararam imediatamente quando, com o ímpeto de um carrinho de montanha-russa na primeira grande descida, Slayne, o Guerreiro Selvagem, atacou o trio.

A espada girava, os olhos negros reluziam, e as cicatrizes no rosto pareciam ainda mais furiosas.

— Quando vocês vão *aprender*, fedelhos?

Brendan ergueu o machado por instinto; a espada de Slayne retiniu. O machado voou da mão de Brendan, bateu na parede e caiu nos degraus.

— É o machado de Krom! — disse Slayne, espantado.

— Por que você está escondido aqui em cima? — perguntou Cordelia.

— Eu não estou *escondido*! — berrou Slayne enquanto golpeava; Cordelia teve que rolar alguns degraus para baixo a fim de evitá-lo. — Estou esperando pelo momento certo para atacar!

— Você está mentindo — acusou Eleanor. — Você é um covarde. A única coisa de que não tem medo são crianças!

— *Morra!*

Slayne desceu a espada; Eleanor recuou correndo para se juntar a Cordelia. Brendan engoliu em seco. Ele era a única pessoa entre Slayne e as

irmãs. *Uma coisa é chamar este cara de covarde, e outra é derrotá-lo em uma briga.*

— Espere! — gritou Brendan ao pegar o machado de Krom. — Você não quer saber o que aconteceu com seu amigo Krom?

Slayne parou e encarou a arma.

— Se você me matar, jamais vai saber — argumentou Brendan. — Se me escutar, eu te levo até ele.

— Onde está o Krom? — arriscou Slayne finalmente. — Está vivo?

— Digamos que ele não vai assistir a nenhum filme 3D no futuro próximo.

— Hã? — grunhiu Slayne, confuso.

Brendan avançou. Ele tinha aprendido com o *lacrosse*: uma vez decidido um lance, era preciso prosseguir com a jogada. Não era possível transformar um golpe com o quadril em uma ombrada, pois não daria certo.

Brendan desceu o machado no pé de Slayne, protegido pela bota.

O menino acertou os degraus e tomou impulso com as pernas a fim de dar uma pirueta para o *alto*.

Ele sentiu a espada de Slayne deixar um corte ardente na lateral do corpo...

E então parou nos degraus acima do guerreiro. Ainda com o machado na mão.

— Você está sangrando — anunciou Slayne, triunfante.

Atrás dele, Cordelia ficou pronta para atacar, mas Brendan fez que não com a cabeça: *eu cuidei disso*.

— Você é destro — disse Brendan.

— E daí?

— Daí, *bloqueie!*

Brendan jogou o machado na cabeça de Slayne. A arma cantou no ar ao girar em uma pequena espiral. Slayne tentou golpear o machado — mas a

parede bloqueou o braço! A espada soltou faíscas, e o machado atingiu Slayne na testa...

Infelizmente, com o cabo.

O machado retiniu ao cair escada abaixo. Slayne sorriu e mudou a espada para a mão esquerda.

— Eu sou ambidestro.

Ele deu um passo na direção de Brendan com um brilho nos olhos. O menino gostaria de dizer que não conhecia aquela expressão, mas, na verdade, parecia muito com aquelas que alguns pais fanáticos de jogadores de *lacrosse* tinham nos olhos quando os filhos massacravam a equipe visitante...

E então Slayne escorregou para o lado.

Cordelia tinha agarrado o pé do homem por trás.

— Isto é pelo *Will* — berrou Cordelia ao puxá-lo, e Slayne caiu no centro da escada espiral.

Ele bateu nos degraus lá embaixo. *Clang!* Brendan olhou para Cordelia. A irmã tinha o mesmo brilho nos olhos: o brilho mortal. Slayne gritou ao bater em mais degraus. *Clang!* O som ecoou enquanto ele ricocheteava torre abaixo. *Clang!* Grito. *Clang!* Grito. Até que não houve mais gritos.

— Bren? Você está ferido? — Eleanor correu para o irmão.

Brendan segurava a lateral do corpo, onde sangue deixava grudenta a camisa grande demais.

— Eu vou ficar bem — disse Brendan. — Cordelia, como você se sente?

— Como se eu tivesse vingado Will.

A menina limpou a testa. Lá embaixo, o corpo de Slayne atingiu o fundo da torre. *Clang!*

— Vamos — falou Brendan.

Os Walker continuaram subindo — mas, na janela seguinte, quando procuraram por Gordo Jagger, o olho gigante encheu de terror a vista dos irmãos.

— *Rrrr!*

— O que aconteceu? A Bruxa do Vento machucou você? — perguntou Eleanor.

— *Rrrrr! Wal-ker! Rrrrrrrrr!*

— Onde está ela, Jagger? Onde...?

Um uivo silenciou Eleanor. A rajada de um túnel de vento subiu pela torre. O cabelo de Cordelia saiu do rosto e ficou na vertical. Os Walker ficaram de costas contra a parede enquanto o corpo de Slayne — de olhos abertos e deixando um rastro de sangue — passou girando por eles e disparou na direção do topo. Embaixo do guerreiro, subindo voando os degraus e berrando como uma *banshee**, batendo asas, estava Dahlia Kristoff, muito irritada.

— Ela está vindo! — berrou Eleanor. — O que a gente f...

E aí as coisas aconteceram tão rápido que pareceram em câmera lenta.

Nota

* Criatura do folclore irlandês que age como arauto da morte. Tem forma de mulher e solta um grito estridente quando alguém está prestes a morrer. (*N. do T.*)



A torre rachou e desmoronou quando foi agarrada pela mão gigantesca de Gordo Jagger. Choveu blocos de pedra nos Walker, que abraçaram a parede para evitá-los; lá embaixo, a Bruxa do Vento soprou as pedras para o lado com uma gargalhada. Um estalo agudo de argamassa quebrada fez tremer a estrutura inteira...

E o topo da torre *sumiu*. Os Walker viram o rosto do Gordo Jagger iluminado por trás pelo céu.

— *Rrrrrr!* — ordenou Jagger com a mão esticada.

O topo da torre caiu no pátio com um *cabum*.

— Vamos! — disse Eleanor, pulando na mão do colosso.

Os irmãos a seguiram; em segundos, Jagger retirou todos da torre sem topo.

Eles ficaram pendurados na pele do colosso e olharam para o pátio em ruínas e a garganta próxima ao castelo. Bem lá embaixo, boiando na água azul-esverdeada, estava o *Moreia*, preso por cabos a um pedacinho de telhado e chaminé. Os piratas eram como formiguinhas correndo para longe do barco.

— Olhem! A Mansão Kristoff! — exclamou Brendan. — Parte dela ainda não afundou!

Os Walker não tiveram muito tempo para curtir a vista. Furiosa, a Bruxa do Vento saiu voando da torre quebrada e gritou:

— *Esse gigante cretino não ajudará vocês agora!*

— Isso é bullying! — berrou Eleanor da palma de Jagger, sem saber o que era um cretino, mas com a certeza de que o comentário foi maldoso.

De repente, a Bruxa do Vento voou diretamente na frente deles, bateu as asas para manter a posição, e apontou as falsas mãos de diamante para o rio lá embaixo. O rio ganhou vida, borbulhou e se agitou, e um fluxo de água girou e começou a subir na direção dos braços da bruxa. Jagger, distraído, viu a água tocar nas mãos da mulher... e ser imediatamente disparada para baixo, instantaneamente transformada em rajadas de gelo!

Elas acertaram os pés de Jagger como cometas, deram a volta nos tornozelos, endureceram e retiniram ao se juntarem. Em segundos, Jagger estava preso por algemas congeladas, que o deixaram perigosamente desequilibrado.

— *Não! Jagger! Não caia!* — implorou Eleanor, mas era tarde demais.

O centro de gravidade do colosso estava em algum lugar fora do castelo. Parecia a torre inclinada de Pisa. Ele estava caindo.

Jagger fechou os dedos em volta dos Walker para tentar protegê-los. O mundo escureceu na palma da mão. Quando ele caiu, os três foram jogados contra o interior dos nós dos dedos e sentiram a batida trepidante do corpo no momento em que atingiu a muralha do castelo Corroway...

E então eles continuaram a cair. Para baixo, para baixo, para baixo. Até que alguma coisa espirrou água em volta deles.

Jagger abriu a mão. Os Walker saíram rolando, atordoados. Estavam cercados pela garganta, *embaixo* do castelo Corroway, com Jagger deitado ao lado deles no rio, gemendo e cuspiendo.

— Estamos no *Moreia!* — falou Cordelia enquanto batia o pé no convés.

— Meu Deus — comentou Brendan —, eu pensei que *jamais* fosse ficar contente de estar neste navio outra vez...

— Olhem! — Eleanor apontou para o alto.

O caixão de pedra que continha *O livro da perdição e do desejo* caía do céu. E acima dele...

— *Walker!* — guinchou a Bruxa do Vento.

A mulher desceu por uma coluna de ar gerada por ela e empestou o navio com as asas podres. Contra o penhasco íngreme da garganta, a Bruxa do Vento parecia com uma deusa antiga.

O caixão de pedra chegou ao convés e ficou em pé ali. Eleanor se voltou para Gordo Jagger, que estava deitado meio submerso no rio.

— Jagger! Se salve! Se esconda!

Jagger concordou com a cabeça, respirou fundo — tão fundo que os Walker sentiram um puxão no cabelo — e se enfiou debaixo d'água. O navio subiu, assim como o rio. O corpo gigantesco se tornou uma silhueta negra e cintilante que se estendia ao longe, em frente e atrás do *Moreia*.

— Tolos — falou a Bruxa do Vento quando pousou no navio a uma distância segura do caixão. — Vocês não acham que posso matar seu amigo gordo a qualquer momento que eu queira?

Ela usou uma rajada de vento para abrir o caixão e expor *O livro da perdição e do desejo*. Depois se voltou para os Walker e fechou as asas.

Era apenas ela e eles.

— Eu tenho algo aqui — falou Dahlia Kristoff ao soprar um pedaço de papel pelo navio até a mão de Brendan — e quero que um de vocês abra aquele livro e coloque dentro. Não é complicado. Meus desejos são bem simples.

Brendan leu o papel: *Dahlia Kristoff governará o mundo para sempre*.

— Simples? — riu Brendan. — Você parece um daqueles vilões psicopatas de um filme dos Vingadores.

— É — concordou Eleanor, que leu (muito bem!) sobre o ombro do irmão. — Conquistar o mundo dá muito trabalho! Quem gostaria dessa responsabilidade?

— Alguém como ela — respondeu Cordelia. — Uma megalomaníaca.

— O que é uma *mangalemaníaca*? — perguntou Eleanor.

— Megalomaníaca. Quem têm uma fantasia delirante de grande poder — explicou Cordelia. — Pessoas como Alexandre, o Grande, Adolf Hitler...

— Silêncio! — vociferou a Bruxa do Vento. — Qual de vocês vai usar o livro?

Cordelia olhou para Brendan. Brendan olhou para Eleanor. Eleanor fez que não com a cabeça. Os irmãos fizeram o mesmo.

— Se vocês não abrirem o livro, eu *farei* com que abram!

A Bruxa do Vento apontou os braços para os Walker. De repente, Cordelia foi erguida como se estivesse em um arnês — mas a única coisa que a puxava eram filetes de ar. A bruxa ergueu um braço sobre a cabeça e gesticulou... e a menina foi atirada por um vento cruel no mastro principal do navio.

— Abra o livro! — A Bruxa do Vento jogou o braço e bateu com Cordelia na madeira. — *Abra!*

Ela bateu com Cordelia novamente. A menina fez que não com a cabeça, ou talvez a cabeça simplesmente estivesse pendendo para a frente e para trás...

— *Pare!* — implorou Eleanor.

A Bruxa do Vento abaixou os braços. Cordelia deslizou até o convés, inerte, e arranhou o rosto no mastro.

— Sua...! — disse Brendan.

O menino correu na direção da mulher. Não se importava com a magia que ela tivesse; iria apagá-la.

A Bruxa do Vento sorriu e girou as mãos. Um barril do convés se rompeu e virou um cata-vento que girava, feito de ripas curvas de madeira e

duas tiras de metal. As ripas se racharam na diagonal e dispararam na direção de Brendan como lanças. Ele mergulhou, mas uma das ripas varou a lateral de seu corpo, no mesmo lugar que Slayne tinha cortado antes.

— *Aaaagh!* — berrou.

O menino agarrou a lasca de madeira. Sangue se acumulou em volta. Ele tentou retirá-la, mas a Bruxa do Vento manteve o pedaço da ripa no lugar com uma rajada de ar de turbina de avião. O sangue se espalhou agora e avançou pelo convés como se fosse soprado por um secador de mãos de banheiro.

— Agora, menor dos Walker — disse a Bruxa do Vento ao se virar para Eleanor —, *voce* está pronta para fazer o que é certo?

— *Não faça isso, Nell!* — berrou Brendan.

Eleanor se manteve firme e fez que não com a cabeça.

— Muito bem — falou a Bruxa do Vento —, nesse caso, você me deve um dedo.

Eleanor mordeu o lábio e tentou ser corajosa...

E, de repente, o céu ficou escuro.

Uma nuvem de trovoada apareceu acima do *Moreia*: uma nuvem de trovoada que surpreendeu Dahlia Kristoff. Era prateada, azulada e negra, quase como um pedaço de carvão flutuante, e, enquanto Dahlia observava, a nuvem se estendeu para cobrir não apenas o navio, como as árvores, o rio, o céu. Era quase como os estranhos momentos de calmaria antes de uma tempestade quente de verão, quando a noite invade o dia.

E aí...

Uma voz saiu da nuvem.

Grave. Úmida. E poderosa.

— *Dah-lia!* O. Que. Você. *Fez?*

O centro da nuvem se aglutinou e formou um vulto negro com olhos cor de laranja.

— Pai? — perguntou Dahlia.

— Você jamais me chamará assim novamente! — disse o vulto. — Eu sou o *Rei da Tempestade!*



Confrontada pela visão assustadora diante dela, Eleanor não conseguiu fazer muita coisa. Não conseguiu falar. Não conseguiu virar o rosto. Não conseguiu piscar. Se aquele homem um dia tinha sido Denver Kristoff, não era mais.

O Rei da Tempestade tinha um rosto distorcido e roxo, com a textura de vela de cera endurecida. A face surgiu quando ele desceu flutuando, com a nuvem negra girando e encobrindo o corpo. Uma teia de raios azuis estalava em volta do homem. A boca comprida se estendia além de onde uma boca humana normal parava, com um canto curvado para cima e o outro, para baixo, como se estivesse sorrindo e de cara fechada ao mesmo tempo. Eleanor se lembrou que Penelope dissera que Kristoff tinha essa mesma aparência, porém parecia que este Rei da Tempestade era uma versão mais avançada do que ela tinha descrito, como a diferença entre um bronzeado e câncer de pele. O nariz de Kristoff não era nada além de uma coleção de camadas carnudas penduradas sobre os lábios. Um dos olhos alaranjados, parecido com o olho de um gato, era mais alto do que o outro, empoleirado perto da testa...

Mas naqueles olhos havia uma faísca de compreensão. Como se Denver Kristoff estivesse preso dentro do Rei da Tempestade, embaixo da carne

transfigurada, e soubesse como era hediondo.

— O que aconteceu com você? — gritou Brendan, que se recusava a ficar calado mesmo em um estado semimorto. — Você era um cara bem bonito naquelas fotos... Aposto que todas as moças ficavam em cima, naquela época! Mas agora é um cara feio pra... *aaagh!*...

Uma rajada de raios azuis pulou da mão do Rei da Tempestade e envolveu o rosto de Brendan. Os raios dançaram e circundaram a cabeça enquanto ele gritava de dor. Quando os raios se dissiparam, surgiu um resultado horrível...

O rosto de Brendan era uma cópia idêntica da face do Rei da Tempestade.

— *Ai, não... não...* — Brendan conteve um grito ao ver o reflexo do novo rosto no aro retorcido de um barril. — *O que você fez comigo? Eu quero meu antigo rosto de volta!*

— Minhas feições são consequência do uso extremo do livro — explicou o Rei da Tempestade —, mas posso dá-las para você de graça. Você parece estar às portas da morte... por que não segue o velho clichê “morrer jovem e deixar um cadáver feio”?

— *Nãããã!* — berrou Brendan.

Ele escondeu o rosto com as mãos, depois as afastou porque a textura era muito repugnante.

O Rei da Tempestade voltou a atenção para a Bruxa do Vento. Ela girava as mãos no ar para tentar formar uma rajada de vento a fim de afastar o *Moreia*...

— *Tola!* — rugiu ele.

Dois raios azuis foram disparados de suas mãos e derrubaram a Bruxa do Vento sobre o convés. Eleanor viu tudo por detrás de um barril, aterrorizada.

— Por que continua procurando o livro? — vociferou o Rei da Tempestade. — Olhe para mim! Meu rosto é apenas um reflexo do que o

livro fez com minha alma! É isso que você quer se tornar?

O Rei da Tempestade ergueu as mãos. O manto de nuvens se abriu ao meio e revelou o torso.

Eleanor jamais se esqueceria: o peito de Kristoff lembrava um pedaço de queijo gorgonzola arroxeadado e muito mofado. Faltavam enormes pedaços de carne. Chagas cobriam a pele que *estava* lá. Faíscas azuis, acompanhadas por estalos altos, dançavam pelo corpo danificado.

— Usar aquele livro pode lhe dar tudo que deseja — disse Kristoff —, mas há um preço cruel a pagar. Olhe para mim!

— Mas você ainda está vivo — argumentou a Bruxa do Vento enquanto protegia os olhos no convés do *Moreia* —, e eu estou morrendo! Não consigo mais me manter viva com magia comum. Se o poder do livro me mantiver viva, não é mais desejável do que algo tão fútil quanto aparência humana?

— Não é apenas o que ele faz com o corpo — falou Kristoff. — O livro corrói a alma, e tudo que sobra é um fiapo de bondade, um fragmento de humanidade, enterrado embaixo de pura maldade e escuridão. É por isso que sempre jurei proteger você do livro! Eu te amava tanto que até mesmo matei a pobre Penelope Hope para salvar você dele!

A voz de Dahlia, de repente, ficou doce.

— Mas, papai, se lembra da primeira vez em que usamos o livro juntos? E que você anotava qualquer coisa que eu pedisse e colocava dentro dele... e eu ganhava todos aqueles presentes maravilhosos... se lembra de como eu era feliz? Como *nós* éramos felizes?

O Rei da Tempestade ficou um pouco mais brando. Dahlia não o chamava de papai havia muitos, muitos anos.

— Aquilo foi erro meu — falou ele. — Eu nunca deveria ter te mostrado o poder do livro...

— Mas aquelas são as melhores lembranças da minha vida. Usar o livro, tornar os sonhos realidade. Fazer tudo de ruim passar. Por que nós dois não

esquecemos tudo isso e voltamos para casa, para a Mansão Kristoff? Eu me livrei dos pais da família Walker; podemos fazer o mesmo com as crianças... Ficamos com a casa só para nós, só que agora usaremos o livro juntos... e governaremos para sempre. — Dahlia fez uma pausa e acrescentou com doçura. — Eu ainda te amo, papai.

O Rei da Tempestade estremeceu, como se não conseguisse se lembrar da última vez em que alguém disse que o amava. Eleanor pensou que ele fosse chorar...

Mas Dahlia deu uma olhadela para o pedaço de papel agora preso no sangue de Brendan, que se espalhava pelo convés do *Moreia*. Os olhos se encheram com algo mais carente do que amor: ganância. O Rei da Tempestade notou.

— O que é aquilo? — perguntou ele, desconfiado.

Eleanor olhou para *O livro da perdição e do desejo*, ainda dentro do caixão no convés, e teve uma ideia. Mas ela não tinha muito tempo. A nuvem acima do Rei da Tempestade começou a pulsar. *Ele está ficando irritado.*

— Não seja frouxo, papai. Vamos usar o livro juntos...

O Rei da Tempestade enviou um filete de nuvem negra pelo *Moreia*, na direção do papelzinho.

— Papai, pare. Não olhe aquilo...

Ele levou o papel ao rosto, afastou o sangue ao girar o pulso e leu o bilhete.

— Eu sabia! — berrou o Rei da Tempestade. — Você não tem amor genuíno por mim nem por qualquer outra pessoa! Você só se importa com o livro!

Ele usou a nuvenzinha negra para rasgar o papel, o que fez a Bruxa do Vento gritar:

— *COMO OUSA DESTRUIR MEUS SONHOS?*

Os braços da velha giraram freneticamente como um cata-vento e fizeram com que uma onda enorme batesse no navio.

— VOCÊ É FRACO, PAI! — gritou ela enquanto abria as asas e voava até o mastro principal. — FRACO DEMAIS PARA TAMANHO PODER! E VOCÊ DESCONTA EM MIM!

A água do rio jogou o Rei da Tempestade contra a beirada do convés e o manteve ali, socou o rosto do homem, invadiu a boca e os pulmões. Cordelia, inconsciente, e Brendan, sangrando, foram jogados de um lado para o outro como brinquedos. Não havia sinal de Eleanor.

O Rei da Tempestade golpeou o fluxo de água, que explodiu para longe de seu rosto. Ele se lançou como um torpedo na direção da Bruxa do Vento e abriu a boca gigante. Não precisava de asas para voar.

Um raio azul de um quilowatt saiu de seu rosto e de suas mãos e fritou o ar em volta. A Bruxa do Vento bloqueou o raio com um de seus relâmpagos. A explosão tirou o Rei da Tempestade do céu e mandou o homem girando de volta para o *Moreia* enquanto a Bruxa do Vento voava para o interior da nuvem negra acima deles.

No convés, a água se dissipou. Brendan se viu caído ao lado de Cordelia. Olhou para a madeira protuberante na lateral do corpo. A uma curta distância, o Rei da Tempestade se preparava para atacar novamente.

— Espere! — berrou Brendan.

O Rei da Tempestade olhou para o menino.

— Olhe... eu sei que você tem que lidar com os problemas da sua filha. Mas antes de ir embora... por favor... devolva meu rosto antigo.

— E por que eu faria isso?

— Porque, como disse, bem no fundo, você ainda é Denver Kristoff — respondeu Brendan. — Ainda há algo bom aí dentro.

Um brilho rápido de compreensão surgiu nos olhos do Rei da Tempestade. Ele estendeu a mão. Um turbilhão de nuvens negras saiu de cada uma das pontas dos dedos. Brendan sentiu as nuvens se reunirem na boca e entrarem pelo nariz. Viu a luz cor de laranja nos olhos do Rei da

Tempestade ficar mais intensa. Quando os filetes de nuvem negra foram embora... o rosto do menino tinha voltado ao normal.

Ele ergueu a mão, tocou na pele e sorriu para o Rei da Tempestade.

— Obrigado. Agora quando me virem deitado no caixão, ninguém no colégio vai ficar com nojo.

Denver Kristoff concordou devagar com a cabeça...

E então disparou para o interior da nuvem para cuidar de Dahlia.

— Ufa — exclamou Brendan e virou a cabeça para o lado, na direção do caixão de pedra...

O livro da perdição e do desejo tinha sumido!

Assim como Eleanor.

— Nell? — chamou Brendan fraquinho. — Nell...

Ele se calou quando a primeira explosão de relâmpagos eclodiu no alto. Dentro da nuvem, a Bruxa do Vento e o Rei da Tempestade começaram uma batalha titânica.



Enquanto isso, a algumas dezenas de metros de distância, dentro do pedacinho da chaminé da Mansão Kristoff que ainda saía da água, Eleanor viu a mesma cena. A nuvem parecia viva, pulsava com luzes brancas e azuis, e um cheiro horrível de queimado desceu...

Mas Eleanor tinha um trabalho a fazer.

Tinha nas mãos *O livro da perdição e do desejo*. Ela o carregou pelos cabos até a Mansão Kristoff e entrou na chaminé enquanto o Rei da Tempestade e a Bruxa do Vento lutavam. Agora Eleanor estava enfiada neste quadradinho sujo. *Às vezes é vantagem ser a menor*, pensou a menina enquanto tateava as paredes da chaminé. Os dedos ficaram sujos de fuligem. Ela sorriu. Aquilo fazia parte do plano.

Eleanor abriu o livro sem olhar e arrancou uma página tão rápido quanto foi possível antes de fechá-lo. Ao tratar o livro como uma armadilha de ursos, a menina conseguiu não ser encantada por ele. Ela olhou para a página. Uma simples página em branco.

Agora vem a parte difícil. A hora de escrever.

Eleanor se lembrou daquela coisa horrível que tinha acontecido na escola, quando meteu os pés pelas mãos ao ler diante da turma inteira. E deixou de lado. *Nada daquilo importa agora*. A menina colocou o dedo sujo

de fuligem no papel. Gritos soaram da nuvem acima. Eleanor fechou os olhos. Ela se lembrou do que Cordelia dissera do lado de fora da Mansão Kristoff havia uma eternidade: que talvez devesse ler de trás para frente. A solução não era ler de trás para frente. Era ler *às cegas*.

Eleanor ignorou o mundo, ignorou os gritos, ignorou a confusão e os ecos daquelas crianças... e escreveu.

Aí ela reabriu *O livro da perdição e do desejo*.

Apenas um pouquinho. Só o suficiente para colocar o papel dentro.

Eleanor enfiou o papel...

E uma enorme rajada de vento arrancou a menina da chaminé e a levou até a nuvem agitada.



Eleanor pensou que era a Bruxa do Vento. Ou o Rei da Tempestade. Ou ambos. Ela tinha certeza de que os dois a levavam para o interior da nuvem a fim de remontar o corpo com raios. Seria uma morte brutal, mas a menina estava calma — porque havia tentado fazer algo heroico. Ela se aproximou da nuvem...

E então começou a girar.

Eleanor viu um pontinho branco no centro. A nuvem girava em torno do ponto, mudava de forma e começava a parecer uma enorme rosquinha da Dunkin' Donut sem os confeitos coloridos. Tremendos ventos uivantes acompanhavam o movimento, e Eleanor começou a girar e fazer círculos sobre o *Moreia* enquanto olhava a nuvem que se alterava acima. Agora as laterais estavam inchadas contra a garganta; Eleanor viu a Bruxa do Vento e o Rei da Tempestade tentando ir embora voando, mas os dois estavam presos na mesma espiral que ela. A nuvem crescia, e o ponto crescia — estava mais parecido com um disco agora. Eleanor começou a perder a noção de onde estava. E olhou para baixo.

O castelo Corroway estava a centenas de metros. As forças da Resistência de Tinz obviamente tinham vencido a batalha, mas se espalhavam aterrorizadas diante da visão da turbulência acima. Nenhum

dos soldados estava sendo sugado na direção da nuvem; qualquer que fosse a força que consumia Eleanor, Denver e Dahlia, parecia ser muito seletiva.

A nuvem subia, corria para o alto como se fosse chegar ao espaço no fim das contas, e quase cobria o céu de horizonte a horizonte.

— Cordelia! — chamou Eleanor.

A irmã, de repente, apareceu ao lado dela, dando piruetas como uma trapezista, ainda inconsciente, com o cabelo voando para trás. Em um momento, Cordelia foi embora e ficou distante lá em cima. Eleanor continuou subindo — e a nuvem continuava crescendo. Ela olhou para baixo e viu a última coisa que esperava...

A Mansão Kristoff! Solta do *Moreia*, ela voava para o alto e girava em pleno ar. As janelas, as algas marinhas, as rachaduras, os amassados e os buracos faziam a mansão parecer estranhamente cansada, como um velho amigo que retornava de uma longa jornada. *É uma grande casa*, pensou Eleanor, *pelo menos, quando tem uma família dentro.*

A Mansão Kristoff passou zumbindo por ela.

Eleanor olhou para baixo e viu Gordo Jagger.

Ele estava sentado no rio, tomando fôlego, e olhava para Eleanor com um sorriso boboca. O colosso acenou para a menina e jogou um beijo.

— Obrigada, Jagger! — berrou Eleanor. — Espero conseguir te ver novamente!

Agora, ela fez ideia de para onde estava indo.

A Mansão Kristoff chegou ao centro da nuvem. A Bruxa do Vento e o Rei da Tempestade davam voltas em torno dela e se aproximavam da entrada.

Então, alguma coisa se chocou com Eleanor, vindo de baixo.

Era Brendan, voando para o alto, girando em pleno ar, aterrorizado.

— O que está acontecendo? — gritou o irmão.

Sangue saía da lateral de seu corpo e subia em espiral, em vez de descer.

— Estamos indo para casa! — falou Eleanor.

E aí as coisas ficaram muito esquisitas na cabeça da menina, quase esquisitas demais para descrever. Era como se barreiras estivessem desmoronando no mundo e na mente. Ela viu a Mansão Kristoff no centro da gigantesca nuvem toroidal, e depois a mãe, deitada em uma cama de hospital e segurando a própria Eleanor recém-nascida, com o pai parado ao lado das duas: uma imagem que ela não tinha como se lembrar, embora soubesse que era verdadeira. Então Eleanor viu Denver Kristoff, não como o Rei da Tempestade, mas como ele mesmo, com a barba quadrada, sentado sozinho no sótão, prestes a abrir *O livro da perdição e do desejo*; então viu versões mais jovens de Cordelia, Brendan e dela mesma brincando nos balanços de Alta Vista, a escola de ensino fundamental; tudo seguido por uma imagem da Mansão Kristoff como ela tinha visto da primeira vez, na avenida Sea Cliff, iluminada por trás pelo sol, parte do ritmo de São Francisco, da vida; e aí Eleanor viu as silhuetas de giz dos pais. Enquanto isso, a menina se aproximava cada vez mais da Mansão Kristoff, e a entrada ficou bem em frente a ela, e a porta estava aberta, com algas marinhas pingando para fora. O corpo inconsciente de Cordelia passou pela porta, depois Brendan entrou correndo, com a mão na lateral ferida, e atrás da porta não havia mais um corredor, e sim uma superfície branca e plana — a mesma cor que começou como o centro da nuvem em formato de rosquinha e se transformou no disco branco —, e Eleanor se lembrou de que uma vez perguntou ao pai “o que há no fim do universo?”, e ele disse “não há fim; o universo apenas continua sem parar”... mas isso se parecia com o fim.

E Eleanor bateu na brancura — *xuuuuump!* — e o mundo ficou igualmente branco.



Cordelia não tinha certeza do que enxergava. Metade da imagem era evidente: a escuridão do interior das pálpebras. Mas aí, de vez em quando, a escuridão era substituída por um *rosto*.

Era um rosto de mármore, sério, com uma barba ondulada. *Eu já vi isso antes*, pensou Cordelia. *Grego... Platão? Aristóteles?*

De repente, ela ficou de pé em um pulo.

— Aristote!

A menina beijou o busto de mármore cujo nome Dahlia Kristoff nunca conseguia pronunciar. Sim! Ela estava no salão da Mansão Kristoff...

E a casa não estava destruída!

Os spots ainda estavam no teto. O cabideiro, ao lado da porta. Nada estava quebrado, estilhaçado, destroçado pela Bruxa do Vento... A mente de Cordelia deu voltas. *O que está acontecendo?*

Depois, viu Brendan e Eleanor.

Eles estavam caídos no chão, pestanejando, abismados, da mesma maneira que Cordelia esteve. Mas não estavam feridos! Todos os ferimentos sumiram. Era como se nada tivesse acontecido.

— Bren! Nell!

Cordelia abraçou os irmãos. Brendan fez um ruído entre uma risada e um choramingo. Eleanor abraçou forte a irmã e enfiou o rosto no cabelo dela.

— Você sobreviveu!

— Sim, mas... o que aconteceu?

— Nós estamos *vivos*, foi isso o que aconteceu! — exclamou Brendan, que sentiu algo cutucar o quadril.

Ele puxou o PSP, riu do aparelho e o soltou quando abraçou as irmãs. Um enorme sorriso curvou os rastros das lágrimas nas bochechas do menino.

— Nós derrotamos a Bruxa do Vento com aquele portal gigante! Mas... como?

— Bem, tudo começou com o livro. — Nell começou a explicar, mas então ficou em silêncio, porque havia alguém em pé diante deles.

— Mãe!

Se Bellamy Walker quisesse dar queixa contra agressão, poderia. Eleanor agarrou os joelhos da mãe. Cordelia se enfiou no ombro. Brendan a abraçou com tanta força que ela quase caiu.

— Esperem aí, o que está acontecendo... o que deu em vocês três?

— Você está viva! — disse Cordelia, que então olhou para o lado. — *Pai!*

O Dr. Jake Walker vinha pelo corredor com uma pizza nas mãos.

— O que está acontecendo...?

Cordelia, Brendan e Eleanor deram um triplo abraço de urso no pai, que lutou para evitar que a caixa da pizza caísse.

— Ei! O que está... ah, vocês são uns doces...

— O que vocês *fizeram*? — interrompeu a Sra. Walker.

— O que você quer dizer? — perguntou Cordelia.

Ela notou a marca na caixa da pizza: PINO'S.

— Vocês mexeram no xampu no meu banheiro? — indagou a Sra. Walker. — Passaram um trote para alguém? Tacaram papel higiênico em uma casa? Esse não é um comportamento normal. Vocês fizeram algo errado.

— Tem razão — disse o Dr. Walker. — E Brendan e Eleanor, como vocês desapareceram da sala de estar? Vocês estavam lá há um minuto. É uma pegadinha?

— Hã... — falou Brendan ao olhar para Cordelia.

— É... — murmurou Cordelia, enquanto pensava como dizer exatamente para os pais que ela e os irmãos acabaram de voltar vitoriosos de uma batalha pelo destino do mundo. E que trouxeram os dois de volta à vida.

Eleanor se manifestou:

— A gente está fazendo uma experiência.

— Ah, é? — perguntou a Sra. Walker. — Tipo a experiência de Brendan, que juntou canudos com fita adesiva e alagou a casa?

— Não, essa era uma experiência sobre amar os pais. A gente viu no programa do Anderson Cooper. A pessoa entra em uma sala e finge que os pais estão mortos, e depois, quando os vê, abraça os dois como se tivessem acabado de voltar à vida. Como se a pessoa nunca mais quisesse que eles fossem embora novamente.

— Hã... — disse a Sra. Walker.

— Anderson Cooper — falou o Dr. Walker.

— O que importa é que nós amamos vocês e estamos cem por cento prontos para comer pizza e ver TV. Seja qual for o programa. Desde que a gente esteja junto — disse Eleanor.

O Dr. Walker franziu os olhos.

— Você tem *certeza* de que está bem?

Eleanor abraçou o pai. O Dr. Walker olhou para a esposa. A Sra. Walker deu de ombros: *a cavalo dado não se olha os dentes*.

O Dr. Walker pegou a mão de Eleanor. Cordelia piscou para a irmã. Brendan bateu nas costas da caçula. À medida que foram na direção da sala de estar, a casa pareceu um pouco menor... ou talvez os Walker tivessem crescido.

Só havia uma coisa que incomodava Brendan quando ele se sentou com as irmãs enquanto os pais pediam *Diabo a Quatro* no pay-per-view. Ele sussurrou para Eleanor:

— E se Dahlia voltar?



Eleanor não respondeu. Pelo menos uma vez, era bom saber de algo que os irmãos desconheciam. Ela assistiu à TV com um sorriso de boca bem fechada enquanto Brendan e Cordelia ficavam cada vez mais desesperados.

— O que você *fez*?

— Vamos, Nell, *conta para nós!*

— Do que vocês três estão falando? — perguntou a Sra. Walker.

— Nada — respondeu Cordelia rapidamente.

Ela continuava esperando que a campanha interrompesse como da última vez... mas a campanha nunca tocou. *Diabo a Quatro* terminou sem uma participação especial de Dahlia Kristoff.

— Foi divertido — falou o Dr. Walker... mas ele notou que os filhos já saíam da sala. — Aonde vocês três estão indo?

— Lá em cima. Para ler — respondeu Cordelia.

— É, eu também — disse Brendan.

— Eu também — falou Eleanor.

— OK — comentou o Dr. Walker. — Cordelia, eu entendo... mas Bren e Nell?

— Os livros podem ser uma grande aventura — respondeu Brendan.

— *O quê?* Quem é você e o que fez com meu filho? — perguntou a Sra. Walker.

— Mãe — disse Brendan —, você deveria encorajar a leitura, não debochar. Délia, Nell e eu nos envolvemos com esses livros, hã, e queremos... hã... conversar a respeito deles.

Depois que terminou, Brendan percebeu que falou a verdade.

— Está me dizendo que vocês fundaram um clube de leitura?

— Isso mesmo — concordou Eleanor.

— Que bonitinho! — A Sra. Walker agarrou o braço do marido. — OK, subam e façam seu clube de leitura. Eu vou pegar o laptop e pagar algumas... — Ela deu um olhar triste para o Dr. Walker. — Hmm, contas.

Os Walker mal chegaram ao segundo andar quando Eleanor falou, inocentemente:

— Bem, vocês devem estar se perguntando como eu trouxe todos nós para casa.

— Nell — falou Brendan —, se você não nos contar tudo agora, eu vou bancar a Bruxa do Vento para cima de você.

Eleanor começou a contar:

— Primeiro eu percebi que *O livro da perdição e do desejo* poderia ajudar a gente...

A menina conduziu os irmãos para o quarto do segundo andar que seria dela — que *era* dela, de certa forma, porque a Mansão Kristoff não parecia nova mais. Ela apontou para o teto e continuou:

— Eu estava lá em cima, enfiada dentro da chaminé com o livro nas mãos, quando escrevi a maneira de a gente se salvar.

— Como? — perguntou Brendan.

— Se a Bruxa do Vento escreveu em um papelzinho que queria dominar o mundo e esperava que aquilo se tornasse realidade... talvez eu pudesse escrever o que eu queria e *isso* se tornaria realidade.

— Com o que você escreveu? — perguntou Cordelia. — Tinha uma caneta?

— Eu usei a fuligem — explicou Eleanor.

— A fuligem?

— O interior da chaminé estava cheio de fuligem. É igualzinho a carvão. Mas eu tive que pensar sobre o que escrever. E precisei garantir que escreveria na ordem correta ou então colocaria a gente em verdadeiros apuros.

— É — concordou Brendan. — Tipo, se você quisesse escrever “o Brendan detém a Bruxa do Vento”, mas por causa da dislexia saísse “a Bruxa do Vento detém o Brendan.”

— Exatamente — disse Eleanor. — Foi muito difícil, mas eu me concentrei mais do que nunca e finalmente escrevi: “A Bruxa do Vento foi mandada para o pior lugar de todos, e os Walker foram mandados para casa. De volta à noite onde tudo começou. Com os pais vivos.”

— Isso é muita coisa! — falou Brendan.

— É. Eu garanti que estava na ordem certa e enfiei o papel no livro. E aí a nuvem começou a girar, e foi assim que todos nós acabamos de volta aqui.

— Você usou o poder do livro contra ele mesmo! — exclamou Cordelia. — Estou tão orgulhosa! Queria ter visto. Inconsciência idiota.

— Não se preocupe — falou Brendan —, você vai estar acordada da próxima vez.

— Não vai *haver* uma próxima vez! Nós vencemos. A Bruxa do Vento foi embora. Banida para o pior lugar de todos.

— Vocês acham que eu deveria ter sido mais específica? — perguntou Eleanor. — Quero dizer, e se ela estiver em algum lugar do qual possa sair?

— É verdade. Não sabemos onde este “pior lugar” é — concordou Brendan. — Para mim, seria uma loja feminina.

— Para ela, provavelmente é algum romance horrível do Kristoff do qual ela nunca vai escapar — disse Cordelia. — E eu perdi toda a ação.

— Espere aí, Délia — falou Eleanor. — Foi você quem percebeu que a gente estava *nos* livros do Kristoff. Você salvou as nossas vidas incontáveis vezes. E acabou conhecendo Will. Isso não é exatamente perder a ação.

— Mas Will está morto — disse Cordelia.

Com toda a empolgação de voltar para casa, ela não pensou no piloto. Mas sentia falta do sorriso, do cabelo no estilo F. Scott Fitzgerald, e do jeito de sempre estar certo a respeito das coisas. A não ser quando se tornou capitão, mas isso provavelmente não ocorreria de novo.

— Seria melhor que eu nunca tivesse conhecido Will — completou ela.

— Não diga isso.

— Por quê? — perguntou Cordelia. — Ele nunca existiu de verdade, de qualquer forma. Era apenas um personagem fictício. Agora a única maneira de eu vê-lo é ler *O ás do combate*.

— Pode haver outra maneira de ver Will — falou Eleanor.

— Não brinque comigo. Will está...

Uma batida na janela silenciou Cordelia. Eleanor ficou calada. Outra batida. Alguém jogava pedrinhas no vidro, do lado de fora. Brendan foi para o lado de Eleanor.

— Você não...

— Eu escrevi outras coisas no livro — admitiu Eleanor.

Cordelia foi até a janela e quase bateu com a cabeça na esquadria. Lá embaixo, com a jaqueta de bombardeiro, estava Will Draper.

— Cordelia! — chamou ele. — Olhe para mim! Aqui no mundo real! Isso não é um romance bobo, é?

— *Will!* O que você está... — Cordelia se virou a fim de olhar para Eleanor.

— Eu escrevi “e traga Will Draper de volta também.”

Cordelia deu um rápido apertão em Eleanor (“obrigada!”) antes de se voltar.

— Will, você está bem? Do que você se lembra?

— Do Slayne me apunhalando pelas costas, aquele covarde sujo. Depois me lembro de acordar naqueles arbustos e ver sua silhueta na janela. Ei... eu estou em 2013? Em São Francisco, ora?

— Sim! Minha irmã...

— Não quero saber. Sei reconhecer um golpe de sorte quando vejo um. Posso entrar?

— Sim... — Cordelia começou a responder. — Espere, *não!* Meus pais estão aqui!

— E daí? Eu me apresento, jogo um pouco do velho charme britânico... vou me enturmar imediatamente. — Will deu um passo na direção da entrada...

— Will! Eles já estão desconfiados! Você *não pode!*

O piloto parou.

— Você realmente não quer que eu entre?

— Agora não é a hora. Vá ao colégio amanhã. Eu saio às 15h30. Aí podemos conversar.

Cordelia ficou distraída por um momento, imaginando como seria encarar o colégio depois do que passou: prestar atenção enquanto a professora de História falava sobre o Tratado de Utrecht; ter conversas sérias com os colegas sobre a injustiça de precisar ter 16 anos para se inscrever no *American Idol*. Como ela seria normal sem explodir, sem rir, ou ambos? Saber que veria Will ajudaria a passar por aquilo.

— Vou anotar o endereço — disse Cordelia enquanto pegava uma caneta.

— Para onde eu vou nesse meio-tempo? Terei que dormir nas ruas?

— Aqui. — Eleanor empurrou a irmã. — Pode pegar isso.

Ela deixou um envelope flutuar até o jardim.

Will abriu. Havia dinheiro dentro.

— Nell! — falou Brendan. — Aquele não é o dinheiro do seu aniversário?

— É, mas não vou precisar mais.

— Por quê? — perguntou o irmão.

Lá embaixo, Will observou os faróis de um Corvette vermelho passar pela avenida Sea Cliff.

— Olhe só aquilo! Os automóveis certamente mudaram!

— Aqui está o endereço do colégio — disse Cordelia, deixando o papelzinho flutuar até Will. — Agora ande por aquela direção até a California Street, pegue o ônibus número um para o centro e pergunte por um Days Inn. Veja você amanhã.

Will concordou com a cabeça, inclinou o chapéu (embora não tivesse um) e foi embora. Cordelia esperou que ele olhasse para trás, mas Will aprendera há muito tempo com Frank Quigley que, quando um homem se despede de uma garota, especialmente de uma bonita, mantém o olhar fixo à frente.

Quando ele foi embora, Eleanor se levantou para sair.

— Aonde você vai? — perguntou Cordelia. — Há mais coisas para discutir!

— Sim... — concordou Brendan. — Tipo, o que aconteceu com o Rei da Tempestade? Você o mandou embora também?

— Eu esqueci — disse Eleanor —, mas escrevi um último pedido.

— O quê?

Antes que Eleanor pudesse responder, a Sra. Walker gritou na cozinha. Os Walker desceram correndo e encontram os pais olhando fixamente para o laptop, boquiabertos, apertando a tecla de atualizar como robôs.

— Pessoal...? — perguntou Cordelia. — O que aconteceu?

— Tem... hã... algum tipo de erro com o banco — falou o Dr. Walker enquanto erguia o telefone. — Estou com eles em uma ligação em espera.

— Mãe? — perguntou Brendan.

Os olhos da Sra. Walker estavam cheios de lágrimas de felicidade. Ela respondeu com uma voz trêmula, esperançosa.

— Parece que nós temos dez milhões de dólares na nossa poupança.

Brendan e Cordelia se voltaram para Nell: *não*.

Eleanor deu um leve aceno de cabeça e um sorriso: *sim*. Mas ela rapidamente se voltou para a mãe e fingiu surpresa.

— Isso é *loucura*! Como pôde acontecer? Será que vocês jogaram na loteria e não se lembram?

— Olhe isso — falou o Dr. Walker, ainda na ligação em espera com o banco.

Ele colocou um envelope na mesa da cozinha.

— Nossa primeira correspondência neste endereço.

A Sra. Walker abriu. Era uma carta a respeito do processo do Centro Médico John Muir, onde o Dr. Walker havia trabalhado.

— “Em troca de silêncio sobre a questão, o querelante propõe um acordo de... *dez milhões de dólares*”? — perguntou a Sra. Walker.

— Sim, muito obrigado, boa noite — falou o Dr. Walker ao telefone. Desligou. — É de verdade?

— Olhe para isso, querido! É de verdade! Eu disse que o processo o assustaria! O dinheiro já deve ter sido transferido!

O doutor e a senhora Walker vibraram e se abraçaram. Os filhos se juntaram pouco depois.

— Sensacional, pai! — disse Eleanor. — Posso ter um cavalo agora? Por favor?

— Por que não? — respondeu o Dr. Walker.

— Sssim! — comemorou Eleanor. — E a gente pode chamar de Majestade?

— Onde, em nome de Deus, nós vamos colocar um cavalo? — perguntou a Sra. Walker.

— Com dez milhões de dólares, construiremos um estábulo no telhado!
— falou o Dr. Walker. — Juntamente com um elevador especial de cavalos para levar a égua ao parque!

Enquanto a família ria, Cordelia gravou a imagem na mente. Havia apenas uma coisa errada — ela sentia um pouco de frio. E mesmo quando se cobriu com a antiga manta de lã da avó, não ajudou, pois era como se o frio viesse de dentro em vez de fora. Mas Cordelia tinha passado por muita coisa; teria que haver efeitos persistentes.

O fato era que esses momentos — quando os Walker não estavam brigando nem atrasados para alguma coisa, e estavam apenas juntos e à vontade de uma maneira que não conseguiam explicar — eram raros. E um monte de dinheiro vindo de um livro mágico poderia torná-los ainda mais raros. Poderia, de fato, gerar os próprios problemas, e esses problemas poderiam ser terríveis.

Mas por enquanto, na noite de hoje, tudo era como deveria ser.

Epílogo

Enquanto isso, bem embaixo da Mansão Kristoff, na praia rochosa conhecida como praia Baker, bem no meio do caminho que a casa tomaria se um dia deslizasse para o oceano, uma mão molhada agarrou o topo de uma enorme pedra.

A mão era grossa e forte. Havia algas marinhas penduradas. A pedraafiada tentou cortá-la, mas a mão era forte demais.

Uma segunda mão se juntou à primeira, e com um gemido rouco o dono das mãos ergueu o corpo e se virou sobre a pedra. As ondas brutais do Pacífico quebraram atrás, como estática. Acordar em uma baía depois de uma jornada entre mundos enfraquecia os sentidos.

A seguir veio um escorregão, com a cabeça à frente, por um trecho de areia. Depois um rastejo até o penhasco embaixo da Mansão Kristoff. A seguir, uma dolorosa escalada. Dedos arranhados. Espetadas da vegetação espinhosa. As mãos não recuaram. Sal foi cuspidos. A dor foi enterrada bem fundo, coberta por ódio que brilhava tanto quanto a ponte Golden Gate à esquerda ou o mar negro lá embaixo.

Finalmente, as mãos ergueram o dono para o quintal da Mansão Kristoff. O rosto olhou para a estrutura conhecida. Percebeu uma família tomando chocolate quente na cozinha.

Eu poderia matar todos eles, pensou Denver Kristoff. Estariam mortos em segundos por terem matado Dahlia. Ninguém tira minha filha de mim.

Mas agora não era a hora. Kristoff tinha um lugar ao qual poderia ir, um lugar que fazia a Mansão Kristoff parecer um barraco. A boca ainda estava contorcida em uma horrível ruga dupla, e o nariz ainda era composto por camadas de pele, portanto, ele precisaria de uma máscara — mas, neste lugar, seria bem-acolhido pelo sacrifício que fizera no passado... e poderia planejar o próximo passo.

O Clube Boêmio na rua Taylor, 624. Sede dos Guardiões do Conhecimento. A apenas alguns quarteirões de onde Will Draper se dirigia.

É um local de verdade em São Francisco, sabe. Pode ser visitado a qualquer momento. Não é segredo.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de
Imprensa S.A.

Casa dos Segredos 1

Skoob do livro:

<http://www.skoob.com.br/livro/345846-casa-de-segredos>

Capa

Rosto

Créditos

Dedicatória

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

73

74

75

76

77

Epílogo

Colofão

Saiba mais